

Universidade de São Paulo
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

VINÍCIUS GONÇALVES DOS SANTOS

Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau

A ENTOAÇÃO DO CONTORNO NEUTRO

(Versão corrigida)

SÃO PAULO
2015

Universidade de São Paulo
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau

A ENTOAÇÃO DO CONTORNO NEUTRO

(Versão corrigida)

VINÍCIUS GONÇALVES DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

De acordo:

Orientadora: Professora Doutora Flaviane Romani Fernandes Svartman

SÃO PAULO
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S237a Santos, Vinícius Gonçalves dos
Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau:
a entoação do contorno neutro / Vinícius Gonçalves dos
Santos ; orientadora Flaviane Romani Fernandes
Svartman. - São Paulo, 2015.
226 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua
Portuguesa.

1. Língua portuguesa. 2. Guineenses. 3. Fonologia.
4. Prosódia. 5. Entonação. I. Svartman, Flaviane
Romani Fernandes, orient. II. Título.

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos. *Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau: a entoação do contorno neutro*. 2015. 226 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Aprovado em 03 de fevereiro de 2015

BANCA EXAMINADORA

TITULARES

Profa. Dra. Flaviane Romani Fernandes Svartman (Presidente)
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Luciani Ester Tenani
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo
Universidade de São Paulo

SUPLENTES

Profa. Dra. Carolina Ribeiro Serra
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa
Universidade de São Paulo

Aos guineenses
e àqueles que fizeram
este texto ser possível

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer à minha orientadora, Professora Flaviane Romani Fernandes Svartman, por ter acreditado no meu trabalho, por ter contribuído enormemente para o meu crescimento como pesquisador e pela sua dedicação e compreensão durante todo o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço aos meus informantes guineenses da Universidade de São Paulo, pois, sem eles, este trabalho não teria se iniciado, e agradeço aos meus informantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, a Unilab, pois, sem eles, esse trabalho não teria se concluído.

Ao Professor Gabriel Antunes de Araujo, que me colocou em contato com a Unilab, através da qual obtive grande parte dos meus dados de fala.

Ao Paulo Silas sou eternamente grato por ter sido sempre prestativo durante minha pesquisa de campo na Unilab. Sou grato a ele por ter me apresentado a todos os meus informantes guineenses dessa universidade. *Dankon!* Agradeço também à Profa. Monalisa Valente Ferreira, diretora do Instituto de Humanidades e Letras da Unilab, por ter viabilizado a realização da pesquisa de campo nessa instituição.

Agradeço à Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelo apoio financeiro (processo nº 2013/08329-1) durante o desenvolvimento deste trabalho e também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo apoio financeiro inicial (maio-agosto/2013).

A todos os meus professores da USP, com os quais tive a oportunidade de cada vez mais me interessar por esse universo das Letras, e, em especial, aos meus orientadores de Iniciação Científica, Professor Marcelo Módolo e Professora Lusine Yeghiazaryan. E a todos os meus saudosos colegas da graduação e aos meus novos colegas da pós dessa universidade.

Aos membros da banca examinadora da minha qualificação, Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira e Profa. Dra. Rosane de Sá Amado, pelos comentários e sugestões para a conclusão desta pesquisa.

Aos estimados membros da banca examinadora de defesa desta dissertação, Profa. Dra. Luciani Ester Tenani e Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo, pela leitura atenta deste

trabalho e por seus comentários de grande valia. Os erros que permanecem são de minha responsabilidade.

Agradeço à Mariana Tozzato e ao André Rudi por terem, cada um à sua maneira, me incentivado a trilhar o caminho acadêmico.

Ao Pedro Nakasone, pela compreensão incalculável durante a reta final desse percurso.

Termino por agradecer à minha família pelo apoio incondicional durante toda minha trajetória. Sem ela, não seria possível ter chegado até aqui.

Meus sinceros agradecimentos!

« Não há uma língua
portuguesa, há línguas
em português »

JOSÉ SARAMAGO

R E S U M O

Este trabalho trata da descrição e da análise do fraseamento entoacional do contorno de sentenças declarativas neutras do português falado na Guiné-Bissau (PGB), no que se refere, especificamente, à investigação da relação entre atribuição de eventos tonais ao contorno entoacional e formação de domínios prosódicos. Além disso, faz-se a comparação dos resultados obtidos para o fraseamento entoacional dos dados do PGB com os resultados obtidos para o fraseamento entoacional já descritos em trabalhos anteriores para o português brasileiro (PB) e para o português europeu (PE). Os *corpora* utilizados para o desenvolvimento deste estudo derivam de dois tipos de discurso (sentenças de leitura e de fala espontânea). A descrição e a análise do fraseamento entoacional das sentenças declarativas neutras contidas nesses *corpora* é desenvolvido à luz da abordagem Autossegmental e Métrica da fonologia entoacional (PIERREHUMBERT, 1980; BECKMAN; PIERREHUMBERT, 1986; LADD, 1996, 2008; entre outros) e da Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1984, 1986, 2000; NESPOR; VOGEL, 1986, 2007; entre outros) e com base em estudos prévios desenvolvidos nesses mesmos quadros teóricos e aplicados ao PB (CUNHA 2000; FROTA; VIGÁRIO 2000; TENANI 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; SERRA 2009; entre outros) e ao PE (GRØNNUM; VIANA, 1999; FROTA, 2000, 2002a, 2002b, 2003; VIGÁRIO, 2003; VIGÁRIO; FROTA, 2003; CRUZ, 2013; entre outros). Os resultados alcançados nesta dissertação revelam características entoacionais do PGB que são similares às encontradas nas demais variedades de português: (i) a frequente atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas do contorno entoacional (característica também encontrada no contorno entoacional do PB); (ii) a associação obrigatória de um acento tonal à palavra fonológica cabeça do último sintagma fonológico do sintagma entoacional, seguido por um tom de fronteira associado à fronteira direita desse sintagma (assim como no PB e no PE); (iii) a correspondência do padrão do contorno nuclear do sintagma entoacional das declarativas neutras do PGB com os padrões do contorno nuclear desse mesmo sintagma das sentenças declarativas neutras do PB e das variedades do PE; (iv) a possibilidade de associação de acentos frasais a fronteiras de sintagmas fonológicos (evento tonal que é encontrado associado a sintagmas fonológicos desse mesmo tipo de sentenças em uma das variedades

centro-meridionais do PE); e (v) a ocorrência de eventos tonais adicionais H associados a sílabas pretônicas de palavras fonológicas longas do contorno entoacional (semelhante aos tons adicionais encontrados associados a palavras fonológicas também longas no PB).

Palavras-chave: Português de Guiné-Bissau. Fonologia. Entoação (Fonologia). Domínios Prosódicos.

ABSTRACT

In this study, we investigate the intonation of neutral declarative sentences of Portuguese of Guinea-Bissau (GBP), with regarding to the investigation of the relation between tonal events assignment and prosodic domains formation. In addition, we compare the results obtained for the analysis of GBP data with the intonational patterns of neutral sentences described on previous works for Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP). For this research, a corpus of two different speech styles (read sentences and spontaneous speech sentences) was used. For the description and analysis of intonational of neutral declarative sentences in this corpus we followed the Autosegmental Metrical approach within the intonational phonology framework (PIERREHUMBERT, 1980; BECKMAN; PIERREHUMBERT, 1986; LADD, 1996, 2008; among others), the Prosodic Phonology framework (SELKIRK, 1984, 1986, 2000; NESPOR; VOGEL 1986, 2007; among others) and previous studies conducted on those theoretical frameworks and applied to BP (CUNHA; 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; SERRA 2009; among others) and EP (GRØNNUM; VIANA, 1999; FROTA, 2000, 2002a, 2002b, 2003; VIGÁRIO, 2003; FROTA; VIGÁRIO, 2003; CRUZ, 2013; among others). The results achieved in this work show that the intonation properties of GBP are similar to those found in the other varieties of Portuguese already studied. These properties are as follow: (i) frequent association of pitch accents with Phonological Words of intonation contour (tonal characteristic also found in BP); (ii) a pitch accent is obligatorily associated with the Phonological Word head of the last Phonological Phrase of a Intonation Phrase, followed by a boundary tone associated with the right edge of that Intonation Phrase (as in BP and EP); (iii) there is a matching in the nuclear contour of GPB neutral declarative sentences with the nuclear contour of BP and varieties of EP neutral declarative sentences; (iv) the possibility of phrasal accents to be associated with phonological phrases boundaries (the same possibility is found for one of the center-southern varieties of EP); and (v) the possibility of H tones to be associated with pretonic syllables of long Prosodic Words (as in BP).

Keywords: Portuguese of Guinea-Bissau. Phonology. Intonation (Phonology). Prosodic Domains.

Lista de Mapas

Capítulo 1

- Mapa 1.** República da Guiné Bissau e sua divisão em oito regiões administrativas (Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali) e um setor autônomo (Bissau) no qual se situa a capital. 9

Lista de Figuras

Capítulo 1

- Figura 1.** *Continuum* linguístico da Guiné-Bissau, segundo Couto e Embaló (2010, p. 31). 13

Capítulo 3

- Figura 2.** Representação da Hierarquia Prosódica, segundo Nespor e Vogel (1986, 2007). 65

Capítulo 4

- Figura 3.** Anotação da sentença declarativa neutra “A boliviana memorizava uma melodia”, produzida por INB, extraída do corpus de fala controlada, com sua respectiva forma de onda, espectograma, frequência fundamental e três camadas para anotações: tons, sílabas e palavras. 89

- Figura 4.** Anotação da sentença “E aqui na escola eu convivo com, com brasileiros”, produzida por FCS, extraída do corpus de fala espontânea, com sua respectiva forma de onda, espectograma, frequência fundamental e quatro camadas para anotações: tons, palavras, PhP, sintagmas e ETF. 90

Capítulo 5

- Figura 5.** Atribuição de eventos tonais ao contorno entoacional da sentença “A boliviana falava do namorado”, produzida por LPC em contexto de obtenção de sentença neutra. 102

- Figura 6.** Atribuição de acentos tonais ao contorno entoacional da sentença “O boliviano mulherengo memorizava uma melodia maravilhosa”, produzida por INB em contexto de obtenção de sentença neutra. 104

- Figura 7.** Atribuição de acento frasal à fronteira direita do sintagma fonológico [o namorado megalômano]_{PhP} pertencente ao sujeito da sentença “O namorado megalômano da brasileira manuseava livrinhos” (produzida por INB). 115

- Figura 8.** Atribuição de acento frasal à fronteira direita do sintagma fonológico [uma melodia maravilhosa]_{PhP} pertencente ao predicado da sentença “O namorado memorizava uma melodia maravilhosa do marinho” (produzida por LPC). 116
- Figura 9.** Atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno nuclear dos IPs [o boliviano da brasileira]_{IP^{Medial}} e [gravava melodias]_{IP^{Final}} da sentença “O boliviano da brasileira gravava melodias” (produzida por INB). 121
- Figura 10.** Atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno nuclear dos IPs [a neta da mãe]_{IP^{Medial}} e [memorizava dilemas]_{IP^{Final}} da sentença “A neta da mãe memorizava dilemas” (produzida por NMB). 122
- Figura 11.** Atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno nuclear dos IPs [o jovem moreno da loja]_{IP^{Medial}} e [levava livrinhos]_{IP^{Final}} da sentença “O jovem moreno da loja levava livrinhos” (produzida por LPC). 123
- Figura 12.** Atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno nuclear dos IPs [o boliviano da brasileira]_{IP^{Medial}} e [mimava meninas]_{IP^{Final}} da sentença “O boliviano da brasileira mimava meninas” (produzida por FCS) 124
- Figura 13.** Atribuição de tom adicional H ao início da palavra fonológica longa (uma melodia)_{PW} na sentença “A loira memorizava uma melodia maravilhosa” (produzida por NMB). 130
- Figura 14.** Imagem acústica da sentença “Sentia obrigação de cumprimentar” produzida por LPC. Na sentença, observa-se a associação de um acento frasal L– à fronteira direita do sintagma fonológico [sentia obrigação]_{PhP}, no qual a palavra fonológica enfatizada (obrigação)_{PW} está mapeada. 153
- Figura 15.** Imagem acústica da sentença “Notícias são passadas em português” produzida por LPC. Na sentença, observa-se a associação de um acento frasal L– à fronteira direita do sintagma fonológico [notícias]_{PhP}, no qual a palavra fonológica focalizada (notícias)_{PW} está mapeada. 153
- Figura 16.** Atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno entoacional das sentenças “Sou guineense. Tenho dezanove anos” (produzida por FCS). 155
- Figura 17.** Atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno entoacional da sentença “E estou cá a estudar administração pública” (produzida por FCS). 156
- Figura 18.** Atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno entoacional das sentenças “Ia comprar. Então eu acompanhei-a. Fomos fazer compras” (produzida por LPC). 157

Lista de Tabelas

Capítulo 5

Tabela 1. Frequência da atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas.	95
Tabela 2. Frequência da atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas cabeça de sintagma fonológico.	96
Tabela 3. Distribuição de palavras fonológicas sem acento tonal entre cabeça e não cabeça de sintagma fonológico.	97
Tabela 4. Densidade tonal das sentenças declarativas neutras do PGB.	103
Tabela 5. Frequência, por tipo de acento tonal, da associação de acentos tonais ao contorno entoacional não nuclear (palavras fonológicas não cabeça do último PhP de IPs).	105
Tabela 6. Frequência, por tipo de acento tonal, da associação de acentos tonais ao contorno nuclear de IP final (palavras fonológicas cabeça do último PhP de IP final).	105
Tabela 7. Frequência, por tipo de acento tonal, da associação de acentos tonais ao contorno nuclear de IP medial (palavras fonológicas cabeça do último PhP de IP medial).	106
Tabela 8. Frequência da atribuição de acentos frasais a fronteiras de sintagmas fonológicos.	111
Tabela 9. Atribuição de acentos frasais por tipo de sintagma fonológico.	112
Tabela 10. Frequência da atribuição de tons de fronteira à fronteira direita de IP final.	117
Tabela 11. Associação de tons de fronteira à fronteira direita de IP medial.	117
Tabela 12. Frequência de tipos de configuração tonal do contorno nuclear de IP final.	119
Tabela 13. Frequência de tipos de configuração tonal do contorno nuclear de IP medial.	119
Tabela 14. Frequência dos eventos do texto falado.	132
Tabela 15. Frequência de correções por <i>locus</i> prosódico.	134
Tabela 16. Frequência de interrupções por <i>locus</i> prosódico.	135

Tabela 17. Frequência de repetições por <i>locus</i> prosódico.	136
Tabela 18. Frequência de alongamentos por <i>locus</i> prosódico.	137
Tabela 19. Frequência de tipos de pausas realizadas.	139
Tabela 20. Frequência de pausas hesitativas por tipo de <i>locus</i> prosódico.	139
Tabela 21. Marcadores discursivos no <i>corpus</i> de fala espontânea.	140
Tabela 22. Frequência da atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas.	144
Tabela 23. Frequência de atribuição de acentos tonais, por tipo de acento tonal, ao contorno nuclear de IP medial (PW cabeça do último PhP de IP medial).	146
Tabela 24. Frequência de atribuição de acentos tonais, por tipo de acento tonal, ao contorno nuclear de IP final (PW cabeça do último PhP de IP final).	146
Tabela 25. Frequência de atribuição de tons de fronteira à fronteira direita do sintagma entoacional medial.	147
Tabela 26. Frequência de atribuição de tons de fronteira à fronteira direita de sintagma entoacional final.	148
Tabela 27. Frequência de atribuição de eventos tonais ao contorno nuclear de IP medial por tipo de contorno.	149
Tabela 28. Frequência de atribuição de eventos tonais ao contorno nuclear de IP final por tipo de contorno.	149

Lista de Quadros

Capítulo 1

Quadro 1. Resultados definitivos do Recenseamento Geral da População e Habitação (2009).	10
---	----

Capítulo 2

Quadro 2. Contexto segmental, estrutura prosódica e aplicação de haplologia sintática (HS) no PGB.	46
Quadro 3. Estrutura rítmica (acento), estrutura prosódica e bloqueio de aplicação de haplologia sintática (HS) no PGB.	47

Quadro 4. Estrutura rítmica (acento), estrutura prosódica e aplicação de haplologia sintática (HS) no PGB.	48
Quadro 5. Classificação dos contextos de aplicação de sândi vocálico externo no PGB.	50
Quadro 6. Degeminação e estrutura prosódica.	52
Quadro 7. Elisão e estrutura prosódica.	53
Quadro 8. Ditongação e estrutura prosódica	53
 Capítulo 4	
Quadro 9. Fatores de composição do corpus do RLD, conforme Elordieta et al. (2003).	80
Quadro 10. Tipo de evento do texto falado e respectiva etiqueta.	86
Quadro 11. Perfil dos informantes selecionados.	91
 Capítulo 5	
Quadro 12. Síntese das similaridades e divergências entoacionais entre informantes do PGB.	170
Quadro 13. Atribuição de eventos tonais ao contorno entoacional de sentenças declarativas neutras do PGB em comparação com o PB e o PE	171
Quadro 14. Contorno entoacional nuclear (de IP final e IP não final) das declarativas neutras do PGB em comparação com o PB e o PE.	171

Símbolos, Abreviaturas e Convenções Utilizadas

U		Enunciado fonológico
IP	<i>ou</i>	I Sintagma entoacional
PhP	<i>ou</i>	ϕ Sintagma fonológico
CG	<i>ou</i>	C Grupo clítico
PW	<i>ou</i>	ω Palavra fonológica
FT	<i>ou</i>	Σ Pé
SYL	<i>ou</i>	σ Sílaba
H		Tom alto
L		Tom baixo
T*		Acento tonal
T-		Acento frasal
T%		Tom de fronteira
S		Sujeito
V		Verbo
O		Objeto
ETF		Evento do texto falado
HS		Haplologia sintática
L1		Língua materna
L2		Língua não materna
ALE		Português europeu centro-meridional de Alentejo (Castro Verde)
ALG		Português europeu centro-meridional de Algarve (Albufeira)
CGB		Crioulo de Guiné-Bissau
GELIC		Grupo de Estudo de Línguas em Contato
InAPoP		<i>Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese</i>
NEP		Português europeu setentrional (Braga) (<i>Northern European Portuguese</i>)
PB		Português brasileiro
PE		Português europeu

PEC-G	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
PGB	Português de Guiné-Bissau
RLD	<i>Romance Languages Database</i>
SEP	Português europeu padrão (Lisboa) (<i>Standard European Portuguese</i>)
FCS, INB, LPC e NMB	Informantes
(SIL)	Pausa silenciosa
) _{PW}	Fronteira direita de palavra fonológica
] _{PhP}	Fronteira direita de sintagma fonológico
] _{IP}	Fronteira direita de sintagma entoacional final
] _{IP} [Fronteira direita de sintagma entoacional medial
CL	Clítico fonológico
PW] _{PhP}	Palavra fonológica cabeça de sintagma fonológico
PW...]	Palavra fonológica não cabeça de sintagma fonológico
PW] _{PhP} [PW	Duas palavras fonológicas pertencentes a sintagmas fonológicos diferentes
PW + CL	Palavra fonológica e clítico fonológico da palavra fonológica subsequente e pertencentes a um mesmo PhP
[PW _C] _{PhP}	Sintagma fonológico curto não ramificado prosodicamente
[PW _L] _{PhP}	Sintagma fonológico longo não ramificado prosodicamente
[PW _C + PW _C] _{PhP}	Sintagma fonológico curto ramificado prosodicamente
[PW _L + PW _L] _{PhP}	Sintagma fonológico longo ramificado prosodicamente
PhP + PhP (+ PhP)	Dois (ou três) sintagmas fonológicos em sequência
IP + IP	Dois sintagmas entoacionais em sequência
U + U	Dois enunciados fonológicos em sequência

CL_PW	Pausa inserida entre o clítico fonológico e sua palavra fonológica hospedeira
PW_PW	Pausa inserida entre palavras fonológicas
PW_CL + PW	Pausa inserida entre a palavra fonológica e o clítico de uma palavra fonológica subsequente
CAIXA ALTA	Acento de palavra
<u>Sublinhado</u>	Palavra fonológica cabeça de sintagma fonológico

Sumário

Agradecimentos	iv
Resumo	vii
Abstract	ix
Lista de Mapas	x
Lista de Figuras	x
Lista de Tabelas	xii
Lista de Quadros	xiii
Símbolos, Abreviaturas e Convenções Utilizadas	xv
Introdução	1
1 A Guiné-Bissau e as suas línguas	5
1.1 Aspectos sócio-históricos	5
1.2 Geografia e demografia	8
1.3 Situação sociolinguística	11
1.3.1 As línguas africanas étnicas	14
1.3.2 O crioulo de Guiné-Bissau	15
2 O português falado em Guiné-Bissau	19
2.1 Aspectos sociolinguísticos do PGB	19
2.2 Aspectos linguísticos do PGB descritos em estudos prévios	22
2.2.1 Couto e Embaló (2010)	23
2.2.2 Oliveira e Romão (2011)	26
2.2.3 Fonseca (2012)	32
2.2.4 Romão (2012)	36
2.2.5 Canelas (2013)	43
2.2.6 Horikiri (2013)	48

2.2.7	Oliveira, Baio e Injai (2013)	56
2.2.8	Santos e Silva (a sair)	58
3	Quadro teórico e estudos prévios sobre a prosódia do padrão neutro de outras variedades do português	60
3.1	Fonologia Entoacional	60
3.2	Fonologia Prosódica	64
3.3	O padrão entoacional neutro do PB e do PE descrito em estudos prévios	71
3.3.1	Português europeu	71
3.3.2	Português brasileiro	74
4	<i>Corpora</i> e metodologia	78
4.1	<i>Corpora</i>	78
4.2	Metodologia	81
4.3	Seleção dos dados e perfil dos informantes	90
5	Descrição e análise dos resultados	93
5.1	Fala controlada	93
5.1.1	Associação e configuração de acentos tonais	94
5.1.1.1	Associação de acentos tonais	94
5.1.1.2	Configuração de acentos tonais	105
5.1.2	Associação e configuração de tons relacionados a fronteiras	110
5.1.2.1	Acentos frasais	110
5.1.2.2	Tons de fronteira	116
5.1.3	Associação e configuração de eventos tonais adicionais	127
5.2	Fala espontânea	131
5.2.1	Eventos do texto falado	131
5.2.2	Associação e configuração de eventos tonais	143
5.3	Comparação do padrão entoacional neutro do PGB com o PB e o PE	158
5.4	Considerações gerais sobre o padrão neutro do PGB	167
6	Conclusão: considerações finais e apontamentos futuros	172

Referências	178
Anexos	190
A Romance Languages Database: Database on phrasing – Guinea-Bissau Portuguese conditions	190
B Fala espontânea	194
B.1 Informante NMB	194
B.2 Informante FCS	196
B.3 Informante LPC	200
C Formulários	204

Introdução

A Guiné-Bissau é um pequeno país da costa ocidental da África e foi uma das primeiras regiões do continente africano a que os colonizadores portugueses chegaram em decorrência das Grandes Navegações e a primeira colônia portuguesa desse continente a ter a independência reconhecida por Portugal. O país possui uma vasta diversidade e complexidade étnica e cultural, refletida em seu quadro multilinguístico. Entre as diversas línguas africanas étnicas, maternas para grande parte da população, e um crioulo de base portuguesa, a principal língua veicular, está o português, língua oficial do país.

Apesar de o português não ser a língua mais falada e ser, sobretudo, uma língua não materna para os guineenses, o idioma exerce um papel social e político significativo em Guiné-Bissau por ter o estatuto de única língua oficial de um país plurilíngue. Poucos, porém, são os trabalhos a respeito do português falado em Guiné-Bissau. Entre eles, está o compêndio de Couto e Embaló (2010), dedicado ao estudo da língua, literatura e cultura de Guiné-Bissau e que consistiu em uma das motivações para a proposição da presente investigação.

Segundo esses autores, o ritmo da frase do português falado em Guiné-Bissau (doravante, PGB) difere drasticamente do ritmo da frase das variedades lusitana e brasileira de português: “[o] português guineense, isto é, o português acrioulado, é falado com o ritmo do crioulo que, por sua vez, provém do ritmo das línguas africanas” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 52). Entretanto, não há maiores informações a respeito da divergência rítmica entre as variedades de português mencionadas e os autores detêm-se a concluir que há uma grande quantidade de especificidades fonético-fonológicas do português guineense que ainda aguardam um estudo mais aprofundado. Desse modo, uma investigação aprofundada sobre o ritmo dessa variedade de português, valendo-se de um arcabouço teórico robusto, faz-se necessária para que se possa afirmar ou infirmar a asserção de Couto e Embaló (2010)

quanto à divergência rítmica entre o português guineense e as demais variedades de português mencionadas. Assim, nesta dissertação, propomo-nos à realização dessa tarefa através da análise comparativa, entre o português guineense, o português brasileiro e o europeu, de um aspecto específico da implementação rítmica: a entoação.¹

Levando em conta nosso objeto de análise, atemo-nos aos seguintes objetivos:

- (I) a descrição e a análise do fraseamento entoacional do contorno de sentenças declarativas neutras² do português de Guiné-Bissau (doravante, PGB), no que refere, especificamente, à investigação da relação entre atribuição de eventos tonais ao contorno entoacional e formação de domínios prosódicos; e
- (II) a comparação dos resultados obtidos para o fraseamento entoacional nos dados de PGB com os resultados obtidos para o fraseamento entoacional já descritos em trabalhos anteriores para o português brasileiro (doravante, PB) e para o português europeu (doravante, PE).

¹ Além da duração e do acento, também a entoação se configura como um importante aspecto prosódico envolvido na implementação rítmica das línguas. A respeito do papel da entoação na implementação rítmica no português europeu e no português brasileiro, confira Frota, Vigário e Martins (2002a, 2002b).

² Consideramos sentenças neutras, neste estudo, as sentenças que se constituem de enunciados de *foco amplo*. Segundo Frota (2000, p. 16), são distinguidos dois tipos principais de foco na literatura: o **foco amplo**, frequentemente referido como foco de (nova) informação ou foco apresentacional, e o **foco estreito**, frequentemente referido como foco de identificação ou contrastivo. O foco amplo, assim, introduz uma nova informação ao discurso e, portanto, envolve foco na sentença como um todo, diferentemente do foco estreito, que identifica um subconjunto de um conjunto de entidades contextualmente relevantes no discurso e, portanto, envolve foco em determinada parte da sentença. Pelo fato de cada um deles se relacionar de maneira distinta ao discurso precedente, ocorrem somente em contextos específicos, como em narrativas, estruturas de lista, respostas a perguntas do tipo “o que aconteceu?,” ou sentenças fora de contexto (formas de citação), no caso do foco amplo, e nas demais respostas, no caso do foco estreito. A autora ainda menciona que, na literatura fonológica a respeito dos padrões de proeminência em línguas como o inglês, o foco amplo é normalmente equiparado ao acento não marcado (neutro) e o foco estreito, ao acento marcado – ver Frota (2000, seção 1.4.1).

Ressaltamos que a presente pesquisa se desenvolve no âmbito do projeto internacional *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese (InAPoP)* (FROTA, 2012-2014). O principal objetivo desse projeto é a construção de um atlas interativo da prosódia do português, acessado livremente por uma plataforma online,³ que contemple a variação prosódica (em termos de formação de domínios prosódicos), entoacional e rítmica do português, incluindo a cobertura completa do PE quanto a estes três aspectos, contando ainda com variedades do PB ao longo da costa do Atlântico, assim como variedades do português falado na África.⁴

Assim, esperamos que os resultados obtidos na descrição e análise do PGB contribuam com os objetivos do InAPoP e que tragam contributos, no âmbito da fonologia, ao estudo da gramática ainda pouco estudada do PGB. De maneira geral, ainda esperamos ampliar o conhecimento sobre o fraseamento entoacional das línguas naturais por meio de análises comparativas entre variedades de uma mesma língua.⁵

Com relação aos objetivos da presente investigação ora definidos, nas tarefas de comparar a prosódia (em termos de atribuição de eventos tonais e de investigação da relação dessa atribuição com a formação de domínios prosódicos) das sentenças declarativas neutras do PGB com a prosódia desse mesmo tipo de sentença do PB e do PE, seguimos uma abordagem teórica semelhante à que vem sendo empregada em pesquisas no âmbito do projeto internacional InAPoP e em trabalhos sobre a prosódia do português já desenvolvidos com base no mesmo quadro teórico do referido projeto. Essa medida se faz necessária ao procurarmos obter resultados da análise do fraseamento entoacional dos

³ <http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/> [Acesso em: 15 mar. 2015].

⁴ Para os principais resultados obtidos por pesquisas no âmbito do InAPoP, confira, entre outros, Armstrong e Cruz (2014), Cruz (2013), Cruz e Frota (2011, 2012, 2014), Fernandes-Svartman (2012a, 2012b), Frota (2014), Frota, Matos, Cruz e Vigário (a sair), Frota e Moraes (a sair), Frota et al. (a sair), Gravina e Fernandes-Svartman (2013), Oliveira et al. (2014), Santos e Fernandes-Svartman (a sair) e Scarpa e Fernandes-Svartman (2012). Confira também: <http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/resources.html> [Acesso em: 15 mar. 2015].

⁵ É importante salientar que as variedades de português até o momento estudadas por investigadores do InAPoP são variedades nativas e, dessa forma, é primeira vez que uma variedade não materna de português é investigada no âmbito desse projeto. Assim, o desenvolvimento da presente pesquisa trará contributos para o estudo do português como língua não materna no âmbito do InAPoP através de um maior entendimento das características prosódicas do português guineense.

dados do PGB que sejam comparáveis aos que vêm sendo obtidos por esse projeto para outras variedades do português.

Para tanto, no que se refere à análise relativa à formação de domínios prosódicos, valemo-nos da teoria da Hierarquia Prosódica, na linha dos trabalhos desenvolvidos por Selkirk (1984, 1986, 2000) e Nespor e Vogel (1986, 2007). Na análise relativa à estrutura entoacional, fazemos uso da abordagem Autossegmental e Métrica da fonologia entoacional, na linha dos trabalhos de Pierrehumbert (1980), Beckman e Pierrehumbert (1986), Pierrehumbert e Beckman (1988), Hayes e Lahiri (1991), Ladd (1996, 2008), entre outros. No que diz respeito à aplicação desses modelos teóricos a dados do português, consideramos os estudos já realizados sobre a prosódia do PB desenvolvidos por Frota e Vigário (2000), Tenani (2002), Fernandes (2007a, 2007b), Serra (2009), entre outros, e sobre a prosódia do PE desenvolvidos por Frota (2000), Frota e Vigário (2000), Vigário (2003), Vigário e Frota (2003), Cruz (2013), entre outros.

Neste capítulo introdutório, faz-se ainda necessário apresentarmos a organização desta dissertação. No Capítulo 1, apresentamos os aspectos sócio-históricos e sociolinguísticos de Guiné-Bissau. O Capítulo 2 é dedicado aos aspectos sociolinguísticos do PGB, além de contemplar estudos sobre aspectos linguísticos dessa variedade de português. Em seguida, no Capítulo 3, apresentamos as teorias em que se fundamenta a análise do contorno entoacional do PGB aqui empreendida, a Fonologia Entoacional e a Fonologia Prosódica, bem como os estudos já realizados a respeito da entoação do português nesses modelos teóricos. Descrevemos, no Capítulo 4, os *corpora* e os métodos utilizados na obtenção e no tratamento dos dados de fala que compõem esses *corpora* utilizados neste estudo. Por sua vez, a descrição, a análise e a discussão dos resultados obtidos são tema do Capítulo 5. E, por fim, fazemos nossas considerações finais no Capítulo 6.

1 A Guiné-Bissau e as suas línguas

No alcance dos objetivos propostos no capítulo introdutório desta dissertação, é necessária, em primeiro lugar, a contextualização, em termos sócio-históricos e sociolinguísticos, do português de Guiné-Bissau, variedade ainda pouco estudada. Desse modo, neste capítulo, apresentamos os principais aspectos sócio-históricos de Guiné-Bissau (seção 1.1), sua geografia e demografia (seção 1.2) e a situação sociolinguística do país (seção 1.3), abordando as línguas faladas no território e o papel desempenhado por elas na sociedade guineense, as quais incluem as línguas africanas, o crioulo de Guiné-Bissau e o PGB (este último tratado em capítulo à parte).

1.1 Aspectos sócio-históricos

Por volta dos séculos XIII e XVI, guerreiros mandingas procedentes do Império do Mali⁶ estabeleceram-se nas regiões que atualmente compreendem o nordeste de Guiné-Bissau e a região senegalesa de Casamansa, formando ali a principal província-estado do império, o Reino de Gabu, que existiu entre 1537 e 1867. A expansão dos mandingas na região, que culminou com a formação desse reino, fez com que os demais povos da região – diolas, balantas, banhuns, manjacos, biafadas, entre outros – se deslocassem para o litoral. Quando os europeus chegaram à costa da Guiné, no século XV, esses povos litorâneos já haviam sofrido a redistribuição territorial e voltado às suas origens sociais étnicas com a queda do Império do Mali, do qual faziam parte (MELLO, 2007, p. 10).

⁶ O Império do Mali foi um reino mandinga que existiu entre os séculos XIII e XVI aproximadamente. Ocupou o território em que atualmente se localizam a República da Guiné, Burkina Faso, Costa do Marfim, Serra Leoa, Libéria, Gâmbia e Senegal (MELLO, 2007, p. 9).

O primeiro europeu a chegar à costa da Guiné (ou seja, o trecho de terra entre o Senegâmbia e Guiné-Bissau) foi o navegador português Nuno Tristão, que reclamou posse do território em 1446. Porém, a ocupação das terras guineenses pela Coroa Portuguesa teve início somente a partir de 1558, com a fundação da vila de Cachéu, a fim de assegurar o monopólio português sobre o comércio dos territórios descobertos. Nos anos seguintes à descoberta, os portugueses comercializavam na costa africana a bordo dos navios e, posteriormente, por questões de segurança, passaram a se estabelecer às margens dos rios e em regiões costeiras, caso houvesse conflitos com os nativos. Uma ocupação mais definitiva sempre foi dificultada pela resistência dos nativos à presença dos portugueses na região (MELLO, 2007, p. 11).

Contudo, a partir do século XVII, os portugueses, por meio dos “lançados” (ou “tangomãos”),⁷ foram estabelecendo-se na região com a prática do comércio consentido pelas autoridades africanas locais dos territórios ocupados – os quais sempre foram resistentes à permanência dos portugueses, tementes à perda de seu poder local. Os “lançados” estabeleciam-se nas aldeias do interior e integravam-se socialmente (utilizando vestimentas étnicas, praticando a religião local e tendo filhos com mulheres nativas), contudo, mantendo sua língua, que transmitiam ao próximo e aos descendentes (KIHM, 1994, p. 4). Além dos lançados, havia também os “grumetes,”⁸ de igual importância na difusão do português pela região e que formaram um grupo social mestiço afro-português. Para alguns autores, é por meio deles que se tem a origem do crioulo de Guiné-Bissau, o qual foi levado a outras regiões, quando os grumetes acompanhavam os portugueses em assentamentos ao longo da costa (ver KIHM, 2004; MELLO, 2007).⁹

⁷ “Lançados” eram os portugueses que viviam à margem da sociedade (muitos deles com registro criminal ou parentesco judaico) e que “lançaram-se” ao mar a fim de estabelecerem negociações comerciais no continente africano. Normalmente passavam algum tempo nas Ilhas de Cabo Verde para posteriormente seguirem à costa da África (KIHM, 1994, p. 4).

⁸ “Grumetes” eram os africanos que se tornaram cristãos, começaram a trabalhar para os portugueses como marinheiros e como intermediários nas negociações com os africanos não assimilados (nativos) e se estabeleceram em aldeias próximas às povoações portuguesas (KIHM, 2004, p. 4).

⁹ O local de origem do crioulo de Guiné-Bissau, assim como do crioulo de Cabo Verde, é controverso na literatura. O debate surge desde que foram notadas similaridades entre essas duas línguas. A questão é se o crioulo que deu origem às duas línguas emergiu no continente e de lá foi levado às ilhas de Cabo Verde, ou se

Desse modo, começam a surgir as primeiras povoações (tabancas,¹⁰ presídios e praças) habitadas por europeus e mestiços, além de cabo-verdianos. Porém, esses núcleos portugueses não exerciam poder efetivo sobre a maioria dos africanos, os quais mantiveram, assim, seus valores culturais e, sobretudo, suas línguas maternas (MELLO, 2007, p. 18).

O domínio de Portugal sobre o comércio escravagista da Costa da Guiné teve seu fim com o surgimento de companhias europeias de comércio no final do século XVI e início do XVII. Assim, muitas regiões circundantes à Guiné Portuguesa, como a área do rio Casamansa, passaram ao domínio francês e inglês. Em 1630, Portugal criou a Capitania-Geral da Guiné Portuguesa, que passou a administrar a região, e instalou seu primeiro administrador em Cachéu no ano de 1641. Bissau, que viria a se tornar a capital da colônia em 1766, somente foi fundada em 1697 como fortificação militar e entreposto comercial de escravos. Até então, a Costa da Guiné estava sob a administração do arquipélago de Cabo Verde e a separação administrativa ocorreu somente em 1879, quando passou a ter um governo independente. Entretanto, a autonomia da colônia somente seria estabelecida a partir de 1897.

Por meio dos lucros obtidos com o comércio escravagista da Costa da Guiné, os portugueses não se aventuraram pelo interior da África, permanecendo em suas cidades costeiras. Porém, a partir do século XX, após a grande disputa europeia pela África, os portugueses decidiram estabelecer, de fato, o controle do território atribuído a eles na Conferência de Berlim (1884-1885). Desse modo, os portugueses, com auxílio dos “grumetes,” iniciam campanhas contra os povos guineenses, o que desencadeou um conflito contínuo pelo domínio do interior e dos arquipélagos de Guiné-Bissau. Após várias batalhas, por fim os portugueses obtiveram o controle de todo o território, instaurando-se um regime colonial opressivo.

Em decorrência disso, começa a surgir, frente a esse regime, um sentimento nacionalista entre os poucos guineenses instruídos, o que levou à fundação, pelo intelectual Amílcar Cabral, do Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) em

foi o inverso. Quanto às hipóteses sobre a origem do crioulo de Guiné-Bissau, remetemos o leitor aos trabalhos de Kihm (2004) e Jacobs (2010).

¹⁰ Tabanca é um agrupamento típico de casas nos arredores das cidades e na zona rural.

1956. Ao perceber o movimento do partido, que veio a ganhar corpo armado e apoio da população urbana, o governo colonialista iniciou um período de repressão no ano de 1959. O resultado desse processo foi o início, em 1963, de uma década de luta armada contra o regime colonial pela libertação do país. Após a consolidação do domínio territorial pelos rebeldes, o partido declarou, unilateralmente, a independência do país em 24 de setembro de 1973, reconhecida por Portugal somente um ano depois, com a Revolução dos Cravos.

Ao emergir de uma luta armada de libertação, a Guiné-Bissau encontrou-se em meio a um período de grandes dificuldades: os cofres do Estado estavam vazios, o país havia ficado dependente de ajuda externa, a administração pública fora abandonada pela maior parte de seus agentes (cabo-verdianos que deixaram o país após a independência), não havia mão de obra qualificada em qualquer setor e a população era formada por 95% de analfabetos (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 16). Desse modo, o país tornou-se um dos mais pobres do mundo atualmente: se, por um lado, o período colonial, de economia de base exclusivamente agrícola, não introduziu nenhum desenvolvimento infraestrutural no país, a crise político-militar que emergiu na década de 1990, por sua vez, instaurou um período de instabilidade, com sucessivos golpes militares e governos transitórios, o qual perdura até os dias atuais. Como consequência desse quadro instável, a atual República da Guiné-Bissau encontra poucas oportunidades de um desenvolvimento pleno – seja na área econômica, educacional ou de saúde básica –, confrontando-se com permanentes períodos de greve de funcionários e também com problemas de baixa qualidade dos serviços.

1.2 Geografia e demografia

A República da Guiné-Bissau é um pequeno país de 36 125 km², situado na costa ocidental do continente africano. Porém, a superfície habitável é de apenas 24 800 km² devido às inundações das marés fluviais e ao alagamento periódico causado pelas chuvas. O país é limitado, ao norte, pelo Senegal e, a leste e sudeste, pela República da Guiné (comumente denominada de Guiné-Conakry) – ambos ex-colônias francesas. Toda a extensão a oeste é banhada pelo Oceano Atlântico. Afora a parte continental, há o

arquipélago dos Bijagós, constituído por volta de noventa e três ilhas e ilhéus, em grande parte, desabitadas (AUGEL, 2007, p. 49-50). O território do país está dividido em um setor autônomo e oito regiões administrativas que, por sua vez, subdividem-se em 37 setores (FANDA, 2013, p. 13), conforme se observa no Mapa 1. A distribuição da população pelas regiões administrativas é dada no Quadro 1.



Fonte: Fanda (2013, p. 13)

Mapa 1. República da Guiné-Bissau e sua divisão em oito regiões administrativas (Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali) e um setor autônomo (Bissau) no qual se situa a capital.

Quadro 1. Resultados definitivos do Recenseamento Geral da População e Habitação (2009).

Região	Área (km ²)	População
Bissau (Setor Autônomo)	77.5	387 909
Oio	5 403.4	224 644
Gabu	9 150	215 530
Bafatá	5 981.1	210 007
Cacheu	5 174.9	192 508
Biombo	838.8	97 120
Tombali	3 376.5	94 939
Quinara	3 138.4	63 610
Bolama	2 624.4	34 563
Guiné-Bissau	36 125	1 520 830

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE) de Guiné-Bissau (2009).¹¹

Estima-se que, da década de 1950 aos dias atuais, a população do país, estipulada, à época, em 505.000 habitantes, tenha triplicado, sendo que mais da metade ainda habita as zonas rurais e que mais de um quarto da população vive principalmente na cidade de Bissau (com uma população superior a 380 000 habitantes) (SCANTAMBURLO, 2013, p. 10). Atualmente, calcula-se que a Guiné-Bissau tenha uma população em torno de 1 704 255 habitantes (BANCO MUNDIAL, 2013).

Segundo Bicari (1990), no território de Guiné-Bissau, encontra-se cerca de 30 povos que, embora possuam elementos culturais fundamentalmente comuns, identificam-se distintamente ao se considerarem fatores como a língua, o sistema de produção e subsistência, a estrutura e relações familiares e sociais e a organização dos poderes políticos e religiosos (BICARI, 1990, p. 3 apud SCANTAMBURLO, 2013, p. 10; 16).

¹¹ <http://www.stat-guinebissau.com> [Acesso em: 15 mar. 2015].

Porém, não há dados oficiais quanto ao número de grupos existentes e respectiva população, variando entre as fontes consultadas. Para Silva (2007), por exemplo, no final da primeira década do século XXI, os balantas corresponderiam a 30% da população total, seguidos pelos fulas com 20%, manjacos com 14%, mandingas com 13%, papeis com 7%, além de europeus (menos de 1%) e outros grupos (mancanhas, beafadas, bijagós, diolas, banhus, nalus, entre outros) que somam juntos 15% do total de habitantes. Ao lado da diversidade étnica, também há a diversidade religiosa: 50% dos habitantes são de religião tradicional africana, 45% são muçulmanos e os 5% restantes são cristãos (SILVA, 2007, p. 47 apud FANDA, 2013, p. 14).

Além disso, existem diferenças entre os grupos étnicos litorâneos e do interior. Mandingas e fulas, etnias predominantemente muçulmanas, diferem-se fundamentalmente dos povos costeiros pela sua organização política, baseada em uma sociedade hierárquica, com poder centralizado e uma divisão 'vertical' de classes. Dedicam-se, sobretudo, ao comércio e ao pastoreio, habitando zonas mais afastadas. Já as etnias do litoral, majoritariamente de religião tradicional africana, como os balantas, manjacos, papeis e bijagós, possuem uma economia essencialmente agrícola e agropecuária de subsistência, além de possuírem uma organização social horizontal baseada no núcleo familiar (AUGEL, 2007, p. 77).

Apesar da diversidade cultural, religiosa e linguística, as relações interétnicas são, de modo geral, segundo Augel (2007), harmoniosas, "interligando os vários grupos num sistema social englobante, controlado por um sistema estatal dominado pelo grupo crioulo, da capital, embora haja espaços para a diversidade cultural, sobretudo no que diz respeito às atividades religiosas e domésticas" (AUGEL, 2007, p. 78).

1.3 Situação sociolinguística

O quadro étnico de Guiné-Bissau sofreu várias alterações no decorrer da história da região. A colonização, as guerras e as migrações desempenharam um papel importante na

presença dos diversos povos, e, conseqüentemente, das diversas línguas, no território atual do país.

Apesar de contar com um território pouco extenso, a Guiné-Bissau possui uma vasta diversidade étnica e cultural, de modo que a sua população distribui-se entre mais de vinte etnias e suas respectivas línguas e dialetos. A cada grupo étnico corresponde uma língua ou dialeto distinto. Segundo Intumbo (2007, p. 2), em média, a cada 50-60 km de estrada, entra-se em um território linguístico diferente. Essas línguas africanas étnicas coabitam com o crioulo da Guiné-Bissau, língua veicular e de unidade nacional, e com o português, língua oficial do país.¹²

Para a interação entre diversas línguas no pequeno território do país, Couto e Embaló (2010) propõe uma escala de variabilidade linguística denominada “*continuum* guineense”, que vai das línguas étnicas até o português lusitano, passando por variedades do crioulo guineense e pelo português com traços linguísticos do crioulo que, para os autores, é o português, de fato, falado em Guiné-Bissau (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 51). O *continuum* linguístico de Guiné-Bissau, na perspectiva de Couto e Embaló (2010, p. 31), esquematiza-se conforme apresentado na Figura 1.

¹² Além das línguas africanas, do crioulo guineense e do português, há ainda a presença de outras línguas no território, como, por exemplo, o wolof, o francês e o inglês, devido às relações estabelecidas com os países vizinhos – notadamente a República da Guiné e o Senegal. Estima-se que cerca de 10% da população domine tais línguas, porém, o uso desses idiomas encontra-se confinado à pequena esfera dos negócios, da política e do turismo (EBIZ, 2010).

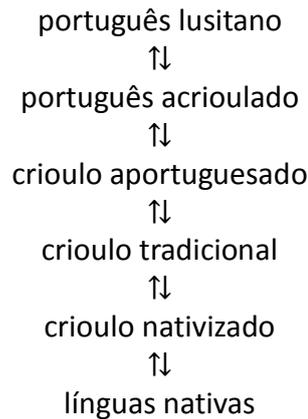


Figura 1. *Continuum* linguístico de Guiné-Bissau, segundo Couto e Embaló (2010, p. 31).

Couto e Embaló (2010) afirmam que o português lusitano é falado somente pelos portugueses que se encontram no país ou pelos poucos guineenses que foram escolarizados em Portugal (ou que trabalham na administração do país); entretanto, na maioria das vezes, esses últimos falam, de fato, o português acrioulado (variedade de português com “uma inconfundível marca do crioulo”, segundo os autores¹³). Já o crioulo aportuguesado (variedade de crioulo que apresenta influências do português) é usado pelas pessoas “cultas”,¹⁴ sendo que os guineenses não escolarizados, sobretudo aqueles das regiões rurais, falam o crioulo tradicional (variedade de crioulo mais basilectal). Por sua vez, o crioulo nativizado (variedade de crioulo “com forte marca das línguas nativas”¹⁵) é utilizado por pessoas que têm o crioulo como língua não materna e, como língua materna, uma das diversas línguas étnicas de Guiné-Bissau – normalmente são guineenses advindos das vilas do interior e que aprendem o crioulo em idade adulta. Além das línguas e variedades ora mencionadas e das línguas nativas (isto é, as línguas africanas étnicas), ainda seria possível, segundo Couto e Embaló (2010), adicionar ao *continuum* mais um grupo de variedades, a de “línguas nativas acriouladas” na denominação dos autores, que abrangeria todas as variedades de línguas étnicas com traços linguísticos advindos do crioulo – ver Couto e Embaló (2010, p. 226).

¹³ Couto e Embaló (2010, p. 226).

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*.

Outro contínuo para o PGB foi proposto por Oliveira, Baio e Injai (2013). O contínuo desses autores difere-se do *continuum* de Couto e Embaló (2010) por centrar-se em uma proposta de contínuo para o português, inserindo a ele o português falado no Brasil – em suas variedades vernacular (PVB) e padrão (PB). Tal inserção está relacionado ao fato de o estudo de Oliveira, Baio e Injai (2013) referir-se ao português falado por guineenses que vêm estudar em instituições de ensino superior no Brasil. Assim, para esses autores, a variedade brasileira de português relaciona-se com o PGB da mesma forma que a variedade lusitana (OLIVEIRA; BAIIO; INJAI, 2013, p. 134). O “contínuo português guineense língua não materna”, proposto por esses autores, esquematiza-se da seguinte forma: português de Portugal (PP) ⇌ português brasileiro (PB/PVB) ⇌ português acadêmico guineense (PAC) ⇌ português crioulo guineense (PCG) ⇌ crioulo guineense (OLIVEIRA; BAIIO; INJAI, 2013, p. 134).

Nas subseções a seguir, tecemos breves comentários sobre as línguas étnicas guineenses e sobre o crioulo de Guiné-Bissau. O PGB será tratado em um capítulo à parte (ver Capítulo 2).

1.3.1 As línguas africanas étnicas

As línguas africanas presentes no atual território de Guiné-Bissau resultam de um longo processo histórico que remonta aos tempos em que a região se tornou refúgio de inúmeros povos, deslocados do interior para a costa pelas sucessivas invasões de impérios africanos (MELLO 2007, p. 9).

Essas línguas, maternas para a maior parte da população, têm seu uso concentrado nas áreas rurais do país, sendo utilizadas no cotidiano das aldeias, no ambiente familiar da comunidade, entre vizinhos e amigos da mesma etnia e nas práticas tradicionais (cerimônias religiosas, rituais tradicionais africanos, festividades e outras tradições). Por serem as línguas africanas as primeiras línguas através das quais se transmitem conhecimentos ancestrais, tradições e a identidade comunitária, essas línguas tornam-se um dos elos fundamentais entre os indivíduos de uma mesma etnia.

Entre mais de duas dezenas de línguas, as mais expressivas em número de falantes são respectivamente:¹⁶ fula, balanta, mandinga, manjaco, papel, felupe, beafada, bijagó, mancanha, nalu; todas pertencentes aos grupos Mandé e Oeste-Atlântico da família de línguas nigero-congolesas. As quatro primeiras línguas, com o maior número de falantes, são faladas por mais de 70% da população, segundo o censo de 1991 (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 28-29).

1.3.2. O crioulo de Guiné-Bissau

Ao contrário das línguas étnicas, o crioulo de Guiné-Bissau é um fenômeno recente ligado ao processo de expansão do colonialismo europeu pelo mundo e que emerge da necessidade de comunicação em estruturas sociais multilíngues.¹⁷

O crioulo de Guiné-Bissau, localmente chamado de *kriyol*, é uma língua afro-romance de base lexical portuguesa falada na República da Guiné-Bissau e na região senegalesa de

¹⁶ A percentagem aproximada de falantes dessas línguas difere entre as diversas bases de dados. No entanto, as principais línguas estão aqui expressas em ordem de importância numérica, conforme Couto e Embaló (2010, p. 28-29).

¹⁷ A respeito das línguas crioulas, citamos Oliveira e Holm (2011). Os autores afirmam que:

[d]e acordo com Holm (2000, 2004), línguas crioulas diferem de outras línguas completamente reestruturadas como as ‘misturas bilíngues’ (também chamadas de ‘intertwined languages’), por exemplo, que se desenvolveram fora de um ‘*continuum* pidgin’ (ou pré-pidgin). O pidgin pode ser definido como uma língua auxiliar não nativa em que se dá um processo de redução e simplificação dos falares contribuintes. Na pidginização, os falantes de um superstrato (ou língua fonte do léxico) – por definição, o grupo mais ‘poderoso’ política e socialmente – cooperam com falantes de línguas do substrato – sem influência social – para criarem uma língua do tipo emergencial. Isto ocorre a fim de que preencham uma necessidade de comunicação com propósitos específicos (ex.: comércio). Esta ‘cooperação’ ocorre pela ausência de uma língua em comum. Logo, os falantes das línguas do substrato têm a tarefa, nesse processo, de aprender o léxico do superstrato. No entanto, a fim de facilitar a compreensão, os falantes da língua do superstrato ‘imitam’ a forma como os falantes das línguas do substrato falam sua língua (o superstrato). Assim, o pidgin resultante, embora possua algumas normas, não é a língua nativa de nenhum dos grupos que a falam. Devemos ainda dizer que: (i) as línguas, nesse tipo de contato, não são ‘proximamente relacionadas’, pois se assim o fossem o resultado seria uma *koiné* e não um *pidgin*; (ii) a distância social entre os falantes da língua do superstrato e as do substrato é mantida durante os processos de comunicação, pois de outro modo, esses falantes poderiam afinal aprender, com naturalidade e certa perfeição, a língua um do outro. A pidginização produz uma língua não nativa, reduzida e simplificada (que pode ser expandida por gerações ao encontrar novas necessidades comunicativas). Diferentemente, a criouliização produz uma primeira língua bem estruturada que retém alguns dos traços do seu pidgin ancestral, mas que é, em essência, tão ‘complexa’ como o é qualquer outra língua natural, mesmo sendo estigmatizada por razões sociolinguísticas (OLIVEIRA; HOLM, 2011, p. 30).

Casamansa.¹⁸ Sua formação se deu através do contato da língua dos colonizadores portugueses com as línguas autóctones – diversas línguas africanas nigero-congolesas (particularmente dos grupos Mandé e Atlântico) – e já estava estruturada lexical e morfossintaticamente desde o século XVII (KIHM, 1994, p. 5).

Entretanto, apesar de estar formado há pelo menos três séculos, a difusão do crioulo ao longo de todo o território de Guiné-Bissau é um fato recente e ligado ao processo de independência do país e de sua urbanização.¹⁹ É durante a virada do século XX, período de grandes transformações sociopolíticas em Guiné-Bissau, que transformações sociolinguísticas também ocorrem no país. No interior de Guiné-Bissau, encontravam-se somente as línguas étnicas desde a chegada dos primeiros colonizadores portugueses, já que esses haviam permanecido em zonas costeiras. À época da Guerra da Independência (1963-1973), como os portugueses e suas forças militares se concentravam basicamente nas cidades, os combatentes do PAIGC instalavam-se nas zonas interioranas, junto às etnias locais. Esses combatentes, apesar de também usarem outras línguas (inclusive o português), tinham o crioulo como meio de comunicação interétnica principal e acabaram por transformá-lo em uma ferramenta de unificação linguística e veículo da mensagem política do partido e, por conseguinte, símbolo da nova nacionalidade guineense. Assim, a expansão do crioulo se deu a partir das cidades, sobretudo de Bissau, para as zonas rurais, tendo como principais disseminadores os independentistas do PAIGC (ver KIHM, 2004, seção 1.2; COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 37).

¹⁸ As fronteiras entre o Senegal e Guiné-Bissau foram estabelecidas em 1886, em decorrência da Conferência de Berlim (1884-1885), através de um acordo entre o governo português e o governo francês, em que Portugal cedeu à região de Casamansa, ao sul do Senegal, para a França. A capital da província senegalesa de Casamansa, a cidade de Ziguinchor, preservou o crioulo falado na região. Entretanto, a partir do século XX, o crioulo falado na região começou a distinguir-se da variedade falada na atual Guiné-Bissau, apresentando algumas características gramaticais e lexicais próprias (BULL, 1989, p. 80-82 apud SCANTAMBURLO, 2013, p. 6).

¹⁹ Kihm (2004, p. 6, tradução nossa) afirma que “não há nenhuma evidência de que [a expansão do crioulo] foi acompanhada por uma quantidade significativa de (re)pidginização, embora a estratificação social da língua certamente se complexificou como resultado. [Ou seja,] os novos falantes de *kriyol* como segunda língua finalmente o aprenderam bem e totalmente, mesmo que tenham mantido sotaques e maneirismos.”

O crioulo de Guiné-Bissau é a língua que mais falantes possui em Guiné-Bissau: a percentagem de falantes totais, já no censo de 1991, soma 51% da população.²⁰ Porém, apesar de amplamente difundido, ele não é a língua materna de grande parte dos guineenses, exceto nos centros urbanos. Contudo, o contato com o crioulo guineense acontece muito cedo e muitas vezes é aprendido em conjunto com a língua étnica. Assim, o crioulo é a língua veicular e de unidade nacional e tem seu uso notadamente no cotidiano urbano do país devido à intensa interação entre falantes de etnias distintas nesse ambiente. Atente-se às palavras de Couto e Embaló (2010):

Nas cidades, a língua que se ouve nas ruas é quase sempre o crioulo. Em casa também só se fala crioulo, com poucas exceções. Assim, nos bairros populares, onde se concentram falantes de uma mesma etnia, via de regra se fala a respectiva língua. Mas, havendo um vizinho de outra etnia, volta-se ao crioulo naturalmente. No pátio das escolas, no mercado, nos *night clubs*, nos estádios de futebol [...] só se fala crioulo (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 50).

Segundo Augel (2007, p. 81), nos centros urbanos, a “pertença étnica se dilui” e grande parte dos jovens e crianças das cidades desconhecem as línguas étnicas, tendo o crioulo como sua única forma de expressão. A autora chama ainda a atenção para a necessidade de se diferenciar os que falam o crioulo como língua materna e vivem nas cidades daqueles que o falam como língua veicular, conservando a língua étnica como a principal. Para a Augel (2007):

O grupo crioulo é, sem dúvida, o mais influente, o mais “moderno” e ocidentalizado, o mais assimilado aos hábitos introduzidos pelo poder colonial, e é entre eles que se vai encontrar a magra percentagem dos falantes do português. A sociedade crioula vive na capital ou nos centros urbanos, seus membros são geralmente cristãos, mais escolarizados, e sempre foram, política e economicamente, os mais ligados ao setor estatal (AUGEL, 2007, p. 81).

²⁰ Segundo Benson (2010 apud FONSECA, 2012, p. 31), o crioulo é a língua materna de cerca de 15% da população e 30-40% dos guineenses a tem como segunda língua. Já para Candé (2007 apud FONSECA, 2012, p. 29), essa língua é falada por 60-70% dos guineenses. Ademais, encontra-se ainda a informação de que 90% dos guineenses tem pelo menos um domínio passivo do idioma (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 50).

No que se refere à língua, devido a certa competência bilíngue, em crioulo e português, dos guineenses escolarizados, em toda a terminologia técnica, científica, política e de consumo da sociedade moderna, há o emprego massivo de empréstimos portugueses (inclusive de frases inteiras), uma vez que o crioulo não dispõe de vocabulários específicos para tais campos da experiência. Assim, a língua portuguesa é um recurso em potencial para os falantes de crioulo, pois “toda palavra portuguesa pode, se necessário, ser usada em crioulo sem que se tenha a sensação de se estar usando uma palavra estrangeira. O português é uma fonte lexical inexaurível e natural” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 50). Consequentemente, com o aumento de falantes de crioulo, o português tende a ser visto cada vez mais com familiaridade pelos guineenses.

2 O português falado em Guiné-Bissau

Neste capítulo, apresentamos os principais aspectos sociolinguísticos da língua portuguesa falada em Guiné-Bissau (seção 2.1), abordando o papel desempenhado por ela na sociedade guineense, além de discorrermos, brevemente, sobre os aspectos linguísticos do PGB descritos em estudos prévios (seção 2.2).

2.1 Aspectos sociolinguísticos do PGB

A língua portuguesa nunca foi difundida em Guiné-Bissau ao longo de toda a história de ocupação colonial e não seria diferente nas décadas seguintes à independência, conforme visto no capítulo anterior.

Muitas bases de dados atestam o expressivo desconhecimento dessa língua por parte dos guineenses. O censo de 1991, por exemplo, aponta que somente cerca de 9% dos guineenses declaravam-se falantes do idioma, incluindo os que o tinham como língua primeira (1%), segunda (3%) e terceira (5%) (AUGEL, 1997, p. 252). Atualmente, aproximadamente 13% da população é falante do idioma, sendo essencialmente como língua segunda ou terceira, segundo Couto e Embaló (2010, p. 45).

Os dados censitários corroboram o fato de o português, apesar de língua oficial, até hoje não ser língua vernácula no país e ter seu uso limitado ao meio formal, a casos específicos. Segundo Couto e Embaló (2010), o português

só é adquirido como língua primeira, materna, por uma insignificante franja de filhos de guineenses que, tendo estudado em Portugal ou no Brasil, adotaram-no como língua de comunicação familiar, ou por filhos de casais mistos de guineenses com falantes de português de outras nacionalidades. É também o caso de filhos de portugueses residentes na Guiné-Bissau ou, então, de filhos de outros estrangeiros

que por um motivo ou outro falem português em casa. No entanto estas crianças, que desde cedo entram em contato com o crioulo, quer ouvindo os familiares falando, quer brincando na rua com outras crianças, aprendem-no rapidamente (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 47).

Atualmente, a presença do português no país é justificada pelo processo sócio-histórico que o levou a estatuto de língua oficial. Segundo Kihm (2004, p. 7), apesar das discussões para tornar o crioulo a língua oficial (ou uma entre as línguas oficiais) após a independência de Guiné-Bissau, o português tinha de continuar a ser oficial pela necessidade sentida de se manter contatos com as outras ex-colônias portuguesas da África e com a lusofonia em geral. Atualmente, a oficialidade do idioma é reiterada mediante o decreto de lei nº 7/2007, de 12 de novembro de 2007, que determina a obrigatoriedade da utilização da língua portuguesa em todas as instituições públicas do país (FONSECA, 2012, p. 27). Mesmo assim, o que se encontra na prática não corresponde exatamente ao que está promulgado.

Assim, no nível governamental, em repartições e instituições públicas, os funcionários comunicam-se em português para quem se dirige a eles nessa língua. Porém, é o crioulo que geralmente utilizam com a comunidade. Entretanto, nas reuniões de trabalho e em situações de formalidade, o uso do português é a primeira opção de seus participantes (FONSECA, 2012, p. 44).

Além disso, os meios de comunicação em massa são em português (imprensa escrita de periodicidade regular) ou partilhados com o crioulo (no caso de programas radiofônicos e de televisão). Nas rádios de maior difusão, o português coabita com o crioulo, porém, nas rádios nacionais e locais, além dessas duas línguas, ouvem-se também as línguas africanas guineenses, assim como o francês e o árabe, a depender da rádio sintonizada. No caso da televisão, a presença do português é preponderante devido à fraca produção nacional, o que implica a importação de programas, principalmente de Portugal e do Brasil, apesar de existirem programas em crioulo, sobretudo noticiários e debates – ver Fonseca (2012, p. 29) e Couto e Embaló (2010).

Pelo fato de ser obrigatório em instituições públicas, o português é a língua de uso obrigatório no ensino, fato que já ocorria desde a era colonial. Desse modo, no recinto escolar, e especificamente dentro das salas de aula, é esse o idioma que deve ser utilizado. Entretanto, muitos professores não o dominam suficientemente e recorrem ao crioulo frequentemente, ou por não saberem explicar o assunto em português ou pelo fato de os alunos não conseguirem entender as explicações dadas nessa língua. Ademais, vale mencionar que, conforme o estudo de Fonseca (2012), se, por um lado, a escola é o fator que mais influencia na aprendizagem do português (além do esforço e empenho pessoal), de igual modo, o sistema escolar é o maior inibidor: os castigos corporais em sala, o fato de o português não ser uma língua de comunicação usual (não havendo, portanto, oportunidades frequentes de prática fora de sala) e o não acesso a materiais didáticos são os fatos mais referidos como negativos para o aprendizado da língua (FONSECA, 2012, p. 38).²¹

Sendo o português a língua de letramento existente no país, por conseguinte, praticamente todo o acervo histórico-cultural que se tem registrado está nesse idioma: todas as produções durante a época colonial; os livros didáticos atualmente utilizados (importados de Portugal); praticamente todas as publicações do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa de Guiné-Bissau); e a maior parte da literatura existente – apesar de recentemente surgir uma crescente produção literária em crioulo (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 48).²²

Por fim, o idioma é visto como língua de prestígio associada à elite, a pessoas com certo grau de instrução ou que viveram no exterior. E, apesar de nem mesmo essa elite instruída falar espontaneamente o português em situações naturais, há, entretanto, fomentadores dessa língua em Guiné-Bissau. De forma incipiente, os centros culturais em Bissau (Centro Cultural Português e o Centro Cultural Brasil-Guiné-Bissau) fazem algumas promoções referentes à língua portuguesa, oferecendo alguns cursos de português para fins específicos ocasionalmente, além de possuírem pequenas bibliotecas acessíveis ao público –

²¹ O estudo de Fonseca (2012) conta com um panorama sociolinguístico a respeito da língua portuguesa em uso no país, por meio de dados dos informantes do respectivo estudo e das impressões que a autora teve em sua estadia em Guiné-Bissau como professora estrangeira. Confira também a seção 2.2.2 sobre os resultados de análise linguística obtidos pela autora.

²² A respeito das produções escritas em português e em crioulo em Guiné-Bissau, confira, entre outros, Augel (1999, 2000, 2006), Couto (2008, 2009) e Couto e Embaló (2010).

apesar de o Centro Cultural Francês ser mais dinâmico que os dois juntos. Todavia, o elemento preponderante na promoção do português no país é o fato de ele consistir na única língua oficial e, assim sendo, é utilizado pelos principais meios de difusão: o ensino formal obrigatório (escola) e os meios de comunicação em massa (rádio e TV). Além disso, com o desenvolvimento das relações exteriores do país, tem havido uma intensificação nas relações com os demais membros dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e, por meio dos programas de cooperação internacional com a lusofonia (como bolsas de estudos concedidas aos guineenses para estudarem fora do país), o idioma tem recebido cada vez mais destaque. Em geral, os guineenses consideram o acesso ao português como uma forma de garantia de ascensão social e de desenvolvimento do país – ver Couto e Embaló (2010) e Fonseca (2012).

2.2 Aspectos linguísticos do PGB descrito em estudos prévios

Nesta seção, apresentamos brevemente os poucos estudos a respeito dos aspectos linguísticos do PGB, nomeadamente: os trabalhos de Couto e Embaló (2010), Oliveira e Romão (2011), Fonseca (2012), Romão (2012), Canelas (2013), Horikiri (2013), Oliveira, Baio e Injai (2013) e Santos e Silva (a sair).

O trabalho de Couto e Embaló (2010) constitui um volume especial da Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares (PAPIA)²³ dedicado inteiramente à língua e à cultura de Guiné-Bissau. Já o estudo de Fonseca (2012) trata-se de uma dissertação de Mestrado defendida na Universidade Aberta em Portugal. Os demais trabalhos – Oliveira e Romão (2011), Romão (2012), Canelas (2013), Horikiri (2013), Oliveira, Baio e Injai (2013) e Santos e Silva (a sair) – são decorrentes de investigações de Iniciação Científica realizadas no âmbito do Grupo de Línguas em Contato (GELIC)²⁴ da Universidade de São Paulo.²⁵

²³ <http://www.revistas.fflch.usp.br/papia> [Acesso em: 15 mar. 2015]

²⁴ O GELIC congrega pesquisadores docentes e discentes interessados na questão do contato linguístico e promove seminários, palestras e encontros. São temas de pesquisa desse grupo, entre outros, o estudo das línguas crioulas de base portuguesa, o estudo da língua portuguesa como segunda língua e língua estrangeira, o multilinguismo (português/línguas indígenas/línguas de imigrantes/línguas de fronteira) e estudos históricos

2.2.1 Couto e Embaló (2010)

Segundo Couto e Embaló (2010), o PGB apresenta várias especificidades gramaticais decorrentes, além do fato de ser uma língua não materna para a maior parte da população guineense, do quadro multilíngue da Guiné-Bissau, que apresenta uma escala de variabilidade denominada “*continuum* guineense” (ver Capítulo 1, seção 1.3, desta dissertação).²⁶

No nível fonético-fonológico do PGB, por exemplo, há uma série de tendências pontuadas pelos autores:

- (i) a neutralização da distinção entre as consoantes coronais vibrantes; assim, “quando um guineense diz 'caro' temos a impressão de que o 'r' vibra mais do que deveria; quando ouvimos 'carro', parece que ele vibra menos do que o faria alhures” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 51);
- (ii) a neutralização de altura entre as vogais médias e, portanto, “se [os guineenses] dizem 'ele' (pronome), parece que ouvimos 'ele' (nome da letra), e vice-versa” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 52);
- (iii) a propensão da realização plena da consonantal nasal em posição de coda silábica, ou seja, “as vogais nasais tendem a virar V + consoante nasal, como em [kanta], em vez de [kãta]” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 52);

sobre o contato de línguas. Seus membros docentes orientam pesquisas de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado. Neste momento, o grupo reúne docentes da Universidade de São Paulo – USP (Profs. Drs. Flaviane Romani Fernandes Svartman, Gabriel Antunes de Araujo, Márcia Santos Duarte de Oliveira e Rosane de Sá Amado), da Universidade de Brasília – UnB (Profa. Dra. Walkíria Neiva Praça e Profa. Ms. Lurdes Teresa Lopes Jorge), da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Profa. Dra. Beatriz Protti Christino), da Universidade Federal do Pará (Bragança) – UFPA (Prof. Dr. Jair Francisco Cecim), da Universidade Estadual do Pará – UEPA (Prof. Dr. Ednalvo Apóstolo Campos), da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES (Profa. Dra. Edenize Ponzo Peres) e da Universidade de Macau – UM (Prof. Dr. Carlos Filipe Guimarães Figueiredo). Confira: <http://gelic.fflch.usp.br/> [Acesso em: 15 mar. 2015].

²⁵ Os trabalhos nesta seção são apresentados em ordem cronológica.

²⁶ Cabe notar que Couto e Embaló (2010) não fazem um estudo aprofundado dos aspectos linguísticos do português de Guiné-Bissau que descrevem. Ademais, os autores referem-se, muitas vezes, a essas características como impressionísticas.

- (iv) “o ‘l’ final parece mais débil do que em Portugal, dando até mesmo a impressão de que há uma pausa mínima entre a vogal anterior e ele, como em ‘Senegal’, que sai como [sene'ga-l]” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 52); e
- (v) o ritmo da frase divergente do português lusitano e do brasileiro que, segundo os autores, evidencia o ritmo do crioulo.

O aspecto rítmico descrito no item (v) é de especial interesse nesta pesquisa, no que concerne, especificamente, ao estudo da associação de eventos tonais ao contorno entoacional como um dos aspectos relevantes na implementação do ritmo no PGB. Assim como referido na introdução desta dissertação, Couto e Embaló (2010) não dão maiores informações sobre o ritmo do português guineense.

No que diz respeito ao nível léxico-semântico, existem muitas transposições de conteúdos das línguas étnicas e do crioulo de Guiné-Bissau para o PGB, conforme é apresentado ao longo do trabalho de Couto e Embaló (2010).²⁷ Essas transposições são encontradas na fala e também na literatura produzida no país, bem como em livros técnicos e jornais. Além disso, os guineenses adotam a norma lusitana do português e, conseqüentemente, parte do léxico empregado no PGB advém dessa norma.

Os autores mencionam também ser comum o uso de expressões que são traduções diretas do crioulo (exemplo 1) ou de sentenças que apresentam transposições do crioulo ao português (exemplo 2). Em (2a), a forma “doente” apresenta um único correspondente no português, mas a forma *duensi* em crioulo (2b) possui dois: “estou doente” ou “estou cansado” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 52). Assim, como uma transposição do crioulo, a

²⁷ Eis uma lista de termos empregados do PGB que são advindos do crioulo: (i) *bajuda*: moça, rapariga; (ii) *baloba*: local sagrado dos animistas, templo; (iii) *bolanha*: arrozal; (iv) *candongá*: pequeno veículo de transporte popular interurbano; (v) *chebéu*: dendê ou a pasta extraída da polpa do dendê; (vi) *choro*: choro, mas também velório, cerimônias à volta do enterro; (vii) *codé*: filho(a) mais novo(a); (viii) *djambacosse*: curandeiro, feiticeiro animista; (ix) *irã*: espíritos que podem ser protetores ou maléficos; (x) *jugudé*: tipo de abutre; (xi) *lala*: espaço plano, rodeado de mato, onde se pode plantar arroz; (xii) *mandjua*: pessoa da mesma geração, muitas vezes que cresceu junto com alguém; (xiii) *mandjuandade*: grupo de *mandjuas*; (xiv) *mantenha*: cumprimento, saudação; (xv) *mofineza*: desventura, azar; (xvi) *mouro*: curandeiro, feiticeiro muçulmano; (xvii) *poilão*: árvore típica, grandiosa; (xviii) *tabanca*: agrupamento típico de casas africanas, nos arrabaldes das cidades e na zona rural (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 53-54).

sentença do PGB “Eu estou doente”, apresentada em (2a), pode significar “Eu estou cansado.”²⁸

(1) “Ancião respeitável na aldeia”²⁹

a. PGB: Homem grande

b. CGB: *Omi garandi*

(2) “Estou doente” ou “estou cansado”

a. PGB: Eu estou *doente* (por “cansado”)

b. CGB: *Ami N duensi*

1SG.ENF 1SG estar doente/cansado³⁰

Além disso, pelo fato de o português ser uma língua aprendida formalmente, podem ocorrer usos de expressões altamente literárias em contextos que se esperaria uma linguagem coloquial, como, por exemplo, o emprego de “atempadamente,” “aquando de” e “ensimesmar-se” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 54).

Por fim, com relação ao nível morfossintático, o português guineense apresenta certas características que, segundo os autores, são “típicas de línguas dominadas apenas em nível veicular” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 51). Desse modo, ocorrem fenômenos gramaticais relacionadas à concordância nominal e verbal, conforme se notam nas sentenças em (3) e (4) (conferir termos em negrito) respectivamente.³¹

²⁸ Os exemplos (1) e (2) foram organizados a partir de Couto e Embaló (2010, p. 52). A glosa da sentença (2b) é nossa.

²⁹ CGB: Crioulo de Guiné-Bissau.

³⁰ 1SG.ENF: primeira pessoa do singular enfática; 1SG: primeira pessoa do singular.

³¹ Os exemplos (3) e (4) foram organizados a partir de Couto e Embaló (2010, p. 52).

- (3) Concordância nominal
- a. **O** minha irmã
 - b. **Meu** mãe
 - c. Ele tem três **filho** fêmia
- (4) Concordância verbal
- a. Eu não **tinha** tempo (por *tive*)
 - b. A minha namorada **estive** em Portugal (por *está*)
 - c. Eu **tens** mais tris história (por *tenho*)

2.2.2 Oliveira e Romão (2011)

O objetivo do estudo de Oliveira e Romão (2011) foi realizar um diagnóstico sociolinguístico que buscasse avaliar o nível de conhecimento da língua portuguesa dos alunos de graduação da Universidade de São Paulo (USP) advindos do Programa de Estudantes de Graduação (PEC-G)³² e oriundos de países membros do grupo PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e que possuem crioulos de base portuguesa como língua materna. Para os autores, o fato de esses estudantes não possuírem o português como língua materna se configura como uma questão a ser problematizada, já que a ausência do domínio linguístico dessa língua, como materna, interfere no desempenho acadêmico desses estudantes (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, parte I). Com a realização desse estudo, os autores também visavam a fornecer informações a estudos de metodologia do ensino de português para esses alunos, pois, conforme mencionam, a oficialidade do português nos países dos mesmos não é condição para que eles o falem, já que não é uma língua veicular em suas sociedades de origem (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, parte VI).

³² O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), administrado pelo Ministério da Educação e pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, oferece, a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico – sobretudo da América Latina e África – , a oportunidade de realizar seus estudos de graduação em instituições de ensino superior brasileiras. Confira <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/PECG.php> [Acesso em: 15 mar. 2015].

O nível de conhecimento do português foi verificado através de um teste aplicado a sete alunos de graduação da USP, sendo um proveniente de Cabo Verde e os demais de Guiné-Bissau.³³ O teste contempla as habilidades de compreensão e de produção oral e escrita, tendo como ponto de referência a gramática da norma padrão do PB, e compreende cinco atividades: (I) entrevista; (II) compreensão de áudio; (III) compreensão de um texto escrito e um informativo; (IV) teste de gramática; (V) elaboração de um texto escrito.³⁴ As respostas obtidas na aplicação do teste constituíram o *corpus* de análise dos já referidos autores – ver Oliveira e Romão (2011).

Nos testes de compreensão de áudio (Atividade II) e de compreensão de um texto escrito e de um informativo (Atividade III), todos os entrevistados tiveram um desempenho satisfatório, segundo os pesquisadores. Com relação a essa última atividade, Oliveira e Romão (2011) acreditam que o desempenho verificado esteja relacionado ao fato de os textos de referência terem sido utilizados do início ao fim da atividade e, portanto, as informações requeridas podiam ser consultadas no texto a qualquer momento (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 1-2).

Para identificar e classificar os principais componentes da competência linguística dos participantes, os dados dos testes de compreensão de áudio (Atividade II), de gramática

³³ O tempo de residência dos participantes no Brasil variava entre um e três anos. Dois dos participantes são do sexo feminino e os outros cinco, do sexo masculino, e suas idades variavam entre 21 e 26 anos. Segundo os autores, todos os participantes do teste relataram que tinham o crioulo como língua materna: crioulo de Guiné-Bissau para aqueles advindos de Guiné-Bissau e crioulo de Cabo-Verde para aqueles advindos de Cabo-Verde. Alguns informaram ainda que, além do crioulo, utilizavam também uma língua étnica. O processo de aprendizado do português desses alunos se deu entre os 7 e os 11 anos de idade e, portanto, sua aquisição se deu como segunda língua, conforme mencionam os autores (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, parte I).

³⁴ As atividades foram baseadas nos Testes de Diagnósticos desenvolvidos pelo grupo lusitano de Língua e Diversidade Linguística do Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC) e adaptados para alunos universitários. São elas: (a) *Atividade I (Entrevista)* – a atividade consiste em um diálogo entre o aluno e o avaliador com base em questões a respeito do tema “futebol”; (b) *Atividade II (Compreensão de áudio)* – os alunos escutam um áudio sobre a tradição culinária brasileira e, em seguida, recebem um questionário com cinco questões (duas objetivas e três discursivas) que devem responder conforme as informações do áudio; (c) *Atividade III (Compreensão de um texto escrito e de um informativo)* – esta atividade consiste na leitura de um pequeno texto escrito de linguagem simples, seguido de um questionário com 5 perguntas objetivas acerca do seu conteúdo. Em seguida, deve ser feita a leitura do texto informativo e deve-se assinalar “V” para questões verdadeiras ou “F” para questões falsas de acordo com o texto; (d) *Atividade IV (Teste de gramática)* – o teste gramatical está dividido em quatro partes: formas verbais; pronomes interrogativos; pronomes clíticos; discurso indireto; (e) *Atividade V (Elaboração de um texto escrito)* – o aluno deve escrever um e-mail para algum amigo do seu país de origem, convidando-o para passar alguns dias aqui no Brasil (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, Anexo I).

(Atividade IV) e de elaboração de um texto escrito (Atividade V) foram divididos em três níveis a serem analisados: nível léxico-semântico, nível ortográfico e nível gramatical (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3).

Com relação à competência léxico-semântica, os participantes apresentaram, de forma geral, um bom desempenho na utilização dos vocábulos, devido ao fato de esse nível ser uma das primeiras competências adquiridas no processo de aquisição de uma língua segundo os autores. A dificuldade percebida nas tarefas relacionava-se, porém, segundo Oliveira e Romão (2011), à organização dos termos, o que comprometia a semântica das sentenças (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.1).

No que se refere à competência ortográfica, as especificidades levantadas por Oliveira e Romão (2011) quanto à grafia e à acentuação de palavras compreendem: (i) fatores fonéticos e fonológicos (*asucar, alhio, sebola, shoppim, con, ten, parqui, ti, sutaque, i, exprementar, pementa, visitar*); (ii) hipercorreções (*aquê, porqué, portugueses, talvez, véz*); (iii) desvios não sistemáticos (*proximo, voce, delicias, ferias, indigena, lingua, otima*); e (iv) idiosincrasias (*festegiar, preparar, zolologia*).³⁵ Segundo os autores, uma das motivações para alguns dos fenômenos atestados deve-se ao fato de o mesmo grafema representar vários segmentos fonéticos no português, exigindo um maior contato com a língua escrita e capacidade de memorização no processo de aprendizagem (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.2). O que podemos notar, a partir das ocorrências atestadas pelos autores referentes à ortografia, é que essas não são em nada diferentes dos erros cometidos por brasileiros durante e após a aquisição da escrita do português; o mesmo pode ser dito quanto a fenômenos envolvendo a pontuação.

A pontuação foi o aspecto mais relevante na produção escrita dos alunos, segundo o estudo, equivalendo a 38,75% das divergências levantadas na atividade de elaboração de texto. Os autores acreditam que as ocorrências envolvendo pontuação são indícios do pouco contato de seus informantes com a língua escrita. Entre as ocorrências apresentadas por

³⁵ Oliveira e Romão (2011, seção 3.2) atestam 61 casos relacionados à ortografia: (i) fatores fonéticos: 22 ocorrências (36%); (ii) fatores fonológicos: 17 ocorrências (28%); (iii) hipercorreções: 5 ocorrências (8%); (iv) erros não sistemáticos: 13 ocorrências (21%); (v) idiosincrasias: 4 ocorrências (7%).

Oliveira e Romão (2011), destacam-se: (i) a ausência de ponto de interrogação em interrogativas diretas (5a), mas, por outro lado, a presença de ponto de interrogação em interrogativas indiretas (5b); (ii) a inserção de vírgula depois de conjunção adversativa ou conclusiva que não estava deslocada (5c); (iii) a ausência de vírgula quando há algum termo deslocado separando sujeito e verbo (5d); e (iv) a ausência de vírgula isolando vocativo dos demais integrantes da oração (5e) ou isolando adjunto adverbial antecipado (5f) – (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.3.2.6.4).

- (5) a. Boa tarde mãe tudo bem com vocês ³⁶
b. Gostaria de perguntar sobre sua vida e de seus estudos? ³⁷
c. estamos longe fisicamente, mas, estamos perto espiritualmente. ³⁸
d. Eu graça a Deus estou a melhorando ³⁹
e. Ai mãe te adoro muito! ⁴⁰
f. No final de semana tem um barzinho próxima da minha casa ⁴¹

A respeito da competência gramatical, foram verificados desvios em relação à norma padrão do PB quanto à escolha dos tempos verbais mais adequados a serem utilizados nas frases propostas no teste de gramática.⁴² Além disso, também foram encontradas ocorrências, no teste de elaboração de um texto escrito, que comprometeram a coesão e a coerência textuais; ocorrências essas que envolvem: artigos, concordância nominal,

³⁶ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.6.2), dado (15b) renumerado.

³⁷ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.6.1), dado (14a) renumerado.

³⁸ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.6.1), dado (12a) renumerado.

³⁹ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.6.4), dado (17a) renumerado.

⁴⁰ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.6.4), dado (18b) renumerado.

⁴¹ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.6.4), dado (19a) renumerado.

⁴² A média de acerto no teste de gramática foi de 60.56% e somente dois dos sete entrevistados obtiveram notas superiores a 70% (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.3.1).

concordância verbal, crase, pontuação,⁴³ conjunção e regência verbal (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.3.2).⁴⁴

Para os três primeiros casos de ocorrências que afetam a coesão e a coerência textual (artigos, concordância nominal e concordância verbal), os autores buscam explicações na transferência de traços linguísticos da língua materna dos falantes ao português. As sentenças de (6) a (8) exemplificam tais casos.

- (6) *a.* sabe (a) situação como que é né?⁴⁵
b. e conhecer (um) pouca de cultura brasileira⁴⁶
- (7) *c.* eu terei también un mês de **féria**⁴⁷
d. lugares **maravilhoso**⁴⁸
- (8) *a.* Espero que um dia **estaremos** junto aqui no Brasil⁴⁹
b. Contudo, não pensa que esqueci de aquilo nós passamos desde **somos** ainda crianças⁵⁰

Em (6), verifica-se o não emprego dos artigos, podendo este fenômeno estar relacionado ao fato de o crioulo não possuir a categoria artigo;⁵¹ portanto, o aprendizado

⁴³ Apresentamos os casos de pontuação no parágrafo anterior.

⁴⁴ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2) atestam 80 ocorrências: (i) artigos: 2 ocorrências (2.5%); (ii) concordância nominal: 12 ocorrências (15%); (iii) concordância verbal: 17 ocorrências (21.25%); (iv) conjunção: 7 ocorrências (8.75%); (v) crase: 1 ocorrência (1.25%); (vi) pontuação: 31 ocorrências (38.75%); e (vii) regência verbal: 10 ocorrências (12.5%) (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.3.2).

⁴⁵ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.1), dado (4a) renumerado. O artigo omitido é indicado entre parênteses pelos autores.

⁴⁶ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.1), dado (4b) renumerado. O artigo omitido é indicado entre parênteses pelos autores.

⁴⁷ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.2), dado (5c) renumerado.

⁴⁸ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.2), dado (5d) renumerado.

⁴⁹ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.3), dado (6a) renumerado.

⁵⁰ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.3), dado (7a) renumerado.

dessa categoria (somada à não existência de marcação de gênero nessa língua) torna mais complexo o processo de aprendizado de construções que envolvam artigos no português (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.3.2.1). Já em (7), a não pluralização de substantivos e adjetivos pode advir da marcação de pluralidade não redundante no crioulo: nessa língua, normalmente o substantivo não recebe a flexão de plural caso haja um determinante já contendo pluralidade (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.3.2.2). E em (8), o emprego de outras flexões verbais em substituição às flexões do subjuntivo (8a) e do passado (8b), esperadas, respectivamente, nos verbos destacados, pode ser decorrente da não existência, no crioulo, de flexão verbal como existe no português, já que as noções de tempo, modo e aspecto são expressas pela presença ou ausência de morfemas livres antepostos ao verbo nessa língua (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.3.2.3).

Com relação à regência verbal e às conjunções, os autores identificam frases em que não foram empregadas as proposições exigidas pelo verbo (9a) ou que foram empregadas sem serem exigidas pelos verbos (9b) (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.3.2.7), assim como identificam sentenças que não empregam as conjunções (10) conforme a norma padrão do PB (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.3.2.4).

- (9) a. Gostaria (de) lhe convidar passar alguns dias juntos aqui no Brasil ⁵²
b. Gostaria de perguntar sobre sua vida e **de** seus estudos? ⁵³
- (10) a. só que vais gostar tanto (quanto) eu ⁵⁴
b. desde (que) deixei o país, esqueci de aquilo nós passamos desde (que) somos ainda crianças ⁵⁵

⁵¹ Quando é necessário especificar um nome, o crioulo guineense pode recorrer ao uso dos demonstrativos (COUTO, 1994).

⁵² Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.7), dado (21b) renumerado, item omitido entre parênteses nosso.

⁵³ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.7), dado (22a) renumerado.

⁵⁴ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.4), dado (9a) renumerado, item omitido entre parênteses nosso.

⁵⁵ Oliveira e Romão (2011, seção 3.3.2.4), dado (9b) renumerado, item omitido entre parênteses nosso.

Através das entrevistas gravadas (Atividade I), os autores observaram elementos gramaticais que ratificam os fenômenos e encontrados nas demais atividades e que não são previstos pela norma padrão do PB, como o não emprego de artigos e de preposições exigidas pelo verbo e a ausência de concordância de número e de gênero no sintagma nominal (OLIVEIRA; ROMÃO, 2011, seção 3.3.3).

Por fim, retomando o que foi dito no início desta seção, ressaltamos que o estudo de Oliveira e Romão (2011) centra-se em um teste de gramática referente ao conhecimento das normas gramaticais padrão do PB. Consequentemente, não foram consideradas variedades vernaculares do PB que poderiam potencialmente apresentar características comuns com as ocorrências levantadas pelos autores nas produções de seus informantes. Como mencionado pelos autores, um dos objetivos desse estudo era trazer contribuições para as metodologias de ensino do português como língua não materna e, portanto, consideramos que o foco do estudo na norma padrão do PB se justifica na medida em que é essa a norma exigida no meio acadêmico em que esses alunos estão inseridos. Semelhanças entre as produções desses informantes e produções em variedades não padrão do PB são abordadas, porém, no estudo de Romão (2012), apresentado na seção 2.2.4.

2.2.3 Fonseca (2012)

Fonseca (2012) investiga especificidades da referência nominal em narrativas escritas por professores guineenses que lecionam língua portuguesa em escolas do ensino básico e secundário nas cidades de Bissau e Quinhamel na Guiné-Bissau. Nesse estudo, a autora realiza comparações de dados do PGB obtidos por ela com a variedade padrão do PE, além de cotejá-los com os resultados do estudo de Gonçalves (1996) a respeito do português falado em Maputo (Moçambique).

A autora verifica que o emprego dos artigos é variável, sendo percebidas a não realização dos artigos definido e indefinido e a substituição do artigo indefinido pelo definido, em circunstâncias que geralmente não correspondem à norma do PE (FONSECA,

2012, p. 88). As sentenças em (11) e (12) exemplificam a variação do emprego dos artigos observada pela autora.

(11) Ausência de artigo definido ⁵⁶

- a. 'Lebre aceitou e quando chegou o dia marcado, foram os dois.'
- b. 'Homem valente chamava todos os moradores da vila.'

(12) Ausência do artigo indefinido ou substituição deste pelo definido ⁵⁷

- a. 'Era uma vez lobo convidado o seu amigo lebre, para acompanhar-lhe assistir uma casamento do seu íntimo amigo, que era rei de uma região chamado Pandim.'
- b. 'Era uma vez, a mosca, o mosquito e homem da cabeça grande.'
- c. 'Assim continuavam o seu trabalho, ganhando as experiências, logo passava a apanhar quantidade de peixes que bastecia toda a tabanca e tornou-se grande pescador.'

Nas sentenças em (11), por exemplo, conforme explicado por Fonseca (2012, p. 73-74), não há a realização do artigo definido precedendo os sintagmas nominais “lebre” e “homem valente” que definem os protagonistas já referidos na narrativa. Por sua vez, na sentença em (12a), que introduz a personagem “lobo” na narrativa, não há o emprego de um artigo que, “na perspectiva do PE, é usual recorrer ao uso do indefinido, especialmente quando a narrativa tem início com a abertura no pretérito imperfeito” (FONSECA, 2012, p. 74). Por outro lado, nesse mesmo contexto, há também ocorrências em que o artigo definido é empregado concomitantemente com o seu não emprego, como se vê nos sintagmas em destaque em (12b). Já em (12c), nota-se a não realização do artigo indefinido no sintagma “grande pescador”, o qual ocorreria, nesse contexto, no PE, conforme a gramática padrão dessa variedade.

⁵⁶ Fonseca (2012, p. 73), dados (20) e (21) renumerados.

⁵⁷ Fonseca (2012, p. 73-74), dados (23), (25) e (24) renumerados.

Embora o objetivo de Fonseca (2012) seja analisar a referência nominal de protagonistas nas narrativas, a autora dedica uma parte do estudo a outras características linguísticas encontradas em seus dados, verificando as semelhanças entre seus dados do PGB e os dados do português moçambicano de Gonçalves (1996), em oposição ao PE. Entre as características encontradas por Fonseca (2012), verifica-se que verbos que selecionam um sintagma preposicional no PE tendem a selecionar um sintagma nominal no PGB (FONSECA, 2012, p. 51).

Assim, nos exemplos em (13), extraídos do estudo de Fonseca, os complementos “o pôr-do-sol” e “o filho” dos verbos das sentenças, que são antecidos pela preposição “a” na gramática do PE, ocorrem sem a realização da preposição no PGB. Essa mesma particularidade quanto à seleção argumental do verbo pode também ser atestada no português de Moçambique, segundo a autora (FONSECA, 2012, p. 53).⁵⁸

- (13) a. ‘No caminho disse para que não devia ficar até o pôr-do-sol.’ (...ao pôr-do-sol)⁵⁹
b. ‘Quando chegaram ao lugar onde ele comia a sua [#] mãe ficou admirada, daí começou a agradecer o filho.’ (...ao filho)⁶⁰

Além disso, Fonseca (2012, p. 59-61) verifica que, assim como encontrado por Gonçalves (1996) no português moçambicano, há a ocorrência, no PGB, do encaixamento precedido por preposição (especialmente “para” e “de”) das orações completivas dominadas por sintagma verbal (exemplo 14).

⁵⁸ As sentenças em (13) também ocorrem no PB.

⁵⁹ Fonseca (2012, p. 53), dado (1) renumerado.

⁶⁰ Fonseca (2012, p. 53), dado (2) renumerado.

- (14) a. 'No caminho disse **para que** não devia ficar até o pôr-do-sol para não dar de cara com o lobo.'⁶¹
- b. 'E o lobo marcou a lebre **de que** vão encontrar para semana.'⁶²
- c. 'Disse logo ao amigo lebre **de que** nós mesmo que encontramos poço com água ninguém bebe'⁶³

Segundo Fonseca (2012, p. 61), semelhantemente ao que ocorre no português moçambicano, a seleção das preposições é determinada possivelmente pela semântica do verbo da oração matriz no PGB: “para” precede afirmações e verbos relacionados com obrigação/dever, conforme se vê em (14a), e “de” precede declarativas simples, conforme as sentenças (14b) e (14c).

Outras características observadas por Fonseca (2012) em seus dados foram o emprego do pronome clítico “lhe”, objeto indireto no PE, em posição acusativa (exemplo 15a) e o emprego variável (ausência ou presença) dos clíticos reflexivos (exemplo 15b).⁶⁴ Tais características, segundo a autora, também são propriedades observadas no português moçambicano por Gonçalves (1996) e que se diferem das propriedades do PE (FONSECA, 2012, p. 54-58).

- (15) a. 'Depois os moradores carregou-lhe a cabeça.' (...carregaram-no à cabeça)⁶⁵
- b. 'Como não divertia com as pessoas não tinha amigos nem namorada.' (...não se divertia)⁶⁶

Por fim, segundo Fonseca (2012), os fenômenos observados em seus dados do PGB não são regulares entre os informantes (sendo uns mais próximos da norma do PE do que

⁶¹ Fonseca (2012, p. 61), dado (16) renumerado, destaque nosso.

⁶² Fonseca (2012, p. 61), dado (17) renumerado, destaque nosso.

⁶³ Fonseca (2012, p. 61), dado (18) renumerado, destaque nosso.

⁶⁴ Essas características também são possíveis em algumas variedades vernaculares do PB.

⁶⁵ Fonseca (2012, p. 54), dado (6), renumerado.

⁶⁶ Fonseca (2012, p. 58), dado (13), renumerado. O item entre parênteses é nosso.

outros), o que a levou a considerar a possibilidade de tais fenômenos serem decorrentes ou do processo de aquisição do português ou, por outro lado, da interferência das línguas maternas (crioulo/línguas étnicas) nas produções de seus informantes. A autora não descarta também a possibilidade de se tratar de uma variedade de português em formação. Tais questões, porém, são deixadas em aberto – ver Fonseca (2012, p. 89).

2.2.4 Romão (2012)

Dando continuidade aos estudos empreendidos anteriormente por Oliveira e Romão (2011) com alunos de graduação da Universidade de São Paulo (USP) oriundos dos PALOP e vindos ao Brasil através do PEC-G,⁶⁷ o estudo de Romão (2012) também objetiva avaliar o nível de conhecimento de português desses alunos em relação à norma culta do PB, porém, restringindo a análise (qualitativa) dos aspectos gramaticais e discursivos à produção escrita.

O *corpus* empregado por Romão (2012) nesse estudo consiste de 15 redações⁶⁸ realizadas em um curso de língua portuguesa, promovido pelo Centro de Línguas da USP, e que foram produzidas por oito alunos guineenses de graduação dessa mesma universidade e frequentadores de tal curso.⁶⁹

Romão (2012) organiza as ocorrências encontradas no *corpus* (isto é, aspectos gramaticais que se diferem da gramática do PB padrão) em quatro domínios (a saber, a concordância nominal, a concordância verbal, a regência verbal e a pontuação), além de também fazer um levantamento de marcadores discursivos.

Assim como Oliveira e Romão (2011), Romão (2012) relaciona os fenômenos de concordância nominal e verbal encontrados nos dados a transferências de traços do sistema

⁶⁷ Para o PEC-G, confira a nota 32.

⁶⁸ "A proposta das redações era a constituição de um texto dissertativo, com temáticas diversificadas: em três textos, devia-se se pautar num conto do escritor Nelson Rodrigues; cinco textos discorriam sobre a viagem de Hans Staden ao Brasil no século XVI; dos demais textos esperava-se um relato autobiográfico" (ROMÃO, 2012, parte IV).

⁶⁹ Três informantes são do sexo feminino e os outros cinco, do sexo masculino e suas idades variavam entre 20 e 26 anos.

linguístico da língua materna dos alunos guineenses ao português falado por eles. Entretanto, o autor ainda aponta para explicações advindas também da gramática do próprio português para os fenômenos, conforme abordamos adiante.

Com relação à concordância nominal, foram encontradas sentenças em que certos elementos do sintagma nominal não seguem a marcação de plural que consta em seu núcleo (16a) e sentenças em que os predicativos não concordam em número com o sujeito plural da oração (16b).

- (16) a. Nas décadas **passada** (passadas)⁷⁰
b. Os amantes não são muito **confiável** (confiáveis)⁷¹

Romão (2012) aponta, na explicação desses fenômenos, para o fato de o crioulo não possuir pluralidade redundante (ou seja, em todos os elementos do sintagma nominal) (ver COUTO, 1994, p. 89-99) e, portanto, a ausência de marca de plural redundante se configura como uma associação feita pelo indivíduo de seu sistema linguístico com o novo sistema ao qual está exposto. O autor ainda aponta para a possibilidade de essas ocorrências serem resultado das condições de aprendizagem desses alunos, que consolidam seu conhecimento da língua portuguesa, na maior parte das vezes, em um contexto informal, isto é, nas interações cotidianas com falantes nativos do PB: diversas pesquisas, como as de Scherre (1994, 1997), têm mostrado que a concordância de número plural no português falado no Brasil é um fenômeno de natureza variável, visto que apresenta tanto a presença quanto a ausência de marcas redundantes (ROMÃO, 2012, seção 1.1).

Ademais, o autor identificou casos de não concordância de gênero entre substantivos e adjetivos (17a), entre numerais/artigos e substantivos (17b), entre pronomes indefinidos e seu substantivo (17c) e entre o particípio e o substantivo ao qual se refere (17d).

⁷⁰ Romão (2012, seção 1.1), dado (1b) renumerado.

⁷¹ Romão (2012, seção 1.1), dado (1e) renumerado.

- (17) a. amor **falsa** (falso) ⁷²
b. **um** irmã (uma) ⁷³
c. **outro** tribo (outra tribo) ⁷⁴
d. a celebre frase **usado** no contexto social (usada) ⁷⁵

Romão (2012) acredita que a ausência da marca de gênero em tais ocorrências esteja relacionada à configuração da língua materna dos alunos guineenses de seu estudo, na qual a expressão de gênero é conferida apenas lexicalmente, não havendo flexão de gênero. Assim, no processo de aprendizagem do português, segundo o autor, o falante de crioulo deve lidar com categorias inexistentes no seu sistema linguístico e memorizar o gênero de cada vocábulo do português (ROMÃO, 2012, seção 1.2).

Com relação à concordância verbal, Romão (2012) considera que a não existência de concordância entre verbo e o sujeito em número e pessoa em sentenças como em (18) pode ser motivada tanto pelo contato do aluno com o português falado quanto por transferências de sua língua materna. No primeiro caso, a característica advém do contato com falantes nativos do PB que utilizam variantes linguísticas nas quais a concordância verbal de número é variável (LEMLE; NARO, 1977; GRACIOSA, 1991; SCHERRE, 1997; entre outros). No segundo caso, a motivação deriva do fato de não haver concordância entre sujeito e verbo no crioulo, visto que não há flexão verbal no crioulo (COUTO, 1994, p. 91-94); assim, independente da pessoa e do número do sujeito, a forma do verbo se mantém invariável nessa língua (ROMÃO, 2012, seção 2.1).

⁷² Romão (2012, seção 1.2), dado (2a) renumerado.

⁷³ Romão (2012, seção 1.2), dado (3a) renumerado.

⁷⁴ Romão (2012, seção 1.2), dado (4a) renumerado.

⁷⁵ Romão (2012, seção 1.2), dado (5b) renumerado.

- (18) a. eles **foi salvo** (foram salvos) ⁷⁶
 b. os tupinambás ... **tinha ido** (tinham ido) ⁷⁷
 f. os franceis **fui** (franceses foram) ⁷⁸

Além disso, Romão (2012) associa o emprego das flexões verbais em sentenças como em (19) à dificuldade dos alunos guineenses em assimilar categorias linguísticas até então desconhecidas, já que, como visto, a expressão de tempo, modo e aspecto no crioulo guineense não se dá por meio de flexões, mas é geralmente marcada pela ausência ou presença de morfemas livres junto ao verbo (COUTO, 1994, p. 91-94). Contudo, apesar de algumas sentenças serem consideradas agramaticais por falantes nativos do PB – exemplo (19a) –, outras são possíveis de serem realizadas pelos mesmos (cf. AMADO; RODRIGUES, 2010; entre outros) – exemplos (19b-d) –, segundo o autor (ROMÃO, 2012, seção 2.2).

- (19) a. após **fizer** graduação no curso de Letras... (fazer) ⁷⁹
 b. embora me **parece** que **vai** demorar um pouco... (pareça, vá) ⁸⁰
 c. para que eu consiga realizar o que eu **queira** nos meus sonhos (quiser) ⁸¹
 d. espero que essas dificuldades **passassem** (passem) ⁸²

Já em relação à regência verbal, Romão (2012) atribui as especificidades vistas em (20) ao fato de a transitividade ser um fenômeno complexo, uma vez que o mesmo verbo pode ser concebido como transitivo ou intransitivo, de acordo com fatores tais como o contexto, a pragmática e as inovações linguísticas (ROMÃO, 2012, seção 3).

⁷⁶ Romão (2012, seção 2.1), dado (6a) renumerado.

⁷⁷ Romão (2012, seção 2.1), dado (6b) renumerado.

⁷⁸ Romão (2012, seção 2.1), dado (6f) renumerado.

⁷⁹ Romão (2012, seção 2.2), dado (8g) renumerado.

⁸⁰ Romão (2012, seção 2.2), dado (7e) renumerado.

⁸¹ Romão (2012, seção 2.2), dado (8b) renumerado.

⁸² Romão (2012, seção 2.2), dado (8d) renumerado.

- (20) a. por último **ele apaixonou** pela Rosinha (ele se apaixonou)⁸³
 b. eles **comesaram escravejar** (começaram a escravizar)⁸⁴
 c. **Pensei de** desistir... (Pensei em)⁸⁵
 d. ele **começou casar** os tupiniquins (começou a caçar)⁸⁶

No que tange à pontuação, assim como para Oliveira e Romão (2011), para Romão (2012), os desvios quanto à norma padrão escrita do português se deve ao fato de, ao contrário do Brasil com o português, na Guiné-Bissau, a língua veicular do país, o crioulo, é tradicionalmente oral e não possui uma grafia oficial. Portanto, além de um sistema linguístico diferente, o aluno deve se apropriar de um sistema de escrita (ROMÃO, 2012, seção 4). Com relação ao emprego da pontuação pelos alunos guineenses, Romão (2012) destaca as seguintes ocorrências peculiares: o emprego do ponto final separando constituintes da mesma sentença (21a), a troca do ponto de interrogação pelo ponto de exclamação (21b), o não emprego do ponto de interrogação (21c) e a não inserção da vírgula (21d):

- (21) a. *...como é o caso da Jandira. Que já tinha noivo...* (como é o caso da Jandira, que já tinha noivo)⁸⁷
 b. *Dessa forma, como é que podemos convencer que ainda existe o amor!*
 (Dessa forma, como é que podemos convencer que ainda existe o amor?)⁸⁸
 c. *Afinal onde é que vamos parar, se cada dia os homens se matam por dinheiro.*
 (?).⁸⁹
 d. *...cada um por si (,) Deus por todos*⁹⁰

⁸³ Romão (2012, seção 3), dado (10a) renumerado.

⁸⁴ Romão (2012, seção 3), dado (10b) renumerado.

⁸⁵ Romão (2012, seção 3), dado (10c) renumerado.

⁸⁶ Romão (2012, seção 3), dado (10e) renumerado.

⁸⁷ Romão (2012, seção 4), dado (11a) renumerado.

⁸⁸ Romão (2012, seção 4), dado (12a) renumerado.

⁸⁹ Romão (2012, seção 4), dado (13a) renumerado.

⁹⁰ Romão (2012, seção 4), dado (14b) renumerado.

Novamente, assim como observamos para o estudo de Oliveira e Romão (2011), essas ocorrências referentes ao uso da pontuação também são encontradas nas produções de brasileiros falantes nativos do PB no processo de aquisição da escrita, sendo que a sua adequação à norma depende do nível de contato com a língua escrita.

Por fim, Romão (2012) encontra diversos marcadores discursivos⁹¹ nas produções textuais analisadas, exercendo diferentes funções ao longo dos textos. No geral, o autor identifica poucos *marcadores para iniciar o tópico* (exemplo 22) – caracterizadores do início ou da tomada do discurso/tema abordado –, pois a maioria dos textos é iniciada sem uma prévia preparação discursiva (ROMÃO, 2012, seção 5.1).

(22) **Para me posicionar**, aliás defender a intenção do texto, o que entendi de tudo que li no texto, é seguinte:⁹²

A maior parte dos marcadores encontrados no *corpus* tem a função de manter o turno, de articular as partes do texto, desempenhando a função de conectores com variadas finalidades; trata-se, assim, de *marcadores para encadear o tópico* (ROMÃO, 2012, seção 5.2). Como marcadores para encadear o tópico *com sentido de adição*, foram encontrados os itens “*e, ao acrescentar, além disso, além do mais, ai e então*”, que estabeleciam a ideia de soma com as sentenças anteriores. Esses marcadores servem como encadeadores do discurso, expressando a ideia de continuidade dos argumentos apresentados no texto, aproximando muito a escrita da linguagem coloquial (cf. exemplo 23).

⁹¹ “Os marcadores discursivos são expressões que estabelecem algum tipo de relação entre sentenças, bem como entre os interlocutores; são mecanismos que atuam na construção do discurso, podendo desempenhar tanto uma função sintática quanto conversacional (Urbano 1999[2003]: 85-90)” (ROMÃO, 2012, seção 5).

⁹² Romão (2012, seção 5.1), dado (15b) renumerado.

- (23) a. ...**e** tupiniquim queria so comer pessoa que tem maior importância que eles tinha no momento **e** de repente saíram um tupiniquim para boscar carne para um chefe **e** tava demorando **e** ou sairão para boscar **e** tupinambá pegarão ele **e** deixarão lá...⁹³
- b. **Ai** ele comesou casar os tupiniquins e matarão cada um que conseguiu pegar...⁹⁴

Foram encontrados também *marcadores com sentido de contraste*, que indicam oposição aos argumentos anteriores (24a), *marcadores com sentido de explicação*, que introduzem uma justificativa a uma ideia expressa (24b), além de *marcadores para finalizar o texto* (24).

- (24) a. **Mas** a sociedade atual se pauta para triangularizar o relacionamento.⁹⁵
- b. ...**tudo porque** acreditam que será de ajuda para eles.⁹⁶
- c. **Portanto, por isso** que neguei categoricamente verissidade desta história.⁹⁷

Para Romão (2012), os marcadores discursivos presentes nos textos dos alunos guineenses evidenciam a relação entre escrita e oralidade: uma vez que o contato com o português se dá, por vezes, por meio de interações orais com falantes nativos, esse contato acaba influenciando a produção textual, visto que o aluno se expressa pela escrita da mesma forma que faz oralmente (ROMÃO, 2012, seção 5.2.1). Além disso, o reconhecimento dos marcadores como mecanismos de estruturação textual mostra um nível elevado de conhecimento do português, segundo o autor, uma vez que consolidam mecanismos complexos em uma análise pragmática (ROMÃO, 2012, seção 5.4).

Assim, com a realização desse estudo, Romão (2012) pôde verificar que o repertório linguístico utilizado pelos guineenses falantes de português pode ter motivações

⁹³ Romão (2012, seção 5.2.1), dado (16b) renumerado.

⁹⁴ Romão (2012, seção 5.2.1), dado (16f) renumerado.

⁹⁵ Romão (2012, seção 5.2.2), dado (17a) renumerado.

⁹⁶ Romão (2012, seção 5.2.3), dado (18h) renumerado.

⁹⁷ Romão (2012, seção 5.3), dado (17e) renumerado.

relacionadas à apropriação das variantes de português utilizadas pelos falantes nativos do português brasileiro ou à transferência de traços da língua materna. Ao adquirirem o português brasileiro pela linguagem cotidiana, os alunos selecionam a variedade linguística correspondente a essa circunstância. Desse modo, desvios da norma padrão, mas que são encontrados nas variantes vernaculares do PB (ausência de concordância de número plural em sintagmas nominais e verbais, por exemplo), acabam por serem incorporadas pelo aprendiz, já que são utilizadas pelos falantes nativos do PB. Por outro lado, outros desvios que são considerados agramaticais pelos falantes nativos do PB (como, por exemplo, a ausência de concordância de gênero em sintagmas nominais) podem estar relacionados às características do sistema linguístico da língua materna dos alunos, segundo o autor⁹⁸ (ROMÃO, 2012, seção 5).

2.2.5 Canelas (2013)

Partido da afirmação de Couto e Embaló (2010) a respeito da divergência de ritmo entre o PGB e o PB, o estudo de Canelas (2013) procura investigar se tal diferença pode se refletir ou não na aplicação da haplologia sintática (processo segmental relacionado à implementação rítmica).⁹⁹

Assim, Canelas (2013) investiga o fenômeno da haplologia sintática no PGB, comparando o comportamento desse processo fonológico com os resultados obtidos por outros estudos sobre a aplicação de tal fenômeno no PB (ALKIMIN; GOMES, 1982; TENANI, 2002, 2003, 2006a, 2006b; BATTISTI, 2005; PAVEZI, 2006).

Para sua investigação, Canelas (2013) realizou a adaptação, para o PGB, do *corpus* de Tenani (2002), elaborado para a investigação da haplologia sintática no PB. Os dados de análise foram, então, obtidos através da gravação da leitura das 27 sentenças do *corpus* por

⁹⁸ No entanto, há estudos que atestam concordância variável de gênero em variedades vernaculares do PB (LUCCHESI, 2000; BONVINI, 2000; HOLM, 2009; entre outros), bem como em outras variedades africanas de português, como a angolana (INVERNO, 2005; entre outros).

⁹⁹ A haplologia sintática é um processo de sândi no qual ocorre o apagamento total de uma de duas sílabas adjacentes em fronteira de palavras, como, por exemplo, em “caldo de cana → cal de cana”.

dois guineenses falantes do PGB, totalizando-se, assim, um conjunto de 108 sentenças (27 sentenças x 2 falantes x 2 repetições) (CANELAS, 2013, seção 2).

A partir da análise dos dados, a autora verifica que a haplologia sintática aplicou-se em 27 das 108 sentenças do *corpus* (25% dos dados), havendo ampla semelhança entre as ocorrências desse fenômeno entre seus dois informantes (CANELAS, 2013, seção 3).

Com relação à estrutura prosódica, a haplologia sintática ocorre com maior frequência entre sintagmas fonológicos (PhP) e, majoritariamente, dentro desse domínio prosódico¹⁰⁰ nos dados da autora. Em fronteiras de sintagmas entoacionais (IP) e de enunciados fonológicos (U) há menor probabilidade de ocorrência da haplologia no PGB, assim como foi atestado por Tenani (2002) para o PB.

Canelas (2013) ainda menciona que, devido ao fato de todas as sentenças do *corpus* de ambos os falantes envolverem a realização de pausas entre fronteiras de IP e U, não foi possível determinar, com segurança, o domínio prosódico de aplicação desse fenômeno no PGB: a haplologia é inibida pela presença de pausa, uma vez que a adjacência entre os segmentos é desfeita e, conseqüentemente, é desfeito o contexto de aplicação do processo fonológico.

Assim, embora PhP seja o domínio de maior aplicação da haplologia sintática, o processo pode também ocorrer entre as fronteiras prosódicas de IP e U, caso não haja pausa delimitando essas fronteiras. Portanto, semelhantemente ao que ocorre no PB (TENANI, 2002), a haplologia sintática não é bloqueada por nenhuma fronteira prosódica nos dados de Canelas (2013). Entretanto, assim como para a variedade brasileira de português (TENANI, 2002), o fenômeno tende a uma menor ocorrência quanto mais alta for a fronteira na hierarquia prosódica.

Além disso, com relação ao contexto segmental (isto é, o tipo de segmento consonantal e vocálico envolvidos no processo fonológico), Canelas (2013) atestou que há uma maior taxa de ocorrência de haplologia sintática em sentenças com a sequência

¹⁰⁰ A respeito dos domínios prosódicos, confira o Capítulo 3, seção 3.2, desta dissertação.

segmental /de+di/ e /de+de/ (100% e 50%, respectivamente) e uma menor taxa de ocorrência do fenômeno em sentenças com /te+di/ ou /te+ti/ (0%) – confira o Quadro 2. Essa característica, segundo a autora, assemelhasse aos resultados obtidos por Tenani (2002) para o PB, os quais revelam que a aplicação da haplologia sintática na variedade brasileira de português está sujeita à qualidade dos segmentos envolvidos,¹⁰¹ além da ordem em que aparecem na sequência: os resultados do experimento de Tenani (2002) indicam que a haplologia sintática não ocorre se a sequência for /ti+di/, mas tende a ocorrer quando for /di+ti/; por outro lado, sequências de sílabas idênticas, /ti+ti/ ou /di+di/, favorecem a aplicação do processo tanto em um mesmo PhP quanto entre PhPs.

¹⁰¹ Assim como Alkimin e Gomes (1982), Tenani (2002) refuta a possibilidade de a haplologia sintática ocorrer com quaisquer consoantes, uma vez que a implementação desse fenômeno é mais propensa a ocorrer em sílabas contendo /t/ e /d/ no PB. Por sua vez, Battisti (2005) verifica que este fenômeno é favorecido em sequências de sílabas com mesma vogal e em que há identidade máxima entre os segmentos, preferencialmente dentro do mesmo PhP. Já Pavezi (2006) atesta que a haplologia sintática abrangendo diversos contextos consonantais, embora afirme que há, de fato, maior frequência de implementação entre sílabas com /t/ e /d/.

Quadro 2. Contexto segmental, estrutura prosódica e aplicação de haplologia sintática (HS) no PGB.

Sentenças	Contexto segmental	Estrutura prosódica	Ocorrência de HS
(I) [Faculdade <u>de</u> Letras] foi vencedora. a. fakulda di letras foɪ vēsɪdore b. fakulda di letras foɪ vēsədore	/de+de/	Mesmo PhP	100 % ✓ ✓
(II) Juventude] [<u>de</u> vários alunos foi decisiva. a. zuvētu di varɪʊzalunos foɪ desɪzive b. zuvētudɪ di varɪʊzalunos foɪ desɪzive	/de+de/	PhP + PhP	50 % ✓ –
(III) [Autoridade <u>tirana</u>] provoca confusão na aldeia. a. auorɪdadɪ tir ne provɔke kɔfuzɛ̃ɔ na aldeɪe b. auorɪda tir ne provɔke kɔfuzɛ̃ɔ na al aldeɪe	/de+ti/	Mesmo PhP	50 % – ✓
(VI) Leite] [<u>tirou</u> a dor de cabeça. a. leɪtɪ tir ou a dor dɪ kabesa b. leɪtɪ tir ou a dor dɪ kabesa	/te+ti/	PhP + PhP	0 % – –
(V) [Leite <u>tirado</u>] diminuiu com a seca. a. leɪtɪ tir adɔ dɪmɪnuɪɔ kɔ̃a seke b. leɪtɪ tir adɔ dɪmɪnuɪɔ kɔ̃a seke	/te+ti/	Mesmo PhP	0 % – –
(IV) Autoridade] [<u>tirou</u> o fato durante a abordagem. a. aɔtorɪdadɪ tir ou ɔ fatɔ durɛ̃tɔ̃a abordazɛ̃ b. aɔtorɪdadɪ tir ou ɔ fatɔ durɛ̃tɔ̃a abordazɛ̃	/de+ti/	PhP + PhP	0 % – –
(VII) [Leite <u>diluído</u>] estragou. a. leɪtɪ di luidɔ ɪstragou b. leɪtɪ di luidɔ ɪstrago	/te+di/	Mesmo PhP	0 % – –
(VIII) Leite] [<u>diminuiu</u> com a seca. a. leɪtɪ di mɪnuɪɔ kɔ̃a seke b. leɪtɪ di mɪnuɪɔ kɔ̃a seke	/te+di/	PhP + PhP	0 % – –

Fonte: Canelas (2013, seção 3), Quadro 2.

Embora o contexto segmental não gere o bloqueio de aplicação da haplologia sintática em PGB, aliado ao contexto de tonicidade, ele pode definir a taxa de ocorrência desse fenômeno.

Sendo assim, Canelas (2013) verifica se o acento na primeira sílaba da sequência sujeita ao processo fonológico acarreta o bloqueio da haplologia sintática em seus dados de PGB, ainda que dentro de um PhP ou entre PhPs (confira o Quadro 3), do mesmo modo que Tenani (2002, 2003) procede com os dados do PB.

Quadro 3. Estrutura rítmica (acento), estrutura prosódica e bloqueio de aplicação de haplologia sintática (HS) no PGB.

Sentenças	Estrutura rítmica	Estrutura prosódica	Ocorrência de HS
(I) [Didi diretor] chegou cedo hoje.	$\sigma' \sigma \# \sigma \sigma$	Mesmo PhP	0 %
a. didi diretor jegõ sedõ õzõ			–
b. didi diretor jegõ sedõ õzõ			–
(II) Didi [ditou regras à polícia.	$\sigma' \sigma \# \sigma' \sigma$	PhP + PhP	0 %
a. didi ditõ rãgrãzã polĩsõ			–
b. didi ditõ rãgrãzã polĩsõ			–

Fontes: Canelas (2013, seção 3), Quadro 3.

O bloqueio da haplologia sintática em PGB também ocorre, segundo Canelas (2013), quando a segunda sílaba da sequência sujeita à haplologia for tônica e não apresentar semelhança vocálica com a primeira sílaba (Quadro 4, item I). Por outro lado, quando o contexto segmental e o contexto de tonicidade forem favoráveis à implementação da haplologia (Quadro 4, itens II e III), constata-se a ocorrência desse fenômeno em 100% dos casos (CANELAS, 2013, seção 3).

Quadro 4. Estrutura rítmica (acento), estrutura prosódica e aplicação de haplologia sintática (HS) no PGB.

	Sentenças	Estrutura rítmica	Estrutura prosódica	Ocorrência de HS
(I)	Autoridade dá regras à polícia. <i>a.</i> aʉtoridadi da regraza poliʃɛ <i>b.</i> aʉtoridadi da regraza poliʃɛ	'σσ # 'σ	PhP + PhP	000 % – –
(II)	Autoridade ditou regras à polícia. <i>a.</i> aʉtorida dɪto regreza poliʃɛ <i>b.</i> aʉtorida dɪto regreza poliʃɛ	'σσ # σ'σ	PhP + PhP	100 % ✓ ✓
(III)	Faculdade diminuiu a verba da limpeza. <i>a.</i> faku:da dɪminuiʉ a verbe da lĩmpeza <i>b.</i> fakulda dɪminuiʉ a verbe da lĩmpeza	'σσ # σσ	PhP + PhP	100 % ✓ ✓

Fontes: Canelas (2013, seção 3), Quadro 4.

Desse modo, através da análise comparativa dos contextos favoráveis à aplicação da haplologia sintática no PGB e no PB, Canelas (2013) constata que a haplologia sintática no PGB, além de ser sensível à estrutura prosódica, uma vez que ocorre com maior probabilidade no nível do PhP, requer estruturas segmentais e rítmicas específicas para sua implementação, assim como acontece em PB (CANELAS, 2013, seção 3).

2.2.6 Horikiri (2013)

Assim como Canelas (2013), Horikiri (2013), partindo da afirmação de Couto e Embaló (2010) sobre a divergência rítmica do PGB em relação ao PB e ao PE, procura investigar se a diferença rítmica entre o PGB e o PB pode se refletir na aplicação ou não dos processos de

sândi vocálico externo.¹⁰² Desse modo, o estudo da autora procura comparar o comportamento desse processo fonológico no PGB com o comportamento de tal fenômeno no PB descrito em estudos prévios (BISOL, 1992, 1993, 1996a, 1996b; TENANI, 2002, 2004a, 2004b, 2006; entre outros).

Para a realização do estudo, Horikiri (2013) fez a adaptação, para o PGB, do *corpus* de Tenani (2002) elaborado para o estudo do sândi vocálico externo no PB. Os dados analisados pela autora foram obtidos, então, a partir da gravação da leitura das 80 sentenças que compõem tal *corpus*, realizada por dois guineenses falantes do PGB, obtendo-se 320 enunciados (80 sentenças x 2 repetições x 2 falantes).

O *corpus* de Tenani (2002), adaptado por Horikiri (2013), contempla as combinações de tonicidade mais frequentes classificadas por Bisol (1993) no estudo do sândi vocálico externo no PB (isto é, combinações de vogais átonas e acentuadas nas primeiras e segundas posições das sílabas candidatas a esse processo fonológico). O Quadro 5 apresenta a classificação seguida por Horikiri (2013) na descrição e análise dos dados do PGB.

¹⁰² O sândi vocálico externo é um fenômeno segmental de cunho rítmico que ocorre em uma sequência de duas vogais em um enunciado e decorre do choque nuclear de picos silábicos. Quando as vogais são idênticas, pode ocorrer um processo de degeminação, se diferentes, pode ocorrer a elisão ou a ditongação (a depender da qualidade das vogais envolvidas) (BISOL, 1992).

Quadro 5. Classificação dos contextos de aplicação de sândi vocálico externo no PGB.

Vogais	Exemplos	Transcrição fonética
(I) 1ª categoria: V átona + V átona		
a + a	laranja amarela	[la' rẽzama'rele]
a + o	laranja holandesa	[la' rẽzolan'deze]
a + u	aluna útil	[a:'lune u'til] ¹⁰³
i + a	sempre as	['sẽmpras]
u + a	o artista	[ʔar'tista]
(II) 2ª categoria: V átona + V acentuada		
a + 'a	aluna árabe	[a:'lu'narabe]
a + 'u	nova ursa	[e'nove 'ursa]
u + 'a	dançarino age	[ʔ'dãsarini'ɲaze]
(III) 3ª categoria: V acentuada + V átona		
'a + a	marajá afoito	[mara'za'foito]
(IV) 4ª categoria: V acentuada + V acentuada		
'a+'a	marajá árabe	[mara'za 'arabe]

Fonte: Horikiri (2013, seção 3.1).

A partir de uma análise preliminar dos dados obtidos por meio dessa classificação, a autora verifica que, assim como no PB, sequências de vogais idênticas dentro de um PhP (exemplo 25) ou entre PhPs (exemplo 26) degeminam.¹⁰⁴

¹⁰³ Segundo Horikiri (2013), a palavra "útil" produzida pelos dois falantes do PGB foi frequentemente percebida, auditivamente, com realização átona da vogal /u/ e com realização tônica da vogal /i/: [u.'til].

¹⁰⁴ Os exemplos (25) e (26) foram organizados a partir da seção 3.1 do estudo de Horikiri (2013).

- (25) No sintagma fonológico:
- | | | |
|----|--|----------------|
| a. | [laranja <u>a</u> marela] _{PhP} | [larẽzamarele] |
| b. | [<u>a</u> aluna] _{PhP} | [a:lune] |
| c. | [<u>a</u> astróloga] _{PhP} | [a:strologe] |
- (26) Entre sintagmas fonológicos:
- | | | |
|----|---|-------------------|
| a. | [artista] _{PhP} [<u>a</u> presentou] _{PhP} | [artistaprezẽtoɥ] |
| b. | [artista] _{PhP} [<u>a</u> ceitou] _{PhP} | [artistaseɣtoɥ] |
| c. | [artista] _{PhP} [<u>a</u> penas] _{PhP} | [artistapenaz] |

Com relação a vogais não idênticas, no PB, segundo Bisol (1993), as vogais /i/ e /u/, quando seguidas de vogais distintas, tornam-se glides e, assim, surgem ditongos crescentes. No PGB, Horikiri (2013) verificou tal ditongação na sequência vocálica /u+a/, como em “artista” [ɥartista]. Entretanto, a autora notou que a maior parte das ocorrências envolvendo a sequência /i+a/ são realizadas com uma elisão da primeira vogal, como, por exemplo, em “sempre as” [sempras] (HORIKIRI, 2013, seção 3.1).

Ademais, diferentemente do PB, em que não há elisão e nem degeminação de /a/ em uma sequência de vogal átona e vogal acentuada (V+‘V) (por exemplo, “casa alta” *[kazalte] e “coma uvas” *[komuvas]), no PGB, há a possibilidade de ocorrer degeminação na sequência vogal átona /a/ + vogal tônica /a/. Horikiri (2013) nota que em “aluna arábe”, por exemplo, há a degeminação da vogal /a/, produzindo-se [a:lunarabe]. Por outro lado, em “nova ursa”, não há elisão de /a/, semelhantemente ao que ocorre no PB.

Horikiri (2013), também observa que, assim como atestado por Bisol (1993) para o PB, o PGB tem a tendência a formar ditongos crescentes nas sequências de vogal alta átona e vogal acentuada (V+‘V), como em “dançarin[ɥa]ge”, e de vogais átonas (V+V) (sendo a primeira vogal alta), como em “pêsseg[u]marelo”.

Outra semelhança observada por Horikiri (2013) entre PB e PGB, quanto à ocorrência do fenômeno de sândi vocálico externo, foi a degeminação de vogais idênticas no

contexto de uma vogal acentuada seguida de uma vogal átona ('V+V), como nos casos de “marajá afoito” e “maracujá azedo”. Além disso, assim como no PB, não ocorre degeminação nem elisão quando há choque de vogais acentuadas no PGB, como em “marajá arábe”.

Baseando-se em Tenani (2002) para a investigação do bloqueio de sândi vocálico externo, Horikiri (2013) ainda classificou os dados de PGB de acordo com a estrutura prosódica relevante para a ocorrência desse processo segmental da seguinte maneira: (a) em um mesmo sintagma fonológico (PhP); (b) entre sintagmas fonológicos (PhP + PhP); (c) entre sintagmas entoacionais (IP + IP); e (d) entre enunciados fonológicos (U + U). Além disso, os dados foram também discriminados por tipo de processo de sândi vocálico externo: degeminação, elisão e ditongação. Os Quadros 6, 7 e 8 apresentam a frequência de ocorrência do sândi vocálico externo no PGB, conforme a classificação proposta por Horikiri (2013).¹⁰⁵

Quadro 6. Degeminação e estrutura prosódica.

Sentença	Estrutura prosódica	Frequência de Degeminação
[A laranja <u>a</u> marela] _{PhP}	Mesmo PhP	100 %
[A aluna <u>a</u> rábe] _{PhP}	Mesmo PhP	075 %
[O artista _{PhP} <u>a</u> presentou] _{PhP}	PhP + PhP	100 %
...[mandou _{PhP} <u>u</u> ma carta] _{PhP} [<u>a</u> cantora] _{PhP}	PhP + PhP + PhP	100 %
[A laranja] _{IP} [<u>a</u> pesar da seca]	IP + IP	050 %
[A aluna] _{IP} [<u>a</u> vida por justiça]	IP + IP	000 %
[Fábio chupou laranja.] _U [Aline comeu gelado]	U + U	025 %

Fonte: Horikiri (2013, seção 3.2), Quadro 1.

¹⁰⁵ Os resultados referem-se às produções obtidas a partir das 2 repetições feitas por cada um dos falantes (portanto, quatro ocorrências para cada sentença apresentada).

Quadro 7. Elisão e estrutura prosódica.

Sentenças	Estrutura prosódica	Frequência de Elisão
[A laranja <u>h</u> olandesa] _{PhP}	Mesmo PhP	100 %
[A aluna <u>ú</u> til] _{PhP}	Mesmo PhP	000 %
[A aluna] _{PhP} [<u>u</u> sa] _{PhP} [chapéu branco]...	PhP + PhP	100 %
...[aceita] _{PhP} [<u>o</u> papel] _{PhP} [de bandido] _{PhP}	PhP + PhP	100 %
[A laranja] _{IP} [<u>o</u> utro ra em baixa na feira]...	IP + IP	050 %
[O pêssego] _{IP} [<u>a</u> pesar do preço no mercado]	IP + IP	000 %
[Fábio chupou laranja] _U [<u>O</u> svaldo comeu gelado]	U + U	050 %
[O Pedro comprou laranja] _U [<u>O</u> brigaram as pessoas a correr]	U + U	000 %

Fonte: Horikiri (2013, seção 3.2), Quadro 2.

Quadro 8. Ditongação e estrutura prosódica.

Sentenças	Estrutura prosódica	Frequência de ditongação
[<u>O</u> artista] _{PhP}	Mesmo PhP	100 %
[O dançarino <u>á</u> gil] _{PhP}	Mesmo PhP	100 %
[O dançarino] _{PhP} [<u>a</u> ge]	PhP + PhP	100 %
[Teve] _{PhP} [<u>a</u> lto s índices]	PhP + PhP	000 %
[O marajá] _{IP} [<u>h</u> umilde como a cantora]	IP + IP	100 %
[A aluna] _{IP} [<u>ú</u> til mas desorganizada]...	IP + IP	050 %
[Fábio comeu pêssego] _U [<u>A</u> line comeu gelado]	U + U	000 %

Fonte: Horikiri (2013, seção 3.2), Quadro 3.

Assim como observado por Tenani (2006) para o PB, Horikiri (2013) verificou que, no PGB, os processos de sândi vocálico externo (degeminação, elisão e ditongação) ocorrem entre todas as fronteiras prosódicas, exceto quando há ocorrência de pausa (HORIKIRI, 2013, seção 3.2).

Devido ao fato de pausas serem inseridas com maior frequência entre fronteiras de IPs e Us do que entre fronteiras de domínios prosódicos mais baixos, a frequência da ocorrência de sândi vocálico externo no PhP ou em fronteiras de PhP é mais elevada. Entretanto, mesmo em fronteiras de U (e IP), a realização de sândi vocálico externo é possível, conforme a sentença em (27) atesta – confira também os Quadros 6, 7 e 8.

- (27) [Fábio chupou laranja.]U [Qsvaldo comeu gelado.]U
 ['fabio ju'poʝ la'rẽʒos'vado ko'meʝ ze'ladʊ]

Além disso, a tonicidade e a localização de acentos diferenciam o PGB do PB e do PE. Através de seus dados, Horikiri (2013) depreende que, diferentemente do PB, em que o bloqueio de sândi vocálico ocorre com maior frequência quando a distância entre os acentos do *output* é menor que duas sílabas (TENANI, 2002), no PGB, a distância entre acentos e o número de sílabas não acarreta bloqueio do já referido fenômeno: nas sentenças em (28), mesmo com um número de sílabas diferente entre os acentos, as sentenças apresentam degeminação.

(28) *1 sílaba:*

- | | | |
|----|-------------------------------|---|
| a. | alun <u>a</u> <u>á</u> rabe | [a:'lu'narabe mã'douma 'kartakã'tore] |
| b. | maraj <u>á</u> <u>a</u> foito | [ʊ mara'za'foito mã'douma 'kartakã'tore] |
| c. | maraj <u>á</u> <u>a</u> pós | [ʊ mara'za'poza 'brige repoʊ'zoʊ ẽn 'seʊ 'kʊartʊ] |

2 sílabas:

- | | | |
|-----|---------------------------------|--|
| a'. | astrólog <u>a</u> <u>á</u> rabe | [a:s'trolo'garabe 'mãdouma 'kartakã'tore] |
| b'. | maraj <u>á</u> <u>a</u> fricano | [ʊ mara'zafri'kano mã'douma 'kartakã'tore] |
| c'. | maraj <u>á</u> <u>a</u> pesar | [ʊ mara'zape'zar de disku'sãʊ ofere'seʊ 'nove pro'poste] |

Com relação à tonicidade, no PE, segundo Tenani (2004a), a degeminação é sempre bloqueada quando uma das vogais da sequência for acentuada; porém, no PB, o bloqueio da degeminação ocorre apenas quando o acento envolvido na sequência candidata a degeminação for o acento do domínio de PhP, como, por exemplo, em “*(alun[a]rabe)_{PhP}” (TENANI, 2004a, p. 23).

Já no PGB, diferentemente das variedades brasileira e europeia de português, a realização do sândi vocálico externo é possível em contextos onde a segunda vogal é acentuada (exemplo 29) e em contextos onde a primeira vogal é acentuada e é seguida por vogal átona (exemplo 30). Em ambos os contextos, a realização do sândi vocálico externo é possível, em diferentes estruturas prosódicas, com diferentes números de sílabas (confira os exemplos 29 e 30).

- | | | | |
|------|----|--|-----------------------------|
| (29) | a. | [a aluna <u>a</u> rábe] _{PhP} | [a:'lu'naɾabe] |
| | b. | [a astróloga <u>a</u> rábe] _{PhP} | [a:s'trolo'gaɾabe] |
| | c. | [a aluna] _{PhP} [<u>a</u> ge] _{PhP} | [a:'lun'aʒe] |
| | d. | [a astróloga] _{PhP} [<u>a</u> ge] _{PhP} | [a:s'trolo'gaʒe] |
| (30) | a. | [marajá <u>a</u> foito] _{PhP} | [mara'ʒa'foi̯to] |
| | b. | [marajá <u>a</u> fricano] _{PhP} | [mara'ʒa'fri'kano] |
| | c. | [marajá] _{PhP} [<u>a</u> ceita] _{PhP} [<u>o</u> papel] _{PhP} | [mara'ʒa'se̯i̯to pa'pe̯u] |
| | d. | [marajá] _{PhP} [a <u>ceit</u> ou] _{PhP} [<u>o</u> papel] _{PhP} | [mara'ʒase̯i̯'to̯u pa'pe̯u] |

Hoririki (2013) observou ainda que o bloqueio de sândi vocálico externo só ocorre quando há choque de acentos (exemplo 31) ou quando há uma pausa inserida entre a sequência sujeita à ocorrência do referido processos segmental (exemplo 32).¹⁰⁶

¹⁰⁶ As pausas nos exemplos em (32), exemplo (7) de Horikiri renumerado, são representadas por barras duplas.

- (31) a. [marajá árabe]_{PHP} [mara'za 'arabe]
 b. [marajá]_{PHP} [age]_{PHP} [mara'za 'aʒe]
- (32) a. [A aluna,]_{IP} [ávida por justiça,]_{IP} [falou com a diretora.]_{IP}
 [a:'lune // 'avide por zus'tise // fa'lou kõn a dire'tore]
 b. [A astróloga,]_{IP} [ávida por justiça,]_{IP} [falou com a diretora.]_{IP}
 [a:s'trologe // 'avide por zus'tise // fa'lou kõn a dire'tore]
 c. [Fábio chupou laranja.]_U [Aline comeu gelado.]_U
 ['fabio ju'poʊ la'rẽʒe // a'lini ko'meʊ ʒe'ladu]

Assim, através do estudo comparativo do fenômeno de sândi vocálico externo em PGB e PB, Horikiri (2013) observa semelhanças entre as duas variedades de português: a tendência à degeminação e à elisão em sequências “V+V”, a ocorrência de degeminação na sequência “V+’V” e a tendência de ditongação na sequência /u+’a/ nas duas variedades são características atestadas tanto no PGB quanto no PB. Contudo, a autora também observa diferenças fundamentais na implementação rítmica do PGB e do PB, refletidas nas diferentes possibilidades de ocorrências de sândi vocálico externo em cada variedade: somente no PGB há a possibilidade de elisão em sequências “V+’V”.

2.2.7 Oliveira, Baio e Injai (2013)

Oliveira, Baio e Injai (2013), a partir das primeiras descrições dos sintagmas verbal e nominal de variedades do PGB, apontam que o sistema pronominal do “português acadêmico guineense” – isto é, a variedade de português falada por acadêmicos guineenses em instituições de ensino superior no Brasil, segundo os autores – apresenta similaridades com o sistema pronominal do português vernacular brasileiro no que se refere à ocorrência de pronomes clíticos reduzidos apenas à 1ª e à 2ª pessoas do singular (“me” e “te”) e à ocorrência dos pronomes em posição proclítica (OLIVEIRA; BAI0; INJAI, 2013, p. 134).

Os autores ainda sugerem que o “português crioulo guineense”, apontado como interlíngua (sistema linguístico transitório), apresenta transferências do crioulo da Guiné-

Bissau e que, portanto, certos fenômenos de marcação flexional atestados nessa variedade de português¹⁰⁷ podem ter explicação no fato de o crioulo não possuir, em sua morfologia verbal, um sistema flexional, mas sim ter a marcação de tempo, modo e aspecto por meio de partículas (OLIVEIRA; BAIO; INJAI, 2013, p. 135).

Ademais, Oliveira, Baio e Injai (2013, p. 135) ainda apontam que a marcação da concordância nominal pode não ocorrer no elemento lexical, mas sim no funcional, aproximando a variedade de português crioulo guineense a variedades vernaculares de português do Brasil e da África que vêm sendo estudadas recentemente – ver, entre outros, Figueiredo (2010). A sentença em (33) é dada pelos autores como exemplo para o tipo de marcação referida: a marcação da concordância do sintagma nominal “uns dez ano” ocorre no determinante “uns,” e não no nome “ano.” Em nota, os autores ainda chamam a atenção para o fato de que o fenômeno de concordância ocorrido no determinante dos dois sintagmas nominais em destaque – “uns dez ano” e “o dez ano” – na mesma sentença é uma característica de falantes de sistemas transicionais (interlíngua).

- (33) no mínimo vai fazer uns dez ano na Guiné... E o dez ano é influenciado pela... pelo crioulo de... Cabo Verde ¹⁰⁸

Vale mencionar ainda que o ineditismo desse estudo, além de revisitação do *continuum* de Couto e Embaló (2010),¹⁰⁹ refere-se à proposta feita pelos autores de inserção do PGB nas variedades africanas de português que possuem línguas crioulas como substrato,

¹⁰⁷ Oliveira, Baio e Injai (2013, p. 135) exemplificam tais fenômenos por meio das sentenças dadas no item (8) de seu trabalho, organizadas a partir de Couto e Embaló (2010). Os dados (8b) e (8c) correspondem aos exemplos (4a) e (4b) da seção 2.2.1 da presente dissertação.

- (8) a. **eu não ouve português** (por “eu não entendo português”)
b. **eu não tinha tempo** (por “tive”)
c. **a minha namorada estive em Portugal** (por “está”)

¹⁰⁸ Oliveira, Baio e Injai (2013, p. 135), dado (9) renumerado.

¹⁰⁹ Conferir o Capítulo 1, seção 1.3.

ampliando-se, assim, a proposição de Figueiredo (2010, seção 2.1.1) para tais variedades (OLIVEIRA; BAILO; INJAI, 2013, p. 136).¹¹⁰

2.2.8 Santos e Silva (a sair)

O estudo inicial de Santos e Silva (a sair) apresenta os tipos de perguntas-Q realizadas no PGB, a partir de uma classificação específica para tais construções baseada em estudos prévios do PB e do PE. A investigação dos autores foca as perguntas-Q diretas, interrogativas em que o pronome-Q (*quando, quanto, qual, quem, o que, que, como, onde e cujo*) realiza-se na sentença matriz.¹¹¹

O *corpus* empregado por Santos e Silva (a sair) é constituído de um conjunto de entrevistas orais realizadas no âmbito da pesquisa de Silva (2013). Tais entrevistas foram realizadas com quatro estudantes guineenses da Universidade de São Paulo, vindos para o Brasil através do PEC-G¹¹² e que possuem o português como língua não materna (SANTOS; SILVA, a sair, seção 2.1).

Em tal *corpus*, foram encontradas 82 sentenças contendo perguntas-Q (ou interrogativas-Q), as quais foram classificadas em: (i) interrogativas-Q com pronome-Q *in situ* (11 ocorrências); (ii) interrogativas-Q com pronome-Q deslocado (44 ocorrências); (iii) interrogativas-Q clivadas (5 ocorrências); e (iv) perguntas-Qu fronteadas e seguidas de partícula.¹¹³ As sentenças em (34), (35), (36) e (37) exemplificam a ocorrência dessas perguntas-Q no PGB.

¹¹⁰ Para Figueiredo (2010, seção 2.1.1), as variedades africanas de português com substrato crioulo incluem o português cabo-verdiano, cujo substrato é o crioulo de Cabo Verde, e o português de almorixe, cujo substrato é o crioulo de São Tomé.

¹¹¹ “As perguntas-Q fazem parte de um conjunto de estruturas conhecidas como construções-Q, que apresentam palavras do paradigma morfológico dos pronomes-Q (Braga, Kato & Mito 2009: 241)” (SANTOS; SILVA, a sair, seção 3).

¹¹² Para o PEC-G, confira a nota 29.

¹¹³ Conforme a classificação de estudos prévios com o PB e o PE (cf. BRAGA; MIOTO; KATO, 2009), o item em (iv) é denominado “interrogativas-Q com pronome-Q acompanhado de um ‘que’ e sem cópula”, segundo Santos e Silva (a sair, 3.2.3). Entretanto, os autores, aproximando-se das propostas de Oliveira (2011), Oliveira e Holm (2011) e Jorge e Oliveira (2012), consideram as interrogativas sem cópula não como uma sentença clivada,

- (34) Perguntas-Q com pronome-Q *in situ* ¹¹⁴
- a. então sobre... matéria por exemplo aqui da letras, cê gosta **de que** matéria?
 - b. Mas... cê pretende sair **quando**?
- (35) Perguntas-Q com pronome-Q deslocado ¹¹⁵
- a. **como**_i você soube disso **t**_i?
 - b. e **quem**_i você gosta **t**_i?
- (36) Perguntas-Q clivada ¹¹⁶
- a. Mas **onde é que** você saiu com esse fundamento?
 - b. Quando... **quando é que** você entrou aqui na USP?
- (37) Pergunta-Qu fronteadas e seguidas de partícula ¹¹⁷
- a. certo, mas é assim no início quando você chegou, **o que que** você achava? cê... cê teve bastante dificuldade?
 - b. e sobre a comida aqui no Brasil, **qual que** você mais... se deu tanto?

Assim como no PB e no PE (MIOTO; KATO, 2005, p. 172-179), os dados do estudo atestam ser possível e produtiva no PGB a realização de perguntas-Q com pronomes-Q *in situ* (exemplo 34) ou deslocados (exemplo 35), sendo mais frequente essa última estratégia (SANTOS; SILVA, a sair, seção 4.1). Além disso, Santos e Silva (a sair) chamam a atenção para a ocorrência de sentenças em que o sujeito é realizado entre o pronome-Q e o verbo finito (exemplo 35), estratégia considerada exclusiva do PB e agramatical no PE, que exige a adjacência entre o pronome-Q e o verbo finito (SANTOS; SILVA, a sair, seção 4.1).

Foram atestadas também – porém, em menor número – interrogativas em que o pronome-Q é seguido de uma cópula mais ‘que’, ou seja, uma pergunta-Q em estrutura de

conforme a análise de outros estudos, mas como uma estrutura monoclausal com marcação específica de foco, denominadas de “perguntas-Qu fronteadas e seguidas de partícula” (ver SANTOS; SILVA, a sair).

¹¹⁴ Santos e Silva (a sair, seção 4.1), dados (26-27) renumerados.

¹¹⁵ Santos e Silva (a sair, seção 4.1), dados (28-29) renumerados.

¹¹⁶ Santos e Silva (a sair, seção 4.2), dados (36-37) renumerados.

¹¹⁷ Santos e Silva (a sair, seção 4.3), dados (40-41) renumerados.

clivagem (exemplo 36), estrutura esta também encontrada no PB (SANTOS; SILVA, a sair, seção 4.2).

Com relação às perguntas-Qu fronteadas e seguidas de partícula (exemplo 37), Santos e Silva (a sair, seção 4.3) afirmam que tais construções, de acordo com a literatura (MIOTO; KATO, 2005, p. 171), marcam um contraste substancial entre o PB e o PE, por ser agramatical nessa última variedade. No *corpus* dos autores, essa é uma estrutura que se mostrou produtiva e, para eles, a presença de tais interrogativas pode estar relacionada (mas não exclusivamente) à situação de contato linguístico e transferência de traços de línguas de substrato do PGB, como o crioulo da Guiné-Bissau, as quais possuem esse tipo de estrutura em suas gramáticas (SANTOS; SILVA, a sair, seção 4.3).

Assim, o estudo inicial de Santos e Silva (a sair) mostra que, se, por um lado, algumas estruturas interrogativas distanciam o PB do PE, por outro, aproximam o PB do PGB e, conforme mencionam os autores, também de outras variedades africanas de português (como a angolana e a cabo-verdiana) – ver Santos e Silva (a sair).

Neste capítulo, apresentamos os principais aspectos sociolinguísticos do português falado na Guiné-Bissau e discorreremos sobre os aspectos linguísticos dessa língua descritos em estudos prévios. O capítulo a seguir apresenta as teorias em que se fundamenta a análise entoacional do PGB aqui empreendida e os estudos já realizados a respeito da entoação do português nesses modelos teóricos.

3 Quadro teórico e estudos prévios sobre a prosódia do padrão neutro de outras variedades do português

O presente capítulo é dedicado aos modelos teóricos que fundamentam a investigação proposta por esta pesquisa. Apresentamos, na seção 3.1, o modelo teórico da Fonologia Entoacional, na linha de Pierrehumbert (1980) e Ladd (1996, 2008) e trabalhos subsequentes. Em seguida, na seção 3.2, abordamos a Fonologia Prosódica, na linha dos trabalhos desenvolvidos por Selkirk (1984, 1986, 2000) e Nespor e Vogel (1986, 2007). Por fim, na seção 3.3, apresentamos os estudos já realizados sobre a prosódia do PE e do PB no que se refere ao padrão entoacional neutro dessas variedades de português.¹¹⁸

3.1 Fonologia Entoacional

No que diz respeito à descrição e à análise da entoação do PGB, o presente trabalho é desenvolvido à luz da abordagem Autossegmental e Métrica da fonologia entoacional, especificamente segundo a proposta de Ladd (1996, 2008), abordagem que se insere na linha de análise da entoação em níveis de altura tonal inaugurada por Pierrehumbert (1980). O principal objetivo dessa abordagem teórica da entoação é identificar os elementos contrastivos da estrutura entoacional e fornecer um aparato descritivo potencialmente universal para a entoação.

Segundo Ladd (2008[1996], p. 4), a entoação relaciona-se ao uso de traços fonéticos suprasegmentais para fornecer informação pragmática no nível pós-lexical ou frásico de forma linguisticamente estruturada. Os traços suprasegmentais a que Ladd se refere são a frequência fundamental (F_0), a intensidade e a duração, por meio dos quais são fornecidas

¹¹⁸ Dados os objetivos desta dissertação, apresentamos apenas os estudos desenvolvidos no mesmo quadro teórico em que a presente pesquisa se desenvolve.

informações intrínsecas a sintagmas ou enunciados, como o tipo frásico, o ato de fala, o foco ou a estrutura informacional. Assim, a entoação exclui traços que são determinados no léxico (como acento e tom), que servem para distinguir uma palavra da outra,¹¹⁹ e exclui traços paralinguísticos com os quais interage. Portanto, para o modelo, cuja entoação possui uma organização fonológica própria, os traços entoacionais são organizados em termos de entidades (evento tonais) e relações (do tipo forte e fraco) categoricamente distintas.

Embora a variação na altura de F_0 seja grande, podendo diferir notadamente de falante para falante e de ocasião para ocasião, considera-se suficiente para a descrição dos contornos a distinção de apenas dois níveis, alto e baixo, conforme se vê nas palavras de Ladd (2008):

With only two levels, the levels cannot possibly have any direct correspondence to phonetic reality; anyone can see that contours are more varied than that. Instead, H and L are phonological abstractions, comparable to phonemes, and there is no reason to expect them to be realised always in the same way. Rather, the phonetic realisation of H and L – like the phonetic realisation of any other phoneme – is subject to a variety of conditioning factors, which may make any given occurrence of H or L come out phonetically in a quite different way from some other occurrence (LADD, 2008[1996], p. 72).¹²⁰

Assim, o contorno entoacional constitui-se, fonologicamente, de uma sequência de unidades discretas, os eventos tonais, que por sua vez são originados a partir de dois níveis de tons primitivos ou alvos de altura: alto (H – *high*) ou baixo (L – *low*). Foneticamente, a representação dessa cadeia de eventos tonais é dada pelo contorno da frequência fundamental (F_0 do sinal acústico). Os eventos tonais são localmente definidos, constituem

¹¹⁹ Em inglês, por exemplo, o verbo e o substantivo *permit* são compostos por uma cadeia segmental idêntica, mas se diferenciam quando o acento recai na primeira sílaba (substantivo) ou na segunda sílaba (verbo) da palavra. Já no chinês padrão, as palavras *huâ* (flor) e *huà* (língua, fala), embora idênticas do ponto de vista segmental, diferenciam-se pelo fato de a primeira ter um tom alto e a segunda ter um tom descendente. Os traços entoacionais, por definição, diferentemente dos traços fonéticos, nunca estão envolvidos na marcação de distinções como essas (LADD, 2008[1996], p. 6).

¹²⁰ “Com apenas dois níveis, os níveis não podem ter qualquer correspondência direta com a realidade fonética; qualquer um pode ver que os contornos são mais variados do que isso. Em vez disso, H e L são abstrações fonológicas, comparáveis aos fonemas, e não há razão para esperar que sejam realizados sempre da mesma forma. Pelo contrário, a realização fonética de H e L – como a realização fonética de qualquer outro fonema – está sujeita a uma variedade de fatores condicionantes, que podem fazer uma dada ocorrência de H ou L surgir foneticamente de uma forma um pouco diferente de alguma outra” (LADD, 2008[1996], p. 72, tradução nossa).

blocos de contorno e associam-se a pontos específicos na cadeia segmental. Assim, o contorno que está entre os eventos tonais é fonologicamente não especificado e pode ser descrito em termos de transições de um evento para o outro (LADD, 2008[1996], p. 44).

Os eventos tonais de maior relevância na descrição da variação da cadeia tonal de F_0 em línguas como o inglês e o português são os *acentos tonais* e os *tons relacionados a fronteiras*. Os **acentos tonais** são associados a sílabas proeminentes da cadeia segmental, isto é, a mudança de altura tonal tem como alvo uma sílaba portadora de acento lexical. Formalmente são anotados com um asterisco. Podem ser simples, monotonais (L^* ou H^*), ou complexos, bitonais (H^*+L , $H+L^*$, L^*+H ou $L+H^*$). Os acentos monotonais representam um máximo (pico) ou mínimo local (vale) de altura de F_0 . Já os acentos bitonais denotam um rápido movimento local de F_0 , no qual um tom é alinhado à sílaba proeminente (marcado por $*$) enquanto o outro tom especifica a imediata mudança antes ou após aquele (LADD, 2008[1996], p. 88).

Já os **tons relacionados a fronteiras** são associados a fronteiras de constituintes prosódicos, isto é, a mudança de altura tonal tem como alvo uma fronteira de constituinte e não uma sílaba em particular. Podem ser de dois tipos: *tons de fronteira*, que se associam aos limites de sintagmas entoacionais, ou *acentos frasais*, que se associam aos limites de constituintes menores (HAYES; LAHIRI, 1991, p. 51). Os tons de fronteira são formalmente indicados por %, seguindo H ou L, e os acento frasais por –, seguindo H ou L, como, por exemplo, em $L\%$ ou $H\%$ e $L-$ ou $H-$, respectivamente.¹²¹

Afora as anotações dadas tradicionalmente, o modelo não exclui a possibilidade da existência de acentos tritonais ou tons de fronteiras bitonais, caso essas anotações sejam necessárias para caracterizar os contrastes entoacionais da língua. Ademais, os tons podem ser acompanhados pelos diacríticos ! e j, marcando processos de *downstep* e *upstep*, respectivamente: o primeiro refere-se à realização de um tom H relativamente mais baixo que o tom H precedente; o segundo refere-se à realização de um tom H relativamente mais alto em relação ao tom H anterior. Segundo Ladd (2008[1996], p. 77), em muitas línguas africanas, por exemplo, o segundo H de uma sequência H L H é realizado em um nível mais

¹²¹ Os tons de fronteira são formalmente indicados por *Hi* e *Li* por Hayes e Lahiri (1991) e Frota (2000), entre outros.

baixo do que o primeiro H (portanto H L !H), de modo que o nível desse último configura a nova altura para a realização dos Hs subsequentes que estejam contidos em um constituinte prosódico determinado.

Por fim, a perspectiva de análise entoacional que assumimos neste trabalho prevê a integração entre entoação e constituintes prosódicos, de modo que as propriedades entoacionais são consideradas como uma entre outras evidências da estrutura prosódica (HAYES; LAHIRI, 1991; FROTA, 2000; TENANI, 2002; entre outros). Conforme tal visão, a atribuição de eventos tonais à cadeia segmental dependerá de relações de constituência e proeminência definidas na estrutura prosódica. Em português europeu e em português brasileiro, a estrutura prosódica relevante para a entoação é fornecida pela hierarquia prosódica (cf. FROTA, 2000 para PE – TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b para PB) que será abordada a seguir.

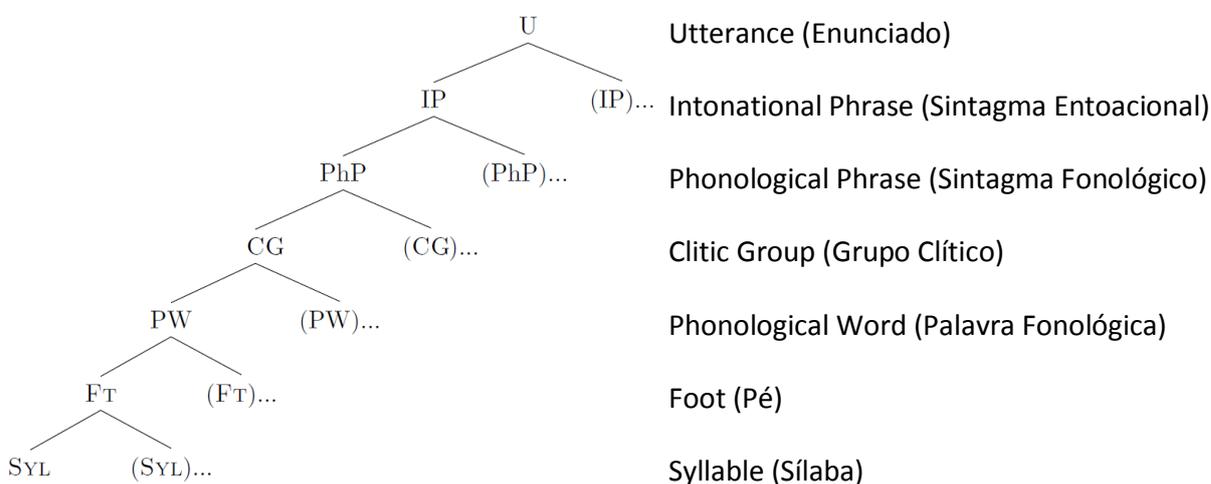
3.2 Fonologia Prosódica

Segundo a Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1984, 1986, 2000; NESPOR; VOGEL, 1986, 2007), a estrutura fonológica está em relação com outros níveis da gramática para a formação de seus constituintes. Desse modo, a fala é organizada hierarquicamente em constituintes prosódicos, cuja formação se dá a partir de informações acessadas em outros componentes da gramática. A relação entre fonologia e os demais módulos da gramática é parcialmente determinada. Isso se deve ao fato de regras puramente fonológicas se aplicarem em domínios que não coincidem necessariamente com domínios definidos por domínios da sintaxe ou da morfologia – ver Nespor e Vogel (1986, capítulo 2) e Hayes (1989). Assim, por exemplo, enquanto fatores como velocidade de fala ou tamanho dos constituintes de uma sentença podem alterar a estrutura fonológica, a estrutura sintática correspondente a essa sentença não se modifica, evidenciando um não isomorfismo entre as estruturas (VIGÁRIO, 2003, p. 9; NESPOR; VOGEL, 1986, 2007).

Ademais, evidências para a organização hierárquica em constituintes prosódicos são dadas por meio da observação da operação de certos processos fonológicos segmentais

(como regras de sândi externo e haplogia sintática e alongamento segmental de fronteiras prosódicas), rítmicos (como regras de retração de acento) e tonais (atribuição de tons) em diversos idiomas e que se aplicam no interior e entre limites de certos domínios e que são bloqueados em outros (NESPOR; VOGEL, 1986, 2007; FROTA, 2000).

O mapeamento sintático-fonológico fornece uma representação prosódica em hierarquia de constituintes. Cada unidade hierárquica é composta por uma ou mais unidades do nível imediatamente abaixo. Os constituintes prosódicos, dispostos em sete domínios na perspectiva de Nespor e Vogel (1986, 2007), organizam-se da seguinte forma:¹²²



Fonte: Bisol (2001, p. 230), símbolos modificados.

Figura 2. Representação da Hierarquia Prosódica, segundo Nespor e Vogel (1986, 2007).

Os constituintes dos níveis inferiores, a sílaba (SYL) e o pé (FT), são construídos por meio de informações puramente fonológicas. A palavra fonológica (PW) e o grupo clítico (GC), por sua vez, são os domínios prosódicos privilegiados da interface entre fonologia e morfossintaxe. Os níveis acima da palavra são constituídos por informações da

¹²² *Intonational Phrase* e *Phonological Phrase* são usualmente traduzidos como “frase entoacional” e “frase fonológica” na literatura linguística brasileira sobre Fonologia Prosódica, porém, optamos pelas traduções “sintagma entoacional” e “sintagma fonológico” devido ao fato de o termo *phrase* do inglês remeter, em termos sintáticos, a um sintagma, uma unidade menor que a frase.

interface entre fonologia e sintaxe (PhP e IP) ou entre fonologia e noções semânticas e pragmáticas (U) (SELKIRK, 1984, 1986; NESPOR; VOGEL, 1986, 2007; HAYES, 1989).

Faz-se necessário ainda acrescentar que a formação dos constituintes prosódicos deve satisfazer os princípios de boa formação da *Strict Layer Hypothesis* (SELKIRK, 1984), conforme se vê em (38), como aparece em Nespor e Vogel (1986, p. 7).

(38) **Strict Layer Hypothesis (SLH)**¹²³

Principle 1. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X^P , is composed of one or more units of the immediately lower category, X^{P-1} .

Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.

Principle 3. The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.

Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all others nodes are assigned the value weak (w).

Assim, as condições de boa formação: (i) determinam que um constituinte prosódico domine o constituinte prosódico do nível inferior; e (ii) proíbe que um constituinte prosódico domine o constituinte do nível superior. Além disso, segundo essas condições, um constituinte prosódico não pode imediatamente dominar outros constituintes prosódicos de dois níveis abaixo (exaustividade) e tampouco dominar outro constituinte de mesmo nível (não-recursividade). Os princípios (i) e (ii) são considerados regras universais e invioláveis, contudo, trabalhos posteriores argumentam a necessidade de promover violações à *Strict Layer Hypothesis* em relação aos princípios de exaustividade e não recursividade, a fim de

¹²³ Hipótese do Nível Estrito:

Princípio 1. Uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica, X^P , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, X^{P-1} .

Princípio 2. Uma unidade de um dado nível da hierarquia é exaustivamente contida em uma unidade de um nível superior da qual ela é uma parte.

Princípio 3. As estruturas hierárquicas da fonologia prosódica são de ramificação n-árias.

Princípio 4. A relação de proeminência relativa definida para nós irmãos é tal que a um nó é marcado o valor forte (s) e a todos os outros nós é marcado o valor fraco (w).

(NESPOR; VOGEL, 1986, p. 7, tradução nossa).

tratarem satisfatoriamente fenômenos fonológicos de determinadas línguas (LADD, 1992; SELKIRK, 1996; entre outros).

Ademais, apesar de alguns domínios prosódicos não parecerem, em princípio, desempenhar um papel na fonologia de uma dada língua, a estrutura prosódica é considerada universal. Assim, a falta de regras que se refiram a um domínio prosódico em particular de certa língua não é suficiente, como mencionam Nespor e Vogel (1986, 2007), para determinar que tal domínio não exista e que não desempenhe um papel em sua fonologia (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 11; VIGÁRIO, 2003, p. 3). E, embora os domínios prosódicos sejam universais, não há uma definição estritamente estabelecida para cada domínio, uma vez que a informação contida no algoritmo de formação dos domínios prosódicos pode variar a depender da estrutura de cada língua (VIGÁRIO, 2003, p. 4).

Em nossa pesquisa, os níveis prosódicos privilegiados são: a palavra fonológica (PW), o sintagma fonológico (PhP) e o sintagma entoacional (IP).¹²⁴ Esses são os domínios prosódicos considerados por serem os privilegiados, de modo geral, na associação de eventos tonais nas variedades de português até o momento estudadas.¹²⁵

No PE, a depender da variedade, PhP (VIGÁRIO; FROTA, 2003; FROTA; VIGÁRIO, 2007; CRUZ, 2013) ou IP (FROTA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2003) é o domínio relevante na associação de acentos tonais ao contorno entoacional, PhP, na associação de acentos frasais

¹²⁴ O grupo clítico (CG) não é tratado nesta dissertação por ser objeto de ampla discussão o seu estatuto de domínio prosódico. Pesquisas vêm apresentando vários argumentos contra a existência do CG como um constituinte prosódico, como, por exemplo, o fato de clíticos poderem se ligar não apenas a PWs, mas também a PhPs, ou o fato de enclíticos e proclíticos poderem se ligar a diferentes constituintes prosódicos na mesma língua, levando a exclusão do GC do grupo de domínios prosódicos (BOOIJ, 1996; PAPERKAMP, 1997; VIGÁRIO, 2003, 2010; entre outros). Em outras abordagens da estrutura prosódica, novas propostas surgiram para a existência de um constituinte prosódico entre PW e PhP (SELKIRK, 1986; SELKIRK; SHINYA; KAWAHARA, 2004; VIGÁRIO, 2007, 2010). Com relação ao português, Vigário (2007, 2010) propõe a redefinição do CG, denominando-o “grupo de palavras prosódicas” (PWG, *Prosodic Word Group*), que, diferentemente do CG, não só agrupa combinações do tipo clítico-hospedeiro, mas também agrupa PWs. Em face dessa discussão e por estar fora do escopo desta dissertação avançamos com essa discussão, desconsideramos o domínio do CG em nossas análises dos dados do PGB, considerando o clítico fonológico como uma palavra funcional, sem acento e prosodicamente dependente que, junto à palavra hospedeira, forma uma PW.

¹²⁵ Sobre os domínios prosódicos em PB, confira, entre outros: Schwindt (2000, 2001), Simioni (2008) e Toneli (2009, 2014) para a PW; Sândalo e Truckenbrodt (2002) e Tenani (2002, 2004) para PhP; Tenani (2002) para IP. Sobre os domínios prosódicos em PE, confira, entre outros: Vigário (2003, 2007) para a PW; Frota (2000) para PhP e IP.

(CRUZ, 2013), e IP, na associação de tons de fronteira (FROTA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2003; VIGÁRIO; FROTA, 2007; CRUZ, 2013).

Por sua vez, no PB, PW (FERNANDES, 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008) e PhP (FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002) são os domínios relevantes na associação de acentos tonais ao contorno entoacional, e PhP (FERNANDES, 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008) e IP (FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; SERRA, 2009), na associação de acentos frasais e tons de fronteiras, respectivamente.

Adotamos, nesta pesquisa, a definição e as condições de boa formação da PW propostas por Vigário (2003) para o PE (item 39). Para PhP e IP, adotamos as formulações dos algoritmos desses domínios propostos por Nespor e Vogel (1986, 2007) adaptados por Frota (2000) para o PE (itens 40 e 41) e que também são adotados em estudos sobre a prosódia do PB (FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; SERRA, 2009; entre outros).

- (39) Well-formedness conditions on the prosodic word domain
- A minimal prosodic word has one and only one (word) primary stress.
 - A maximal prosodic word has one and only one prominent element.
 - A unit bearing word stress must be included within a minimal prosodic word.

Maximal prosodic word: a prosodic word that is immediately dominated by the next higher prosodic level (i.e. the phonological phrase).

Minimal prosodic word: a prosodic word that immediately dominates the next lower prosodic level (i.e. the foot).

(VIGÁRIO, 2003, p. 263)¹²⁶

¹²⁶ Condições de boa formação do domínio da palavra prosódica

- Uma palavra prosódica mínima tem um e somente um acento primário (de palavra).
- Uma palavra prosódica máxima tem um e somente um elemento proeminente.
- Uma unidade portando acento de palavra deve ser incluída em uma palavra prosódica mínima.

Palavra prosódica máxima: uma palavra prosódica que é imediatamente dominada pelo nível prosódico imediatamente mais alto (isto é, o sintagma fonológico).

Palavra prosódica mínima: uma palavra prosódica que imediatamente domina o nível prosódico imediatamente mais baixo (isto é, o pé).

(VIGÁRIO, 2003, p. 263, tradução nossa).

(40) Phonological Phrase (PhP) Formation

- a. PhP-domain: a lexical head X and all elements on its non-recursive side which are still within the maximal projection of X.
- b. PhP-restructuring: optional, obligatory or prohibited inclusion of a branching or non-branching PhP which is the first complement of X into the PhP that contains X.

(41) Intonational Phrase (I) formation

- a. **I-domain:** (i) all the PhPs in a string that is not structurally attached to the sentence tree (i.e. parenthetical expression, tag questions, vocatives, etc); (ii) any remaining sequence of adjacent PhPs in a root sentence; (iii) the domain of an intonation contour, whose boundaries coincide with the positions in which grammar-related pauses may be introduced in an utterance.
- b. **I-restructuring:** (i) restructuring of one basic I into shorter Is, or (ii) restructuring of basic Is into a larger I. Factors that play a role in I restructuring: length of the constituents, rate of speech, and style interact with syntactic and semantic restrictions.

(FROTA, 2000, p. 56)¹²⁷

A adoção dos algoritmos de formação de PhP e IP (dados em 40 e 41, respectivamente) para o PGB, bem como a consideração da definição e das condições de boa formação da PW (dadas em 39), justificam-se na medida em que comparamos a estrutura entoacional associada a esses domínios prosódicos entre variedades de português,

¹²⁷ Formação do Sintagma Fonológico (PhP)

- a. Domínio de PhP: um núcleo lexical X e todos os elementos em seu lado não recursivo que ainda estão contidos na projeção máxima de X.
- b. Restruturação de PhP: inclusão opcional, obrigatória ou proibida de um PhP ramificado ou não ramificado que é o primeiro complemento de X no PhP que contém X.

Formação do Sintagma Entoacional (I)

- a. *Domínio de I:* (i) todos os PhPs em uma sequência que não esteja estruturalmente ligada à árvore da sentença (isto é, expressões parentéticas, perguntas-eco, vocativos, etc.); (ii) qualquer sequência restante de PhPs adjacentes em uma sentença raiz; (iii) o domínio de um contorno entoacional, cujas fronteiras coincidam com posições nas quais pausas gramaticais podem ser inseridas num enunciado.
- b. *Restruturação de I:* (i) restruturação de um I básico em Is menores, ou (ii) restruturação de Is básicos em um I maior. Fatores que desempenham papel na reestruturação de I: tamanho dos constituintes, velocidade da fala e estilo interagem com restrições sintáticas e semânticas.

(FROTA, 2000, p. 56, tradução nossa).

além do fato de ainda não haver conhecimento sobre os domínios prosódicos do PGB por ser essa uma variedade de português não contemplada, até o momento, por estudos sobre essa temática.

Por fim, vale ressaltar que o tipo de informação sintática pertinente que pode ser acessada pela estrutura fonológica na constituição dos domínios prosódicos não é consensual, dando origem a diferentes propostas: a “baseada em relações” e a “baseada em limites.” Na proposta da vertente **baseada em relações** (*relation-based*), a relação núcleo-complemento e a adjacência (do complemento em relação ao núcleo) entre constituintes sintáticos é a informação acessada para a organização dos constituintes prosódicos (NESPOR; VOGEL, 1986, 2007; HAYES, 1984; entre outros). Assim, por exemplo, um núcleo lexical e todos os elementos no seu lado não recursivo dentro da projeção máxima desse núcleo lexical são incluídos em um mesmo sintagma fonológico. Para a outra vertente, **baseada em limites** (*end-based*), a relação entre a estrutura sintática e a estrutura prosódica acima do pé e abaixo do sintagma entoacional é definida em termos de limites de constituintes sintáticos (SELKIRK, 1984, 1986, 2000; SELKIRK; SHEN, 1990; TRUCKENBRODT, 1995, 1999, 2007; entre outros). Para essa abordagem prosódica, a interação entre a fonologia e a sintaxe é menor, sendo que a fonologia acessa somente informações sobre fronteiras (direita e esquerda) de constituintes sintáticos para determinar os domínios prosódicos. Sendo assim, nesse modelo, todos os elementos que estão entre os limites de uma fronteira sintática (direita ou esquerda) do tipo X^{lex} ¹²⁸ ou XP ¹²⁹ estão envolvidos na formação do domínio do sintagma fonológico.

Segundo Frota (2000, p. 5), estudos comparativos entre os dois modelos chegaram a conclusões opostas, uma vez que determinadas línguas se enquadram melhor em uma abordagem, enquanto outras são mais bem descritas pela outra. E, por vezes, em uma mesma língua há evidências de que alguns domínios sejam mais bem definidos em termos de fronteiras e outros por relações sintáticas (CHEN, 1990; INKELAS; ZEC, 1995; entre outros). Com relação aos padrões de fraseamento do PE, a autora verifica que seus dados se mostraram melhor descritos pela abordagem do mapeamento sintático-fonológico baseada

¹²⁸ X^{lex} : categoria lexical.

¹²⁹ XP : projeção máxima de uma categoria lexical.

em relações. Quanto ao fraseamento do PB, Fernandes (2007a, 2007b) chega às mesmas conclusões de Frota (2000), porém, para seus dados entoacionais do PB.

Uma vez que o modelo *relation-based* mostrou-se eficiente para o tratamento do fraseamento prosódico de outras variedades do português (PB e PE), adotamos também a mesma vertente teórica para a análise do fraseamento prosódico da variedade guineense de português. Conforme é mostrado por meio da análise de dados, a adoção dessa vertente teórica para os dados do PGB do presente estudo, no que diz respeito a características entoacionais, também se mostrou satisfatória.

Além desses modelos focados no mapeamento sintaxe-fonologia, estudos recentes sobre fraseamento prosódico vêm investigando os princípios organizadores da estrutura prosódica no âmbito das relações internas à própria fonologia. Assim, tem se verificado que fatores como o peso dos elementos (em número de constituintes sintáticos e prosódicos) podem afetar a formação dos domínios prosódicos (ZEC; INKELAS, 1990; INKELAS; ZEC, 1995; GUSTI; NESPOR, 1999; FROTA; VIGÁRIO, 2000) e a estrutura entoacional (ELORDIETA et al., 2003; D'IMPÉRIO et al., 2005) das sentenças. A presente pesquisa leva em conta fatores semelhantes na investigação da relação entre associação de eventos tonais ao contorno entoacional e constituição de domínios prosódicos no PGB, uma vez que o *corpus* utilizado nessa investigação foi desenvolvido levando em conta o peso (em termos de ramificações sintático-prosódicas e número de sílabas) e o tamanho (medido em número de sílabas) dos elementos sentenciais (ver Capítulo 4 e Anexo A).

3.3 O padrão entoacional neutro do PE e do PB descrito em estudos prévios

3.3.1 Português europeu

Os primeiros estudos sobre a estrutura entoacional do PE desenvolvidos no quadro teórico da Fonologia Entoacional (VIANA, 1987; FALÉ, 1995; FROTA, 1997, 2000, 2002a, 2002b, 2003; VIGÁRIO, 1998; GRØNNUM; VIANA, 1999; FROTA; VIGÁRIO, 2000; entre

outros) tratam da variedade padrão (doravante, SEP¹³⁰), falada na região de Lisboa. Para tais estudos, o contorno entoacional das declarativas neutras é constituído por uma subida inicial, um platô intermediário e uma descida final pronunciada.

Com relação à descida final do contorno da sentença declarativa neutra no SEP, Viana (1987) a caracteriza por uma sequência tonal H*L associada à última sílaba acentuada do contorno. O trabalho de Grønnum e Viana (1999) analisa a descida final como sendo decorrente de um acento tonal nuclear L* precedido pelo espraçamento de um acento tonal H* anterior. Já para Falé (1995), Frota (1997, 2000, 2002a, 2000b), Vigário (1998) e Frota e Vigário (2000), a descida final da declarativa neutra é definida por um acento bitonal descendente (H+L*) associado à sílaba proeminente da PW cabeça do último PhP de IP, seguido por um tom de fronteira baixo (L%) associado à fronteira direita desse último sintagma.

Em relação ao contorno entoacional inicial desse tipo de sentença, Frota (2003), investigando os picos entoacionais iniciais do SEP, fornece evidências para a existência dos seguintes eventos tonais associados ao início do contorno entoacional: (i) um acento tonal H* (FROTA, 1997, 2000, 2002a, 2002b, 2003; VIGÁRIO, 1998; GRØNNUM; VIANA, 1999), H+L* (FROTA, 2003) ou L*+H (FROTA, 1993, 2000, 2003; VIGÁRIO, 1998) frequentemente associados à primeira sílaba portadora de acento lexical; (ii) um tom de fronteira %H, associado à fronteira esquerda de IP (FROTA, 1993, 2000, 2003; VIGÁRIO, 1998); ou (iii) um tom H inicial de sentença com uma associação secundária à primeira PW (VIGÁRIO, 1998; FROTA, 2003).

A primeira discussão sobre a variação dialetal da entoação das declarativas neutras do PE é realizada por Vigário e Frota (2003). As autoras estudaram, de forma comparativa, os tipos de acento tonais e contornos nucleares, a distribuição de acentos tonais e o fraseamento prosódico no SEP e na variedade setentrional do PE (doravante, NEP¹³¹), falada na região de Braga.

¹³⁰ Do inglês, *Standard European Portuguese*.

¹³¹ Do inglês, *Northern European Portuguese*.

Vigário e Frota (2003) mostram que o contorno nuclear das declarativas neutras dessas duas variedades se diverge: no SEP, o contorno nuclear é dado pela configuração H+L* L%; já no NEP, o contorno nuclear desse tipo de enunciado é caracterizado por um acento monotonal baixo seguido de um tom de fronteira também baixo (L* L%).

As autoras encontram também diferenças quanto à densidade tonal (isto é, a proporção de acentos tonais em relação ao número de palavras prosódicas de um contorno entoacional) nos dados de SEP e NEP analisados. O SEP é caracterizado por uma distribuição esparsa de acentos tonais no IP, na medida em que é pouco frequente a ocorrência de eventos tonais além dos que compõem a melodia mínima – isto é, o acento tonal nuclear de IP e o tom de fronteira associado à fronteira direita desse sintagma (FROTA; VIGÁRIO, 2000) –, enquanto o NEP apresenta uma densidade tonal maior, marcada pela maior atribuição de acentos tonais por IP (VIGÁRIO; FROTA, 2003).

Dos trabalhos subsequentes sobre a variação da entoação de declarativas neutras do PE, destaca-se o de Cruz (2013), que empreende um estudo comparativo do contorno entoacional de enunciados de vários tipos frásicos e sentidos pragmáticos, do fraseamento prosódico e de aspectos rítmicos entre duas variedades centro-meridionais do PE: a alentejana (doravante, ALE), falada na região de Castro Verde, e a algarvia (doravante, ALG), falada na região de Albufeira. A autora identifica que as declarativas neutras nessas duas variedades são produzidas com a configuração tonal nuclear H+L* L%, semelhante ao SEP. Além disso, a configuração tonal L* L%, encontrada anteriormente para o contorno nuclear das declarativas neutras no NEP (FROTA; VIGÁRIO, 2003), também é possível no ALE. Ademais, Cruz (2013) verifica que o contorno nuclear de sentenças neutras não apresenta diferenças em estilos de fala distintos (isto é, na leitura e no discurso semiespontâneo) – ver Cruz (2013, seção 4.3).

Além da descrição do contorno nuclear por tipo de sentença, a marcação tonal de fronteira de constituintes também foi analisada por Cruz (2013). A análise da pesquisadora revelou um fenômeno específico do ALE: diferentemente do SEP e do ALG, nos quais somente as fronteiras de IPs são marcadas por eventos tonais, os dados do ALE fornecem evidências para a marcação também fronteiras de PhPs. Segundo Cruz (2013), no ALE, a fronteira

esquerda do último PhP de um IP pode ser marcado por um acento frasal baixo (anotado como pL pela autora), sugerindo que PhP é um domínio relevante para a entoação dessa variedade de português (CRUZ, 2013, seção 4.3.2.2).

Ademais, a relevância do domínio de PhP no ALE é corroborada no que tange à atribuição de acentos tonais, visto que todas as PWs cabeça de PhPs portam um acento tonal. Essa característica entoacional dos PhPs em ALE também é compartilhada pelo ALG, que também apresenta uma alta associação de acentos tonais ao seu elemento mais proeminente, segundo a autora (CRUZ, 2013, seção 4.3.2.4).

Por fim, com relação à distribuição de acentos tonais, os resultados obtidos por Cruz (2013), com base em *corpora* de leitura, atestaram que ALE e ALG, semelhantemente ao NEP (VIGÁRIO; FROTA, 2003), apresentam uma densidade tonal maior do que a do SEP (CRUZ, 2013, seção 4.3.2.4).

3.3.2 Português brasileiro

A respeito do contorno entoacional das declarativas neutras em PB, os estudos de Cunha (2000), Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002) foram os primeiros a tratarem do aspecto entoacional deste tipo de estrutura do PB na teoria da Fonologia Entoacional.

O trabalho de Cunha (2000), com vistas a descrever a entoação regional em PB com base em dados de leitura e fala espontânea dos dialetos carioca e baiano, identifica a existência de um padrão assertivo final e de outro não final (ou continuativo) compondo o contorno entoacional de uma asserção neutra. Quanto ao padrão assertivo neutro final, a autora atesta a queda de F_0 na sílaba tônica final do enunciado deste tipo de contorno, independentemente do estilo de fala, região ou gênero do falante, apesar de existirem diferenças na forma de como se efetiva essa queda, a depender desse fatores. Já em relação ao padrão assertivo neutro não final, Cunha (2000) encontra grande variação melódica no contorno nuclear não final de enunciado, não sendo possível definir claramente um padrão.

Já Frota e Vigário (2000) empreendem um estudo inédito ao confrontarem as características rítmicas e entoacionais do PB (variedade paulista) e do PE (variedade padrão lisboeta). A partir dos resultados da análise de *corpora* comparáveis entre as duas variedades de português, concluem que as propriedades rítmicas e entoacionais distinguem as duas variedades.

Por sua vez, Tenani (2002), levando em consideração evidências entoacionais, segmentais e rítmicas, trata da estrutura prosódica de enunciados declarativos neutros do PB (variedade paulista), comparando-a com a estrutura do PE para a investigação da relevância dos domínios de PhP, IP e U no PB.

Para todos os três estudos anteriormente abordados, o padrão do contorno entoacional neutro final em PB é caracterizado pelo acento nuclear de IP formado por um acento tonal H+L* associado à sílaba tônica da palavra fonológica cabeça do último sintagma fonológico de IP, seguido frequentemente por um tom de fronteira L%, associado à fronteira direita desse sintagma.

Com relação ao contorno entoacional neutro não final, Frota e Vigário (2000) afirmam que a presença de um acento tonal (normalmente L*+H) associado ao elemento mais proeminente dos sintagmas fonológicos em PB é frequente, diferentemente do PE, o que leva as autoras a concluir que o sintagma fonológico é um domínio robusto para a associação de acentos tonais ao contorno entoacional do PB, mas não na variedade europeia – fato confirmado, posteriormente, conforme a análise de dados de PB empreendida nos trabalhos de Tenani (2002) e Fernandes (2007a, 2007b). Além disso, as autoras revelam a ocorrência de eventos tonais ligados a sílabas não proeminentes do sintagma fonológico: em palavras com mais de três sílabas pretônicas há um tom H opcional em alguma sílaba pretônica não adjacente à tônica – assim como em japonês e coreano, em que certos eventos tonais dependem do número de moras ou sílabas existentes (PIERREHUMBERT; BECKMAN, 1988; JUN, 1996). Tenani (2002) supõe que esse H adicional possa estar associado à sílaba pretônica portadora de acento secundário, hipótese também levantada nos trabalhos de Fernandes (2007a, 2007b) e Fernandes-Svartman (2009). Vale ainda ressaltar que nos dados de Tenani (2002) (sentenças neutras do PB) e nos dados de Frota e

Vigário (2000) (também sentenças neutras do PB) não foram encontrados acentos frasais (L⁻ ou H⁻) associados a fronteiras de sintagmas fonológicos, mas a forte tendência de atribuição de acento tonal ao seu elemento proeminente se faz presente, assim como a preferência pela alternância L H L H entre tons do contorno entoacional.

De maneira geral, os trabalhos consecutivos referentes ao contorno entoacional neutro em PB corroboram os dados encontrados pelos estudos acima citados.

Fernandes (2007a, 2007b), em estudo comparativo das construções neutras e de focalização do elemento sujeito em PB (variedade paulista) e PE (variedade padrão lisboeta), confirma os resultados descritos por Cunha (2000), Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002) para as sentenças neutras do PB e acrescenta que, nos dados de sentenças neutras do PB por ela analisados, além da frequente associação de acentos tonais às palavras fonológicas cabeça de sintagmas fonológicos e do H adicional opcionalmente associado a sílabas pretônicas de palavras fonológicas compostas por mais de duas sílabas pretônicas, também se encontram acentos tonais associados a palavras fonológicas não cabeça de sintagma fonológico. O resultado inédito a respeito da possibilidade de associação tonal a palavras fonológicas não cabeça de sintagma fonológico, resultado também mencionado no trabalho de Tenani e Fernandes-Svartman (2008), pode indicar ser a palavra fonológica, e não o sintagma fonológico, o domínio relevante na associação de eventos tonais ao contorno entoacional neutro em PB (variedade paulista). Mais recentemente, Vigário e Fernandes-Svartman (2010), interessadas em observar a atribuição de acentos tonais associados a sentenças neutras constituídas por compostos em PB (variedade paulista), sugerem, através da análise de resultados preliminares, que possa ser o Grupo de Palavras Prosódicas (*Prosodic Word Group*) – domínio proposto por Vigário (2007)¹³² – o domínio prosódico relevante para a associação tonal ao contorno entoacional neutro de PB.

Moraes (2007), analisando os contornos de enunciados em PB que expressam, entre outras situações, sugestão, ironia, descrédito, pergunta retórica e pergunta de confirmação,

¹³² Vigário (2007) propõe a reinterpretação do grupo clítico (CG) – cuja existência como um domínio prosódico foi questionada por vários estudos (VIGÁRIO, 2003, p. 18) – como um domínio, denominado de Grupo de Palavras Prosódicas (PWG, *Prosodic Word Group*), no qual, diferentemente de CG, agrupam-se não só clíticos e suas palavras prosódicas hospedeiras, mas também são agrupadas palavras prosódicas (fonológicas).

reafirma os achados de trabalhos anteriores, no que se refere ao acento tonal nuclear H+L* L% das declarativas neutras – acento tonal característico do contexto final desse tipo de sentença do PB – e à ocorrência do acento bitonal associado ao início de IP, previamente observado por Tenani (2002), o qual o autor interpreta como L+H*, por ser esse o padrão de acento tonal mais constante associado ao início de IP nos dados do autor (dialeto carioca do PB). A ocorrência de um acento bitonal no início de IP também é encontrada nos dados de Fernandes (2007a, 2007b) (dialeto paulista do PB), entretanto, essa autora o interpreta como um acento tonal do tipo L*+H.

Serra (2009) emprega dados de fala espontânea e de leitura do dialeto carioca do PB em seu trabalho e confirma o acento nuclear H+L* L% como o padrão final das declarativas neutras, conforme encontrado em trabalhos prévios sobre a entoação de declarativas neutras do PB. A mesma autora ainda encontra as seguintes configurações tonais como características do padrão continuativo e suspensivo (não finais) em seus dados: L+H* H%, L*+H H% e H+L* H%, confirmando os resultados de Cunha (2000) e Tenani (2002) que atestam a presença de um tom de fronteira H% associado à fronteira direita do primeiro IP de sentenças mapeadas em dois IPs.

Por fim, os resultados de Truckenbrodt, Sândalo e Abaurre (2009), em análise exploratória dos contornos entoacionais identificados inicialmente por Cagliari (1981, 1982, 2007) para o PB, confirmam, novamente, os resultados alcançados por Cunha (2000), Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002) para o contorno final das sentenças neutras nessa mesma variedade de português.

Apresentados os modelos teóricos que fundamentam a investigação proposta por esta pesquisa e os estudos já realizados sobre o padrão entoacional das declarativas neutras do PE e do PB neste capítulo, descrevemos, no capítulo a seguir, os *corpora* e os métodos utilizados na obtenção e no tratamento dos dados de fala utilizados na investigação conduzida neste estudo.

4 *Corpora e metodologia*

Os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa, no que se refere à elaboração dos *corpora* e à gravação de dados, são semelhantes aos que vêm sendo empregados em investigações no âmbito do projeto internacional *InAPoP* (FROTA, 2012-2014). A medida se faz necessária ao procurarmos obter resultados da análise do fraseamento entoacional dos dados de PGB que sejam comparáveis aos que vêm sendo obtidos para outras variedades de português (como o PB e o PE) por esse projeto, posto que esta pesquisa se desenvolve no âmbito do referido projeto.

O presente capítulo, dividido em três seções, descreve, assim, os *corpora* utilizados na investigação do contorno entoacional das declarativas neutras do PGB (seção 4.1), a metodologia empregada na obtenção, tratamento e seleção dos dados investigados (seção 4.2) e o perfil dos informantes dos dados selecionados (seção 4.3).

4.1 *Corpora*

Os *corpora* do presente trabalho derivam de dois tipos de discurso: fala controlada e fala espontânea. O ***corpus de fala controlada*** utilizado neste trabalho é formado pela adaptação ao PGB de um *corpus* pré-existente, o *Romance Languages Database* (RLD) (ELORDIETA et al., 2003; D'IMPERIO et al., 2005; ELORDIETA; FROTA; VIGÁRIO, 2005) a partir de sua versão já adaptada ao PE.

Por meio dessa base de dados, a investigação da variação do fraseamento entoacional das línguas românicas está sendo realizada por investigadores do projeto

internacional *Intonational Phrasing in Romance*.¹³³ O RLD atualmente encontra-se disponível online¹³⁴ e incluirá dados coletados no âmbito do InAPoP.

A adaptação do *corpus* do RLD foi realizada com auxílio de guineenses falantes do PGB, de modo que esses fizeram julgamentos quanto ao léxico e quanto à estrutura das sentenças, sendo adaptados conforme os critérios de composição das sentenças desse banco de dados. Esse procedimento visou à obtenção de sentenças naturais e possíveis para essa variedade de português.

O *corpus* do RLD constitui-se de um conjunto comparável de 76 sentenças declarativas neutras, a serem lidas, formadas por uma única oração de ordem SVO (sujeito-verbo-objeto). As sentenças variam sistematicamente quanto ao tamanho (medido em número de sílabas, incluindo determinantes e preposições) e quanto à complexidade sintático-prosódica (medida pela ausência/presença de ramificações em S e O) dos constituintes. Os constituintes ramificados são compostos por um núcleo nominal e um adjetivo ou por um núcleo nominal e um complemento preposicional. As ramificações podem ser simples ou duplas, sendo que, nesse último caso, o constituinte é composto por um núcleo nominal, um adjetivo e um complemento preposicional. Além disso, os verbos também variam quanto ao tamanho.

Os fatores considerados na elaboração das sentenças formadoras do *corpus* são apresentados no Quadro 9.

¹³³ O projeto internacional *Intonational Phrasing in Romance*, tem como objetivos centrais: (a) a constituição de uma base de dados de línguas românicas que permita o estudo comparativo da constituição entoacional dessas línguas; (b) a descrição e a análise da constituição prosódica, tendo em conta o peso de fatores fonético-fonológicos e morfossintáticos; e (c) a compreensão da variação encontrada nas línguas românicas, no domínio da constituição entoacional. Para os resultados obtidos pelo projeto, confira, entre outros trabalhos: Vigário e Frota (2003), Elordieta, Frota e Vigário (2005), D'Imperio et al. (2005), Frota et al. (2007) e Frota e Vigário (2007).

¹³⁴ <http://rld.fl.ul.pt/> [Acesso em: 15 nov. 2014].

Quadro 9. Fatores de composição do *corpus* do RLD, conforme Elordieta et al. (2003).

Constituinte	Composição	Exemplos
i. Curto	até 3 sílabas	[o.ho.mem]
ii. Longo	mais de 3 sílabas	[do.na.mo.ra.do]
iii. Não ramificado sintaticamente	morfossintaticamente com 1 núcleo lexical	[velinhas] _N
iv. Ramificado sintaticamente	morfossintaticamente com 2 núcleos lexicais	[(velinhas) _N (lindas) _A]

A manipulação sistemática dessas variáveis foi levada em consideração na adaptação do *corpus* para o PGB ao termos por objetivo a investigação da influência do tamanho fonológico dos constituintes e dos níveis de ramificação morfossintática e prosódica na associação dos eventos tonais ao contorno das sentenças neutras do PGB. Além do controle desses fatores, também houve controle do léxico, no que se refere à escolha de palavras, para compor as sentenças. Foram escolhidas palavras não oxítonas e que não contivessem, quando possível, consoantes obstruintes surdas. O controle desse aspecto visa à obtenção de sentenças que auxiliem a descrição entoacional do PGB, visto que não é clara a identificação do tom (se é acento tonal ou tom relacionado à fronteira) alinhado às sílabas finais dos oxítonos; além disso, a curva entoacional de sentenças formadas por palavras contendo consoantes obstruintes surdas pode conter perturbações microprosódicas que dificultam a interpretação das representações visuais de F_0 na análise entoacional (LADD, 2008[1996], p. 25).

Na escolha dos informantes para a coleta dos dados de fala, seguimos os critérios do InAPoP, segundo os quais: (i) deve-se coletar dados de 6 falantes nativos de sexo feminino, organizados em dois grupos etários (de 20 a 45 anos e de 60 anos ou mais); (ii) os falantes do grupo mais jovem podem ter um nível variável de educação (do ensino médio ao ensino superior), enquanto os falantes do grupo mais velho devem ser alfabetizados, a fim de realizarem a tarefa de leitura; e (iii) quando os falantes não possuírem uma boa performance na tarefa de leitura, somente a entrevista deve ser considerada para análise. Ademais, cada informante deve dar consentimento no processamento de seus dados, assinando um

formulário pessoal e de consentimento¹³⁵ que dá permissão para que seus dados pessoais, de voz e imagem sejam disponibilizados para propósitos científicos (CRUZ, 2013, p. 13).¹³⁶

Cada informante selecionado, conforme os critérios estabelecidos acima, para a tarefa de leitura das sentenças que formam os dados de fala controlada também deve ceder uma entrevista, cujos dados formam o **corpus de fala espontânea**. Para essa tarefa de obtenção de dados, baseamo-nos nos critérios de coleta de dados de fala espontânea do InAPoP, segundo os quais: (i) os informantes devem falar a respeito de si mesmos (exemplos de temas a serem abordados: infância, juventude, origens, ocupações, família, aspectos tradicionais do local onde vivem etc.); (ii) o pesquisador deve ter uma participação menor durante 10 minutos de conversação (cerca de 1600 palavras por entrevista); e (iii) posteriormente, um trecho da entrevista deve ser selecionado para a análise (CRUZ, 2013, p. 13).

O *corpus* do RLD adaptado ao PGB e a transcrição das entrevistas utilizadas nas análises encontram-se em anexo (confira os Anexos A e B desta dissertação respectivamente).

4.2 Metodologia

A metodologia de obtenção dos dados de fala consistiu na gravação da leitura das sentenças adaptadas e de uma entrevista, conforme especificado na seção anterior, realizadas com guineenses falantes do PGB.

A tarefa de adaptação do *corpus* foi realizada com auxílio de dois guineenses, estudantes da Universidade de São Paulo (USP) (universidade sede onde se desenvolve a presente pesquisa). Entretanto, a tarefa de obtenção dos dados, ou seja, a gravação da leitura das sentenças adaptados e da entrevista, apresentou maior dificuldade. Embora a

¹³⁵ Os formulários encontram-se no Anexo C desta dissertação.

¹³⁶ O termo “nativo” dos critérios do InaPoP para a seleção de informantes não se aplica à presente pesquisa, uma vez que o PGB é uma variedade não materna de português.

USP possuísse alunos guineenses advindos do PEC-G,¹³⁷ na época da obtenção de nossos dados do PGB, deparamo-nos com a dificuldade em se encontrar guineenses que se enquadrassem nos critérios do InAPoP ora estabelecidos e que estivessem interessados em contribuir com a cessão de seus dados de fala.

Desse modo, para obtermos os informantes necessários à nossa investigação – posto que conseguimos somente dados parciais dos informantes encontrados na USP –, recorreremos à outra instituição, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), motivados por seus objetivos institucionais. A Unilab é uma instituição brasileira pública de ensino superior, sediada na cidade de Redenção (Ceará, Brasil), e tem como objetivo “formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.”¹³⁸ Desse modo, a instituição recebe periodicamente em seus cursos de ensino superior, além de brasileiros – que somam 50% dos estudantes –, alunos advindos dos países com os quais mantém relações de cooperação: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.¹³⁹

Com o auxílio dos informantes encontrados nessa instituição, obtivemos grande parte dos dados de fala utilizados nesta dissertação.¹⁴⁰

Cabe ainda ressaltar que, embora os guineenses a que tivemos acesso possuíssem uma boa performance em fala espontânea em português, segundo a nossa avaliação de falantes nativos do PB, parte deles não mostrou uma boa performance na tarefa de leitura. Assim, muitos dados de leitura foram desconsiderados nas análises, dando-se prioridade à entrevista, conforme os critérios do InAPoP, abordados na seção anterior. Ademais, não

¹³⁷ Para o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), confira, no Capítulo 2, a nota 29.

¹³⁸ Lei de criação da Unilab (Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm [Acesso em: 15 mar. 2015].

¹³⁹ Confira: <http://www.unilab.edu.br/> [15 nov. 2014].

¹⁴⁰ A obtenção de dados de falantes na própria Guiné-Bissau era inviável pelos recursos financeiros da bolsa de Mestrado FAPESP (processo 2013/08329-1) que dispúnhamos para arcar com as despesas de viagem e estadia nesse país.

foram coletados dados do segundo grupo etário (60 anos ou mais), pois não tivemos acesso a informantes que atendessem a esse critério.

Quanto aos procedimentos realizados na obtenção dos dados de fala gravados e no tratamento dos mesmos para as análises, esses são explicitados a seguir.

Para a tarefa de leitura, as sentenças foram ordenadas aleatoriamente e intercaladas com sentenças em contexto distrativo ao falante. Os informantes foram instruídos a realizar a leitura (envolvendo 3 repetições) das sentenças adaptadas, próximo ao que considerem uma fala natural e concatenada, de modo que as considerassem, na totalidade, nova informação. Isso teve por objetivo inibir a produção de sentenças com possíveis efeitos de topicalização ou de focalização, posto que nosso objetivo é, especificamente, a análise do contorno neutro de sentenças declarativas. Para a entrevista, a recolha dos dados seguiu os critérios do InAPoP, já especificados na seção anterior.

Tanto a leitura das sentenças neutras quanto a entrevista foram gravadas com as mesmas especificações técnicas: toda a performance dos falantes foi gravada com o uso de um gravador digital MARANTZ, modelo PMD661,¹⁴¹ a uma frequência de 48 000 Hz, em canal monofônico, e por meio de um microfone externo SENNHEISER, modelo EW122-P G3. A recolha dos dados foi feita em salas cedidas pela Universidade de São Paulo ou pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Após a gravação digital, a fim de preparar os dados de fala para análise, o material de áudio obtido (leitura e entrevista) foi submetido ao programa computacional de análise de fala PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2012), no qual procedemos à segmentação dos arquivos de som em arquivos individuais por sentença, no caso da leitura, ou em trechos menores, no caso da entrevista. Os arquivos de áudio foram, então, reordenados, se necessário, e rotulados para cada informante. Em arquivos nos quais houve a presença de interferência de ruído externo, utilizamos os recursos do programa computacional de edição de áudio

¹⁴¹ Para uma das informantes, INB, foi utilizado um gravador digital TASCAM, modelo HD-P2.

Audacity (versão 2.0.5)¹⁴² para reduções de ruído. As duas versões dos arquivos, original e modificada, foram comparadas para a verificação de possíveis alterações.

As entrevistas, por sua vez, foram transcritas em documentos de texto, baseada nos critérios usados no InAPoP, segundo os quais: (i) os falantes são identificados como *entrevistado* e *participante*; (ii) empréstimos lexicais são escritos em itálico; (iii) o tempo deve ser indicado entre colchetes a cada 30 segundos; (iv) elementos não linguísticos devem ser indicados em itálico e entre parênteses; (v) interjeições e preenchedores são transcritos de acordo com as regras da língua; (vi) fenômenos segmentais já descritos como sendo uma característica de uma dada região são identificados com um rótulo específico (CRUZ, 2013, p. 17).¹⁴³

Por meio do PRAAT, foi produzido o espectrograma, a forma de onda e o contorno da frequência fundamental (F_0) das respectivas sentenças e trechos de entrevistas. A partir desses elementos, procedeu-se à descrição entoacional, constituída da identificação e transcrição dos eventos tonais associados ao contorno entoacional, com base na percepção auditiva e na exploração do sinal acústico de F_0 e de acordo com o modelo teórico da Fonologia Entoacional (Capítulo 3, seção 3.1). O critério de anotação prosódica foi similar para os dois tipos de *corpora*: criamos, com uso do Praat, *TextGrids*¹⁴⁴ contendo camadas específicas de anotação para os arquivos de áudio referentes às sentenças e aos trechos das entrevistas. Tais camadas de anotação seguem listadas a seguir.¹⁴⁵

¹⁴² Disponível em: <http://audacity.sourceforge.net> [Acesso em: 15 mar. 2015].

¹⁴³ Os critérios do InAPoP foram elaborados inicialmente para o português língua materna. Assim, posto que os dados empregados nesta pesquisa referem-se a uma variedade não materna de português, alguns desses critérios foram descartados, pois a adoção dos mesmos implicaria investigações linguísticas fora do escopo desta dissertação (como é o caso dos itens (ii) e (vi), não aplicados na transcrição do nosso *corpus*, já que não há trabalhos descritivos aprofundados a respeito de empréstimos lexicais e a respeito de aspectos segmentais do PGB (ver Capítulo 2, seção 2.2) respectivamente). Para a aplicação dos demais critérios de transcrição nos dados do PGB, confira o Anexo B.

¹⁴⁴ *TextGrids* são arquivos gerados pelo PRAAT para anotações diversas: como transcrição segmental, transcrição ortográfica, delimitação de duração de elementos (segmentos, constituintes morfossintáticos, constituintes prosódicos), marcação de tons etc.

¹⁴⁵ Para anotações de fala controlada, foram utilizadas, sobretudo, as camadas (i), (ii) e (iii). Para anotações de fala espontânea, foram utilizadas as camadas (i), (iii), (iv), (v) e (vi).

- (i) **Tons:** camada de pontos onde são anotados, fonologicamente, os eventos tonais associados aos contornos entoacionais;
- (ii) **Sílabas:** camada de intervalos que contém a transcrição ortográfica da sentença alinhada sílaba a sílaba com o espectrograma e com a forma de onda;
- (iii) **Palavras:** camada de intervalos para a transcrição ortográfica da sentença alinhada palavra a palavra com o espectrograma e com a forma de onda;
- (iv) **PhP:** camada de intervalos que contém a delimitação dos sintagmas fonológicos;
- (v) **Sintagmas:** camada de intervalos que contém o mapeamento prosódico previsto das sentenças, não alinhado com o espectrograma e com a forma de onda;
- (vi) **ETF:** camada de intervalos para a anotação de etiquetas de eventos típicos de processamento e construção do texto falado, como, por exemplo, interrupção, hesitação, correção, repetição etc. (cf. JUBRAN; KOCH, 2006; entre outros) e de eventos de outra natureza, como os intervenientes no fluxo da fala e que correspondem a elementos paralinguísticos, como risos, tosse etc., ou, no caso, de texto lido, a elementos como os apagamentos ou as inserções de material linguístico ao conteúdo inicial previsto no texto a ser lido.

Para as anotações dos eventos do texto falado (ETF), baseamo-nos no trabalho de Cruz (2009).¹⁴⁶ A autora utiliza etiquetas para a marcação dos eventos do texto falado (denominadas por ela de “eventos disfluentes”) encontrados em seus dados de fala espontânea e leitura e nos baseamos nesse tipo de marcação para a transcrição dos dados do PGB. O Quadro 10 apresenta as etiquetas utilizadas no trabalho de Cruz (2009) e as inseridas ou adaptadas por nós para a realização deste trabalho.

¹⁴⁶ Cruz (2009) investiga dados de fala espontânea e de leitura de sujeitos gogos e não gogos, falantes do PE, a fim de determinar a caracterização do discurso disfluido dos gogos, os *loci* prosódicos da disfluência e a influência de fatores prosódicos para a ocorrência de gagueira.

Quadro 10. Tipo de evento do texto falado e respectiva etiqueta.

Eventos	Etiqueta
Alongamentos	<PRO>
Apagamentos	<ERA>
Correções	<COR>
Inserções	<INS>
Interrupções ¹⁴⁷	<INT>
Marcadores discursivos ¹⁴⁸	<MAR>
Pausas para respirar	<BRE>
Pausas preenchidas	<FIL>
Pausas silenciosas	<SIL>
Repetições	<REP>

Fonte: Cruz (2009, p. 29).

Segundo Cruz (2009, p. 36),¹⁴⁹ são consideradas **repetições** <REP> a reprodução sequencial do mesmo som, sílaba ou palavra. As **interrupções** <INT> ocorrem quando há a parada inesperada do fluxo de ar (ou do vozeamento), bem como do movimento dos articuladores. Já as **correções** <COR> são realizadas quando o falante realiza a substituição de uma palavra por outro termo, ao considerá-la inadequada ou mal pronunciada, segundo seu julgamento. As sentenças em (42) exemplificam os três eventos mencionados.¹⁵⁰

¹⁴⁷ Adotamos a denominação “interrupções” para o evento “bloqueios” de Cruz (2009), de modo a ser coerente com a literatura brasileira sobre as especificidades do texto falado (cf. JUBRAN; KOCH, 2006).

¹⁴⁸ Os marcadores discursivos foram adicionados ao quadro adaptado de Cruz (2009).

¹⁴⁹ Cruz (2009) baseia-se em Guitar (2006) e Moniz (2006) para as definições dos eventos do texto falado.

¹⁵⁰ As sentenças em (42), produzidas pela informante NMB, foram extraídas do *corpus* de fala espontânea (42a-b) e do *corpus* de fala controlada (42c).

produções que não possuem a realização de pausas hesitativas e alongamentos hesitativos e tampouco os demais eventos ora mencionados (apagamentos, correções, inserções, interrupções, marcadores discursivos e repetições). Tal consideração implicou a exclusão de produções que contêm esses eventos das análises do *corpus* de fala controlada, mas não das análises do *corpus* de fala espontânea, uma vez que eventos do texto falado são típicos da fala espontânea (ver Capítulo 5, seção 5).

Ademais, ao levarmos em consideração o tamanho das sentenças do *corpus* de fala controlada em número de constituintes, as sentenças produzidas com mais de uma pausa, mesmo que seja uma pausa fluente, também foram desconsideradas, uma vez que a presença de muitas pausas nessas sentenças as torna não concatenadas e, portanto, não natural em uma leitura fluente.

A Figura 3 e a Figura 4 exemplificam os critérios de transcrição utilizados no *corpus* de fala controlada e no *corpus* de fala espontânea respectivamente.

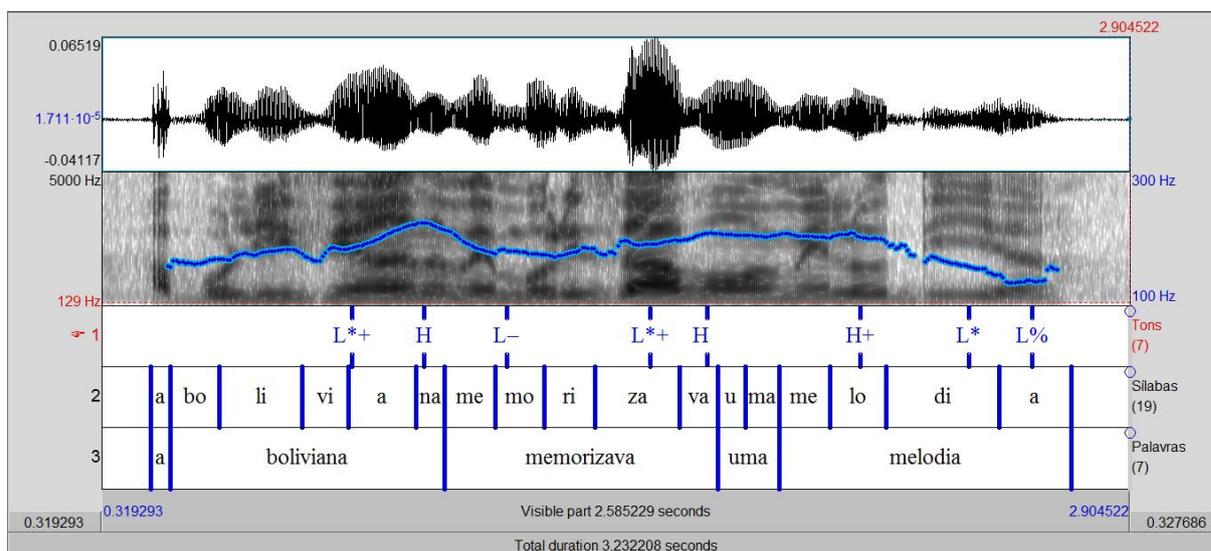


Figura 3. Anotação da sentença declarativa neutra “A boliviana memorizava uma melodia”, produzida por INB, extraída do *corpus* de fala controlada, com sua respectiva forma de onda, espectrograma, frequência fundamental e três camadas para anotações: tons, sílabas e palavras.

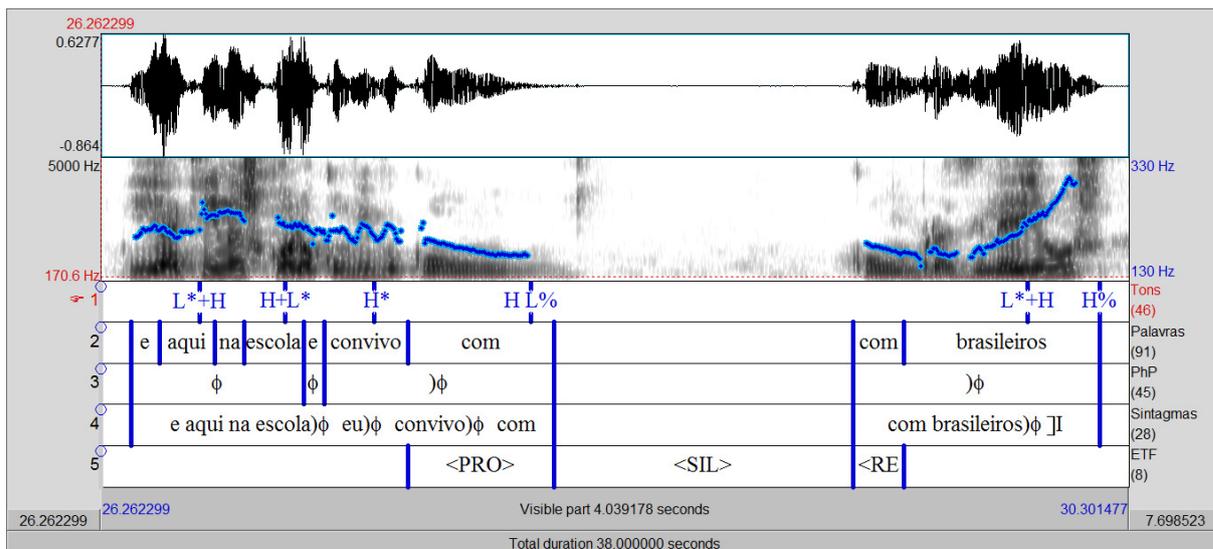


Figura 4. Anotação da sentença “E aqui na escola eu convivo com, com brasileiros”, produzida por FCS, extraída do *corpus* de fala espontânea, com sua respectiva forma de onda, espectrograma, frequência fundamental e quatro camadas para anotações: tons, palavras, PhP, sintagmas e ETF.

4.3 Seleção dos dados e perfil dos informantes

Após a inspeção de todos os dados coletados,¹⁵⁴ selecionamos, para a análise, o material produzido por quatro informantes de perfil semelhante: mesmo sexo, faixa etária, grau de instrução e perfil similar em relação às línguas faladas (língua materna – L1) e segunda língua – L2) (conferir o Quadro 11).

¹⁵⁴ Realizamos a gravação de dados com 9 informantes.

Quadro 11. Perfil dos informantes selecionados.

	INB	NMB	FCS	LPC
Idade	24	27	19	20
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Origem	Bissau	Bissau	Bissau	Bissau
L1	CGB	CGB	CGB	CGB
L2	Português	Português	Português	Português
Formação/ Atuação	Estudante Universitária	Estudante Universitária	Estudante Universitária	Estudante Universitária
Estadia no Brasil	5 anos (São Paulo - SP)	4 meses (Redenção - CE)	3 meses (Redenção - CE)	3 meses (Redenção - CE)

Além disso, a boa performance na tarefa de leitura também foi considerada na escolha dos informantes, de modo que os selecionamos a partir da maior fluência nessa tarefa, posto que o objetivo desta investigação é estabelecer padrões entoacionais no PGB, o que não seria possível sem haver nenhum *corpus* controle para os aspectos prosódicos em análise, e pelo fato de a modalidade “leitura fluente” ser a única modalidade de leitura considerada pelas análises prosódicas desenvolvidas no âmbito do projeto InAPoP, como já mencionado anteriormente. Cabe também observar que todos os informantes selecionados realizaram as duas tarefas (leitura e entrevista) para a obtenção dos *corpora*, exceto INB, da qual foram coletados somente os dados de fala controlada.¹⁵⁵

Todas as três informantes apresentadas no Quadro 10 são guineenses que vieram estudar em instituições de ensino superior no Brasil e afirmam nunca terem residido em outro lugar que não a capital do país (Bissau) antes de se mudarem para o Brasil. Além disso, afirmam também terem apenas o crioulo de Guiné-Bissau (CGB) como língua materna.

Com relação ao português, todas as informantes entraram em contato com a língua quando começaram a frequentar o ambiente escolar, já que esta é a língua do ensino formal

¹⁵⁵ Não foi possível realizar a coleta de dados de fala espontânea de INB, pois a informante já havia retornado a Guiné-Bissau na época em que decidimos coletar também esse tipo de dado. Quando realizamos a coleta dos dados de fala controlada de INB, ela já estava em fase de conclusão de sua graduação no Brasil. Além disso, importa dizer que os dados dessa informante foram incluídos em nossas análises pelo fato de o tempo de estadia maior de INB não ter implicado em diferenças prosódicas significativas em relação às características prosódicas das demais informantes.

em Guiné-Bissau:¹⁵⁶ INB, NMB e LPC iniciaram o aprendizado do português no ensino fundamental, por volta dos 7 anos, e FCS teve contato com a língua quando passou a frequentar o ensino infantil (Jardim). INB também informou que o domínio que possui da língua portuguesa se deve, sobretudo, ao seu interesse pela leitura – como não havia publicações em crioulo disponíveis, segundo a informante, a leitura era de material escrito em língua portuguesa –, tendo a escola desenvolvido um papel secundário no seu aprendizado.

No que diz respeito à língua de comunicação familiar, todas as quatro informantes afirmam que essa é o crioulo. INB e NMB dão explicações similares quanto a isso: sendo os pais falantes de línguas étnicas distintas, eles utilizam o crioulo para se comunicarem entre si e, conseqüentemente, essa foi a língua transmitida aos filhos. Já FCS menciona que, apesar de serem de etnias próximas (a mãe de etnia manjaco e o pai de etnia manjaco), seus pais não falam suas línguas étnicas. LPC também afirma não saber falar a língua de sua etnia, mancanha, e ainda menciona que o português é raramente falado pelos familiares. Outro fator que inibiu INB de querer aprender a falar línguas étnicas é que, segundo ela, falar essas línguas, em vez do crioulo, era fato desprestigiado no meio em que vivia.

Quanto a outras línguas faladas pelas informantes (diferentes do crioulo e do português), NMB menciona saber um pouco das línguas étnicas dos pais (mancanha, manjaco e balanta). Já INB diz ter noções básicas de inglês e FCS afirma ter nível básico de inglês e francês, línguas que, segundo as duas informantes, foram aprendidas na escola.

¹⁵⁶ Conferir o Capítulo 1, seção 2.2.3.

5 Descrição e análise dos resultados

Neste capítulo, procedemos à descrição e à análise dos *corpora* da presente pesquisa. A análise é conduzida a fim de se observar no contorno entoacional do PGB: (i) a associação e a configuração de eventos tonais em toda a extensão do contorno entoacional das sentenças; (ii) os contornos nucleares das sentenças declarativas neutras; (iii) a marcação tonal na fronteira de constituintes prosódicos; e (iv) a densidade tonal das sentenças.¹⁵⁷

O presente capítulo está organizado em quatro seções. Na primeira seção (5.1), são descritos os resultados obtidos da análise dos dados de fala controlada. Nessa seção, descrevemos o tipo de associação e a configuração dos eventos tonais (acentos tonais, tons de fronteira e eventos tonais adicionais), bem como a frequência das ocorrências desses eventos no contorno entoacional das sentenças inspecionadas. Na seção seguinte (5.2), são apresentados os apontamentos a respeito da investigação dos dados de fala espontânea. Na terceira seção (5.3), procedemos à comparação do padrão entoacional neutro encontrado nos dados do PGB com o padrão entoacional neutro já descrito em estudos prévios para o PB e o PE. Por fim, trazemos nossas considerações finais na última seção (5.4).

5.1 Fala controlada

Para as sentenças do *corpus* de fala controlada do presente estudo foram identificados os eventos tonais (acentos tonais, acentos frasais, tons de fronteiras e eventos tonais adicionais) ocorridos no contorno entoacional e foi verificado a quais domínios prosódicos esses eventos estão associados. Desse modo, calculamos a frequência de associação e discriminamos o tipo de configuração dos eventos tonais, levando em

¹⁵⁷ Densidade tonal é a proporção de acentos tonais em relação ao número de palavras prosódicas de um contorno entoacional.

consideração a proeminência dos domínios prosódicos sob investigação (palavra fonológica, sintagma fonológico e sintagma entoacional), com base em variedades do português já estudadas prosodicamente.¹⁵⁸

Foram produzidas pelas informantes, ao todo, 912 sentenças: 76 sentenças x 4 falantes x 3 repetições. Do total de sentenças produzidas por INB, 7 foram descartadas por serem não naturais para uma leitura fluente ou por não serem produzidas como sentenças neutras (conforme a percepção do investigador). Sendo assim, 221 sentenças foram analisadas para esta informante. Com relação às sentenças produzidas por NMB, 27 foram produzidas de maneira não natural para uma leitura fluente, sendo analisadas para esta informante, portanto, 201 sentenças. Para FCS, do total de sentenças produzidas, 6 foram desconsideradas pelos mesmos motivos já explicitados para o descarte de sentenças das outras informantes, de modo que as 222 demais sentenças foram utilizadas. Também 6 sentenças foram desconsideradas do total de sentenças produzidas por LPC, também pelos mesmos motivos já explicitados para o descarte de sentenças das outras informantes, sendo consideradas as 222 demais sentenças. Em suma, 866 das 912 sentenças produzidas foram utilizadas na análise dos dados de fala controlada.

Nas subseções a seguir, apresentamos os resultados obtidos para cada tipo de evento tonal relevante para o contorno entoacional neutro do PGB.

5.1.1 Associação e configuração de acentos tonais

5.1.1.1 Associação de acentos tonais

Na Tabela 1 a seguir, apresentamos a frequência da associação dos acentos tonais (T*) encontrados nos dados do *corpus* para cada informante, em relação ao domínio prosódico da palavra fonológica (PW).

¹⁵⁸ Para tais estudos, confira o Capítulo 3, seção 3.3, desta dissertação.

Tabela 1. Frequência da atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas.

Informante	Total de PWs	PWs com T* associado	PWs sem T* associado
INB	985 (100%)	962 (97.7%)	23 (2.3%)
NMB	890 (100%)	878 (98.7%)	12 (1.3%)
FCS	984 (100%)	920 (93.5%)	64 (6.5%)
LPC	993 (100%)	990 (99.7%)	3 (0.3%)
TOTAL	3852 (100%)	2576 (97.4%)	102 (2.6%)

Com relação à atribuição de acentos tonais ao contorno das sentenças analisadas, segundo os dados apresentados na Tabela 1, das 985 PWs que compõem as sentenças referentes aos dados de INB, somente a 2.3% delas não foram encontrados acentos tonais associados. Para NMB, das 890 PWs por ela produzidas, somente a 1.3% não houve acentos tonais associados. Já para LPC, apenas a 0.3% das 993 PWs de seus dados não há um acento tonal associado. Por sua vez, os dados de FCS demonstram que, apesar de haver mais palavras fonológicas sem acento tonal em relação às outras três informantes, ainda assim, a frequência da não associação de acentos tonais é baixa: somente 6.5% das 984 PWs produzidas por ela não contêm acentos tonais associados.

Esses resultados revelam, portanto, que há uma frequente associação de acentos tonais às palavras fonológicas no contorno entoacional do PGB, segundo os dados do nosso *corpus* de fala controlada. O exemplo em (45) – constituído da sentença declarativa neutra em (45a) produzida por NMB, do mapeamento em constituintes prosódicos e da transcrição dos eventos tonais associados ao contorno dessa sentença, representados em (45b) –, ilustra essa frequente associação tonal. Observamos que há a associação de um acento tonal a cada palavra fonológica da sentença: (i) um acento tonal H* associado a (o jovem)_{PW}; (ii) um acento tonal L*+!H associado a (loiro)_{PW}; (iii) acentos tonais L*+H associados a (mimava)_{PW} e a (meninas)_{PW}; e (iv) um acento tonal H+L* associado a (lindas)_{PW}.¹⁵⁹

¹⁵⁹ O evento tonal L% transcrito na sentença (45b) é um tom de fronteira associado à fronteira de IP, evento tonal tema da seção 5.1.2.2.

(45) a. O jovem loiro mimava meninas lindas

b. $[[[(o\ JOvem)_{PW} (LOIro)_{PW}]_{PhP} [(miMAva)_{PW}]_{PhP} [(meNInas)_{PW} (LINDas)_{PW}]_{PhP}]_{IP}]^{160}$
 $\begin{array}{cccccc} | & | & | & | & | & | \\ H^* & L^*+!H & L^*+H & L^*+H & H+L^* & L\% \end{array}$

Se consideramos somente as palavras fonológicas que são cabeças de sintagma fonológico (PhP), portanto, o elemento prosódico no qual a proeminência do domínio de PhP se localiza (em português, a PW mais a direita desse sintagma), obtemos os resultados apresentados na Tabela 2.

Tabela 2. Frequência da atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas cabeça de sintagma fonológico.

Informante	PWs cabeça de PhP	PW] _{PhP} ¹⁶¹ com T* associado	PW] _{PhP} sem T* associado
INB	756 (100%)	749 (99.1%)	7 (0.9%)
NMB	686 (100%)	679 (99%)	7 (1%)
FCS	738 (100%)	707 (95.8%)	31 (4.2%)
LPC	758 (100%)	758 (100%)	–
TOTAL	2938 (100%)	2893 (98.5%)	45 (1.5%)

Podemos notar, mediante os dados apresentados na Tabela 2, que, das 756 PWS cabeça de PhP existentes nos dados de INB, a ocorrência de palavras fonológicas sem acento tonal associado é muito baixa, somente 0.9% dos casos. Esse resultado é similar ao encontrado nos dados de NMB para o mesmo contexto prosódico (a 1% das 686 PWS cabeça de PhP produzidas não há acento tonal associado). É também baixa a ocorrência de palavras fonológicas cabeça de PhP sem acento tonal associado nos dados de FCS (a 4.2% das 738 PWS cabeças de PhP não há acento tonal associado), apesar de, novamente, essa informante apresentar uma frequência ligeiramente mais alta de palavras fonológicas sem acento tonal associado, se comparada à frequência de palavras fonológicas sem acento tonal associado

¹⁶⁰ As sílabas em caixa alta representam sílabas tônicas. As palavras fonológicas são delimitadas por parênteses; os sintagmas fonológicos e o sintagma entoacional são delimitados por colchetes.

¹⁶¹ Utilizamos o símbolo “PW]_{PhP}” para representar a palavra fonológica cabeça de sintagma fonológico.

das duas outras informantes. Em relação aos dados de LPC, nenhuma das PWs sem acento tonal é cabeça de PhP.

Assim, nota-se que há também uma alta frequência (muito próxima aos 100%) de acentos tonais associados às palavras fonológicas que encabeçam sintagmas fonológicos no PGB. No exemplo em (46), que ilustra essa característica tonal no PGB, observamos que há a associação de um acento tonal a cada palavra fonológica cabeça de PhP: (i) acentos tonais L*+H associados a (loiro)_{PW} e a (livros)_{PW}, palavras fonológicas cabeça dos sintagmas fonológicos [o jovem loiro]_{PhP} e [levava livros]_{PhP} respectivamente; e (ii) um acento tonal L* associado a (na mala)_{PW}, palavra fonológica cabeça do sintagma fonológico [na mala]_{PhP}.¹⁶²

(46) a. O jovem loiro levava livros na mala

b. [[(o JOvem)_{PW} (LOIro)_{PW}]_{PhP} [(leVAva)_{PW} (Llivos)_{PW}]_{PhP} [(na MAAla)_{PW}]_{PhP}]_{IP}
 | | | | | |
 L*+H L*+H L*+H L*+H L* L%

Restringindo, porém, os dados a uma comparação que considere somente as PWs que não possuem acento tonal associado (Tabela 3), atesta-se, nos resultados gerais obtidos para o PGB, uma distribuição relativamente equilibrada desse tipo de palavra entre PWs cabeça (52.9%) e PWs não cabeça (47.1%) de PhP.

Tabela 3. Distribuição de palavras fonológicas sem acento tonal entre cabeça e não cabeça de sintagma fonológico.

Informante	PWs sem T* associado	PW não cabeça de PhP	PW cabeça de PhP
INB	23 (100%)	7 (30.4%)	16 (69.1%)
NMB	12 (100%)	7 (58.3%)	5 (41.7%)
FCS	64 (100%)	31 (48.4%)	33 (51.6%)
LPC	3 (100%)	3 (100%)	—
TOTAL	102 (100%)	48 (47.1%)	54 (52.9%)

¹⁶² Neste trabalho, as palavras fonológicas sublinhadas em representações prosódicas consistem em palavras fonológicas cabeça de cada respectivo sintagma fonológico ao qual pertencem.

Os resultados específicos para cada informante, apresentados na Tabela 3, revelam, porém, que a maioria das PWs sem acento tonal nos dados de INB são cabeça de PhP (69.1%), enquanto os dados de NMB mostram o inverso: a maior parte das PWs sem acento tonal (58.3%) é não cabeça de PhP. Com relação aos dados de LPC, o número de PWs sem acento tonal é o menor entre as falantes, atestando-se apenas 3 PWs sem acento tonal, sendo todas elas não cabeça de PhP. Por outro lado, FCS apresenta a maior ocorrência de PWs sem acento tonal em seus dados (64 ocorrências), distribuídas equilibradamente entre PWs cabeça (51.6%) e PWs não cabeça (48.4%) de PhP.

Com relação à constituição silábica, à posição na ramificação sintático-prosódica e à posição sintática na sentença das PWs sem acento tonal, cabe tecermos algumas considerações. Verificamos que, das 23 PWs sem acento tonal nos dados de INB, 18 são curtas (3 ou menos sílabas) e 5 são longas (4 ou mais sílabas). Com relação à posição sintática, todas as palavras pertencem ao predicado da sentença: 6 PWs são verbos¹⁶³ (precedidos por acento frasal de tom baixo)¹⁶⁴ e 17 são a primeira PW de um objeto ramificado (6 de ramificação simples e 11 de ramificação dupla). Diferentemente das PWs sem acento tonal dos dados de INB, todas as 12 PWs sem acento tonal nos dados de NMB são longas e, à exceção de um caso, todas seguem um acento frasal. Quanto à posição sintática na sentença, 6 dessas 12 palavras pertencem ao predicado da sentença (5 são verbos¹⁶⁵ e 1 é a primeira PW de um objeto duplamente ramificado) e 6 palavras pertencem ao sujeito (5 são última PW de um sujeito ramificado e 1 é a última PW de um sujeito duplamente ramificado). Nos dados de FCS, 28 PWs sem acento tonal são longas e 36 PWs são curtas. Com a exceção de um caso, todas as palavras longas seguem um acento frasal. No que tange à posição sintática na sentença, as PWs sem acento tonal são predominantemente

¹⁶³ Tais verbos distribuem-se entre: (i) verbo longo que possui um objeto não ramificado curto como complemento (3 ocorrências); (ii) verbo longo que possui um objeto ramificado curto como complemento (1 ocorrência); (iii) verbo longo que possui um objeto duplamente ramificado curto como complemento (1 ocorrência); e (iv) verbo curto que possui um objeto duplamente ramificado curto como complemento (1 ocorrência).

¹⁶⁴ O acento frasal é tema da seção 5.1.2.1.

¹⁶⁵ Tais verbos distribuem-se entre: (i) verbo longo que possui um objeto não ramificado curto como complemento (1 ocorrência); (ii) verbo longo que possuem um objeto ramificado curto como complemento (3 ocorrências); e (iii) verbo longo que possui um objeto ramificado longo como complemento (1 ocorrência).

pertencentes ao predicado: 45 são verbos,¹⁶⁶ 10 são a primeira PW de um objeto ramificado, 7 são a primeira PW de um objeto duplamente ramificado e 2 são a segunda PW desse último tipo de objeto. Já as 3 PWs sem acento tonal de LPC possuem as seguintes características: uma PW é um verbo longo seguido de acento frasal e que possui um objeto ramificado curto como complemento; as outras duas PWs são a primeira PW de um objeto curto duplamente ramificado.

Desse modo, verificamos que, de maneira geral, no PGB, as palavras fonológicas sem acento tonal são predominantemente elementos do predicado: consistem, majoritariamente, em verbos (que possuem objetos ramificados ou não ramificados como complemento) e primeiras palavras fonológicas de objetos contendo ramificação. Assim, a posição sintática que a palavra fonológica ocupa na sentença parece afetar a associação tonal.

Nos exemplos em (47) e (48), os quais ilustram a predominância de palavras fonológicas sem acento tonal no predicado, observamos a associação de acentos tonais a quase todas as palavras fonológicas das sentenças, com a exceção de duas: (i) em (47), não há a associação de acento tonal a (memorizava)_{PW}, palavra fonológica que consiste em um verbo, cujo objeto complemento, “uma melodia”, não é sintaticamente ramificado; e (ii) em (48), não há a associação de acento tonal a (o jovem)_{PW}, primeira palavra fonológica do objeto duplamente ramificado sintaticamente “o jovem moreno da loja”.¹⁶⁷

(47) a. A neta da mãe memorizava uma melodia

b. [(a NEta)_{PW}]_{PHP} [(da MÃE)_{PW}]_{PHP} [(memoriZava)_{PW} [(uma meloDia)_{PW}]_{PHP}]_{IP}

L*+H	L*	!H+L*	L%

¹⁶⁶ Tais verbos distribuem-se entre: (i) verbo longo que possui um objeto não ramificado longo como complemento (6 ocorrências); (ii) verbo longo que possui um objeto não ramificado curto como complemento (6 ocorrências); (iii) verbo curto que possui um objeto não ramificado longo como complemento (5 ocorrências); (iv) verbo curto que possui um objeto não ramificado curto como complemento (5 ocorrências); (v) verbo longo que possui um objeto ramificado curto como complemento (10 ocorrências); (vi) verbo curto que possui um objeto ramificado curto como complemento (9 ocorrências); (vii) verbo longo que possui um objeto duplamente ramificado curto como complemento (3 ocorrências); e (viii) verbo longo que possui um objeto ramificado longo como complemento (1 ocorrência).

¹⁶⁷ As sentenças em (47) e (48) foram produzidas por FCS e INB respectivamente.

(50), constantes do *corpus* de fala controlada (conferir Anexo A desta dissertação) e produzidas por FCS, são exemplos de IP medial e final.

(49) Sentença curta:

- a. O jovem loiro (sIL) mimava meninas.
- b. [o jovem loiro]_{IP}^{Medial} [mimava meninas]_{IP}^{Final}

(50) Sentença longa:

- a. O namorado megalômano da brasileira (sIL) memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro.
- b. [o namorado megalômano da brasileira]_{IP}^{Medial} [memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro]_{IP}^{Final}

Uma vez definidos e exemplificados os tipos de sintagmas entoacionais presentes nos dados em análise, passamos a descrevê-los quanto à atribuição de acentos tonais ao seu elemento proeminente.

Considerando a atribuição de acentos tonais ao constituinte prosódico no qual se localiza a proeminência do sintagma entoacional (a palavra fonológica cabeça do último sintagma fonológico de IP – ou seja, em português, a PW mais a direita desse sintagma), verificamos que, para todas as quatro informantes, há 100% de associação de acentos tonais às palavras fonológicas que encabeçam IPs finais. Da mesma forma, as palavras fonológicas cabeça de IP medial também apresentam acentos tonais associados a elas em 100% dos casos.

Importa esclarecer, porém, que determinadas PWs cabeça de IP final precedidas de um acento frasal de tom baixo mantêm, em suas sílabas tônicas, o mesmo nível da curva entoacional baixa desse acento frasal anterior, sugerindo, assim, a não existência de um acento tonal associado a elas. A Figura 5, imagem acústica da sentença “A boliviana falava do namorado” fornecida pelo PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2012), exemplifica esse caso: nota-se que a curva entoacional da sílaba tônica “ra” de (do namorado)_{PW}, palavra fonológica cabeça

do IP dessa sentença, está no mesmo nível de altura do acento frasal L- precedente, associado ao sintagma fonológico [falava]_{PhP} e alinhado foneticamente à sílaba “do”.

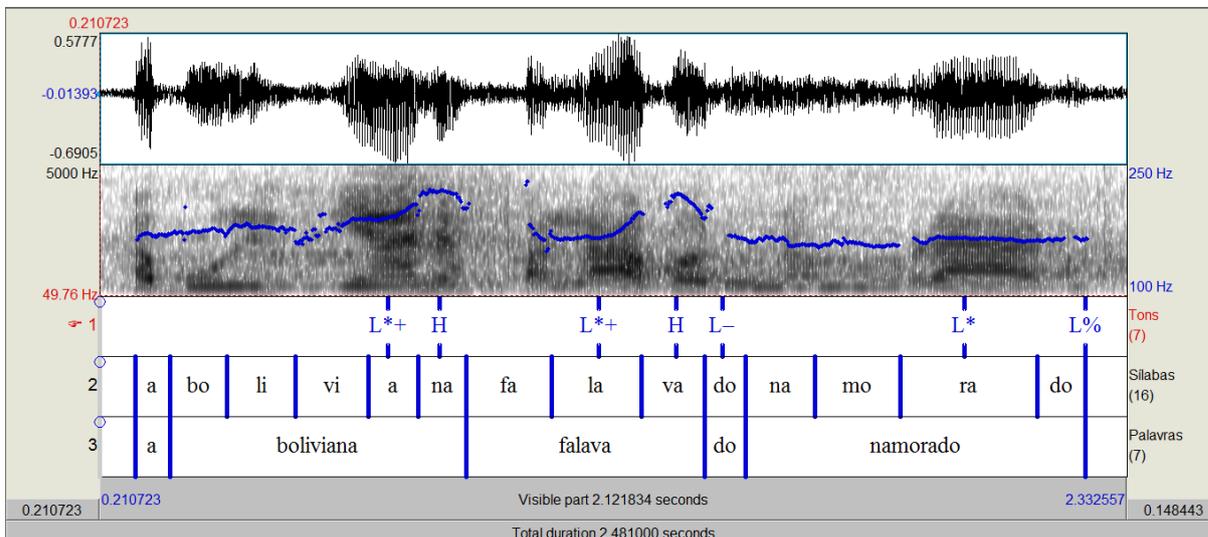


Figura 5. Atribuição de eventos tonais ao contorno entoacional da sentença “A boliviana falava do namorado”, produzida por LPC em contexto de obtenção de sentença neutra.

Atestamos 12 PWs que exibem essa característica de um total de 230 PWs em posição nuclear de IP nos dados de NMB e 19 PWs de um total de 231 PWs em posição nuclear de IP nos dados de LPC. Entretanto, ao excluirmos tais dados, observamos a associação de um acento tonal em todos os casos (predominantemente L*) para as duas informantes (ver seção 5.1.1.2). Esse fato nos leva a interpretar a existência de um acento tonal associado a toda PW fonológica cabeça de IP, mesmo que esse tom esteja no mesmo nível de altura do tom precedente. Essa análise pode ser estendida a 8 casos semelhantes encontrados em IPs medias de sentenças de FCS.

Desse modo, a partir das frequências encontradas e das observações feitas para o constituinte nuclear de IP, conclui-se que há uma associação obrigatória de acentos tonais a palavras fonológicas cabeça do último sintagma fonológico de IPs no PGB.

A descrição da atribuição de acentos tonais às sentenças neutras do PGB realizada nesta seção revela não só a frequente atribuição de acentos tonais ao elemento mais

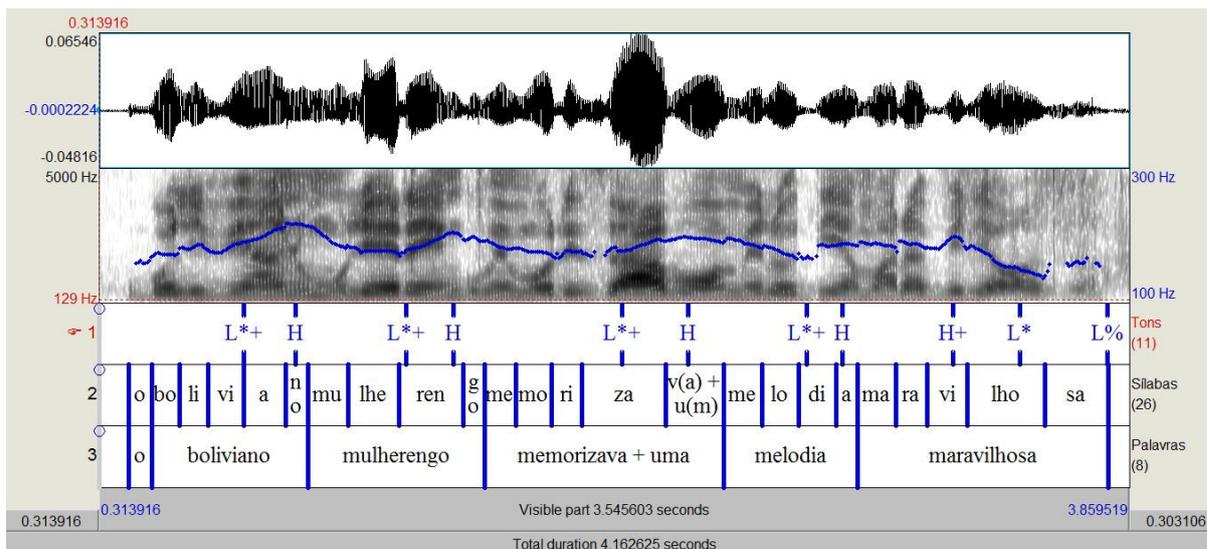


Figura 6. Atribuição de acentos tonais ao contorno entoacional da sentença “O boliviano mulherengo memorizava uma melodia maravilhosa”, produzida por INB em contexto de obtenção de sentença neutra.

Verificamos, na síntese do sinal acústico da sentença em (51a) fornecida pelo PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2012), dada na Figura 6, a presença de acentos tonais alinhados às sílabas tônicas de cada palavra fonológica do contorno entoacional: acentos tonais do tipo L^*+H associados às palavras fonológicas (o boliviano)_{PW}, (mulherengo)_{PW}, (memorizava)_{PW} e (uma melodia)_{PW} e um acento tonal $H+L^*$ associado à palavra fonológica (maravilhosa)_{PW}. Além disso, tendo todas as palavras fonológicas do contorno entoacional dessa sentença um acento tonal atribuído, conseqüentemente, a cada palavra fonológica cabeça de PhP há um acento tonal atribuído, ou seja: acentos tonais do tipo L^*+H associados a (mulherengo)_{PW} e a (memorizava)_{PW}, palavras fonológicas cabeças dos sintagmas fonológicos [o boliviano mulherengo]_{PhP} e [memorizava]_{PhP}, e um acento tonal $H+L^*$ associado a (maravilhosa)_{PW}, palavra fonológica cabeça do sintagma fonológico [uma melodia maravilhosa]_{PhP}.

Definidas a associação de acentos tonais ao contorno entoacional e a relação com a marcação de domínios prosódicos, passamos agora à descrição da configuração de tais eventos tonais.

5.1.1.2 Configuração de acentos tonais

Para verificarmos o tipo de acento tonal presente no contorno entoacional dos dados do PGB, discriminamos as palavras fonológicas na qual o acento nuclear de IP é associado (ou seja, a PW cabeça do último PhP de um IP) das demais palavras fonológicas (ou seja, as PWs do contorno entoacional não nuclear) e desconsideramos, nas análises de frequência, as palavras fonológicas que não possuem acentos tonais associados a elas. Os resultados encontrados são apresentados nas Tabelas 5, 6 e 7.

Tabela 5. Frequência, por tipo de acento tonal, da associação de acentos tonais ao contorno entoacional não nuclear (palavras fonológicas não cabeça do último PhP de IPs).

Informante	PWs não cabeça do último PhP de IP e com T* associado	L*	H*	L*+H	H+L*	L+H*
INB	737 (100%)	76 (10.3%)	3 (0.4%)	652 (88.5%)	1 (0.1%)	5 (0.7%)
NMB	648 (100%)	34 (5.2%)	36 (5.6%)	525 (81%)	14 (2.2%)	39 (6%)
FCS	637 (100%)	119 (18.7%)	102 (16%)	287 (45.1%)	48 (7.5%)	81 (12.7%)
LPC	759 (100%)	9 (1.2%)	14 (1.8%)	684 (90.1%)	2 (0.3%)	50 (6.6%)
TOTAL	2781 (100%)	238 (8.6%)	155 (5.6%)	2148 (77.2%)	65 (2.3%)	175 (6.3%)

Tabela 6. Frequência, por tipo de acento tonal, da associação de acentos tonais ao contorno nuclear de IP final (palavras fonológicas cabeça do último PhP de IP final).

Informante	PWs cabeça do último PhP de IP final com T* associado	!H*+L	L*	H+L*
INB	221 (100%)	9 (4.1%)	10 (4.5%)	202 (91.4%)
NMB	201 (100%)	2 (1%)	169 (84.1%)	30 (14.9%)
FCS	222 (100%)	–	2 (0.9%)	220 (99.1%)
LPC	222 (100%)	15 (6.8%)	204 (91.9%)	3 (1.4%)
TOTAL	866 (100%)	26 (3%)	385 (44.5%)	455 (52.5%)

Tabela 7. Frequência, por tipo de acento tonal, da associação de acentos tonais ao contorno nuclear de IP medial (palavras fonológicas cabeça do último PhP de IP medial).

Informante	PW cabeça do último PhP de IP medial com T* associado	H*+L	H+L*	L+H*	L*+H	L*
INB	5 (100%)	–	1 (20%)	–	4 (80%)	–
NMB	29 (100%)	2 (6,9%)	1 (3.4%)	8 (27.6%)	17 (58.6%)	1 (3.4%)
FCS	61 (100%)	–	6 (9.8%)	–	12 (19.7%)	43 (70.5%)
LPC	9 (100%)	–	1 (11.1%)	3 (33.3%)	5 (55.6%)	–
TOTAL	104 (100%)	2 (1.9%)	9 (8.7%)	11 (10.6%)	38 (36.5%)	44 (42.3%)

Segundo os dados apresentados na Tabela 5, 88.5% dos acentos tonais encontrados associados ao contorno não nuclear de IP das sentenças de INB são formados pelo acento bitonal ascendente L*+H contra 11.5%¹⁶⁹ dos demais tipos de acentos tonais atestados. Entre os acentos menos frequentes, destaca-se o acento monotonal L*, que equivale a 10.3% (segunda maior porcentagem) do total de acentos tonais produzidos por essa informante. Para NMB, 81% dos acentos tonais do contorno entoacional não nuclear são formados também por L*+H e os demais 19% dos acentos tonais distribuem-se entre L+H* (6%), H* (5.6%), L* (5.2%) e H+L* (2.2%). FCS é a informante que apresenta uma distribuição mais equilibrada entre L*+H (45.1%) e os demais tipos de acento (54.9%), os quais também apresentam uma distribuição equilibrada entre si em relação aos resultados gerais para essa informante: L* (18.7%), H* (16%), L+H* (12.7%) e H+L* (7.5%). É predominante também a ocorrência de acentos tonais L*+H nos dados de LPC: 90.1% dos acentos tonais encontrados para essa falante são formados por esse acento bitonal contra 9.9%¹⁷⁰ dos demais tipos de acentos atestados.

De modo geral, nota-se a preferência de acentos tonais ascendentes L*+H (77.2% dos dados totais) associados ao contorno entoacional não nuclear de IP no PGB. O exemplo (52) ilustra essa preferência: nota-se a associação de acentos tonais L*+H a cada palavra

¹⁶⁹ 11.5% é a soma das frequências apresentadas na segunda linha das terceira, quarta, sexta e sétima colunas da Tabela 5.

¹⁷⁰ 9.9% é a soma das frequências apresentadas na quinta linha das terceira, quarta, sexta e sétima colunas da Tabela 5.

fonológica do contorno não nuclear da sentença (contorno esse que compreende todas as PWs do IP, exceto a PW mais à direita desse sintagma, isto é, (maravilhosa)_{PW}).¹⁷¹

(52) a. O boliviano mulhERENgo gravava uma melodia maravilHosa

b. [(o boliviA_no)_{PW} (mulheREng_o)_{PW}]_{PhP} [(graVAva)_{PW}]_{PhP} [(uma meloD_ia)_{PW} (maraviLHOsa)_{PW}]_{PhP}]_{IP}

| | | | |

L*+H L*+H L*+H L*+H L* L%

Com relação aos acentos tonais do contorno nuclear de IP final (Tabela 6), verifica-se que, nos dados de INB, 91.4% são do tipo H+L* e os demais 8.6% estão distribuídos entre acentos tonais do tipo L* (4.5%) e !H*+L (4.1%). Quanto aos dados de NMB, há a associação, em 84.1% dos casos, de acentos tonais monotonais – exclusivamente L* – ao contorno nuclear de IP final, contra 15.9% para os demais tipos – H+L* (14.9%) ou !H*+L (1%). Por sua vez, os dados de FCS, assim como os de INB, também apresentam uma predominância de acentos bitonais nesse já referido contexto prosódico: 99.1% dos acentos tonais que encabeçam IP final é H+L*. Há a ocorrência de apenas 2 casos (0.9%) de um acento monotonal L* nos dados dessa informante. Nas sentenças de LPC, à semelhança aos dados de NMB, é alta a frequência de acentos monotonais L* (91.9%) associados ao contorno nuclear de IP final; os demais 8.1% acentos tonais são bitonais descendentes: H*+L (6.8%) ou H+L* (1.4%).¹⁷²

¹⁷¹ A sentença em (52) foi produzida por LPC.

¹⁷² Para exemplos dos acentos tonais mais frequentes associados ao contorno nuclear de IP final de cada informante, remetemos o leitor às seguintes sentenças dadas na seção 5.1.2.2 deste capítulo: (i) para INB, conferir a sentença e representação prosódica em (59) e a respectiva imagem acústica dada na Figura 9; (ii) para NMB, conferir a sentença e representação prosódica em (60) e respectiva imagem acústica dada na Figura 10; (iii) para LPC, conferir a sentença e representação prosódica em (61) e respectiva imagem acústica dada na Figura 11; e (iv) para FCS, conferir a sentença e representação prosódica em (62) e respectiva imagem acústica dada na Figura 12. Outros exemplos podem ser observados em ilustrações dadas ao longo do Capítulo 5.

Portanto, no PGB, os acentos tonais associados ao contorno entoacional nuclear do sintagma fonológico final são, sobretudo, acentos bitonais descendentes (H+L*) (52.5% dos dados totais) e acentos monotonais baixos (L*) (44.5% dos dados totais). Nos exemplos em (53) e (54), que ilustram essa preferência, nota-se: (i) a associação de um acento tonal H+L* a (morenos)_{PW}, palavra fonológica cabeça do IP da sentença em (53); e (ii) a associação de um acento tonal L* a (do namorado)_{PW}, palavra fonológica cabeça do IP da sentença em (54).¹⁷³

(53) a. A loira mimava morenos

b. [(a LOIra)_{PW}]_{PhP} [(miMAva)_{PW} (moREnos)_{PW}]_{PhP}]_{IP}
 | | | |
 L*+H L*+H H+L* L%

(54) a. A boliviana falava do namorado

b. [(a boliviAna)_{PW}]_{PhP} [(faLAvA)_{PW}]_{PhP} [(do namoRAdo)_{PW}]_{PhP}]_{IP}
 | | | |
 L+H* L*+H L* L%

Já em relação ao contorno nuclear de IP medial, FCS e NMB são as falantes que mais produziram sentenças mapeadas em dois IPs – respectivamente, 58.7% (61) e 27.9% (29) das 104 (100%) ocorrências gerais atestadas nos dados do PGB respectivamente. Os dados de LPC correspondem a 8.6% (9) das sentenças mapeadas em dois IPs e os dados de INB, a apenas 4.8% (5). Segundo os dados apresentados na Tabela 7, das 5 PWs cabeça de PhP final de IP medial das sentenças de INB, 4 (80%) possuem um acento tonal ascendente L*+H associado a elas e 1 (20%), um acento tonal descendente H+L*. Nos dados de LPC, das 9 PWs nesse mesmo contexto prosódico, 8 possuem um acento tonal ascendente L*+H (5 ocorrências – 55.6%) ou L+H* (3 ocorrências – 33.3%); a outra PW, nesse mesmo contexto prosódico, constante dos dados dessa informante possui um acento tonal descendente H+L* (1 ocorrência – 11.1%). Para NMB, atesta-se uma predominância de acentos tonais

¹⁷³ As sentenças em (53) e (54) foram produzidas por FCS e NMB respectivamente.

ascendentes associados ao contorno nuclear de IP medial: do total de 31 PWs cabeça de PhP de IPs mediais, 17 PWs (54.8%) possuem a associação de um acento tonal L*+H e 8 PWs (25.8%) possuem a associação de um acento tonal L+H*; às 4 demais PWs nesse mesmo contexto prosódico estão associados acentos tonais descendentes – H*+L (2 ocorrências – 6.9%) ou H+L* (1 ocorrência – 3.4%) – e acento monotonal baixo – L* (1 ocorrência – 3.4%). Diferentemente dos dados das outras três informantes, os dados de FCS revelam uma predominância de acentos tonais monotonais L* para o contorno nuclear de IP medial: do total de 61 PWs que constituem tal contorno, 43 PWs (70.5%) possuem um L* atribuído; 12 PWs (19.7%) possuem um acento tonal ascendente L*+H a elas atribuído; e às 6 demais PWs (9.8%) associam-se acentos tonais descendentes H+L*.¹⁷⁴

A frequência de atribuição de acentos tonais ao contorno nuclear de IPs mediais em nossos dados do PGB, portanto, indica que, nessa variedade de português, há uma preferência de associação de acentos tonais ascendentes (L*+H) e acentos monotonais (L*) a tal contorno.¹⁷⁵ Nos exemplos em (55) e (56), que ilustram essa preferência, nota-se: (i) a associação de um acento tonal L*+H a (da mãe)_{PW}, palavra fonológica cabeça do IP medial da sentença em (55); e (ii) a associação de um acento tonal L* a (loiro)_{PW}, palavra fonológica cabeça do IP medial da sentença em (56).¹⁷⁶

(55) a. A neta da mãe (sIL) mimava meninos

b. $[[[(a\ N\ \acute{E}ta)_{PW}]_{PhP} \quad [[[(da\ M\ \tilde{A}E)_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Medial} \quad [[[(mi\ M\ A\ va)_{PW} \quad (me\ n\ I\ nos)_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Final}$
 $\quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad |$
 $\quad \quad \quad L^*+H \quad \quad \quad L^*+H \quad \quad \quad H\% \quad \quad \quad L^*+H \quad \quad \quad L^* \quad \quad \quad L\%$

¹⁷⁴ Para exemplos dos acentos tonais mais frequentes associados ao contorno nuclear de IP medial de cada informante, remetemos o leitor às seguintes sentenças dadas na seção 5.1.2.2 deste capítulo: (i) para INB, conferir a sentença e representação prosódica em (59) e a respectiva imagem acústica dada na Figura 9; (ii) para NMB, conferir a sentença e representação prosódica em (60) e respectiva imagem acústica dada na Figura 10; (iii) para LPC, conferir a sentença e representação prosódica em (61) e respectiva imagem acústica dada na Figura 11; e (iv) para FCS, conferir a sentença e representação prosódica em (62) e respectiva imagem acústica dada na Figura 12. Outros exemplos podem ser observados em ilustrações dadas ao longo do Capítulo 5.

¹⁷⁵ O contorno nuclear dos IPs mediais nos dados do PGB é caracterizado, majoritariamente, por uma configuração ascendente. Entretanto, cabe destacar que a configuração tonal dessa ascendência pode se manifestar no acento tonal (L*+H ou L+H*) ou no tom de fronteira (LH%), conforme o informante (conferir a seção 5.1.2.2).

¹⁷⁶ As sentenças em (55) e (56) foram produzidas por NMB e FCS respectivamente.

- (56) a. O jovem loiro (SIL) memorizava dilemas
- b. $[[[(o\ JOvem)_{PW} (LOIro)_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Medial} [[[(miMAva)_{PW} (meNIas)_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Final}$
- | | | | | |
- H* L* LH% !H* H+L* L%

5.1.2 Associação e configuração de tons relacionados a fronteiras

5.1.2.1 Acentos frasais

Na investigação da marcação tonal de fronteiras de constituintes prosódicos, encontramos, em nossos dados do PGB, acentos frasais (exclusivamente de tom baixo) associados a fronteiras de sintagmas fonológicos.

Consideramos, na análise dos acentos frasais identificados, estudos prévios realizados para outras variedades de português (PB e ALE) sobre a associação desses eventos a fronteiras de PhPs. Verificamos que os acentos frasais (L-), em nossos dados de sentenças neutras do PGB, associam-se à fronteira direita de sintagmas fonológicos (de diferentes posições na sentença, conforme será visto nesta subseção), sendo tal associação diferente da associação dos acentos frasais encontrada para o PB e o ALE: no PB, os acentos frasais associam-se somente à fronteira direita do PhP em que um elemento focalizado está mapeado (FERNANDES, 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008); já no ALE, os acentos frasais associam-se somente à fronteira esquerda do último PhP de IP de sentenças neutras (CRUZ, 2013).¹⁷⁷

Ademais, cabe acrescentar que, no caso de PhPs finais, há coincidência entre a fronteira direita de PhP e de IP e, portanto, havendo tom relacionado à fronteira nesse local, não é possível determinar de qual evento tonal relacionado à fronteira (acento frasal ou tom de fronteira) se trata.

¹⁷⁷ Aprofundamos o assunto referente à qual fronteira de PhP o acento frasal se associa na seção 5.3 deste capítulo.

Desse modo, para a investigação da frequência de atribuição dos acentos frasais ao contorno entoacional, selecionamos os sintagmas fonológicos que não possuem fronteiras coincidentes com as fronteiras de IPs, sendo excluídos, das análises de frequência apresentadas nesta subseção, os sintagmas fonológicos finais de sintagma entoacional. Os resultados obtidos para a atribuição de acentos frasais (T–) são apresentados na Tabela 8.

Tabela 8. Frequência da atribuição de acentos frasais a fronteiras de sintagmas fonológicos.

Informante	Fronteira direita de PhP ¹⁷⁸]PhP ¹⁷⁹ com T– associado]PhP sem T– associado
INB	530 (100%)	75 (14.2%)	455 (85.8%)
NMB	456 (100%)	80 (17.5%)	376 (82.5%)
FCS	470 (100%)	29 (6.2%)	441 (93.8%)
LPC	527 (100%)	84 (15.9%)	443 (84.1%)
TOTAL	1985 (100%)	268 (13.6%)	1715 (86.5%)

Podemos notar, de imediato, frequências próximas quanto à atribuição de acentos frasais às fronteiras direitas de PhPs para a maioria das informantes: nos dados de INB, 14.2% das fronteiras de PhP possuem acentos frasais associados; para NMB, em 17.5% das fronteiras de PhP há um acento frasal associado, frequência semelhante à encontrada nos dados de LPC, nos quais 15.9% das fronteiras de PhP têm um acento frasal associado. FCS é a única informante que apresenta uma frequência divergente de atribuição de acentos frasais: apenas 6.2% das fronteiras totais de PhP possuem um acento frasal associado. De modo geral, em relação ao número total de fronteiras direitas de PhP, é baixa a frequência (13.6%) de atribuição de acentos frasais às sentenças do PGB.

Para verificarmos a quais sintagmas fonológicos os acentos frasais estão associados no contorno entoacional do PGB, discriminamos esses sintagmas pela extensão de seus

¹⁷⁸ Das 756 fronteiras de PhP das sentenças de INB, 226 foram excluídas por serem também fronteiras de IP. Pelo mesmo motivo: para NMB, das 686 fronteiras de PhP, 230 foram excluídas, para FCS, 283 de suas 753 fronteiras de PhP foram excluídas e, para LPC, 231 de suas 758 fronteiras foram excluídas. Totaliza-se, assim, 970 exclusões. O mesmo número é válido para fronteiras esquerdas de PhP e fronteiras esquerdas de IPs.

¹⁷⁹ Utilizamos o símbolo “]PhP” para representar fronteira direita de sintagma fonológico.

constituintes (isto é, PW curtas e longas) e pela sua ramificação prosódica. Na Tabela 9, são apresentados os resultados encontrados para associação de acento frasal nos dados de fala controlada do PGB.

Tabela 9. Atribuição de acentos frasais por tipo de sintagma fonológico.¹⁸⁰

Informante	Fronteiras de PhP com T- associado	[PW _C] _{PhP}	[PW _L] _{PhP}	[PW _C + PW _C] _{PhP}	[PW _L + PW _L] _{PhP}
INB	75 (100%)	22 (29.3%)	39 (52%)	2 (2.7%)	12 (16%)
NMB	80 (100%)	12 (15%)	37 (46.3%)	7 (8.8%)	24 (30%)
FCS	29 (100%)	10 (34.5%)	10 (34.5%)	3 (10.3%)	6 (20%)
LPC	84 (100%)	13 (15.5%)	37 (44%)	9 (10.7%)	25 (29%)
TOTAL	269 (100%)	58 (21.3%)	122 (45.9%)	20 (7.8%)	69 (25%)

Os dados do PGB revelam que os acentos frasais são atribuídos principalmente a sintagmas fonológicos compostos por uma única PW longa (ou seja, um PhP longo não ramificado prosodicamente), correspondendo a 45.9% do total de associações. Entretanto, os resultados específicos de cada informante atestam também grande frequência de atribuição de acento frasal a outros tipos de sintagmas fonológicos. Contudo, sintagmas fonológicos formados por duas PWs curtas (isto é, um PhP curto ramificado prosodicamente) são, para todas as quatro informantes, o tipo de sintagma ao qual os acentos frasais estão associados em menor número, correspondendo a 7.8% do total de associações.

Cabe ainda acrescentar que os acentos frasais presentes nos dados de INB¹⁸¹ e FCS¹⁸² foram encontrados associados somente a fronteiras de sintagmas fonológicos nos quais os

¹⁸⁰ Utilizamos as seguintes convenções na tabela:

“[PW_C]_{PhP}” para representar sintagma fonológico curto não ramificado prosodicamente;
 “[PW_L]_{PhP}” para representar sintagma fonológico longo não ramificado prosodicamente;
 “[PW_C + PW_C]_{PhP}” para representar sintagma fonológico curto ramificado prosodicamente; e
 “[PW_L + PW_L]_{PhP}” para representar sintagma fonológico longo ramificado prosodicamente.

¹⁸¹ Nas sentenças de INB, os acentos frasais estão associados a fronteiras do primeiro PhP do sujeito mapeado em dois PhPs (33 ocorrências) e a fronteiras de PhPs do sujeito seguido de um verbo (42 ocorrências). Tais verbos distribuem-se entre: (i) verbo longo que possui um objeto não ramificado curto como complemento (9 ocorrências); (ii) verbo longo que possui um objeto não ramificado longo como complemento (6 ocorrências); (iii) verbo longo que possui um objeto ramificado curto como complemento (9 ocorrências); (iv) verbo longo

sujeitos das sentenças são mapeados. Entretanto, para NMB e para LPC, foram também encontrados acentos frasais nos predicados das sentenças, embora a associação aos PhPs do predicado seja menos frequente: dos 80 acentos frasais encontrados para NMB, 23.8% (19/80) estão associados a PhPs pertencentes ao predicado, enquanto os 76.2% (61/80) restantes estão associados a PhPs pertencentes ao sujeito;¹⁸³ já para LPC, 81% (68/84) de seus acentos frasais associam-se a PhPs do sujeito, enquanto 19% (16/84) associam-se a PhPs do predicado.¹⁸⁴

De maneira geral, verifica-se que a associação dos acentos frasais ao contorno entoacional do PGB parece ser opcional, uma vez que é baixa a frequência de ocorrência desses eventos tonais (13.6% de associação, conforme a Tabela 8) e por serem associados a sintagmas fonológicos de diferentes tipos (com diferentes extensões e ramificações prosódicas (Tabela 9) e pertencentes a diferentes constituintes sintáticos). Assim, no que

que possui um objeto ramificado longo como complemento (7 ocorrências); (v) verbo curto que possui um objeto duplamente ramificado curto como complemento (1 ocorrência); (vi) verbo longo que possui um objeto duplamente ramificado curto como complemento (5 ocorrência); e (vii) verbo longo que possui um objeto duplamente ramificado longo como complemento (5 ocorrência).

¹⁸² Nas sentenças de FCS, os acentos frasais estão associados a fronteiras do primeiro PhP do sujeito mapeado em dois PhPs (10 ocorrências) e a fronteiras de PhPs do sujeito seguido de um verbo (19 ocorrências). Tais verbos distribuem-se entre: (i) verbo longo que possui um objeto não ramificado curto como complemento (3 ocorrências); (ii) verbo longo que possui um objeto não ramificado longo como complemento (2 ocorrências); (iii) verbo longo que possui um objeto ramificado curto como complemento (8 ocorrências); (iv) verbo longo que possui um objeto ramificado longo como complemento (3 ocorrências); (v) verbo longo que possui um objeto duplamente ramificado curto como complemento (3 ocorrência);

¹⁸³ Os acentos frasais nas sentenças de NMB estão atribuídos ao verbo (verbo curto que possui um objeto não ramificado curto como complemento – 4 ocorrências), ao primeiro PhP de um objeto mapeado em mais de um PhP (15 ocorrências), ao primeiro PhP do sujeito mapeado em dois PhPs (24 ocorrências) e ao PhP do sujeito seguido de um verbo (37 ocorrências distribuídas entre: (i) verbo longo que possui um objeto não ramificado curto como complemento (10 ocorrências); (ii) verbo longo que possui um objeto não ramificado longo como complemento – 6 ocorrências; (iii) verbo longo que possui um objeto ramificado curto como complemento – 7 ocorrências; (iv) verbo longo que possui um objeto ramificado longo como complemento – 7 ocorrências; (v) verbo curto que possui um objeto ramificado curto como complemento – 5 ocorrências; e (vi) verbo longo que possui um objeto duplamente ramificado curto como complemento – 2 ocorrências).

¹⁸⁴ Os acentos frasais nas sentenças de LPC também estão atribuídos ao verbo (verbo curto que possui como complemento um objeto não ramificado longo – 5 ocorrências), ao primeiro PhP de um objeto mapeado em mais de um PhP (11 ocorrências), ao primeiro PhP de um sujeito mapeado em dois PhPs (24 ocorrências) e ao PhP do sujeito seguido de verbo (44 ocorrências distribuídas entre: (i) verbo longo que possui um objeto não ramificado curto como complemento – 7 ocorrências; (ii) verbo longo que possui um objeto não ramificado longo como complemento – 9 ocorrências; (iii) verbo longo que possui um objeto ramificado curto como complemento – 10 ocorrências; (iv) verbo longo que possui um objeto ramificado longo como complemento – 10 ocorrências; (v) verbo longo que possui um objeto duplamente ramificado curto como complemento – 5 ocorrências; e (vi) verbo longo que possui um objeto duplamente ramificado longo como complemento – 3 ocorrências).

tange aos fatores determinantes para a associação dos acentos frasais ao contorno entoacional dos dados do PGB desta pesquisa, parece não haver um tipo de sintagma fonológico específico que condicione a presença de acento frasal associado à sua fronteira. Entretanto, destacamos que sintagmas fonológicos longos, não ramificados prosodicamente e pertencentes ao sujeito da sentença são os que apresentam a maior frequência de acentos frasais associados a suas fronteiras.

Os exemplos a seguir, compostos pelas sentenças em (57a) e (58a), representações prosódicas em (57b) e (58b) e respectivas imagens acústicas dadas nas Figuras 7 e 8, ilustram a ocorrência de acentos frasais nos dados do *corpus*. Em (57), vemos a presença de um acento frasal L- associado à fronteira direita do sintagma fonológico [o namorado megalômano]_{PHP} que compõe o sujeito da sentença; e, em (58), verifica-se a ocorrência de L- associado à fronteira direita de [uma melodia maravilhosa]_{PHP}, sintagma fonológico que compõe o predicado da sentença.

(57) a. O namorado megalômano da brasileira manuseava livrinhos.

b. [[(o namoRAdo)_{PW} (megaLÔmano)_{PW}]_{PhP} [(da brasiLEIra)_{PW}]_{PhP} IP

L*+H

L*+!H

L-

L*+H

[(manuseAva)_{PW} (liVRInhos)_{PW}]_{PhP} IP

L*+H

H+L*

L%

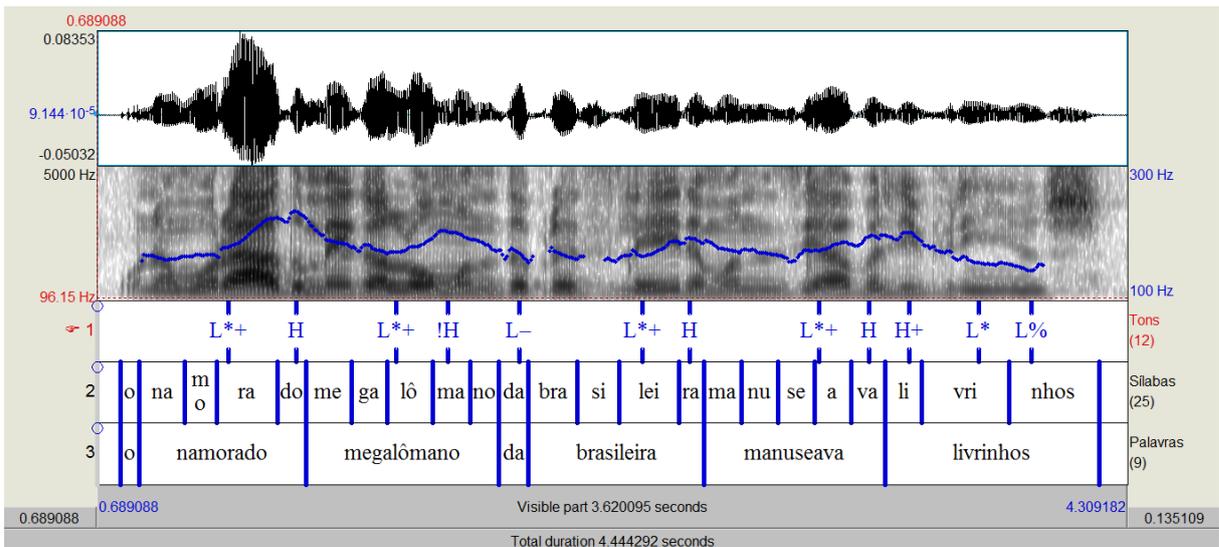


Figura 7. Atribuição de acento frasal à fronteira direita do sintagma fonológico [o namorado megalômano]_{PhP} pertencente ao sujeito da sentença “O namorado megalômano da brasileira manuseava livrinhos” (produzida por INB).

(58) a. O namorado memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro.

b. [[(o namoRAdo)_{PW}]_{PhP} [(memoriZAvA)_{PW}]_{PhP}

|
L*+H

|
L*+H

[(uma meloDIA)_{PW} (maraviLHOsa)_{PW}]_{PhP} [(do mariNHEIro)_{PW}]_{PhP}IP
 | | | | |
 (H) L*+H L*+H L- L* (L%)

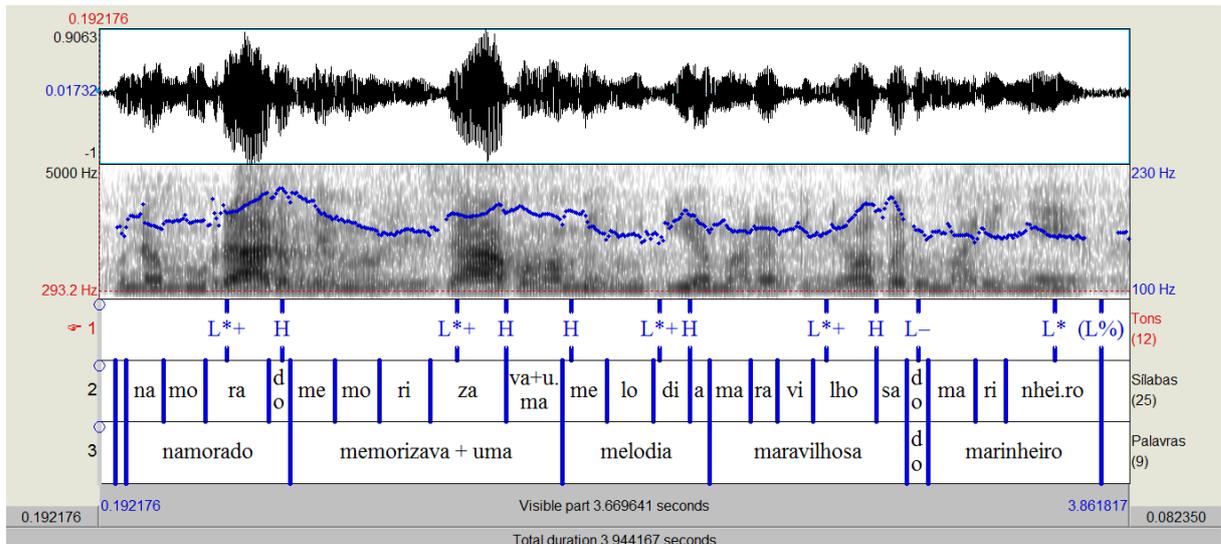


Figura 8. Atribuição de acento frasal à fronteira direita do sintagma fonológico [uma melodia maravilhosa]_{PhP} pertencente ao predicado da sentença “O namorado memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro” (produzida por LPC).

5.1.2.2 Tons de fronteira

Na investigação da associação de tons de fronteiras às fronteiras de sintagmas entoacionais das sentenças declarativas neutras do PGB, atestamos a atribuição de tons de fronteiras somente à fronteira direita desse sintagma. As frequências de associação obtidas para esse tipo de evento tonal no *corpus* são apresentadas nas Tabelas 10 e 11.¹⁸⁵

¹⁸⁵ Para determinar a presença de tons de fronteira associados ao contorno entoacional, valemo-nos de pistas visuais e perceptuais, como a visualização da curva de F₀ no PRAAT, a duração dos segmentos e a percepção auditiva. Porém, em casos em que as sílabas pós-tônicas da PW em final de sentença foram produzidas surdas,

Tabela 10. Frequência da atribuição de tons de fronteira à fronteira direita de IP final.

Informante	Fronteira direita de IP final]IP ¹⁸⁶ sem T% associado	L%	LH%
INB	221 (100%)	–	221 (100%)	
NMB	201 (100%)	–	201 (100%)	
FCS	222 (100%)	–	222 (100%)	
LPC	222 (100%)	–	221 (99.5%)	1 (0.5%)
TOTAL	866 (100%)	0 (0%)	865 (99.9%)	1 (0.1%)

Conforme as frequências apresentadas na Tabela 10, há a atribuição de um tom de fronteira à fronteira direita de IP final em 100% dos casos para as quatro informantes. Em quase todos os casos, trata-se de um tom de fronteira monotonal baixo (L%), à exceção de apenas um caso em que é ascendente (LH%).¹⁸⁷

Em relação às fronteiras direitas de IP medial, há também, para as quatro informantes, a associação de um tom de fronteira em 100% dos casos. A Tabela 11 apresenta a frequência da associação de tons de fronteira à fronteira direita de IPs mediais por tipo de configuração tonal.

Tabela 11. Associação de tons de fronteira à fronteira direita de IP medial.

Informante	Fronteira direita de IP medial]IP ¹⁸⁸ sem T% associado	L%	H%	LH%	HL%
INB	5 (100%)	–	3 (60%)	2 (40%)	–	–
NMB	29 (100%)	–	13 (44.8%)	14 (48.3%)	–	2 (6.9%)
FCS	61 (100%)	–	4 (6.6%)	12 (19.7%)	45 (73.8%)	–
LPC	9 (100%)	–	1 (11.1%)	7 (77.8%)	–	1 (11.1%)
TOTAL	104 (100%)	0 (0%)	21 (20.2%)	35 (33.7%)	45 (43.3%)	3 (2.9%)

com efeitos de *creaky voice*, ou não foram plenamente pronunciadas, comprometendo-se, assim, a visualização da curva de F₀, utilizamos somente as demais pistas para confirmar a presença de tons de fronteira em tais casos. Esse último caso totaliza 164 ocorrências no *corpus* de fala controlada: 48 (21.8%) fronteiras nas sentenças de INB, 44 (21.9%) fronteiras nas sentenças de NMB, 26 (11.3%) fronteiras nos dados de FCS e 46 (20.3%), nos dados de LPC.

¹⁸⁶ Utilizamos o símbolo “]IP” para representar fronteira direita de IP final.

¹⁸⁷ LPC produziu efeito de lista na leitura de uma sentença de seus dados, realizando, assim, um tom de fronteira LH% associado à fronteira direita de IP de tal sentença.

¹⁸⁸ Utilizamos o símbolo “]IP[” para representar fronteira direita de IP medial.

Se, por um lado, para todas as informantes, o tom de fronteira associado à fronteira direita de IPs finais é necessariamente baixo (L%), o mesmo não ocorre para os IPs mediais, para os quais há uma variação dos tipos de tons de fronteira encontrados nesse contexto prosódico (L%, H%, LH% ou HL%). Nos dados de INB, que apresenta o menor número de ocorrências de sentenças mapeadas em dois IPs, há a associação de tons altos e baixos à fronteira direita de IPs medias: H% (2 ocorrências – 40%) e L% (3 ocorrências – 60%). Para LPC, a segunda informante com menor número de IPs mediais, atesta-se, sobretudo, tons de fronteira altos: 7 das 9 ocorrências são tons de fronteira H% (77.8%) e as outras 2 ocorrências são tons de fronteira L% (1 ocorrência – 11.1%) e HL% (1 ocorrência – 11.1%). Já os dados de NMB mostram um equilíbrio distribucional entre L% (13 ocorrências – 44.8%) e H% (14 ocorrências – 48.3%), mas também revelam a ocorrência de HL% (2 ocorrências – 6.9%). FCS é a única informante que apresenta um tipo predominante de tom de fronteira associado à fronteira direita de IPs mediais: das 61 ocorrências de tons de fronteira, 45 (73.8%) são formadas por tons do tipo LH% contra as demais 16 ocorrências, distribuídas entre H% (12 ocorrências – 19.7%) e L% (4 ocorrências – 6.6%).

A partir dos resultados de frequência de ocorrência de tons de fronteira ora apresentados, conclui-se que, além da associação obrigatória de acentos tonais à palavra fonológica que encabeça IPs, conforme foi mostrado na seção 5.1.1.1, é também obrigatória a associação de tons de fronteira à fronteira direita de IPs, tanto finais quanto mediais.

Realizadas a descrição do acento tonal atribuído às palavras fonológicas cabeça do último sintagma fonológico de IP medial e de IP final na subseção anterior e a descrição dos tons de fronteira associados às fronteiras direitas desses IPs nesta subseção, podemos agora caracterizar os contornos nucleares dos IPs das sentenças declarativas neutras do PGB.

Na Tabela 12, reunimos os resultados da atribuição de acentos tonais às palavras fonológicas cabeça do último PhP de IP final com os resultados da atribuição de tons de fronteira à fronteira direita desse mesmo tipo de IP. Já na Tabela 13, reunimos os resultados da atribuição de acentos tonais às palavras fonológicas cabeça do último PhP de IP medial com os resultados da atribuição de tons de fronteira à fronteira direita desse mesmo tipo de IP.

Tabela 12. Frequência de tipos de configuração tonal do contorno nuclear de IP final.

Configuração do contorno nuclear de IP final	INB	NMB	FCS	LPC	TOTAL
	221 (100%)	201 (100%)	222 (100%)	222 (100%)	866 (100%)
L* LH%	–	–	–	1 (0.5%)	1 (0.1%)
H*+L L%	9 (4.1%)	2 (1%)	–	15 (6.8%)	26 (3%)
L* L%	10 (4.5%)	169 (84.1%)	2 (0.9%)	203 (91.4%)	384 (44.3%)
H+L* L%	202 (91.4%)	30 (14.9%)	220 (99.1%)	3 (1.4%)	455 (52.5%)

Tabela 13. Frequência de tipos de configuração tonal do contorno nuclear de IP medial.

Configuração do contorno nuclear de IP medial	INB	NMB	FCS	LPC	TOTAL
	5 (100%)	29 (100%)	61 (100%)	9 (100%)	104 (100%)
H+L* H%	–	–	–	1 (11.1%)	1 (1%)
L* !HL%	–	1 (3.4%)	–	–	1 (1%)
H+L* L%	1 (20%)	1 (3.4%)	–	–	2 (1.9%)
L+H* HL%	–	1 (3.4%)	–	1 (11.1%)	2 (1.9%)
H*+L L%	–	2 (6.9%)	–	–	2 (1.9%)
L+H* H%	–	2 (6.9%)	–	1 (11.1%)	3 (2.9%)
L* L%	–	–	4 (6.6%)	–	4 (3.8%)
H+L* LH%	–	–	6 (9.8%)	–	6 (5.8%)
L+H* L%	–	5 (17.2%)	–	1 (11.1%)	6 (5.8%)
L*+H L%	2 (40%)	5 (17.2%)	–	–	7 (6.7%)
L*+H H%	2 (40%)	12 (41.4%)	12 (19.7%)	5 (55.6%)	31 (29.8%)
L* LH%	–	–	39 (63.9%)	–	39 (37.5%)

Segundo os resultados apresentados na Tabela 12, o contorno nuclear do sintagma entoacional final para todas as informantes do PGB se caracteriza por um acento tonal seguido de um tom de fronteira L%, sendo esse acento tonal particular para cada informante: H+L* L% é a configuração tonal nuclear predominante para IPs finais nos dados de INB e FCS e L* L% é a configuração tonal nuclear predominante para IPs finais nos dados de NMB e LPC.

Com relação ao contorno nuclear do sintagma entoacional medial, observa-se também a ocorrência de um acento tonal seguido de um tom de fronteira obrigatoriamente associado à fronteira direita desse sintagma, porém, encontra-se uma variação maior quanto aos tipos de configuração tonal do contorno nuclear.

De modo geral, como pode ser observado na Tabela 13, as configurações tonais mais frequentes nos dados do PGB para o contorno nuclear de IP medial são as ascendentes: L*+H H% (29.8%) e L* LH% (37.5%). Entretanto, faz-se necessário notar que a alta frequência geral de L* LH% se deve à alta ocorrência específica desse tipo de configuração tonal nos dados de FCS. A configuração tonal mais frequente e comum a todas as falantes é, de fato, L*+H H%.

Cabe acrescentar que, independentemente da configuração e do alinhamento dos tons que compõem o contorno nuclear de IPs mediais, os padrões ascendentes são os mais frequentes nos dados do PGB: os contornos L+H* H%, L*+H H% e L* LH% totalizam 70.2% dos casos (73/104), sendo as demais ocorrências distribuídas entre os seguintes padrões: (i) descendente-ascendente (H+L* H% e H+L* LH%) – 7 ocorrências (6.7%); (ii) ascendente-descendente (L+H* HL%, L+H* L% e L*+H L%) – 15 ocorrências (14.4%); (iii) descendente (H+L* L%, H*+L L% e L* !HL%) – 5 ocorrências (4.8%); e (iv) baixo (L* L%) – 4 ocorrências (3.9%).

Os exemplos a seguir, compostos pelas sentenças e representações prosódicas de (59) a (62) e as respectivas imagens acústicas, dadas nas Figuras de 9 a 12, ilustram as configurações dos contornos nucleares de IPs mediais e finais mais frequentes encontradas nas sentenças de cada informante.

(59) a. O boliviano da brasileira (síl) gravava melodias

b. $[[[(o\ boliviAno)_{PW}]_{PhP} \ [(da\ brasiLEIra)_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Medial}$
 $\quad \quad \quad | \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad |$
 $\quad \quad \quad L^*+H \quad L- \quad \quad L^*+H \quad L\%$

$[[[(graVAva)_{PW} \ (meloDIas)_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Final}$
 $\quad \quad \quad | \quad \quad | \quad \quad |$
 $\quad \quad \quad L^*+H \quad H+L^* \quad L\%$

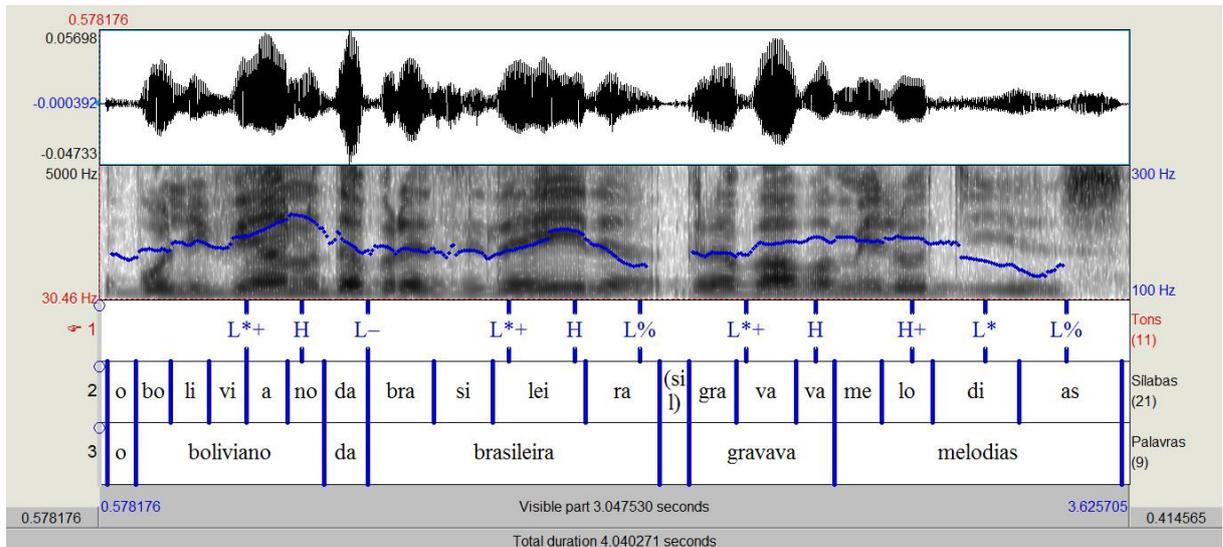


Figura 9. Atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno nuclear dos IPs $[o\ boliviano\ da\ brasileira]_{IP}^{Medial}$ e $[gravava\ melodias]_{IP}^{Final}$ da sentença “O boliviano da brasileira gravava melodias” (produzida por INB).

(60) a. A neta da mãe (SIL) memorizava dilemas.

b. $[[[a\ NEta]_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Medial}$ $[[[da\ M\tilde{A}E]_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Medial}$ $[[[memorizAva]_{PW}\ (diLEmas)_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Final}$
 L^*+H L^*+H $H\%$ (H) L^*+H L^* $L\%$

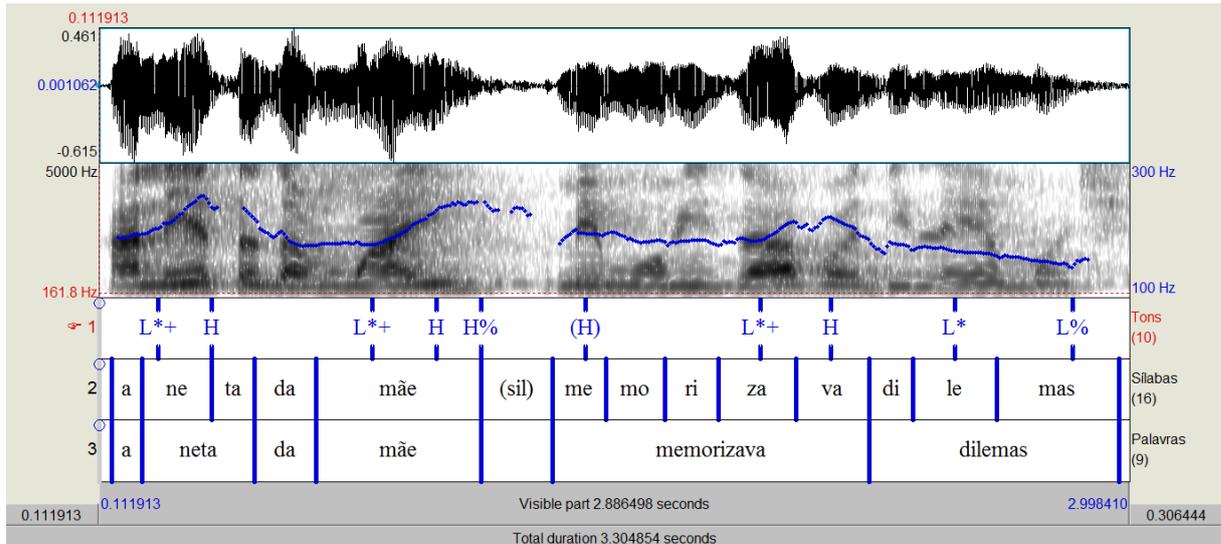


Figura 10. Atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno nuclear dos IPs $[a\ neta\ da\ mãe]_{IP}^{Medial}$ e $[memorizava\ dilemas]_{IP}^{Final}$ da sentença “A neta da mãe memorizava dilemas” (produzida por NMB).

(61) a. O jovem moreno da loja (sIL) levava livrinhos.

b. $[[[(o\ JOvem)_{PW} (moREno)_{PW}]_{PhP} [(da\ LOja)_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Medial}$
 $\quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad |$
 $\quad \quad \quad L^*+H \quad L^*+H \quad L^*+H \quad H\%$
 $[[[(leVAva)_{PW} (liVRInhos)_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Final}$
 $\quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad |$
 $\quad \quad \quad L^*+H \quad L^* \quad L\%$

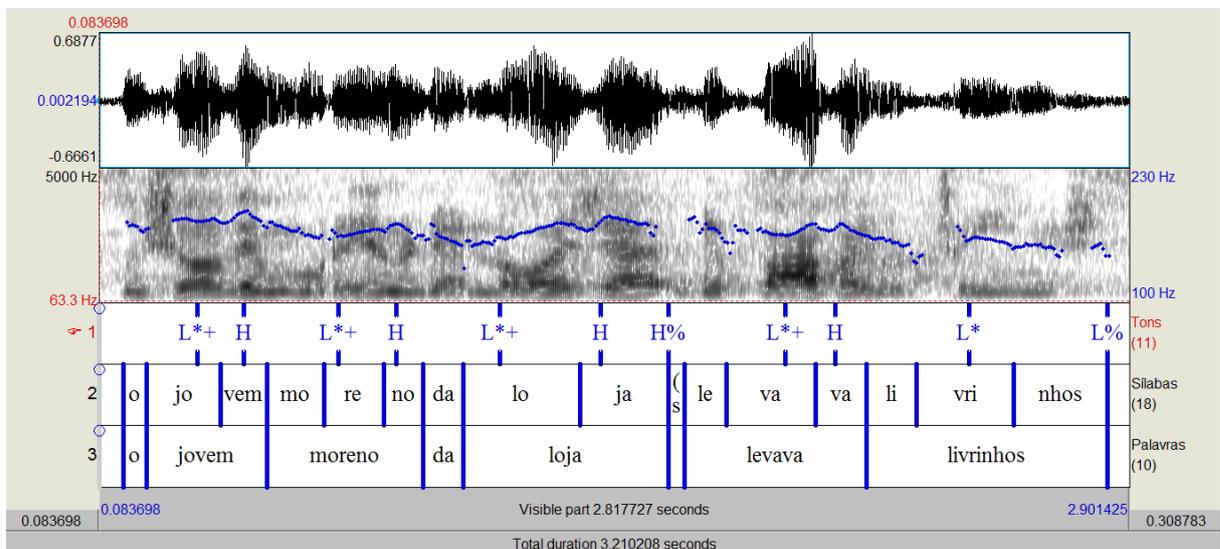


Figura 11. Atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno nuclear dos IPs [o jovem moreno da loja]_{IP^{Medial}} e [levava livrinhos]_{IP^{Final}} da sentença “O jovem moreno da loja levava livrinhos” (produzida por LPC).

(62) a. O boliviano da brasileira (sil) mimava meninas.

b. $[[[(o\ boliviAno)_{PW}]_{PhP}] \quad [(da\ brasiLEIra)_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Medial}$
 $\quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad |$
 $\quad \quad \quad L^*+H \quad \quad \quad L^* \quad \quad \quad LH\%$

$[(miMAva)_{PW} \quad (meNIInas)_{PW}]_{PhP}]_{IP}^{Final}$
 $\quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad |$
 $\quad \quad \quad L^*+H \quad \quad \quad !H+L^* \quad \quad \quad L\%$

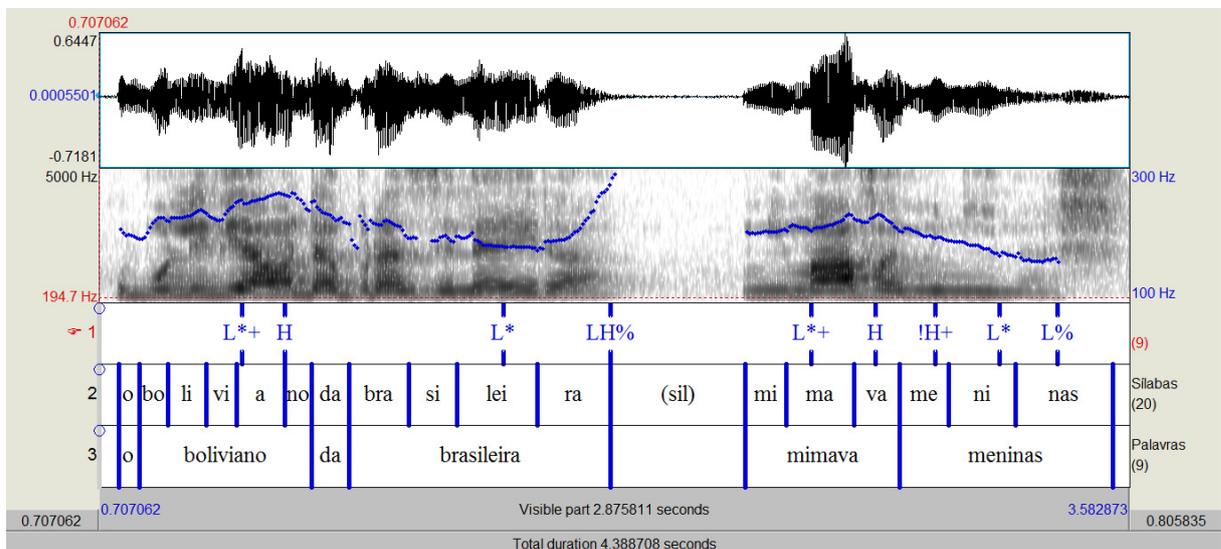


Figura 12. Atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno nuclear dos IPs [o boliviano da brasileira]_{IP^{Medial}} e [mimava meninas]_{IP^{Final}} da sentença “O boliviano da brasileira mimava meninas” (produzida por FCS).

Nas ilustrações apresentadas, podemos observar a presença de uma pausa silenciosa (sil) entre os IPs de cada sentença e um acento tonal atribuído à palavra fonológica cabeça de cada IP, seguido de um tom de fronteira associado à fronteira direta desse sintagma. Com relação ao IP medial, encontramos:

- (i) o acento bitonal L*+H associado à palavra fonológica cabeça do último PhP do IP medial, [da brasileira]_{PhP}, seguido de um tom de fronteira L% associado à fronteira direita desse sintagma na sentença em (59);

- (ii) o acento bitonal L*+H associado à palavra fonológica cabeça do último PhP do IP medial, [da mãe]_{PhP}, seguido de um tom de fronteira H% associado à fronteira direita desse sintagma na sentença em (60);
- (iii) o acento bitonal L*+H associado à palavra fonológica cabeça do último PhP do IP medial, [da loja]_{PhP}, seguido de um tom de fronteira H% associado à fronteira direita desse sintagma na sentença em (61); e
- (iv) o acento monotonal L* associado à palavra fonológica cabeça do último PhP do IP medial, [da brasileira]_{PhP}, seguido de um tom de fronteira LH% associado à fronteira direita desse sintagma na sentença em (62).

Com relação ao IP final, encontramos, conforme a observação das mesmas ilustrações:

- (i) o acento bitonal H+L* associado à palavra fonológica cabeça do último PhP do IP final, [gravava melodias]_{PhP}, seguido de um tom de fronteira L% associado à fronteira direita desse sintagma na sentença em (59);
- (ii) o acento monotonal L* associado à palavra fonológica cabeça do último PhP do IP final, [memorizava dilemas]_{PhP}, seguido de um tom de fronteira L% associado à fronteira direita desse sintagma na sentença em (60);
- (iii) o acento monotonal L* associado à palavra fonológica cabeça do último PhP do IP final, [levava livrinhos]_{PhP}, seguido de um tom de fronteira L% associado à fronteira direita desse sintagma na sentença em (61); e
- (iv) o acento bitonal !H+L* associado à palavra fonológica cabeça do último PhP do IP final, [mimava meninas]_{PhP}, seguido de um tom de fronteira L% associado à fronteira direita desse sintagma na sentença em (62).

Além das características entoacionais do contorno nuclear, podemos ainda verificar, através da observação desses exemplos, as demais características entoacionais apresentadas, até o momento nesta seção 5.1, para o restante do contorno das sentenças declarativas neutras do *corpus* de fala controlada do PGB. Nota-se a presença de acentos tonais associados às palavras fonológicas cabeças de cada sintagma fonológico das sentenças:

- (i) acentos tonais L*+H associados a (boliviano)_{PW} e a (brasileira)_{PW}, palavras fonológicas cabeça dos sintagmas fonológicos [o boliviano]_{PhP} e [da brasileira]_{PhP}, e um acento tonal H+L* associado a (melodias)_{PW}, palavra fonológica cabeça do sintagma fonológico [gravava melodias]_{PhP}, na sentença em (59);
- (ii) acentos tonais L*+H associados a (neta)_{PW} e a (mãe)_{PW}, palavras fonológicas cabeça dos sintagmas fonológicos [a neta]_{PhP} e [da mãe]_{PhP}, e um acento tonal L* associado a (dilemas)_{PW}, palavra fonológica cabeça do sintagma fonológico [memorizava dilemas]_{PhP}, na sentença em (60);
- (iii) acentos tonais L*+H associados a (moreno)_{PW} e a (loja)_{PW}, palavras fonológicas cabeça dos sintagmas fonológicos [o jovem moreno]_{PhP} e [da loja]_{PhP}, e um acento tonal L* associado a (livrinhos)_{PW}, palavra fonológica cabeça do sintagma fonológico [levava livrinhos]_{PhP}, na sentença em (61); e
- (iv) um acento tonal L*+H associado a (boliviana)_{PW}, palavra fonológica cabeça do sintagma fonológico [a boliviana]_{PhP}, um acento tonal L* associado a (brasileira)_{PW}, palavra fonológica cabeça do sintagma fonológico [da brasileira]_{PhP}, e um acento tonal !H+L* associado a (meninas)_{PW}, palavra fonológica cabeça do sintagma fonológico [mimava meninas]_{PhP}, na sentença em (62).

Para as palavras fonológicas não cabeça de sintagma fonológico de todas as sentenças apresentadas de (59) a (62), também há acentos tonais atribuídos:

- (i) um acento tonal L*+H associado a (gravava)_{PW}, palavra fonológica não cabeça do sintagma fonológico [gravava melodias]_{PhP}, na sentença em (59);
- (ii) um acento tonal L*+H associado a (memorizava)_{PW}, palavra fonológica não cabeça do sintagma fonológico [memorizava dilemas]_{PhP}, na sentença em (60);
- (iii) acentos tonais L*+H associados a (jovem)_{PW} e a (levava)_{PW}, palavras fonológicas não cabeça dos sintagmas fonológicos [jovem moreno]_{PhP} e [levava livrinhos]_{PhP}, na sentença em (61); e
- (iv) um acento tonal L*+H associado a (mimava)_{PW}, palavra fonológica não cabeça do sintagma fonológico [mimava meninas]_{PhP}, na sentença em (62).

Encontramos ainda, na sentença em (59), um acento frasal L– associado à fronteira direta do sintagma fonológico [a boliviana]_{PhP}.

5.1.3 Associação e configuração de eventos tonais adicionais

Além dos acentos tonais e tons relacionados a fronteiras descritos nas duas subseções anteriores, foram encontrados eventos tonais, ao longo do contorno entoacional de algumas sentenças do PGB, que não se encontram associados a sílabas proeminentes e tampouco se relacionavam à fronteira de constituintes. No PB, esses eventos tonais são denominados “tons adicionais”, geralmente, do tipo H, e sua ocorrência depende do número de sílabas que precedem o acento principal de palavra (FROTA; VIGÁRIO, 2000) e podem estar relacionados ao acento secundário (TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; FERNANDES-SVARTMAN, 2009).

Os eventos tonais adicionais encontrados nos dados do PGB são tons altos (H) que estão associados a palavras fonológicas longas (de 5 ou 6 sílabas). Tais tons adicionais H foram encontrados em sentenças de NMB, FCS e LPC, mas não nos dados de INB. Além disso, os tons adicionais encontram-se associados exclusivamente à palavra “uma” da palavra

fonológica (uma melodia)_{PW} e à primeira sílaba da palavra fonológica (memorizava)_{PW} (nesta última, somente em duas ocorrências nos dados de NMB), totalizando 44 ocorrências.

Do total de 277 palavras fonológicas (uma melodia)_{PW} existentes no *corpus* do PGB, 42 (15.2%) contém um H adicional:¹⁸⁹ 15 de um total de 88 PWs nos dados de NMB; 14 de 93 PWs nos dados de FCS; e 13 de 96 PWs nas sentenças de LPC.¹⁹⁰

Em relação ao mapeamento prosódico dessas palavras, 21 delas consistem em um único PhP – [memorizava]_{PhP} e [uma melodia]_{PhP} – e as 23 palavras restantes formam um PhP ramificado com a palavra fonológica seguinte – [uma melodia maravilhosa]_{PhP}. Quanto ao domínio de IP, 12 de tais palavras localizam-se no início do segundo IP de uma sentença mapeada em dois IPs: 6 nos dados de NMB e 6 nos dados de FCS.¹⁹¹ As demais palavras não coincidem com fronteiras de IPs.

Cabe acrescentar que, em certas sentenças de LPC, na transição de um alvo tonal H de um acento tonal precedente para o alvo tonal L do acento tonal da palavra fonológica (uma melodia)_{PW}, a queda da curva F₀ se realiza de forma mais pronunciada somente após o término de “uma” (ver seção 5.1.2.1, Figura 8).¹⁹² Esse comportamento é diferente do comportamento das demais palavras fonológicas nesse contexto de transição. Tal fenômeno, portanto, pode sugerir (com base nos tons adicionais H comprovados) que a manutenção da curva entoacional alta, nesses casos, deve-se à existência de um tom adicional fonológico.

¹⁸⁹ Não contamos o número total de palavras (memorizava)_{PW} no *corpus*, pois, conforme dito, somente duas delas contêm um H adicional associado.

¹⁹⁰ As duas ocorrências da palavra (memorizava)_{PW} com tom adicional representam 3.4% do total de 58 palavras desse tipo presentes nos dados de NMB.

¹⁹¹ Ressaltamos que, em pelos menos duas dessas ocorrências – (uma melodia)_{PW} e (memorizava)_{PW} –, ambas nos dados de NMB, esse tom adicional H não pode ser interpretado como efeito da transição de um alvo tonal anterior também alto do IP precedente (isto é, o tom de fronteira (L)H%), já que o tom de fronteira associado à fronteira direta do IP que as precede é L%. Logo, esse tom adicional poderia ser interpretado como um tom de fronteira %H, associado à fronteira esquerda do IP. Entretanto, não encontramos tons de fronteiras associados à fronteira esquerda de IPs nos dados do *corpus* de fala controlada do PGB, à exceção de 3 ocorrências de PWs nos dados de LPC – (a boliviana)_{PW}, (a mulher)_{PW} e (o namorado)_{PW} – localizadas no início de sentenças mapeadas em um único IP e que contêm, além de um acento tonal associado à sílaba tônica, um tom H alinhado à segunda sílaba de tais PWs.

¹⁹² Na Figura 8 da seção 5.1.2.1, nota-se a queda da curva entoacional após a palavra “uma” da palavra fonológica (uma melodia)_{PW}, evidenciando a existência de um tom adicional H associado a ela, alinhado, foneticamente, à sílaba “me” de “melodia”.

Ademais, as duas outras palavras prosódicas presentes no *corpus* formadas por 6 sílabas, (o boliviano)_{PW} e (a boliviana)_{PW}, não apresentaram ocorrências de tons adicionais associados, tampouco as demais palavras prosódicas consideradas longas (as que contêm 4, 5 ou mais sílabas), com exceção de (memorizava)_{PW}. Podemos considerar que a atribuição desse tom adicional a (uma melodia)_{PW} (palavra fonológica de 6 sílabas), mas não a (o boliviano)_{PW} ou a (a boliviana)_{PW} (palavras fonológicas também de 6 sílabas), está relacionada ao fato de “uma” ser dissilábica (formando um pé ao qual é atribuído acento), enquanto “o” e “a” são monossilábicos, e que, portanto, sua proeminência possa ser relevante na atribuição de tons adicionais. Todavia, há também a possibilidade de as falantes terem interpretado “uma” como numeral: nesse caso, “uma” não é um clítico fonológico, mas sim uma palavra fonológica, e o H adicional associado a essa palavra se trata de um acento tonal H* realizado tardiamente. O fato de, em algumas sentenças, os tons adicionais associados à palavra “uma” assemelharem-se a um acento tonal do tipo L*+H (ver Figura 13) corrobora essa última possibilidade.¹⁹³

Assim, parece haver uma relação entre atribuição desses tons H e tipo de prosodização das palavras funcionais no PGB: se prosodizadas como palavras fonológicas ou como clíticos fonológicos. Desse modo, se “uma” é prosodizada como um clítico fonológico, o tom H associado a ela é, de fato, um tom adicional. Se, ao contrário, “uma” é prosodizada como uma palavra fonológica e o tom H a ela associado é um acento tonal de palavra fonológica, não há, conseqüentemente, tons adicionais no PGB; e a atribuição de um acento tonal a “uma” em nossos dados pode ser decorrente da alta densidade tonal das sentenças neutras do PGB (isto é, da frequente associação de um acento tonal a cada PW de um IP, conforme visto na seção 5.1.1.1). No entanto, para que uma dessas hipóteses se confirme, de forma segura, uma investigação mais aprofundada é necessária, uma vez que são poucos os dados de palavras funcionais no corpus.

¹⁹³ Fizemos o levantamento de 10 ocorrências que exibem esse comportamento: 5 nas sentenças de NMB, 2 nas sentenças de FCS e 3 nas sentenças de LPC.

5.2 Fala espontânea

Nesta seção, discorreremos brevemente sobre os eventos típicos do texto falado identificados no *corpus* de fala espontânea (seção 5.2.1) e apresentamos os resultados obtidos a partir da investigação do contorno entoacional das sentenças neutras contidas nesse *corpus* (seção 5.2.2).

Cabe dizer que, nas considerações feitas nesta seção, foram utilizados dados do *corpus* de fala espontânea formados pelas entrevistas de NMB, FCS e LPC, somando, assim, ao todo, em torno de 2125 palavras (20 minutos de entrevista).¹⁹⁴ Conforme mencionado no Capítulo 3 (seção 3.2), não foram coletados dados de fala espontânea de INB.

5.2.1 Eventos do texto falado

Por serem a leitura e a fala espontânea tipos discursivos distintos, cada uma delas possui características próprias, como, por exemplo, a fala espontânea, diferentemente da leitura, é altamente interacional, não planejada previamente, apresenta descontinuidades mais frequentes, derivadas de diversos fatores de ordem cognitivo-interacional, se comparada ao discurso lido, além de estratégias de formulação e organização textual específicas.¹⁹⁵ Essas descontinuidades e estratégias de formulação e organização textual específicas são as especificidades do texto falado e que neste estudo são denominadas “eventos do texto falado.” Os eventos do texto falado englobam, entre outros, interrupções e hesitações (descontinuidades), repetições e correções (estratégias de formulação textual) e marcadores discursivos (estratégias de organização textual). Também englobamos nessa classe “eventos do texto falado” pausas e alongamentos vocálicos, os quais podem (a depender da função no texto) consistir em fenômenos de descontinuidade (como hesitação) e em estratégias de organização do texto (como marcadores discursivos).

¹⁹⁴ Os trechos selecionados da entrevista de cada informante têm as seguintes durações: NMB – 4min 9s (aprox. 434) palavras; FCS – 9min 33s (aprox. 924 palavras); LPC – 6min 55s (aprox. 767 palavras).

¹⁹⁵ Para um estudo a respeito das características da construção do texto falado, ver, entre outros, Jubran e Koch (2006).

Na análise dos dados do *corpus* de fala espontânea, os eventos do texto falado foram identificados para auxiliar na caracterização dos contornos entoacionais neutros das sentenças desse *corpus*.

Ademais, pelo fato de o PGB ser uma segunda língua para os guineenses e considerando o fato de os padrões entoacionais das outras duas variedades de português com as quais fazemos comparações no presente estudo (isto é, PB e PE) serem relativos a padrões de falantes nativos, interessa-nos caracterizar também os eventos do texto falado. Identificamos, assim, as tendências de ocorrência dos eventos do texto falado nos domínios prosódicos e relacionamos os resultados obtidos com as características prosódicas desses eventos descritas para o PB e para o PE em estudos prévios.

Desse modo, a partir do levantamento dos eventos do texto falado ocorridos no *corpus* de fala espontânea, verificamos, nos dados de todas as informantes, a presença dos seguintes eventos do texto falado: repetições, correções, interrupções, alongamentos vocálicos (hesitativos e não hesitativos), pausas (hesitativas e não hesitativas) e marcadores discursivos.¹⁹⁶ A Tabela 14 apresenta a frequência de cada evento do texto falado (ETF) encontrado no *corpus* de fala espontânea do presente estudo.

Tabela 14. Frequência dos eventos do texto falado.

Eventos do texto falado	NMB	FCS	LPC	TOTAL
	188 (100%)	439 (100%)	258 (100%)	885 (100%)
Correções	6 (3.2%)	7 (1.6%)	3 (1.2%)	16 (1.8%)
Interrupções	17 (9%)	17 (3.9%)	34 (13.2%)	68 (7.7%)
Repetições	19 (10.1%)	30 (6.8%)	20 (7.7%)	69 (7.8%)
Marcadores discursivos	11 (5.9%)	45 (10.3%)	16 (6.2%)	70 (8.1%)
Alongamentos vocálicos	33 (17.6%)	76 (17.3%)	11 (4.3%)	120 (13.6%)
Pausas	102 (54.2%)	264 (60.1%)	174 (67.4%)	540 (61%)

¹⁹⁶ Para a definição e exemplos dos eventos do texto falado, confira o Capítulo 4, seção 4.2, desta dissertação.

Os eventos do texto falado mais frequentes atestados no *corpus* de fala espontânea são as pausas (61%), seguidas dos alongamentos vocálicos (13.6%). Os marcadores discursivos (8.1%), as repetições (7.8%), interrupções (7.7%) e correções (1.8%) são eventos de menor frequência.

Após o levantamento dos eventos do texto falado no *corpus*, discriminamos a localização de cada evento em relação ao mapeamento prosódico do constituinte em que ocorre (o que denominamos, neste trabalho, de *locus* prosódico), considerando os domínios da palavra fonológica, do sintagma fonológico e do sintagma entoacional. Os resultados obtidos para cada evento do texto falado são apresentados a seguir.

Correções

A partir da identificação do *locus* prosódico das correções, verificamos que os clíticos fonológicos¹⁹⁷ e os sintagmas fonológicos são os constituintes que mais são alvos desse tipo de evento: do total de 16 constituintes alvos de correção, 6 (37.5%) envolvem um clítico fonológico e 5 (31.3%) envolvem um PhP (dos quais apenas 1 PhP é cabeça de IP). Atestaram-se também a correção de uma PW cabeça (6.3%) de PhP (e também cabeça de IP), a correção de uma PW não cabeça (6.3%) de PhP, a correção de uma PW e do clítico fonológico da PW subsequente, pertencentes ao mesmo PhP (6.3%), a correção de duas PWs pertencentes a PhPs diferentes (6.3%) e a correção de dois PhPs em sequência (6.3%) – confira a Tabela 15.¹⁹⁸

¹⁹⁷ Diferenciamos, na análise dos eventos do texto falado, os eventos que têm como alvo de ocorrência o clítico de uma PW dos que têm como alvo somente uma PW. Esse procedimento visa tornar os dados, ainda que de forma inicial, comparáveis com os dados de Cruz (2009).

¹⁹⁸ Dos sintagmas fonológicos corrigidos nos dados de LPC, um é composto por 1 PW e um é composto por 2 PWs. Dos sintagmas fonológicos corrigidos nos dados de FCS, um é composto por 1 PW, um é composto por 2 PWs e um é composto por 3 PWs.

prosódico que menos foram alvo desse evento (17.7%). Além disso, vale dizer que, dos 68 constituintes prosódicos alvos de interrupções encontrados no *corpus*, 29 (42.6%) são sucedidos por uma pausa (7 são clíticos fonológicos, 7 são PWs não cabeça de PhP e 15 são PWs cabeça de PhP) – confira a Tabela 16.

Tabela 16. Frequência de interrupções por *locus* prosódico.²⁰¹

Informante	Interrupções	CL	PW...]	PW]PhP
NMB	17 (100%)	2 (11.8%)	7 (41.%)	8 (47.1%)
FCS	17 (100%)	3 (17.6%)	8 (47.1%)	6 (35.3%)
LPC	34 (100%)	7 (20.6%)	10 (29.4%)	17 (50%)
TOTAL	68 (100%)	12 (17.6%)	25 (36.8%)	31 (45.6%)

O exemplo (65) ilustra a ocorrência de interrupções envolvendo palavras fonológicas cabeça de sintagma fonológico: nota-se que (se compreender)_{PW}, palavra fonológica cabeça do sintagma fonológico [vão se compreender]_{PhP}, é interrompida.²⁰²

(65) (...) vão se **compree-** vão vão se compreender
 |
 <INT>

Repetições

No que tange às repetições, as PWs não cabeça de PhP são os constituintes prosódicos repetidos mais frequentemente, correspondendo a 44.9% dos eventos desse tipo. Seguindo tais palavras, repetem-se, em frequências próximas, clíticos fonológicos (18.8%) (dos quais apenas 3 envolvem a PW cabeça de IP) e PWs cabeça de PhPs (17.4%) (das quais apenas 2 são também cabeça de IP). Os demais constituintes prosódicos repetidos (18.9% dos casos de repetição) estão distribuído entre PWs pertencentes a PhPs diferentes, PWs

²⁰¹ Para as convenções utilizadas nesta tabela, confira a nota 190.

²⁰² A sentença em (65) foi produzida por LPC.

A partir dessa seleção, verificamos que os clíticos fonológicos são os constituintes prosódicos que sofrem mais alongamentos vocálicos nos dados do PGB, correspondendo a 67.4% do total de ocorrências, conforme é apresentado na Tabela 18.²⁰⁶ Os demais constituintes alvo de alongamentos, as palavras fonológicas cabeça e não cabeça de PhP, possuem frequências próximas: 18.8% dos alongamentos ocorrem em sílabas átonas pós-tônicas finais de PWs não cabeça de PhP e 13.7% dos alongamentos ocorrem em sílabas átonas pós-tônicas finais de PWs cabeça de PhP.

Tabela 18. Frequência de alongamentos por *locus* prosódico.

Informante	Alongamentos	cL ²⁰⁷	PW...]	PW] _{PhP}
NMB	18 (100%)	16 (88.9%)	2 (11.1%)	–
FCS	68 (100%)	40 (58.8%)	15 (22.1%)	13 (19.1%)
LPC	9 (100%)	8 (88.9%)	1 (11.1%)	–
TOTAL	95 (100%)	64 (67.4%)	18 (18.9%)	13 (13.7%)

Vale notar que grande parte dos constituintes prosódicos alvos de alongamentos são constituintes seguidos frequentemente por pausa. Dos 63 clíticos fonológicos alvos de alongamento, 32 (50.8%) envolvem uma pausa subsequente separando esse constituinte da PW a que pertence: 12 dos 16 clíticos fonológicos alongados nos dados de NMB, 16 dos 40 clíticos fonológicos nos dados de FCS e 4 dos 8 clíticos fonológicos nos dados de LPC. No caso das PWs não cabeça de PhP alvo de alongamentos, 9 (50%) das 18 PWs são seguidas por pausa, separando-as da PW subsequente que estaria mapeada no mesmo PhP: 6 das 9 PWs não cabeça de PhP nos dados de FCS e o único caso registrado para esse *locus* prosódico nos dados de LPC. Já no caso de PWs cabeça de PhP alvo de alongamento (registradas exclusivamente nos dados de FCS), 9 (69.2%) das 13 PWs nesse contexto prosódico são seguidas de pausa.²⁰⁸

²⁰⁶ Do total de 64 clíticos fonológicos alvos de alongamento, apenas 1 envolve a palavra fonológica cabeça de IP.

²⁰⁷ Dos clíticos fonológicos alvos de alongamentos, apenas um é enclítico, pertencente aos dados de LPC.

²⁰⁸ Neste caso, a pausa não é considerada hesitativa por estar entre fronteiras de PhPs. Ver “Pausas” no parágrafo a seguir.

O exemplo (67) ilustra a ocorrência de alongamentos envolvendo clíticos fonológicos: nota-se o alongamento (marcado por ::) do clítico “de”, pertencente à palavra fonológica (de estudar)_{PW}, e que foi separado de sua palavra hospedeira “estudar” por uma pausa silenciosa hesitativa (marcada por <SIL>).²⁰⁹

(67) Não tinha essa condição **de::** <SIL> estudar (...)

Pausas

As pausas encontradas no *corpus* de fala espontânea dividem-se entre pausas preenchidas (hum, éh, ah), pausas silenciosas (sem conteúdo fônico) e pausas para respirar. Distinguiram-se também as pausas hesitativas das pausas não hesitativas a partir da sua localização na estrutura prosódica. Com base no trabalho de Cruz (2009), pausas hesitativas realizam-se entre fronteiras de constituintes prosódicos maiores (PhPs, IPs e Us) e pausas não hesitativas realizam-se em constituintes menores (PWs).

A frequência de cada tipo de pausa é apresentada na Tabela 19.²¹⁰ A frequência de pausas hesitativas por *locus* prosódico é apresentada na Tabela 20.

²⁰⁹ A sentença em (67) foi produzida por FCS.

²¹⁰ Devido à presença de ruído externo em determinados arquivos de áudio (principalmente nas entrevistas de NMB e LPC), não foi possível distinguir, com clareza, pausas para respirar de pausas silenciosas, pelo que confirmamos a presença de 26 casos (4.8%) de pausas para respirar no *corpus*. As pausas para respirar estão assim distribuídas entre as informantes: 2 ocorrências (2%) do total de pausas realizadas por NMB, 23 ocorrências (8.7%) do total de pausas realizadas por FCS e 1 ocorrência (0.6%) do total de pausas realizadas por LPC. O único registro de pausa para respirar nos dados de LPC é considerado hesitativo por ter sido a pausa realizada entre PWs de um mesmo PhP. As demais pausas para respirar atestadas no *corpus* não são hesitativas. Na Tabela 20, as ocorrências de pausas para respirar estão contabilizadas junto às pausas silenciosas de cada informante.

Tabela 19. Frequência de tipos de pausas realizadas.

Informante	Pausas	Pausa preenchida		Pausa silenciosa	
		Não hesitativa	Hesitativa	Não hesitativa	Hesitativa
NMB	102 (100%)	–	3 (2.9%)	69 (67.6%)	30 (29.4%)
FCS	264 (100%)	8 (3%)	2 (0.7%)	216 (81.8%)	38 (14.4%)
LPC	174 (100%)	5 (2.9%)	1 (0.6%)	140 (80.5%)	28 (16.1%)
TOTAL	540 (100%)	13 (2.4%)	6 (1.1%)	425 (78.7%)	96 (17.8%)

Tabela 20. Frequência de pausas hesitativas por tipo de *locus* prosódico.²¹¹

Informante	Total de pausas hesitativas ²¹²	CL_PW	PW_PW	PW_CL+PW
NMB	28 (100%)	14 (50%)	10 (35.7%)	4 (14.3%)
FCS	40 (100%)	17 (42.5%)	17 (42.5%)	6 (15%)
LPC	28 (100%)	10 (35.7%)	14 (50%)	4 (14.3%)
TOTAL	96 (100%)	41 (42.7%)	41 (42.7%)	14 (14.6%)

Por meio das Tabelas 19 e 20, verifica-se que o número de pausas inseridas entre PhPs e IPs (pausas preenchidas e silenciosas não hesitativas) é maior do que as inseridas entre PWs ou na PW, correspondendo a 81.1% do total de pausas realizadas. No que tange especificamente às pausas hesitativas (preenchidas ou silenciosas), o *locus* prosódico de maior ocorrência desse tipo de evento do texto falado nos dados do PGB são, de forma equivalente, a fronteira de um clítico e sua palavra hospedeira (42.7%) e a fronteira de PWs de um mesmo PhP (42.7%). Pausas hesitativas também são inseridas, porém, em menor frequência (14.6%), entre uma PW e o clítico de uma PW subsequente.

²¹¹ Utilizamos as seguintes convenções na tabela:

“CL_PW” para representar a pausa inserida entre o clítico e sua palavra fonológica hospedeira;

“PW_PW” para representar a pausa inserida entre palavras fonológicas; e

“PW_CL+PW” para representar a pausa inserida entre a palavra fonológica e o clítico de uma palavra fonológica subsequente.

²¹² Pausas silenciosas e pausas preenchidas realizadas em sequência foram contabilizadas, nesta tabela, como uma pausa única.

Marcadores discursivos

Por fim, no que diz respeito aos marcadores discursivos, identificamos, no *corpus* de fala espontânea do PGB, 70 ocorrências, conforme apresentado na Tabela 21.²¹³

Tabela 21. Marcadores discursivos no *corpus* de fala espontânea.

NMB		FCS				LPC	
Ah!	1	Assim	3	Mas é assim	1	Bom	1
Aham	1	Bem	2	Não é	1	Então	4
É	4	Bom	8	Né	6	Né	1
Mas	1	Como mesmo?	1	Posso dizer assim	1	Ó	1
Né	4	Daí	1	Pra dizer a verdade	2	Posso dizer	6
		É	1	Sabe	1	Posso dizer assim	1
		É assim	2	Sei lá	1	Tipo	1
		E assim mesmo	1	Sim	10		
TOTAL	11	E daí	2	TOTAL	44	TOTAL	15

Os marcadores discursivos atestados para NMB não são relacionados à hesitação, pois ocorrem entre fronteiras de IPs (com função de interação ou de sequenciadores de tópico discursivo). Já entre os marcadores discursivos nos dados de LPC, apenas para o marcador “posso dizer” foram encontradas ocorrências relacionadas à hesitação, visto que ocorreram internos à PW (separando o clítico de sua palavra hospedeira) ou entre duas PWs que, segundo o mapeamento prosódico previsto, pertenceriam ao mesmo PhP. Os demais marcadores discursivos ocorreram entre fronteiras de PhPs ou IPs (com função de interação ou de sequenciadores de tópico discursivo). Com relação aos marcadores discursivos atestados nos dados de FCS, grande parte das ocorrências não é relacionada à hesitação, pois os marcadores ocorrem, majoritariamente, no início ou no fim de um IP, mas também entre PhPs. Atesta-se, porém, 3 ocorrências de marcadores discursivos relacionados à hesitação nos dados dessa informante: o marcador “posso dizer assim”, que ocorreu interno à PW (separando o clítico de sua palavra hospedeira) e os marcadores “bom” e “como mesmo?”,

²¹³ Alongamentos e pausas preenchidas que constituem marcadores discursivos não foram considerados nesta tabela.

que ocorreram entre PWs pertencentes ao mesmo PhP, segundo o mapeamento prosódico previsto.

Identificadas as tendências de ocorrências dos eventos texto falado nos domínios prosódicos, relacionamos agora os resultados obtidos com as características prosódicas desses eventos já descritos para o PE (CRUZ, 2009) e para o PB (SCARPA; FERNANDES-SVARTMAN, 2012).

Segundo Cruz (2009),²¹⁴ no PE, os eventos do texto falado predominantes são os alongamentos e as pausas silenciosas, seguidas das pausas para respirar. Os alongamentos, segundo os resultados da autora, realizam-se essencialmente em PWs cabeça de IP, fenômeno característico desse tipo de constituinte prosódico no PE (FROTA, 2000) e, portanto, não hesitativos. Já as pausas (silenciosas e para respirar) também não envolvem hesitação, pois ocorrem, segundo os dados da autora, essencialmente como marcadores da fronteira direta de IP. Além disso, Cruz (2009) atesta a baixa frequência e o comportamento heterogêneo das repetições em seus dados do PE: repetem-se tanto clíticos fonológicos quanto palavras fonológicas e, em ambos os casos, em posição inicial de PhP (PhPs esses iniciais ou mediais de IP). No que se refere às correções, Cruz (2009) registra apenas uma ocorrência desse evento envolvendo clíticos fonológicos (em início de PhP inicial de IP) e as demais ocorrências envolvem majoritariamente PWs (que constituem por si só um único PhP inicial de IP). Por fim, não foram atestados bloqueios no *corpus* de PE da autora.

Já Scarpa e Fernandes-Svartman (2012), investigando as tendências de ocorrência de hesitações (repetições e alongamentos vocálicos) em um *corpus* de fala espontânea do PB, verificam que tais eventos do texto falado se dão com maior frequência com clíticos fonológicos. Além disso, as autoras observam que as repetições não envolvem a cabeça de PhP e ou de IP e, se não envolvem um clítico fonológico, mas uma palavra fonológica, esta também não é cabeça de PhP ou de IP.

²¹⁴ As características prosódicas dos eventos do texto falado do PE aqui apresentadas referem-se aos resultados obtidos por Cruz (2009) na análise da tarefa de conversação de sujeitos não gogos do estudo dessa autora.

No que tange aos dados do PGB, podemos verificar que, assim como encontrado por Cruz (2009) para o PE, no PGB, os alongamentos vocálicos e as pausas são também os eventos do texto falado mais frequentes, correspondendo a 61% e 13%, respectivamente, desses eventos registrados em nosso *corpus* de fala espontânea. Entretanto, diferentemente do PE, no PGB, as pausas e os alongamentos relacionam-se à hesitação: das 540 (100%) ocorrências de pausas (silenciosas, preenchidas e para respirar), 96 (17.8%) casos relacionam-se a hesitação (ocorrendo entre PWs ou entre clíticos fonológicos e PWs); e das 120 (100%) ocorrências de alongamentos, 95 (79.2%) casos relacionam-se à hesitação.

Ademais, apesar de não serem atestados alongamentos hesitativos no PE, estes são encontrados no PB. No PB, os alongamentos ocorrem mais frequentemente com clíticos fonológicos, assim como é o caso do PGB, em que correspondem a 67.4% do total de alongamentos registrados em nosso *corpus* de fala espontânea.

Com relação às repetições, semelhantemente ao PB e ao PE, esses eventos do texto falado, no PGB, também envolvem clíticos fonológicos e palavras fonológicas. Porém, há uma diferença do PB e do PE em relação ao PGB no que refere à posição das palavras fonológicas repetidas: nas duas primeiras variedades de português, apenas as palavras fonológicas não cabeça de PhP são repetidas; já no PGB, são repetidas tanto palavras fonológicas não cabeça de PhP quanto palavras fonológicas cabeça de PhP (registrando-se, em menor frequência, também PWs cabeça de IP). Ressaltamos, porém, que a frequência de PWs cabeça de PhP alvo de repetições é baixa (17.4%) se comparada à frequência de PWs não cabeça de PhP repetidas (44.9%) (ver Tabela 17).

No que se refere às correções, apesar de serem pouco atestadas no *corpus* de fala espontânea do PGB, verificamos que os alvos prosódicos mais frequentes desse tipo de evento do texto falado, os clíticos fonológicos e os PhPs, são também os constituintes prosódicos que envolvem correções nos dados do PE de Cruz (2009).

Desse modo, por meio da análise comparativa realizada nesta subseção, verificamos que, sendo o PGB língua não materna de nossas falantes, as características prosódicas dos eventos do texto falado no *corpus* de fala espontânea delas apontam tanto para semelhanças

quanto para diferenças com as características prosódicas dos eventos do texto de fala encontradas na fala espontânea de falantes nativos do PE e do PB. Portanto, a partir desse resultado, não é possível definir, com clareza, o grau de proximidade (maior ou menor) das características prosódicas da língua portuguesa de nossas informantes guineenses em relação aos padrões prosódicos dos falantes nativos dessa língua, levando em conta a caracterização dos eventos do texto falado do nosso *corpus* de fala espontânea do PGB e os resultados já descritos para esses mesmos eventos para o PE e o PB até o momento.

5.2.2 Associação e configuração de eventos tonais

Assim como para as sentenças do *corpus* de fala controlada, para as sentenças do *corpus* de fala espontânea, foram identificados os eventos tonais (acentos tonais, acentos frasais, tons de fronteira e eventos tonais adicionais) ocorridos no contorno entoacional e foi verificado a quais domínios prosódicos esses eventos estão associados. O objetivo da análise de dados de fala espontânea é estabelecer correspondências e não correspondências entre o padrão entoacional neutro do discurso lido e do discurso espontâneo.

Por meio de nossa percepção, identificamos as sentenças neutras contidas no *corpus* de fala espontânea, descartando as sentenças percebidas como focalizadas, enfatizadas ou topicalizadas; em seguida, procedemos à descrição e à análise das sentenças selecionadas.

Para a investigação da atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas do contorno entoacional das sentenças neutras identificadas, excluímos as PWs que foram alvo de interrupções (devido à dificuldade na identificação do acento tonal associado a tais palavras) e verificamos a frequência de atribuição de acentos tonais às demais PWs dos contornos entoacionais. Os resultados obtidos são apresentados na Tabela 22.

Tabela 22. Frequência da atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas.

Informante	Total de PWs	PWs com T* associado	PWs sem T* associado
NMB	251 (100%)	209 (83.3%)	42 (16.7%)
FCS	401 (100%)	338 (84.3%)	63 (15.7%)
LPC	564 (100%)	491 (87.1%)	73 (12.9%)
TOTAL	1216 (100%)	1038 (85.4%)	178 (14.6%)

Observamos, por meio da Tabela 22, que todas as três informantes apresentam frequências próximas para o número de PWs sem acento tonal nas sentenças neutras selecionadas (16.7% para NMB, 15.7% para FCS e 12.9% para LPC). Em relação ao número de sílabas que compõem as PWs sem acento tonal, estas são predominantemente curtas (3 sílabas ou menos), com a exceção de 1 caso nos dados de NMB e 7 casos nos dados de FCS, nos quais as PWs são longas (4 sílabas ou mais), indicando ser o tamanho dos constituintes importante na atribuição de acentos tonais em sentenças de fala espontânea.

Quanto à posição das palavras fonológicas sem acento tonal em relação ao domínio do sintagma fonológico, verificamos que, do total de 178 PWs sem acento tonal nos dados do PGB, apenas 30 (16.9%) são cabeça de PhP, assim distribuídas entre as informantes: 7 (16.7%) das 42 PWs atestadas nos dados de NMB, 13 (20.6%) das 63 PWs atestadas nos dados de FCS e 10 (13.7%) das 73 PWs atestadas nos dados de LPC. Assim, além do tamanho dos constituintes, o fato de a palavra fonológica ser cabeça ou não cabeça de sintagma fonológico também é relevante na atribuição de acentos tonais em sentenças de fala espontânea.

Já em relação ao domínio do sintagma entoacional, nenhuma das palavras fonológicas sem acento tonal associado é cabeça de IP, indicando ser obrigatória a associação de acentos tonais a PW cabeça do último PhP de IP, resultado também encontrado para as sentenças lidas.

Através dos resultados obtidos para a associação de acentos tonais, nota-se que, assim como observado para o *corpus* de fala controlada, há uma frequente atribuição de acentos tonais às palavras fonológicas no contorno entoacional das sentenças do *corpus* de

fala espontânea do PGB. Porém, a frequência mais baixa de PWs cabeça de PhP sem acento tonal em relação à frequência de PWs não cabeça sem acento tonal aponta para uma diferença em relação ao resultado encontrado para as sentenças lidas, nas quais se observou uma distribuição relativamente equilibrada de PWs sem acento tonal nesses dois contextos prosódicos (cabeça e não cabeça de PhP).

Com relação aos contornos nucleares de IP nas sentenças de fala espontânea, para a caracterização de sua configuração entoacional, utilizamos um dos marcadores mais robustos para a determinação da fronteira desse domínio em outras variedades de português já estudadas: a pausa.²¹⁵ Para tanto, as sentenças neutras que possuem uma pausa não hesitativa coincidente com a fronteira direita do IP no qual estão mapeadas foram discriminadas das sentenças neutras que possuem uma pausa hesitativa nesse mesmo contexto prosódico, utilizando-se somente as sentenças do primeiro caso na análise. Excluímos também da análise as sentenças nas quais a PW que encabeça IP é alvo de interrupções, devido à dificuldade na identificação dos eventos tonais associados a tais palavras, conforme já mencionado.²¹⁶ Por meio das sentenças selecionadas, realizamos o levantamento dos eventos tonais associados às PWs cabeça do último PhP dos IPs.

Os resultados obtidos para os acentos tonais associados a palavras fonológicas cabeça do último sintagma fonológico de IP medial e final do *corpus* de fala espontânea são apresentados na Tabela 23 e na Tabela 24 respectivamente.

²¹⁵ Confira, entre outros, Frota (2000) para o PE e Serra (2009) para o PB. Confira também o algoritmo de formação do sintagma entoacional dado no Capítulo 3, seção 3.2, desta dissertação.

²¹⁶ Por serem os eventos do texto falado que manifestam hesitação característicos do discurso espontâneo, não excluímos as sentenças neutras que possuem esse tipo de evento em palavra fonológicas em posição diferente da cabeça de IP na análise do contorno entoacional nuclear desse sintagma.

Tabela 23. Frequência de atribuição de acentos tonais, por tipo de acento tonal, ao contorno nuclear de IP medial (PW cabeça do último PhP de IP medial).

Acento tonal nuclear de IP medial	NMB	FCS	LPC	PGB
	12 (100%)	31 (100%)	11 (100%)	54 (100%)
L+H*	2 (16.7%)	–	–	2 (3.7%)
H*+L	1 (8.3%)	1 (3.2%)	1 (9.1%)	3 (5.6%)
H*	1 (8.3%)	2 (6.5%)	–	3 (5.6%)
L*	1 (8.3%)	3 (9.7%)	5 (45.5%)	9 (16.7%)
L*+H	1 (8.3%)	15 (48.4%)	1 (9.1%)	17 (31.5%)
H+L*	6 (50%)	10 (32.3%)	4 (36.4%)	20 (37%)

Tabela 24. Frequência de atribuição de acentos tonais, por tipo de acento tonal, ao contorno nuclear de IP final (PW cabeça do último PhP de IP final).

Acento tonal nuclear de IP final	NMB	FCS	LPC	PGB
	22 (100%)	82 (100%)	60 (100%)	164 (100%)
H*+L	–	2 (2.4%)	1 (1.7%)	3 (1.8%)
L+H*	–	2 (2.4%)	4 (6.7%)	6 (3.7%)
L*	2 (9.1%)	9 (11%)	16 (26.7%)	27 (16.5%)
L*+H	3 (13.6%)	23 (28%)	4 (6.7%)	30 (18.3%)
H+L*	17 (77.3%)	46 (56.1%)	35 (58.3%)	98 (59.8%)

De modo geral, verifica-se, por meio da Tabela 23, que há uma predominância de acentos tonais H+L* (37%) associados à PWs que encabeçam IPs mediais nos dados do PGB. É frequente também a associação de acentos tonais L*+H (31.5%) e L* (16.9%) a esse mesmo tipo de PW. Os acentos tonais menos frequentes (que totalizam 9.3% dos casos) estão distribuídos entre acentos tonais H* (5.6%), H*+L (5.6%) e L+H* (3.7%). Segundo os dados específicos de cada informante, também se verifica a predominância de H+L* associados à PW cabeça de IP medial nos dados de NMB, correspondendo a 50% dos acentos tonais associados a esse tipo de PW para essa informante. Entretanto, nos dados de FCS e LPC, H+L* é o segundo tipo de acento tonal de maior frequência associado a PWs cabeças de IP medial dessas duas informantes: para FCS, esse acento correspondendo a 32.3% do total de seus acentos tonais; e para LPC, corresponde a 36.4% de seus acentos tonais. O acento tonal de maior ocorrência associado a PWs cabeça de IP medial nos dados de FCS é, de fato, L*+H

(48.4%) e, nos dados de LPC, L* (45.5%). Para os demais acentos tonais, atestam-se frequências menores nos dados das três informantes (ver Tabela 23).

Com relação aos IPs finais, observa-se, por meio da Tabela 24, que há também uma predominância de acentos tonais H+L* (59.8%) associados à PWs que encabeçam esse tipo de IP nos dados do PGB e é também frequente a associação de acentos tonais L*+H (18.3%) e L* (16.5%) a esse mesmo tipo de PW. Os acentos tonais menos frequentes associados a PWs cabeça de IPs finais (que totalizam 5.5% dos casos) estão divididos entre acentos tonais L+H* (3.7%) e H*+L (1.8%). Conforme os dados específicos de cada informante, também se verifica a predominância de H+L* associados à PW cabeça de IP final: para NMB, H+L* corresponde a 77.3% de seus acentos tonais; para FCS, a 56.1% de seus acentos tonais; e para LPC, a 58.3% de seus acentos tonais. Nos dados de FCS é frequente também a associação de acentos tonais L*+H (28%) e L* (11%) a PWs que encabeçam IPs finais e, nos dados de LPC, é frequente também a associação de L* (26.7%) a esse mesmo tipo de PW. Para os demais acentos tonais, registram-se frequências menores nos dados das informantes (ver Tabela 24).

No que diz respeito à marcação tonal de fronteiras de constituintes prosódicos, os resultados obtidos para a frequência de tons de fronteira associados à fronteira direita dos sintagmas entoacionais mediais e finais são apresentados na Tabela 25 e na Tabela 26 respectivamente.

Tabela 25. Frequência de atribuição de tons de fronteira à fronteira direita de sintagma entoacional medial.

T% associado à fronteira	NMB	FCS	LPC	PGB
direita de IP medial	12 (100%)	31 (100%)	11 (100%)	54 (100%)
!HL%	–	1 (3.2%)	–	1 (1.9%)
HL%	–	4 (12.9%)	–	4 (7.4%)
LH%	1 (8.3%)	4 (12.9%)	4 (36.4%)	9 (16.7%)
H%	4 (33.3%)	13 (41.9%)	1 (9.1%)	18 (33.3%)
L%	7 (58.3%)	9 (29%)	6 (54.5%)	22 (40.7%)

Tabela 26. Frequência de atribuição de tons de fronteira à fronteira direita de sintagma entoacional final.

T% associado à fronteira direita de IP final	NMB	LPC	FCS	TOTAL
	22 (100%)	60 (100%)	82 (100%)	164 (100%)
LH%	–	11 (18.3%)	10 (12.2%)	21 (12.8%)
H%	3 (13.6%)	8 (13.3%)	25 (30.5%)	36 (22%)
L%	19 (86.4%)	41 (68.3%)	47 (57.3%)	107 (65.2%)

Segundo a Tabela 25, os tons de fronteira mais frequentemente associados à fronteira direita de IPs mediais nas sentenças do *corpus* de fala espontânea são L% (40.7%), H% (33.3%) e LH% (16.7%); os tons de fronteira HL% (7.4%) e !HL% (1.9%) são menos frequentes, correspondendo a 9.3% do total desse tipo de evento tonal. No que se refere à fronteira direita de IPs finais, segundo a Tabela 26, os tons de fronteira associados a esse tipo de fronteira são exclusivamente L% (59.2%), H% (24.8%) e LH% (13.8%), sendo o primeiro tipo de tom de fronteira o mais frequente em nossos dados do *corpus* de fala espontânea.

Ao cruzarmos os resultados de atribuição de acentos tonais à palavra fonológica cabeça do último sintagma fonológico de IP (medial e final) com os resultados obtidos para os tons de fronteira associados à fronteira direita desse sintagma, podemos caracterizar os contornos entoacionais nucleares de IP nas sentenças do *corpus* de fala espontânea. A Tabela 27 e a Tabela 28 apresentam a frequência de associação dos tipos de contornos nucleares de IPs mediais e finais respectivamente.

Tabela 27. Frequência de atribuição de eventos tonais ao contorno nuclear de IP medial por tipo de contorno.

Configuração do contorno nuclear de IP medial	NMB	FCS	LPC	TOTAL
	12 (100%)	31 (100%)	11 (100%)	54 (100%)
H* H%	1 (8.3%)	–	–	1 (1.9%)
H+L* !HL%	–	1 (3.2%)	–	1 (1.9%)
H+L* LH%	1 (8.3%)	1 (3.2%)	–	2 (3.7%)
L* L%	1 (8.3%)	–	1 (9.1%)	2 (3.7%)
L+H* H%	2 (16.7%)	–	–	2 (3.7%)
L*+H HL%	–	2 (6.5%)	–	2 (3.7%)
H* HL%	–	2 (6.5%)	–	2 (3.7%)
H*+L L%	1 (8.3%)	1 (3.2%)	1 (9.1%)	3 (5.6%)
L* LH%	–	3 (9.7%)	4 (36.4%)	7 (13%)
L*+H H%	1 (8.3%)	13 (41.9%)	1 (9.1%)	15 (27.8%)
H+L* L%	5 (41.7%)	8 (25.8%)	4 (36.4%)	17 (31.5%)

Tabela 28. Frequência de atribuição de eventos tonais ao contorno nuclear de IP final por tipo de contorno.

Configuração do contorno nuclear de IP final	NMB	FCS	LPC	TOTAL
	22 (100%)	82 (100%)	60 (100%)	164 (100%)
H+L* LH%	–	1 (1.2%)	1 (1.7%)	2 (1.2%)
H*+L L%	–	2 (2.4%)	1 (1.7%)	3 (1.8%)
L+H* H%	–	2 (2.4%)	4 (6.7%)	6 (3.7%)
L* L%	2 (9.1%)	–	6 (10%)	8 (4.9%)
L* LH%	–	9 (11%)	10 (16.7%)	19 (11.6%)
L*+H H%	3 (13.6%)	23 (28%)	4 (6.7%)	30 (18.3%)
H+L* L%	17 (77.3%)	45 (54.9%)	34 (56.7%)	96 (58.5%)

Por meio dos resultados apresentados na Tabela 27, verifica-se que, de modo geral, no PGB, o padrão entoacional descendente H+L* L% (31.5%) e os padrões entoacionais ascendentes L*+H H% (27.8%) L* LH% (13%) são as configurações tonais mais frequentes associadas ao contorno nuclear de IP medial. Para os demais padrões, atestam-se frequências menores nos dados do *corpus* de fala espontânea (ver Tabela 27). Cabe notar que os dois últimos padrões mencionados (L*+H H% e L* LH%) são também os mais

frequentes associados ao contorno nuclear de IP medial de sentenças do *corpus* de fala controlada.

Ressaltamos ainda que, independentemente da configuração e do alinhamento dos tons que compõe o contorno nuclear de IPs mediais das sentenças de fala espontânea, os padrões descendentes (H+L* !HL%, H* HL%, H*+L L% e H+L* L%) e os padrões ascendentes (L+H* H%, L* LH% e L*+H H%) são os mais frequentes nos dados, correspondendo a 87% das ocorrências: os contornos descendentes totalizam 42.6% dos casos (23/54) e os contornos ascendentes totalizam 44.4% (24/54). As demais ocorrências distribuem-se entre os seguintes padrões: (i) descendente-ascendente (H+L* LH%) – 2 ocorrências (3.7%); (ii) ascendente-descendente (L*+H HL%) – 2 ocorrências (3.7%); (iv) baixo (L* L%) – 2 ocorrências (3.7%); e (v) alto (H* H%) – 1 ocorrência (1.9%).

Desse modo, os padrões ascendentes são frequentemente associados ao contorno nuclear de IP medial tanto em sentenças de fala controlada (ver seção 5.1.2.2 deste capítulo) quanto em sentenças de fala espontânea, embora haja também a possibilidade, para esse último tipo de sentença, da frequente associação de padrões descendentes (mas pouco frequente em sentenças lidas) a IPs mediais.

No que se refere ao contorno nuclear de IP final, por meio dos resultados apresentados na Tabela 28, verifica-se que, de modo geral, no PGB, há uma predominância (58.5%) da associação do padrão entoacional descendente H+L* L% a esse tipo de contorno. É também frequente a associação dos padrões entoacionais ascendentes L*+H H% (18.3%) e L* LH% (11.6%) a IPs finais; os demais padrões (que totalizam 11.6% das ocorrências) distribuem-se entre as demais nove configurações atestadas (confira a Tabela 28).

O padrão entoacional H+L* L% é também o mais frequente entre os padrões específicos de cada informante no *corpus* de fala espontânea. É interessante notar que, para NMB e LPC, no *corpus* de fala controlada, atesta-se, como mais frequente, o padrão L* L%. Nos dados de fala espontânea de NMB, H+L* L% corresponde a 77.3% do total de padrões entoacionais encontrados para o contorno nuclear de IP final e o padrão L* L% (o mais frequente encontrado para suas sentenças lidas) corresponde a apenas 9.1% (2 ocorrências)

do total de padrões encontrados para o contorno nuclear de IP final. Já nos dados de fala espontânea de LPC, H+L* L% corresponde a 56.7% do total de padrões entoacionais encontrados para o contorno nuclear de IP final e o padrão L* L% corresponde a 9.9% (7 ocorrências) do total de padrões encontrados para esse mesmo tipo de contorno. Diferentemente de NMB e LPC, para FCS, H+L* L% é o padrão mais frequente tanto em seus dados de sentenças de fala espontânea como em seus dados de sentenças lidas para IPs finais.

A diferença de ocorrência entre os dois padrões nucleares de IP final encontrados para NMB e LPC – H+L* L% para sentenças espontâneas e L* L% para sentenças lidas – atesta que cada padrão nuclear caracteriza o IP final de um determinado estilo discursivo para essas informantes.

É interessante também notar que os padrões ascendentes mais frequentes atestados para o contorno nuclear de IPs das sentenças do *corpus* de fala espontânea (L*+H H% e L* LH%), são também padrões encontrados associados ao contorno nuclear de IPs do *corpus* de fala controlada. Porém, em sentenças lidas, esses padrões ascendentes estão associados exclusivamente ao contorno nuclear de seus IPs mediais (ou seja, ao primeiro IP de sentenças mapeadas em dois IPs); já em sentenças de fala espontânea, tais padrões são possibilidades tanto para IPs mediais (ver Tabela 27) quanto para IPs finais (ver Tabela 28). Por meio da tarefa de descrição e de análise das sentenças neutras dos dois *corpora* (fala controlada e fala espontânea), observamos que, no que se refere aos padrões nucleares de IP (final e medial) mais frequentes, o padrão descendente (H+L* L%) está relacionado tanto ao padrão de finalidade quanto ao padrão de continuidade (somente na fala espontânea para esse último padrão) das sentenças e os padrões ascendentes (L*+H H% e L* LH%) estão majoritariamente associados a sentenças em estrutura de lista e a sentenças com padrão de continuidade.

Desse modo, os padrões de IPs mediais encontrados nos dados de fala controlada de FCS (L* LH% e L*+H H%) (padrão de continuidade) são contornos nucleares possíveis para IPs mediais e finais (com padrão de continuidade ou em estrutura de lista) encontrados em seus dados de fala espontânea, evidenciando a correspondência entre os padrões entoacionais

nos dois estilos discursivos dessa informante. No caso de LPC, o padrão L*+H H%, encontrado em 5 das 9 ocorrências de IPs mediais em sentenças lidas, é um contorno nuclear possível para IPs medias e finais (com padrão de continuidade ou em estrutura de lista) em seus dados de fala espontânea, embora o padrão mais frequente seja L* LH% (não atestado para sentenças lidas); tal resultado aponta para uma correspondência entre os estilos discursivos no que se refere ao traço ascendente dos referidos padrões nucleares de IP. Já para NMB, foram identificadas poucas ocorrências de padrões entoacionais diferentes do descendente H+L* L% para o contorno nuclear de IP medial ou final em seus dados de fala espontânea; porém, o padrão mais frequente para IPs mediais em sentenças lidas (L*+H H%) também é atestado para IP medial e final (padrão de continuidade) em sentenças de fala espontânea dessa informante.

No que tange ainda a marcação tonal de fronteira de domínios prosódicos, afora os tons de fronteiras associados à fronteira direita de sintagmas entoacionais, não atestamos outro tipo de tom relacionado à fronteira (como os acentos frasais associados a fronteiras de sintagmas fonológicos) nas sentenças declarativas neutras do *corpus* de fala espontânea. Além disso, também não foram atestados, associados ao contorno entoacional desse mesmo tipo de sentença no mesmo *corpus*, eventos tonais adicionais.

Foram identificados, porém, acentos frasais associados a constituintes prosódicos percebidos (pelo investigador) como enfatizados (ver Figura 14) ou focalizados (ver Figura 15) e eventos tonais adicionais H associados a palavras fonológicas percebidas (também pelo investigador) como enfatizadas nos dados do *corpus* de fala espontânea do PGB.

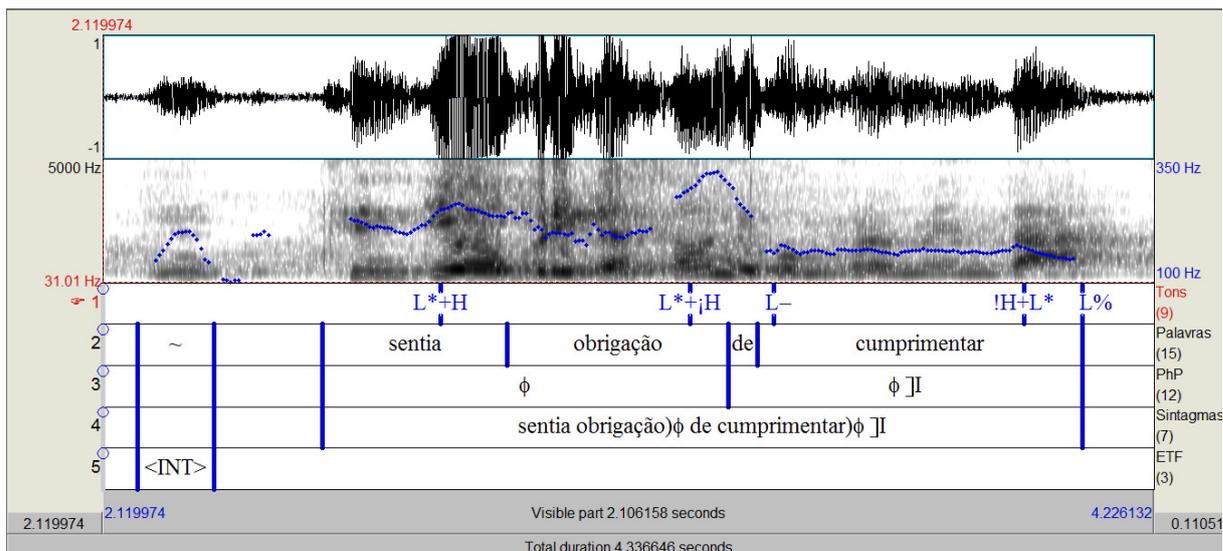


Figura 14. Imagem acústica da sentença “Sentia obrigação de cumprimentar” produzida por LPC. Na sentença, observa-se a associação de um acento frasal L- à fronteira direita do sintagma fonológico [sentia obrigação]_{PhP}, no qual a palavra fonológica enfatizada (obrigação)_{PW} está mapeada.

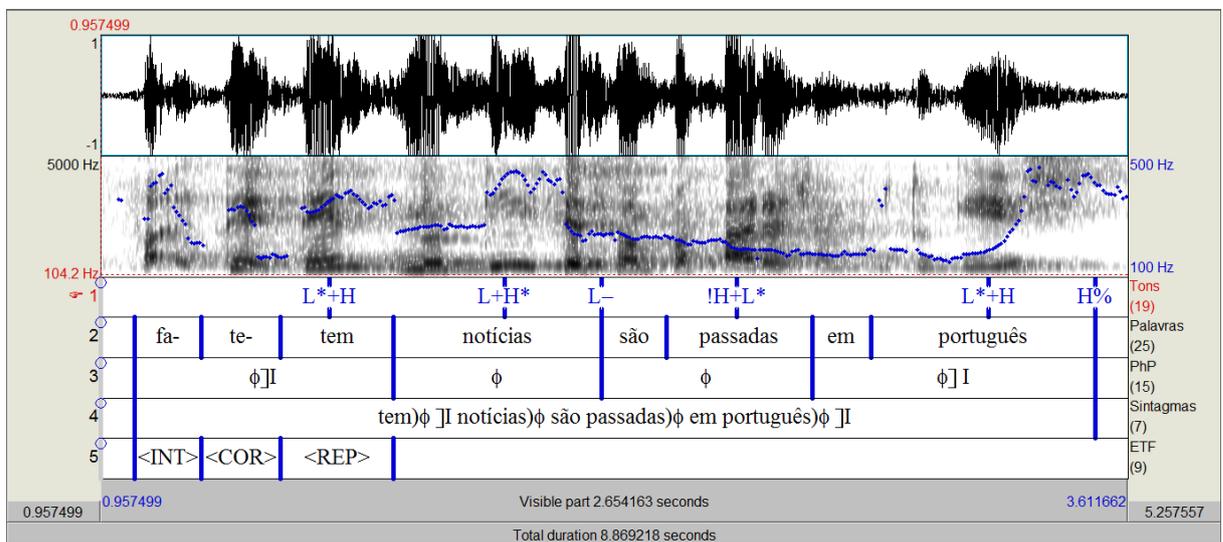


Figura 15. Imagem acústica da sentença “Notícias são passadas em português” produzida por LPC. Na sentença, observa-se a associação de um acento frasal L- à fronteira direita do sintagma fonológico [notícias]_{PhP}, no qual a palavra fonológica focalizada (notícias)_{PW} está mapeada.

O fato de termos encontrado acentos frasais associados a sentenças enfatizadas/focalizadas no *corpus* de fala espontânea pode sugerir que a presença desses eventos tonais nas sentenças neutras do *corpus* de fala controlada está associada a uma leitura mais enfática realizada pelas informantes: é possível que essa leitura enfatizada seja efeito de uma leitura ensinada, visto que o português é uma segunda língua para nossas informantes e é aprendido formalmente na escola. Logo, sentenças não neutras do PGB requerem um estudo aprofundado (por meio de análises acústicas e testes perceptuais envolvendo guineenses falantes do PGB) em trabalhos futuros para que suas características entoacionais sejam identificadas e, assim, possibilitando uma melhor compreensão dos resultados obtidos para as sentenças neutras nesta investigação.

Os exemplos a seguir, compostos pelas sentenças e representações prosódicas em (68), (69) e (70) e as respectivas imagens acústicas dadas nas Figuras 16, 17 e 18, ilustram a atribuição de acentos tonais e tons de fronteira ao contorno entoacional de sentenças neutras do nosso *corpus* de fala espontânea do PGB.

em (69), mapeada em três IPs, notamos que o padrão de finalidade é conferido pelo contorno entoacional nuclear $H+L^* L\%$, associado à palavra (pública)_{PW} do sintagma fonológico [administração pública]_{PhP}, sintagma esse que também constitui o último sintagma entoacional dessa sentença. Vale ressaltar que a sentença em (69) é a sequência imediata da sentença em (68) produzida por FCS, fazendo parte de um mesmo enunciado e constituem um padrão de lista. Ademais, tanto o contorno nuclear $L^*+H H\%$ quanto o contorno nuclear $H+L^* L\%$ são encontrados para os contornos nucleares das sentenças do *corpus* de fala controlada nos dados de LPC, correspondendo, respectivamente, ao contorno nuclear de IP medial e ao contorno nuclear de IP final nas sentenças lidas.

Com relação às sentenças em (70), produzidas pela informante LPC, o contorno nuclear de seus IPs é dado também pelo padrão $H+L^* L\%$ e que se refere ao padrão de finalidade das sentenças. Entretanto, esse padrão não corresponde ao padrão encontrado nos dados de sentenças lidas dessa informante, cujo contorno nuclear predominante é dado pela configuração $L^* L\%$, evidenciando uma realização distinta do contorno nuclear das declarativas neutras para os dois estilos discursivos em questão (lido e espontâneo).

Por fim, podemos concluir, de maneira geral, segundo os resultados apresentados nesta subseção, que há mais semelhanças do que diferenças entre o contorno entoacional descrito para sentenças lidas e os contornos entoacionais das sentenças de fala espontânea dos nossos *corpora* do PGB.

5.3 Comparação do padrão entoacional neutro do PGB com o PB e o PE

Conforme visto na introdução desta dissertação, inicialmente, um dos objetivos da investigação se tratava da comparação dos resultados obtidos da análise do contorno entoacional neutro do PGB com os resultados obtidos em trabalhos prévios sobre esse

mesmo tipo de contorno entoacional no PB e no PE.²¹⁷ Desse modo, nesta seção fazemos essas comparações.

Ao compararmos o padrão entoacional neutro encontrado nos dados do PGB do presente trabalho com esse mesmo tipo de padrão entoacional descrito para o PB e o PE em trabalhos anteriores, encontramos similaridades entre aspectos do padrão entoacional da variedade guineense de português com aspectos do padrão entoacional das demais variedades.

Com relação à atribuição de acentos tonais ao longo do contorno entoacional, tanto o PB quanto o PGB possuem acentos tonais frequentemente associados à palavra fonológica cabeça e não cabeça do sintagma fonológico. Para a variedade brasileira de português, a associação de acentos tonais a palavras fonológicas cabeça de PhP é obrigatória e a associação de acentos tonais às palavras fonológicas não cabeça de PhP é opcional (FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; entre outros).

A frequente associação de acentos tonais a palavras fonológicas cabeça de PhP é também uma característica das variedades centro-meridionais do PE (variedade de Alentejo – ALE, e variedade de Algarve – ALG): no ALE, todas as palavras fonológicas cabeça de PhP portam um acento tonal e, no ALG, há uma alta frequência de associação tonal a esse elemento (CRUZ, 2013). Em contrapartida, a variedade do PE padrão (SEP) possui uma distribuição esparsa de acentos tonais ao longo do contorno entoacional, sendo obrigatória somente associação tonal ao contorno nuclear mínimo do IP (associação de acento tonal nuclear de IP e de tom de fronteira à fronteira direita desse sintagma) (FROTA, 2000; VIGÁRIO; FROTA, 2003). Já a variedade setentrional do PE (NEP) possui uma distribuição maior de acentos tonais por IP do que a última variedade de português (VIGÁRIO; FROTA, 2003).

As variedades brasileira e europeia de português, assim, apresentam densidades tonais variadas, isto é, a proporção de acentos tonais em relação ao número de palavras

²¹⁷ Para uma síntese do padrão entoacional neutro do PE e do PB, confira o Capítulo 3, seção 3.3, desta dissertação.

fonológicas presentes em um contorno entoacional é diferente para cada variedade. Segundo os dados do trabalho de Vigário e Frota (2003), o SEP possui uma densidade tonal de 17-27% e o NEP possui uma densidade tonal de 74%. Com relação às variedades centro-meridionais do PE, as sentenças neutras em estilo de leitura do ALG apresentam uma densidade tonal de 87% e o ALE, de 100%, segundo os dados de Cruz (2013). A densidade tonal dessas duas variedades de português é próxima ao valor encontrado (94.7%) na análise de nossos dados de sentenças neutras também lidas do PGB.

Quanto ao contorno nuclear do sintagma entoacional, em todas as variedades de português, encontra-se a associação obrigatória de um acento tonal ao último sintagma fonológico do sintagma entoacional, seguido frequentemente de um tom de fronteira que marca a fronteira direita desse último sintagma. Os dados analisados no *corpus* de fala controlada do PGB mostram que o contorno nuclear (IP final) das sentenças declarativas neutras dessa variedade de português apresenta dois padrões entoacionais: o primeiro padrão realiza-se com um tom baixo na sílaba proeminente de IP (L*) – padrão encontrado para duas informantes (NMB e LPC) – e o segundo, realiza-se com a queda da curva melódica na sílaba proeminente de IP (H+L*) – padrão encontrado para as outras duas informantes (INB e FCS). Ambos os padrões são seguidos por um tom de fronteira baixo (L%). Contudo, os dados do *corpus* de fala espontânea investigados para três das quatro informantes (NMB, FCS e LPC) revelam que o padrão entoacional do contorno nuclear de IP final das sentenças neutras nesse *corpus* é H+L* L%. Portanto, há padrões diferentes atribuídos ao contorno entoacional nuclear de IP para duas informantes (NMB e LPC) a depender do estilo discursivo: L* L% para sentenças lidas e H+L* L% para as sentenças do *corpus* de fala espontânea.

Em relação ao PB, o acento tonal H+L* e o tom de fronteira L% formam juntos o padrão do contorno nuclear das declarativas neutras (CUNHA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; SERRA, 2009; entre outros). Esse é o mesmo padrão encontrado para as sentenças declarativas neutras da variedade padrão do PE (SEP) (FROTA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2002; entre outros) e das variedades centro-meridionais do PE (CRUZ, 2013). Além disso, uma das variedades centro-meridionais do PE, a alentejana

(ALE), pode também realizar o acento tonal L* alinhado à sílaba nuclear de IP, assim como ocorre para a variedade de português europeu setentrional (NEP), e, em ambas as variedades, o acento tonal nuclear é seguido também por um tom de fronteira L% (cf., entre outros, VIGÁRIO; FROTA, 2003; FROTA; VIGÁRIO, 2007 para SEP e NEP – CRUZ, 2013 para ALE e ALG).

Em suma, tanto o SEP quanto o ALE e o ALG possuem o padrão H+L* L% para o contorno nuclear das declarativas neutras, assim como o PB. Esse padrão é o mesmo encontrado para o contorno nuclear nos dados do PGB de sentenças lidas de duas informantes (INB e FCS) e de sentenças espontâneas de três informantes (NMB, FCS e LPC). Além disso, o NEP e o ALE possuem o padrão L* L% para o contorno nuclear das sentenças declarativas neutras, o mesmo encontrado para o contorno nuclear nos dados de sentenças lidas de NMB e LPC. Vale notar que Cruz (2013, p. 65) ressalta que o acento tonal nuclear L* no ALE é mais frequentemente observado no estilo de fala semiespontâneo do que no estilo de leitura, o que parece ser o contrário do que ocorre com o caso de NMB e FCS, uma vez que, conforme exposto na seção 5.2, o acento nuclear H+L* é o mais frequente nos dados de fala espontânea.

Ademais, nos dados de fala controlada do PGB, foram encontradas sentenças mapeadas em dois IPs. Para o IP medial, encontramos, como contorno nuclear mais frequente e comum a todas as informantes, o padrão entoacional L*+H H% (embora o padrão L* LH% seja o predominante e exclusivo da falante FCS). A marcação de fronteiras de IPs não finais por um tom de fronteira alto também é encontrada no PB (TENANI, 2002; SERRA, 2009), no SEP e no NEP (FROTA et al., 2007).

Segundo Serra (2009), além do padrão entoacional H+L* L% das declarativas neutras (padrão de finalidade), as fronteiras direitas de IPs não finais do PB (dialeto carioca) podem ser marcadas com um tom de fronteira H% que, junto aos acentos tonais L+H* e L*+H, caracterizam, respectivamente, o “tom suspensivo” e o “tom continuativo” (padrões não finais) no PB (SERRA, 2009, p. 78). Conforme essa autora, baseada em Frota et al. (2007), “para a caracterização do tom continuativo, [...] o contexto pré-fronteira é realizado como uma subida desde/na última sílaba tônica que se estende pela sílaba seguinte (anterior à

fronteira); no tom suspensivo, o contexto pré-fronteira é realizado como uma subida na última sílaba tônica seguida de um *plateau* alto até a fronteira” (SERRA, 2009, p. 147).

Para variedades do PE, Frota et al. (2007), em estudo sobre o fraseamento entoacional em línguas românicas – cujo *corpus* é o mesmo utilizado para a presente pesquisa (o RLD) –, afirmam que quatro diferentes acentos tonais participam na configuração tonal suspensiva ou continuativa das fronteiras dos contornos nucleares do SEP e do NEP na posição interna da frase: L*+H, H+L*, L+H* e L*, sendo os dois últimos não encontrados no SEP. Para ambas as variedades há uma forte relação entre L*+H e o tom continuativo e entre L+H* e o tom suspensivo (FROTA et al, 2007, seção 4.2). Além disso, há também a ocorrência, nos dados, de acentos tonais H+L* e L* associados exclusivamente com a configuração suspensiva.

Assim, baseando-nos nos estudos anteriormente citados sobre a configuração tonal do padrão continuativo e do padrão suspensivo de IPs mediais do PB e do PE, consideramos que, para o contorno nuclear de IP medial do PGB em sentenças lidas, as configurações tonais mais frequentes (L* LH% e L*+H H%) são caracterizadoras tanto de um padrão suspensivo (NMB e LPC) quanto de um padrão continuativo (NMB e FCS), a depender da informante.²¹⁸ Essa mesma afirmação é válida para as sentenças de fala espontânea dos nossos dados do PGB, nas quais também se encontram os padrões L* LH% (FCS e LPC) e L*+H H% (FCS) para o contorno nuclear de IPs mediais.

Podemos concluir, assim, que os padrões suspensivo e continuativo do PGB são semelhantes ao encontrado no PB, no SEP e no NEP. Ademais, considerando as variedades de português já investigadas entoacionalmente, com base no mesmo quadro teórico utilizado nesta pesquisa, o PGB apresenta correspondências com uma ou mais variedades quanto ao contorno nuclear de IP (final ou não) das sentenças declarativas neutras.

²¹⁸ Nos dados de NMB, 6 das 12 configurações nucleares de IPs mediais do tipo L*+H H% são caracterizadas por um padrão suspensivo e as demais 6 configurações do mesmo tipo são caracterizadas por um padrão continuativo. Nos dados de FCS, as 12 configurações nucleares do tipo L*+H H% e as 39 configurações do tipo L* LH% de IPs mediais são caracterizadas por um padrão suspensivo. Nos dados de LPC, as 5 configurações dos contornos nucleares de IPs mediais do tipo L*+H H% são caracterizadas por um padrão suspensivo.

Além das características já expostas, outra semelhança compartilhada entre o PGB e o PB e não atestada no PE é a presença de eventos tonais adicionais associados a sílabas pretônicas de palavras fonológicas longas do contorno entoacional de sentenças lidas. Segundo Frota e Vigário (2000), a atribuição de um evento tonal adicional no PB depende do número de sílabas que precedem o acento principal da palavra: um tom adicional H é associado à palavra que possui pelo menos duas sílabas de intervalo em relação à sílaba acentuada (FROTA; VIGÁRIO, 2000, p. 11). No *corpus* analisado pelas autoras, a ocorrência desses eventos tonais está relacionada à palavra fonológica inicial de PhP e é ainda mais recorrente se essa também é a primeira de IP. Por outro lado, para Tenani (2002) e Fernandes-Svartman (2009), o tom H adicional associa-se à sílaba pretônica percebida como portadora de acento secundário em palavras fonológicas compostas por duas ou mais sílabas pretônicas. Mais recentemente, o estudo de Fernandes-Svartman (2012) verificou que a atribuição de tons adicionais depende da ramificação prosódica dos PhPs, da posição sintática das PWs na sentença (se no sujeito ou no predicado) e do número de sílabas antecedendo o acento tonal das PWs.²¹⁹ Contudo, no que diz respeito aos eventos tonais adicionais H encontrados nas sentenças do PGB, não foi possível estabelecer um padrão de atribuição desses eventos tonais a partir de suas ocorrências nos *corpora* deste estudo.

Com relação à marcação tonal de fronteiras de constituintes prosódicos do PGB, além da marcação tonal de fronteiras direitas de IPs por tons de fronteira, a análise dos dados do nosso *corpus* de fala controlada revelou a existência de fronteiras de PhPs marcadas por um acento frasal de tom baixo.

No que se refere às outras variedades de português, os acentos frasais não são atribuídos a fronteiras de PhPs de sentenças neutras do PB, posto que esse evento tonal, nessa variedade, refere-se exclusivamente à marcação de focalização. Nos casos de focalização do sujeito, a esse elemento é associado ou um acento H*+L ou um acento tonal L*+H seguido por um acento frasal L-, associado à fronteira direita do sintagma fonológico

²¹⁹ Fernandes-Svartman (2012), visando à investigação sistemática dos fatores reguladores da atribuição tonal em sentenças neutras do PB, verificou que sujeitos longos não ramificados (formados por uma PW longa) possuem um acento tonal associado à palavra fonológica e podem conter um tom H adicional; já sujeitos longos ramificados (formados por duas PWs longas), possuem um acento tonal para cada palavra fonológica e a possibilidade de um tom H adicional associado à primeira palavra fonológica.

no qual esse mesmo constituinte focalizado se encontra mapeado (FERNANDES, 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008).

As fronteiras de PhP de sentenças neutras do PE também não são marcadas por acentos frasais, à exceção de uma de suas variedades, o ALE. Cruz (2013) obteve evidências para a comprovação de que, na variedade alentejana de português europeu (mas não na variedade algarvia), a fronteira esquerda do último sintagma fonológico de um sintagma entoacional (final ou não) é assinalada por um tom baixo. A autora afirma que a marcação tonal da fronteira desse PhP não é obrigatória e sua frequência é variável entre os falantes, além de ocorrer em diferentes tipos de sentenças, independentemente do estilo discursivo. Cruz (2013) menciona que obteve evidências para a marcação da fronteira esquerda de PhP mediante uma investigação detalhada da distribuição dos tons relacionados à fronteira nas fronteiras prosódicas dos constituintes de seus dados de fala controlada, espontânea e semiespontânea, mas não fornece maiores detalhes quanto a essa investigação – ver Cruz (2013, seção 4.3.2.2).

É necessário salientar que, na análise das sentenças do PGB empreendida neste estudo, consideramos os tons relacionados à fronteira de PhPs encontrados nos dados de sentenças neutras como associados à fronteira direita desse sintagma, levando em conta para tal análise os estudos prévios sobre acento frasal em português já referidos (FERNANDES, 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008 – para o PB; CRUZ, 2013 – para o ALE). A partir desses estudos prévios, observamos um comportamento diferente da associação de acentos frasais em nossos dados do PGB em relação ao PB e o ALE: os acentos frasais, no PGB, são encontrados associados à fronteira direita de PhPs não focalizados (sentenças neutras), diferentemente do que acontece no PB, em que esses eventos tonais estão associados apenas à fronteira direita de PhP de um elemento focalizado; além disso, a associação de acento frasal no PGB, embora ocorra em sentenças neutras, não está relacionada à posição do PhP em IP (visto que ocorrem associados a fronteiras de PhPs de diferentes posições na sentença), como ocorre no ALE, em que ocorrem associados apenas à fronteira esquerda do último PhP de IP.

Como se pode observar nos exemplos dados, o acento frasal atribuído à sentença em (71) (representado por –L) estaria associado à fronteira esquerda do sintagma fonológico, [do marinheiro]_{PhP}, que é o último do IP dessa sentença, seguindo o padrão encontrado por Cruz (2013) para os dados da variedade alentejana do PE. Entretanto, esse não é o caso da sentença em (72), na qual o sintagma fonológico [da brasileira]_{PhP}, marcado por um acento frasal associado a sua fronteira esquerda, não é o último do IP, sendo esse local ocupado por [manuseava livrinhos]_{PhP}; além disso, não há nenhum indício (como, por exemplo, presença de tom de fronteira ou pausa) de que [o namorado megalômano da brasileira] constitua um IP medial para que [da brasileira]_{PhP} constitua o último sintagma fonológico desse IP.

Ademais, considerar a existência de dois tipos distintos de acentos frasais (um associado à fronteira direita de PhP e o outro associado à fronteira esquerda do último PhP de IP) também não se mostra satisfatória do ponto de vista descritivo do contorno entoacional do PGB, na medida em que é pouco econômica, não generalizadora e, principalmente, não respaldada por argumentos robustos que sustentem uma análise desse tipo. Esses fatos, assim, levam-nos a estender a análise da associação de acentos frasais em PGB não somente à fronteira esquerda do último PhP do IP, mas a fronteira esquerda de qualquer PhP do contorno entoacional (hipótese, porém, não desenvolvida neste estudo).

No que tange a associação de acentos frasais ao contorno entoacional das sentenças do PGB, salientamos, porém, que os resultados da investigação realizada no presente estudo revelam que esse evento tonal se associa, nessa variedade de português, a fronteiras direitas de PhPs de diferentes posições no contorno entoacional, embora haja uma maior ocorrência de associação em PhPs longos (4 sílabas ou mais), não ramificados prosodicamente e em posição de sujeito ou no limite entre o sujeito e o predicado. Além disso, os acentos frasais foram encontrados associados somente ao contorno entoacional de sentenças neutras lidas.

A presença dos acentos frasais associados ao contorno de sentenças declarativas neutras do PGB, assim, constitui um aspecto ainda a ser melhor investigado. Acreditamos que a descrição dos padrões entoacionais de outros tipos de sentenças do PGB, como as enfatizadas e focalizadas (posto que encontramos acentos frasais em sentenças desse tipo em nossos dados de fala espontânea – ver seção 5.2.2), pode fornecer novas pistas para o

entendimento do padrão de associação dos acentos frasais aos contornos entoacionais e para o entendimento da função desses eventos tonais na gramática entoacional dessa variedade de português.

5.4 Considerações gerais sobre o padrão neutro do PGB

Conforme a descrição e a análise do padrão entoacional neutro do PGB realizadas ao longo deste capítulo, padrão esse que foi comparado aos padrões entoacionais neutros do PB e do PE descritos em estudos prévios, depreendem-se as seguintes características entoacionais gerais das sentenças declarativas neutras do *corpus* de fala controlada produzidas pelas quatro informantes de nosso estudo:

- (i) a presença de acentos tonais associados frequentemente a cada palavra fonológica cabeça de sintagma fonológico do contorno entoacional do PGB e também a frequente associação de acentos tonais às palavras fonológicas não cabeça de sintagma fonológico dessa variedade de português, ambas características encontradas no contorno entoacional do PB;
- (ii) a possibilidade da não atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas (cabeça e não cabeça de PhP) do contorno entoacional, sendo tais palavras predominantemente pertencentes ao predicado das sentenças – majoritariamente verbos (tendo como complemento objetos ramificados e não ramificados) e primeiras PWs de objetos ramificados;
- (iii) a associação obrigatória, no PGB, assim como no PB e no PE, de um acento tonal à palavra fonológica cabeça do último sintagma fonológico de IP final, seguido por um tom de fronteira L% associado à fronteira direita desse sintagma;
- (iv) a correspondência do padrão do contorno nuclear de IP final das declarativas neutras do PGB (H+L* L% e L* L%) com os padrões do contorno nuclear de IP final das

sentenças declarativas neutras do PB (H+L* L%) e do PE: SEP (H+L* L%), NEP (L* L%), ALG (H+L* L%), ALE (H+L* L%, L* L%);

- (v) o contorno nuclear de IPs mediais é composto pelo padrão mais frequente e comum a todas as informantes L*+H H%, seguido pelo padrão L* LH% (exclusivo de FCS): o primeiro é semelhante ao encontrado para os dados de contorno nuclear de IP não final do PB, do SEP e do NEP e o segundo é similar ao encontrado para os dados de contorno nuclear de IP não final do NEP (L* H%) por se tratar do mesmo acento tonal nuclear (L*) e por ser seguido de uma ascendência tonal (um tom de fronteira LH% ou H%, conforme a variedade de português);
- (vi) a possibilidade de associação de acentos frasais L– a fronteiras de sintagmas fonológicos (longos, não ramificados prosodicamente e majoritariamente pertencentes ao sujeito das sentenças) – eventos tonais que não ocorrem em sentenças neutras do PB, mas que são encontrados associados a esse tipo de sentenças do ALE; e
- (vii) a ocorrência de eventos tonais adicionais H associados às palavras fonológicas longas do contorno entoacional, semelhante aos tons H adicionais encontrados associados a palavras fonológicas também longas no PB.

Ademais, através da investigação do *corpus* de fala espontânea, pode-se verificar que há correspondências e não correspondências entre o padrão entoacional descrito para sentenças lidas com os contornos entoacionais de sentenças presentes em fala espontânea nos dados do PGB. As principais considerações são as que seguem:

- (i) é frequente a presença de acentos tonais associados a cada palavra fonológica do contorno entoacional do PGB das sentenças neutras do *corpus* de fala espontânea, assim como encontrada para as sentenças do *corpus* de fala controlada;

- (ii) há a possibilidade da não atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas do contorno entoacional de sentenças neutras do *corpus* de fala espontânea, tendendo a serem tais palavras predominantemente curtas e não cabeça de sintagma fonológico; porém, nos dados de sentenças lidas, há uma distribuição equilibrada entre palavras fonológicas cabeça e não cabeça de PhP sem acento tonal;
- (iii) as configurações tonais H+L* L%, L*+H H% e L* LH% são configurações possíveis tanto para o contorno nuclear de IPs finais quanto de IPs mediais em sentenças do *corpus* de fala espontânea, diferentemente das sentenças do *corpus* de fala controlada;
- (iii) o padrão H+L* L% está relacionado tanto ao padrão de finalidade quanto ao padrão de continuidade em sentenças de fala espontânea; já os padrões L*+H H% e L* LH% estão majoritariamente associados a sentenças em estrutura de lista e a sentenças com padrão de continuidade em sentenças de fala espontânea e de fala controlada;
- (iv) H+L* L% é a configuração tonal preferencial do contorno nuclear de IP final (padrão de finalidade) nos dados de fala espontânea de todas as informantes; entretanto, nos dados de fala controlada, a configuração tonal preferencial desse tipo de IP para NMB e LPC é L* L%, o que atesta que há padrões diferentes atribuídos a esse IP para essas informantes a depender do estilo discursivo;
- (v) diferentemente das sentenças do *corpus* de fala controlada, não foram encontrados acentos frasais associados à fronteiras de sintagmas fonológicos de sentenças neutras do *corpus* de fala espontânea;
- (vi) não foram encontrados tons adicionais H em sentenças neutras do *corpus* de fala espontânea, os quais foram encontrados em sentenças do *corpus* de fala controlada.

O Quadro 12 a seguir resume, comparativamente, as características entoacionais encontradas para os dados de nossas informantes de PGB descritos neste capítulo. Nos Quadros 13 e 14, sintetizamos as principais características entoacionais encontradas nos

dados do PGB em comparação com as principais características entoacionais do PB e do PE descritas em estudos prévios.

Quadro 12. Síntese das similaridades e divergências entoacionais entre informantes do PGB.²²³

Característica entoacional	INB	LPC	FCS	NMB
T* frequentemente associado à PW não cabeça de PhP	✓	✓	✓	✓
T* frequentemente associado à PW cabeça de PhP	✓	✓	✓	✓
Contorno nuclear de IP medial	L*+H H% ²²⁴	L*+H H% (FC) L* LH% (FE)	L* LH%	L*+H H%
Contorno nuclear de IP final	H+L* L%	L* L% (FC) H+L* L% (FE)	H+L* L%	L* L% (FC) H+L* L% (FE)
T ⁻ associado à fronteira direita de PhP	PhPs do sujeito	PhPs da sentença	PhPs do sujeito	PhPs da sentença
H adicional opcionalmente associado à PWs longas	–	✓	✓	✓

²²³ A marcação (FC) indica que o contorno nuclear se refere ao padrão entoacional dos dados de fala controlada. A marcação (FE) indica que o contorno nuclear se refere ao padrão entoacional dos dados de fala espontânea.

²²⁴ Para INB, foi registrado um número baixo de IPs mediais nos dados de fala controlada, sendo o padrão L*+H L% encontrado com a mesma frequência do padrão L*+H H%. Confira a seção 5.1.1 e a seção 5.2.2 para detalhes do contorno nuclear de IPs medias dessa informante.

Quadro 13. Atribuição de eventos tonais ao contorno entoacional de sentenças declarativas neutras do PGB em comparação com o PB e o PE.

Atribuição Tonal	PGB	PB	PE			
			SEP	NEP	ALE	ALG
T* frequentemente associado à PW cabeça de PhP	✓	✓	–	✓	✓	✓
T* frequentemente associado à PW não cabeça de PhP	✓	✓	–	–	–	–
T adicional opcionalmente associado à PW longas	✓	✓	–	–	–	–
T* associado à PW cabeça do último PhP de IP	✓	✓	✓	✓	✓	✓
T ⁻ associado ao contorno entoacional de declarativas neutras	✓	–	–	–	✓	–
T% frequentemente associado à fronteira direita de IP	✓	✓	✓	✓	✓	✓

Quadro 14. Contorno entoacional nuclear (de IP final e IP não final) das declarativas neutras do PGB em comparação com o PB e o PE.²²⁵

Contorno entoacional nuclear	PGB	PB	PE			
			SEP	NEP	ALE	ALG
IP não final	L*+H H%	L*+H H%	L*+H H%	L+H* H%		
	L* LH%	L+H* H%	H+L* H%	L*+H H%		
	H+L* L%	H+L* L%		H+L* H%		
				L* H%		
IP final	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	L* L%	H+L* L%	H+L* L%
	L* L%				L* L%	

²²⁵ Não há descrição da configuração tonal nuclear de sintagmas entoacionais não finais de sentenças mapeadas em mais de um sintagma entoacional no ALE e no ALG em estudos prévios.

6 Conclusão: considerações finais e apontamentos futuros

Os objetivos desta dissertação eram: (i) a descrição e a análise do fraseamento entoacional do contorno de sentenças declarativas neutras do PGB, no que se refere, especificamente, à investigação da relação entre atribuição de eventos tonais ao contorno entoacional e formação de domínios prosódicos; e (ii) a comparação dos resultados obtidos para o fraseamento entoacional dos dados do PGB com os resultados obtidos para o fraseamento entoacional já descritos em trabalhos anteriores para o PB e para o PE.

No alcance desses objetivos, era necessária, em primeiro lugar, a contextualização, em termos sócio-históricos e sociolinguísticos, do português de Guiné-Bissau, variedade ainda pouco estudada. Assim, apresentamos, no Capítulo 1, os principais aspectos sócio-históricos de Guiné-Bissau e a situação sociolinguística do país, discorrendo sobre as línguas faladas no território e o papel desempenhado por elas na sociedade guineense. Mostramos que, durante todo o período de ocupação colonial de Guiné-Bissau, os colonos portugueses permaneceram em cidades costeiras, sendo somente a partir do início do século XX que esses colonos, com fins de obter o controle de todo o território, adentraram no país. Foi visto também que o país possui uma grande diversidade étnica e linguística: além da língua portuguesa (tema do Capítulo 2), a Guiné-Bissau abriga diversas línguas africanas, maternas para a grande maioria da população guineense e predominante em áreas rurais, e uma língua crioula de base portuguesa, língua nacional e veicular com o maior número de falantes, principalmente nos grandes centros urbanos. Conforme apresentado no Capítulo 2, ao português, cabe o papel de língua oficial de Guiné-Bissau, desempenhando, assim, um importante papel sócio-político no país. Porém, essa é a língua com menor número de falantes no país, sendo essencialmente uma segunda ou terceira língua para os guineenses. Ademais, há fomentadores do português em Guiné-Bissau: o trabalho desenvolvido por centros culturais, a intensificação da cooperação internacional com a lusofonia e das relações

exteriores com membros dos PALOP e, sobretudo, o fato de o português consistir na única língua oficial (e sendo, assim, utilizado pelos principais meios de difusão, isto é, o ensino formal obrigatório e os meios de comunicação em massa). Ademais, uma parte o Capítulo 2 foi dedicada aos aspectos gramaticais do português falado em Guiné-Bissau descritos nos poucos estudos existentes sobre características linguísticas dessa variedade de português. Por meio desses estudos, verificamos a existência de características linguísticas similares entre o PGB, o PB e o PE, assim como de características linguísticas que aproximam o PGB do PB, mas que distanciam ambos do PE.

Após discorrermos sobre aspectos sócio-históricos, sociolinguísticos e gramaticais referentes ao português de Guiné-Bissau, variedade linguística objeto de investigação desta dissertação, apresentamos, no Capítulo 3, o modelo teórico da Fonologia Entoacional, na linha dos trabalhos desenvolvidos por Pierrehumbert (1980) e Ladd (1996, 2008), e que foi empregado para a descrição e a análise do contorno entoacional dos dados de fala aqui analisados. Apresentamos também, nesse capítulo, o modelo teórico da Fonologia Prosódica, conforme concebido nos trabalhos de Selkirk (1984, 1986, 2000) e Nespor e Vogel (1986, 2007) e utilizado para a análise relativa à formação de domínios prosódicos de nossos dados do PGB. Além disso, ainda apresentamos os resultados de estudos prévios, desenvolvidos com base nesses dois modelos teóricos, sobre o padrão entoacional neutro de variedades do português brasileiro (FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; SERRA, 2009; entre outros) e do português europeu (FROTA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2000; VIGÁRIO, 2003; VIGÁRIO; FROTA, 2003; CRUZ, 2013; entre outros).

No que diz respeito aos dados de fala utilizados em nossa investigação, empregamos dois *corpora* de tipos discursivos diferentes, conforme discorreremos no Capítulo 4. O primeiro *corpus*, de fala controlada, é constituído de um conjunto de sentenças declarativas neutras, elaboradas levando-se em conta o peso e a complexidade sintático-prosódica dos constituintes e que foram lidas por guineenses falantes do PGB. Esse *corpus* foi formado a partir da adaptação ao PGB, também com auxílio de guineenses falantes dessa variedade, de um *corpus* pré-existente, o *Romance Languages Database* (ELORDIETA et al., 2003; D'IMPERIO et al., 2005; ELORDIETA; FROTA; VIGÁRIO, 2005). O segundo *corpus*, de fala espontânea, é constituído de excertos de entrevistas realizadas com os mesmos informantes

do PGB que realizaram a tarefa de leitura. Além disso, os procedimentos empregados neste estudo consistiram na gravação da leitura do *corpus* adaptado e da entrevista. Em seguida, procedemos à descrição entoacional das sentenças contidas no material de áudio obtido, submetendo-o ao *software* de análise de fala PRAAT (BOERMA; WEENINK, 2012); tal descrição constituiu-se na identificação e na transcrição dos eventos tonais associados ao contorno entoacional, com base na percepção auditiva e na exploração do sinal acústico de F_0 e de acordo com o modelo teórico da Fonologia Entoacional. Para os dados do *corpus* de fala espontânea ainda foram identificados eventos típicos do texto falado (como pausas, interrupções, correções, marcadores discursivos, entre outros).

No Capítulo 5, realizamos as tarefas de descrição e análise das sentenças declarativas neutras do PGB, assim como comparamos os resultados obtidos com os resultados já descritos por estudos prévios para o padrão entoacional neutro do PB e do PE. Investigamos, no contorno entoacional das sentenças neutras dos nossos *corpora* do PGB: a atribuição e a configuração de eventos tonais, os contornos nucleares de IP, a marcação tonal da fronteira de constituintes e a densidade tonal.

Por meio da análise dos dados do *corpus* de fala controlada, apresentada na seção 5.1 do Capítulo 5, verificamos que há uma frequente atribuição de acentos tonais às palavras fonológicas das sentenças neutras do PGB, conferindo uma alta densidade tonal ao contorno entoacional desse tipo de sentença. Essa característica de atribuição sugere ser a palavra fonológica o domínio relevante para atribuição de acentos tonais ao contorno entoacional neutro do PGB. Com relação aos contornos nucleares das sentenças neutras, encontramos a associação obrigatória de um acento tonal à palavra fonológica cabeça do último sintagma fonológico de IP, seguido de um tom de fronteira associado à fronteira direita desse constituinte, tanto para IP finais – para os quais encontramos as configurações de contorno nuclear H+L* L% (duas informantes) e L* L% (duas informantes) – quanto para IPs não finais – para os quais encontramos as configurações de contorno nuclear L*+H H% (três informantes) e L* LH% (uma informante). Atestamos também, para os dados do PGB, além da marcação das fronteiras direitas de IP por tons de fronteira, a possibilidade de acentos frasais L– marcarem fronteiras de sintagmas fonológicos. Embora não tenhamos encontrado o padrão determinante para a atribuição desse tipo de evento tonal, observamos que, nos dados de

PGB, os sintagmas fonológicos que portam um acento frasal são majoritariamente constituintes longos e não ramificados prosodicamente, além de pertencerem frequentemente ao sujeito das sentenças. Além disso, no que se refere à associação de eventos tonais adicionais às sentenças neutras do PGB, verificamos a associação de tons adicionais H no início de determinadas palavras fonológicas longas.

Com a identificação e a caracterização dos eventos do texto falado do *corpus* de fala espontânea do PGB, empreendidas na seção 5.2 do Capítulo 5, observamos que, no PGB (língua não materna das informantes deste estudo), as características prosódicas dos eventos do texto falado apontam tanto para semelhanças quanto para diferenças com as características prosódicas desses mesmos eventos já descritas em estudos prévios para falantes nativos do PE e do PB. Além disso, por meio da análise das sentenças neutras desse mesmo *corpus* de fala espontânea, realizada também na seção 5.2 do Capítulo 5, verificamos que, assim como encontrado para as sentenças lidas, para as sentenças do *corpus* de fala espontânea, há uma alta densidade tonal conferida pela frequente atribuição de acentos tonais ao contorno entoacional dessas sentenças. Com relação aos contornos nucleares de IP finais (padrão de finalidade), encontramos, porém, somente a configuração entoacional H+L* L% em sentenças espontâneas, revelando uma diferença entre estilos discursivos para as informantes que possuem a configuração entoacional L* L% como padrão do contorno nuclear desse tipo de IP para as sentenças lidas. Contudo, para os contornos nucleares de IPs não finais, encontramos os mesmos padrões (L*+H H% e L* LH%) em sentenças lidas e em sentenças de fala espontânea. Além disso, não foram encontrados acentos frasais associados a fronteiras de sintagmas fonológicos, tampouco tons adicionais associados a palavras fonológicas longas, no contorno entoacional neutro das sentenças do *corpus* de fala espontânea.

A análise comparativa dos resultados obtidos para o contorno entoacional neutro do PGB com os resultados descritos previamente para os contornos entoacionais neutros do PB e do PE, desenvolvida na seção 5.3 do já referido Capítulo 5, revelou-nos características entoacionais da variedade guineense de português que são similares às encontradas nas demais variedades de português.

No PGB e no PB, há acentos tonais associados a cada palavra fonológica cabeça de sintagma fonológico e é frequente a associação de acentos tonais às palavras fonológicas não cabeça de sintagma fonológico. Nessas duas variedades de português, também é possível a ocorrência de tons adicionais H associados a palavras fonológicas longas do contorno entoacional. Além disso, tanto no PGB quanto no ALE (variedade centro-meridional do PE), é possível a associação de acentos frasais de tom baixo a fronteiras de sintagmas fonológicos de sentenças neutras. Entretanto, diferentemente da variedade guineense em que L- se associa a fronteira direita de sintagmas fonológicos de diferentes posições na sentença, na variedade alentejana de português europeu, o acento frasal encontra-se associado à fronteira de sintagmas fonológicos específicos (a fronteira esquerda do último PhP de um IP, conforme Cruz, 2013). Quanto aos contornos nucleares de IPs finais, as sentenças neutras de todas as variedades de português, incluindo o PGB, contêm um acento tonal associado à palavra fonológica cabeça do último sintagma fonológico do sintagma entoacional e um tom de fronteira associado à fronteira direita desse último sintagma. Os padrões do contorno nuclear de IP final das declarativas neutras do PGB (H+L* L% e L* L%) são semelhantes aos padrões já descritos para o contorno nuclear de IP final de sentenças neutras das demais variedades de português do PB (H+L* L%) e do PE: SEP (H+L* L%), NEP (L* L%), ALG (H+L* L%), ALE (H+L* L%, L* L%). Já em relação aos contornos nucleares de IPs não finais, as configurações mais frequentes do PGB (L*+H H% e L* LH%) também encontram correspondências com a configuração do contorno nuclear de IP não final descrita para PB, SEP e NEP: o primeiro padrão (L*+H H%) é semelhante ao encontrado para o PB, o SEP e o NEP; e o segundo padrão (L* LH%) é similar ao encontrado para o NEP (L* H%) por se tratar do mesmo acento tonal nuclear (L*) e por ser seguido de uma ascendência tonal (um tom de fronteira LH% ou H%, conforme a variedade de português).

Ademais, os resultados alcançados na investigação do contorno entoacional das declarativas neutras do PGB e apresentados nesta dissertação apontam questões para pesquisas futuras que se referem: (i) a realizar novas investigações para compreender os padrões de associação do acento frasal e dos tons adicionais encontrados nos contornos entoacionais das sentenças declarativas neutras, assim como a realizar a investigação da associação desses eventos tonais em sentenças não neutras; (ii) a investigar se contornos

entoacionais de outros tipos de sentenças (declarativas não neutras, interrogativas, exclamativas) também exibem divergências entre estilos discursivos diferentes para um mesmo falante da variedade guineense de português; e (iii) a investigar se as características entoacionais encontradas nos dados do português guineense têm relação com o fato de essa variedade de português ser uma segunda língua e que, portanto, pode conter transferências das línguas maternas dos guineenses (o crioulo de Guiné-Bissau e as línguas étnicas africanas).

Por fim, salientamos que os resultados obtidos por esta dissertação na descrição e na análise do fraseamento entoacional do PGB trazem importantes contribuições, no âmbito da fonologia, ao estudo da gramática ainda pouco estudada dessa variedade de português e, de forma abrangente, aos estudos do português falado na África, além de ampliarem o conhecimento sobre o fraseamento entoacional das línguas naturais por meio de análises comparativas entre variedades de uma mesma língua. Além disso, o desenvolvimento desta investigação, que contempla uma variedade africana do português, traz ainda contribuições significativas ao projeto em que esta pesquisa está inserida, o *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese (InAPoP)*, no que tange, sobretudo, a questões relacionadas ao estudo da prosódia do português como uma segunda língua. Em princípio, o InAPoP foi desenvolvido para o estudo da prosódia do português de falantes nativos. Entretanto, no que se refere às variedades de português falado na África, há que se considerar, também, o português como uma língua não materna e inserido em um contexto plurilíngue, como é o caso do português falado em Guiné-Bissau. Assim, esta dissertação traz contributos não só para um maior entendimento das características prosódicas do português guineense, como também para os estudos de variedades africanas de português a serem desenvolvidos no âmbito do InAPoP.

Referências

- ALKIMIM, Mônica; GOMES, Cristina. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavras. *Ensaio de Linguística*, v. 7, p. 43-51, 1982.
- AMADO, Rosane de Sá; RODRIGUES, R. A flexão do verbo no Português. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CHULATA, Katia de Abreu (Orgs.). *Língua Portuguesa em foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução*. Lecce, It.: Pensa Multimedia, 2010. p. 45-71.
- ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter; SMITH, Norval. (Eds.). *Pidgins and creoles: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994.
- ARMSTRONG, Meghan; CRUZ, Marisa. The Intonational Phonology of Peninsular Spanish and European Portuguese. In: AMARAL, Patrícia; CARVALHO, Ana Maria (Eds.). *Portuguese/Spanish Interfaces. Diachrony, synchrony, and contact*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2014. p. 151-174.
- AUGEL, Johannes. O crioulo da Guiné-Bissau. *Afro-Ásia*, n. 19-20, p. 251-254, 1997.
- AUGEL, Moema Parente. Sol na iardi – perspectivas otimistas para a literatura guineense. *Via Atlântica*, n. 3, p. 24-47, 1999.
- _____. No ka pudi tapa sol ku mon – o crioulo guineense como língua literária. *PAPIA*, n. 10, p. 5-22, 2000.
- _____. O crioulo guineense e a oratura. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 10 n. 19, p. 69-91, 2006.
- _____. O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BANCO MUNDIAL. *The World Bank: Guinea-Bissau*. 2011. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/pt/country/guineabissau>>. Acesso em: [15 nov. 2014].
- BATTISTI, Elisa. Haploglogia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. *Letras de Hoje*, v. 40, n. 3, p. 73-88, 2005.
- BECKMAN, Mary; PIERREHUMBERT, Janet. Intonational structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, n. 3, p. 255-310, 1986.
- BENSON, Carol. How multilingual African contexts are pushing educational research and practice in new directions. *Language and Education*, v. 24, n. 4, p. 323-336, 2010.

- BICARI, Lino. Guiné-Bissau: um mosaico humano. *Terra Solitária*, Revista de Questões Internacionais, Lisboa, v. 24, n. 3-6, 1990.
- BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v.23, p. 83-101, 1992.
- _____. Sândi vocálico externo. *Gramática do Português Falado*, v. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 21-38.
- _____. Os constituintes prosódicos. In: _____. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*, 3ª ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001. p. 229-241.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. *Praat: doing phonetics by computer*. Programa de computador. Versão 5.3.08 (5 mar. 2012). Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat>>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- BONVINI, Emilio. La langue des "pretos velhos" (vieux noirs) au Brésil: um créole à base portugaise d'origine africaine? *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, n. 95, p. 389-416, 2000.
- BOOIJ, Geert. Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. *The Linguistic Review*, n. 13, p. 219-242, 1996.
- BRAGA, Maria Luiza; KATO, Mary Aizawa; MIOTO, Carlos. As construções-Q no português brasileiro. In: KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – A construção da sentença*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p. 241-289.
- BULL, Benjamin Pinto. *O Crioulo da Guiné Bissau: filosofia e sabedoria*. Bissau: Instituto Nacional de Pesquisa, 1989.
- CAGLIARI, Luís Carlos. *Elementos de fonética no português brasileiro*. Dissertação (Livre Docência) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.
- _____. Aspectos acústicos da entoação do português brasileiro. *Série Estudos*, n. 8, p. 45-59, 1982.
- _____. *Elementos de fonética do português brasileiro*, 1a. Ed. São Paulo: Paulistana, v. 1, 2007.
- CANDÉ, Fátima. *A língua portuguesa na formação de professores do Ensino Básico na região de Bafatá, na Guiné-Bissau*. Dissertação (Mestrado em Ensino de Português como Língua Segunda/Língua Estrangeira) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2008.
- CANELAS, Renata Mendes. Haplogia sintática em português de Guiné-Bissau: uma comparação com o português brasileiro. Relatório (Iniciação Científica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Manuscrito.

CHEN, Matthew. What must phonology know about syntax? In: INKELAS, Sharon; ZEC, Draga (Eds.). *The phonology-syntax connection*. Chicago: University of Chicago Press, 1990. p. 19-46.

COUTO, Hildo Honório do. *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburg: Buske, 1994.

_____. *Introdução ao estudo das línguas crioulas*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

_____. A poesia crioula bissau-guineense. *PAPIA*, n. 18, p. 83-100, 2008.

_____. As narrativas orais crioulo-guineenses. *PAPIA*, n. 19, p. 51-68, 2009.

_____. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau – um país da CPLP. *PAPIA*, Brasília, n. 20, 2010. Número especial.

CRUZ, Marisa. *Gaguez: em busca de um padrão prosódico e entoacional*. Dissertação (Mestrado em Linguística: Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

_____. *Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties*. Tese (Doutorado em Linguística: Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa 2013.

CRUZ, Marisa; FROTA, Sónia. Prosódia dos tipos frásicos em variedades do português europeu: produção e percepção. In: COSTA, Amanda; BARBOSA, Pilar; FALÉ, Isabel (Orgs.). *Textos seleccionados do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2011. p. 208-22.

_____. Para a prosódia do foco em variedades do Português Europeu. In: COSTA, A.; FLORES, C.; ALEXANDRE, N. (Orgs.). *Textos seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2012. p. 196-216.

_____. Rhythm in central-southern varieties of European Portuguese: production and perception. In: MORENO, António; SILVA, Fátima; FALÉ, Isabel; PEREIRA, Isabel; VELOSO, João (Orgs.). *Textos seleccionados do XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: Associação Portuguesa de Linguística, 2014. p. 213-231.

CUNHA, Cláudia de Souza. *Entoação regional no português do Brasil*. 2000. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

- D'IMPERIO, Mariapaola; ELORDIETA, Gorka; FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar; VIGÁRIO, Marina. Intonational Phrasing in Romance: The role of prosodic and syntactic structure. In: FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina; FREITAS, Maria João. (Eds.). *Prosodies*. Phonetics & Phonology Series. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005, p. 59- 97.
- EBIZ, Entertainment and Business. *Ebizguide Guiné-Bissau*. Madrid: Imprensa Roal, 2010.
- ELORDIETA, Gorka; FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar; VIGÁRIO, Marina. Effects of constituent length and syntactic branching on intonational phrasing in Ibero-Romance. International Congress of Phonetic Sciences, 15., 2003. *Proceedings...* Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 2003. p. 487-490. Editado por Maria-Josep Solé, Daniel Recasens e Joan Romeró.
- ELORDIETA, Gorka; FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. *Studia Linguistica*, v. 59, n. 2-3, p. 110-143, 2005.
- FALÉ, Isabel. 1995. *Fragmento da prosódia do português europeu: as estruturas coordenadas*. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva – Fonologia) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1995.
- FANDA, Juvinal Manuel. *O processo de expansão da escolarização básica em Guiné-Bissau (1990-2010)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campina Grande, 2013.
- FERNANDES, Flaviane Romani. Tonal association in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, n. 5-6, p. 91-115, 2007a.
- _____. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007b.
- FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Acento secundário, atribuição tonal e ênfase em português brasileiro (PB). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 38, v. 1, p. 47-58, jan.-abr. 2009.
- _____. Fatores determinantes na atribuição de acentos tonais em sentenças neutras do português. In: Congresso Internacional de Linguística Histórica – Castilho USP, 2., 2012. *Anais...* São Paulo: Humanitas, 2012a. p. 300-303
- _____. A entoação das sentenças clivadas em português brasileiro e a interface sintaxe-fonologia. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, v. 14, p. 37-56, 2012b.
- FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães. *A concordância plural variável no sintagma nominal do português estruturado da comunidade de Almoxarife, São Tomé: desenvolvimento das regras de concordância variáveis no processo de transmissão-aquisição geracional*, 2 vol. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,

Universidade de Macau, Macau, 2010.

FONSECA, Susana Paula Bernardino da. Aquisição e aprendizagem da referência nominal no contexto do português língua não materna na Guiné-Bissau. Dissertação (Mestrado em Língua Não Materna) – Universidade Aberta, Lisboa, 2012.

FROTA, Sónia. *Para a prosódia da frase: quantificador, advérbio e marcação prosódica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1991.

_____. On the prosody of focus in European Portuguese. Workshop on Phonology, 1993. *Proceeding...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1993. p. 45-66.

_____. On the prosody and intonation of focus in European Portuguese. In: MARTINEZ-GIL, Fernando; MORALES-FRONT, Alfonso (Eds.). *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1997. p. 359-392.

_____. *Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.

_____. Nuclear falls and rises in European Portuguese: a phonological analysis of declarative and question intonation. *Probus*, n. 14, v. 1, p. 113-146, 2002a. Special Issue on Intonation in Romance, edited by José-Ignacio Hualde.

_____. Tonal association and target alignment in European Portuguese nuclear falls. In: GUSSENHOVEN, Carlos; WARNER, Natasha. (Eds.). *Laboratory Phonology 7*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002b. p. 387-418.

_____. The phonological status of initial peaks in European Portuguese. *Catalan Journal of Linguistics*, n. 2, p. 133-152, 2003.

_____. The intonational phonology of European Portuguese. In: JUN, S.-A. (Ed.). *Prosodic Typology II*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 6-42.

FROTA, Sónia; CRUZ, Marisa; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani; COLLISCHONN, Gisela; FONSECA, Aline; SERRA, Carolina Ribeiro; OLIVEIRA, Pedro; VIGÁRIO, Marina. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar (Eds.). *Intonational in Romance*. Oxford: Oxford University Press, p. 235-283. A sair.

FROTA, Sónia; D'IMPERIO, Mariapaola; ELORDIETA, Gorka; PRIETO, Pilar; VIGÁRIO, Marina. The phonetics and phonology of intonational phrasing in Romance. In: PRIETO, Pilar; MASCARÓ, Joan; SOLÉ, Maria-Josep (Eds.). *Prosodic and Segmental Issues in (Romance) Phonology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2007. p. 131-153.

FROTA, Sónia; MATOS, Nuno; CRUZ, Marisa; VIGÁRIO, Marina. Early prosodic development: emerging intonation and phrasing in European Portuguese. In: HENRIKSEN, Nicholas;

- ARMSTRONG, Meghan; VANRELL, Maria del Mar (Eds.). *Interdisciplinary approaches to intonational grammar in Ibero-Romance*. Series issues in Hispanic and Lusophone Linguistics. Amsterdam: John Benjamins Publishing. A sair.
- FROTA, Sónia; MORAES, João Antônio de. Intonation of European and Brazilian Portuguese. In: WETZELS, Willem Leo Wetzels; MENUZZI, Sérgio; COSTA, João (Eds.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Malden: Willey-Blackwell. A sair.
- FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, R. V.; BARBOSA, P. (Orgs.). Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 15., 2000. *Actas...* Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística, 2000. v.1, p. 533-555.
- _____. Intonational Phrasing in two varieties of European Portuguese. In: RIAD, Tomas; GUSSENHOVEN, Carlos. (Eds.). *Tones and Tunes*, v. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 265-291.
- FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina; MARTINS, Fernando. Language Discrimination and Rhythm Classes: Evidence from Portuguese. In: BEL, Bernard; MARLIEN, Isabel (Orgs.). International Conference on Speech Prosody, 1., 2002. *Proceedings...* Aix-en-Provence: Laboratoire Parole et Langage, 2002a.
- _____. Discriminação entre línguas: Evidência para classes rítmicas. Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 18., 2002. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2002b.
- GONÇALVES, Perpétua. Aspectos da sintaxe do Português de Moçambique. In: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos A. M. (Eds.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996. p. 313-322.
- GRACIOSA, Diva Maria Dias. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- GRAVINA, Aline Peixoto; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Interface sintaxe-fonologia: desambiguação pela estrutura prosódica no português brasileiro. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 57, n. 2, p. 639-668, 2013.
- GRØNNUM, Nina; VIANA, Maria do Céu. Aspects of European Portuguese Intonation. International Congress of Phonetic Sciences 99, 14., 1999. *Proceeding...* San Francisco: University of California, 1999.
- GUASTI, Maria Teresa; NESPOR, Marina. Is syntax phonology-free? In: KAGER, René; ZONNEVELD, Wim (Orgs.). *Phrasal Phonology*. Nijmegen: Nijmegen University Press, 1999.
- GUITAR, Barry. *Stuttering: an integrated approach to its nature and treatment*. 3rd ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2006.

- HAYES, Bruce. The Prosodic Hierarchy in meter. In: KIPARSKY, Paul; YOUMANS, Gilbert (Eds.). *Rhythm and Meter*. Orlando, FL: Academic Press, 1989. p. 201-260.
- HAYES, Bruce; LAHIRI, Aditi. Bengali intonational phonology. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 9, n. 1, p. 47-96, 1991.
- HOLM, John Alexander. *An introduction to pidgins and creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- _____. *Languages in contact – the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- _____. Partial restructuring. Dutch on the Cape and Portuguese in Brazil. In: WOUDEM, Ton van der (Ed.). *Roots of Afrikaans – Selected writings of Hans den Besten*. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2012. p. 399-417.
- _____. The genesis of the Brazilian Vernacular: insights from the indigenization of Portuguese in Angola. *PAPIA*, v. 19, p. 93-122, 2009.
- HORIKIRI, Michelle Tiemi. *Sândi vocálico externo em português de Guiné-Bissau: uma comparação com o português brasileiro*. Relatório (Iniciação Científica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Manuscrito.
- INKELAS, Sharon; ZEC, Draga. Syntax-phonology interface. In: GOLDSMITH, John (Org.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.
- INTUMBO, Incanha. *Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2007.
- INVERNO, Liliana Cristina Coragem. *Angola's Transition to Vernacular Portuguese*. Dissertação (Mestrado em Linguística Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2005.
- JACOBS, Bart. Upper Guinea Creole: Evidence in favor of a Santiago birth. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 25, n. 2, p. 289-343, 2010.
- JORGE, Lurdes; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte. 'Por que que é assim?' – Considerações sobre fracionamento de QU em línguas crioulas do Atlântico e no português do Brasil. *PAPIA*, v. 22, n. 2, p. 253-277, 2012.
- JUBRAN, Clélia Cândia Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grönnfeldt Villaça (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, v. 1. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- JUN, Sun-Ah. *The phonetics and phonology of Korean prosody: intonational phonology and prosodic structure*. New York: Garland Publishing, 1996.

- _____. The effect of phrase length and speech rate on prosodic phrasing. In: SOLÉ, Maria-Josep; RECASENS, Daniel; ROMERO, Joan. (Eds.). *International Congress of Phonetic Sciences*, 15., 2003. *Proceedings...* Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2003. v. 1., p. 483-486.
- _____. *Prosodic Typology – The Phonology of Intonation and Phrasing*. New York: Oxford University Press, 2005.
- KIHM, Allan. *Kriyol Syntax: The Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994.
- LADD, Dwight Robbert. An introduction to intonational phonology. In: DOCHERTY, Gerard; LADD, Dwight Robbert (Eds.). *Papers in Laboratory Phonology II: gesture, segment, prosody*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 321-334.
- _____. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- _____. *Intonational Phonology*, 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- LEMLE, Miriam; NARO, Anthony. Julius. Competências básicas do português. Rio de Janeiro: Fundação Movimento Brasileiro/Fundação Ford, 1977. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras.
- LUCCHESI, Dante. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais. In: _____. *Análise da conversação*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- MELLO, Maria Aparecida Curupaná da Rocha de. *A questão da produtividade morfológica no guineense*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- MIOTO, Carlos; KATO, Mary Aizawa. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. *Revista da Abralín*, v. 4, n. 1-2, p. 171-196, 2005.
- MONIZ, Helena Gorete Silva. Contributo para a caracterização dos mecanismos de (dis)fluência no português europeu. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2006.
- MORAES, João Antônio. *Nuclear and pre-nuclear contours in Brazilian Portuguese intonation*. 2007. Disponível em: www.fl.ul.pt/dlgr/SonseMelodias/PaPI2007ToBIworkshop.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- _____. *Prosodic Phonology*, 2nd edition Dordrecht: Foris Publications, 2007.

- OLIVEIRA, Pedro; PAULINO, Nuno; CRUZ, Marisa; VIGÁRIO, Marina. Onde (ainda [j]) há o fenómeno? Contributo para o estudo da inserção de glide entre vogais centrais. In: MORENO, António; SILVA, Fátima; FALÉ, Isabel; PEREIRA, Isabel; VELOSO, João (Orgs.). *Textos seleccionados do XXIX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: Associação Portuguesa de Linguística, 2014. p. 419-436.
- OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de. Focus in Brazilian Portuguese. In: PETTER, Margarida Maria Taddonj; VANHOVE, Martine (Orgs.). *Portugais et langues africaines*. Etudes afro-brésieliennes, v. 1. Paris: Karthala, 2011. p. 75-121.
- OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; BAILO, João Paulo; INJAI; Basílio Félix da Silva. A inserção do 'Contínuo Português Guineense' às variedades africanas de português. *Todas as Letras*. São Paulo, v. 15, n. 1, 2013.
- OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; HOLM, John Alexander. Estruturas-qu fronteadas e o 'foco gramaticalmente controlado' – a participação de línguas africanas em línguas parcialmente e completamente reestruturadas. *PAPIA*, n. 21, p. 23-38, 2011.
- OLIVEIRA, Karina Gonçalves de Souza de; ROMÃO, Luiz Fernando Reis. *Descrição e análise sociolinguística dos alunos participantes do PEC-G advindos dos países do PALOP*. Relatório (Iniciação Científica do Programa Ensinar com Pesquisa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Manuscrito.
- PAVEZI, Vanessa Cristina. *A haplogogia na variedade paulista*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos: Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2006.
- PEPERKAMP, Sharon. *Prosodic Words*. Haia: Holland Academic Graphics/HIL Dissertations 34, 1997.
- PIERREHUMBERT, Janet. *The phonology and phonetics of English intonation*. 1980. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass., 1980.
- PIERREHUMBERT, Janet; BECKMAN, Mary. *Japanese Tone Structure*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1988.
- ROMÃO, Luiz Fernando Reis. *Análise de aspectos gramaticais e discursivos do português na produção escrita de alunos do PEC-G advindos do PALOP*. Relatório (Iniciação Científica do Programa Ensinar com Pesquisa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Manuscrito.
- SÂNDALO, Maria Filomena Spatti; TRUCKENBRODT, Hubert. Some Notes on Phonological Phrasing in Brazilian Portuguese. *MIT Working Papers In Linguistics*, v. 42, p. 285-310, 2002.
- SANTOS, Eduardo Ferreira dos; SILVA, Raquel A. Estudo inicial das perguntas-Q no português de Guiné-Bissau. In: ARAUJO, Gabriel Antunes de; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte

de; ARAUJO, Paulo Jefferson Pilar (Orgs.). *Português na África Atlântica*. São Paulo: Humanitas/FAPESP. A sair.

SCANTAMBURLO, Luigi. *O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense*. Tese (Doutorado em Linguística: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

SCARPA, Ester Mirian; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. A estrutura prosódica das disfluências em português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 54, n. 1, p. 25-40, 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Concordância nominal e funcionalismo. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 41, p. 181-206, 1997. Número especial.

SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. *O prefixo do português brasileiro: análise morfofonológica*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

_____. O prefixo no Português Brasileiro: análise prosódica e lexical. *D.E.L.T.A.*, v. 17, n. 2, 2001.

SELKIRK, Elisabeth. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: The MIT Press, 1984.

_____. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, n. 3, p. 371-405, 1986.

_____. The prosodic structure of function words. In: MORGAN, James L.; DEMUTH, Katherine (Eds.). *Signal to syntax: Prosodic bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1996. p. 187-214.

_____. The interaction of constraints on prosodic phrasing. In: HORNE, Merle (Ed.). *Prosody: Theory and Experiment*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2000. p. 231-261.

SELKIRK, Elisabeth; SHEN, Tong. Prosodic domains in Shanghai Chinese. In: INKELAS, Sharon; ZEC, Draga (Eds.). *The phonology-syntax connection*. Chicago: University of Chicago Press, 1990. p. 313-337.

SELKIRK, Elisabeth; SHINYA, Takahito; KAWAHARA, Shigeto. Phonological and phonetic effects of minor phrase length on F0 in Japanese. International Conference on Speech Prosody, 2., 2004. *Proceedings...* Nara: [S.n.], 2004.

SERRA, Carolina Ribeiro. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. 2009. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas: Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

- SILVA, Hilton P. Retratos da Guiné-Bissau: pobreza, desenvolvimento e meio ambiente. *Revista com ciência ambiental*, São Paulo, n. 17, p. 28-47, 2007.
- SIMIONI, Taíse. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 431-446, 2008.
- TENANI, Luciani Ester. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- _____. Haplogia e domínios prosódicos. *Letras de hoje*, v. 38, n. 4, p. 283-306, 2003.
- _____. A importância da proeminência da frase fonológica no português brasileiro. *Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 289-318, 2004.
- _____. Considerações sobre a relação entre processos de sândi e ritmo. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, n. 3, p. 105-122, 2006a.
- _____. Domínios prosódicos no português brasileiro: evidência rítmica, entoacional e segmental. *Estudos Linguísticos*, n. 35, p. 118-131, 2006b.
- TENANI, Luciani Ester; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Prosodic phrasing and intonation in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese. Conference on Speech Prosody, 4., 2008. *Proceedings...* Campinas: RG/CNPq, 2008. p. 445-448.
- TONELI, Priscila Marques. *A palavra prosódica no português brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- TONELI, Priscila Marques. *A palavra prosódica no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- TRUCKENBRODT, Hubert. *Phonological phrases: their relation to syntax, focus and prominence*. 1995. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 1995.
- _____. On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. *Linguistic Inquiry*, v. 30, p. 219-255, 1999.
- _____. The syntax-phonology interface. In: DE LACY, Paul. *The Cambridge Handbook of Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 435-456.
- TRUCKENBRODT, Hubert; SÂNDALO, Maria Filomena Spatti; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Elements of Brazilian Portuguese intonation. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 8, p. 75-114, 2009.

- URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- VIANA, Maria do Céu. *Para a síntese da entoação do português*. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1987.
- VIGÁRIO, Marina. *Aspectos da prosódia do português europeu: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica*. Braga: Universidade do Minho, 1998.
- _____. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- _____. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, Maria; COUTINHO, Maria António (Orgs.). *XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2007, p. 673-688.
- VIGÁRIO, Marina; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. A atribuição de acentos tonais em compostos no português do Brasil. In: BRITO, Ana Maria; SILVA, Fátima; VELOSO, João; FIÉIS, Alexandra (Orgs.). *Textos selecionados do XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: Tip. Nunes, Ltda./Maia, 2010, v. 1, p. 769-786.
- VIGÁRIO, Marina; FROTA, Sónia. The intonation of Standard and Northern European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 2, n. 2, p. 115-137, 2003. Special Issue on Portuguese Phonology edited by W. L. Wetzels.
- ZEC, Draga; INKELAS, Sharon. Prosodically constrained syntax. In: INKELAS, Sharon; ZEC, Draga. (Orgs.). *The phonology-syntax connection*. Cambridge: The University of Chicago Press, 1990.

Anexos

A Romance Languages Database: Database on phrasing – Guinea-Bissau Portuguese conditions

(S, V, O)

S = short (3 syllables)

L = long (5 syllables)

RLD CODE SENTENCE

Non-Branching (S=3 σ ; L=5 σ) – 8 cases:

1	NBSSS	A loira mimava morenos
2	NBLLL	A boliviana memorizava uma melodia
3	NBSLL	A loira memorizava uma melodia
4	NBSSL	A loira falava do namorado
5	NBLSS	A boliviana mimava meninas
6	NBLLS	A boliviana memorizava dilemas
7	NBSLS	A loira memorizava dilemas
8	NBLSL	A boliviana falava do namorado

Short Branching Subject/Object (N+PP=5 σ ; N+AP=5 σ) – 24 cases

Branching Subject

9	SBSNAPSS	O jovem loiro mimava meninas
10	SBSNAPLL	O jovem loiro memorizava uma melodia
11	SBSNAPSL	O jovem loiro falava da namorada
12	SBSNAPLS	O jovem loiro memorizava dilemas
13	SBSNPPSS	A neta da mãe mimava meninos
14	SBSNPPLL	A neta da mãe memorizava uma melodia

- 15 SBSNPPSL A neta da mãe falava do namorado
 16 SBSNPPLS A neta da mãe memorizava dilemas

Branching Object

- 17 SBONAPSS O jovem mimava meninas lindas
 18 SBONAPLL A boliviana manuseava livrinhos lindos
 19 SBONAPSL O jovem manuseava livrinhos lindos
 20 SBONAPLS O boliviano mimava meninas lindas
 21 SBONPPSS A mulher levava livros na mala
 22 SBONPPLL A boliviana manuseava livros na mala
 23 SBONPPSL A mulher manuseava livros na mala
 24 SBONPPLS A boliviana levava livros na mala

Branching Subject and Object

- 25 SBSOS1 O jovem loiro mimava meninas lindas
 26 SBSOS2 O jovem loiro levava livros na mala
 27 SBSOS3 A neta da mãe mimava meninas lindas
 28 SBSOS4 A neta da mãe levava livros na mala
 29 SBSOL1 A mulher loira manuseava livrinhos lindos
 30 SBSOL2 A mulher loira manuseava livros na mala
 31 SBSOL3 A neta da mãe manuseava livrinhos lindos
 32 SBSOL4 A neta da mãe manuseava livros na mala

Long Branching Subject/Object (N+PP=10 σ ; N+AP=10 σ) – 24 cases

Branching Subject

- 33 LBSNAPSS O boliviano mulherengo mimava morenas
 34 LBSNAPLL O boliviano mulherengo memorizava uma melodia
 35 LBSNAPSL O boliviano mulherengo gravava uma melodia
 36 LBSNAPLS O boliviano mulherengo manuseava livrinhos
 37 LBSNPPSS O boliviano da brasileira mimava meninas
 38 LBSNPPLL O boliviano da brasileira memorizava uma melodia
 39 LBSNPPSL O boliviano da brasileira gravava uma melodia
 40 LBSNPPLS O boliviano da brasileira manuseava livrinhos

Branching Object

41	LBNAPSS	A loira gravava uma melodia maravilhosa
42	LBNAPLL	A boliviana memorizava uma melodia maravilhosa
43	LBNAPSL	A loira memorizava uma melodia maravilhosa
44	LBNAPLS	A boliviana gravava uma melodia maravilhosa
45	LBNPPSS	A loira gravava uma melodia do marinheiro
46	LBNPPLL	A boliviana memorizava uma melodia do marinheiro
47	LBNPPSL	A loira memorizava uma melodia do marinheiro
48	LBNPPLS	A boliviana gravava uma melodia do marinheiro

Branching Subject and Object

49	LBSOS1	O boliviano mulherengo gravava uma melodia maravilhosa
50	LBSOS2	O boliviano mulherengo gravava uma melodia do marinheiro
51	LBSOS3	O boliviano da brasileira gravava uma melodia maravilhosa
52	LBSOS4	O boliviano da brasileira gravava uma melodia do marinheiro
53	LBSOL1	O boliviano mulherengo memorizava uma melodia maravilhosa
54	LBSOL2	O boliviano mulherengo memorizava uma melodia do marinheiro
55	LBSOL3	O boliviano da brasileira memorizava uma melodia maravilhosa
56	LBSOL4	O boliviano da brasileira memorizava uma melodia do marinheiro

Double Branching Subject/Object – 20 cases

Short Double Branch (3+3+3=9 σ)

57	SDBSSS	O jovem moreno da loja levava livrinhos
58	SDBSLL	O jovem moreno da loja memorizava uma melodia
59	SDBSSL	O jovem moreno da loja gravava uma melodia
60	SDBSLS	O jovem moreno da loja manuseava livrinhos
61	SDBOSS	O homem levava o jovem moreno da loja
62	SDBOLL	O namorado manuseava o livro vermelho da loja
63	SDBOSL	O homem manuseava o livro vermelho da loja
65	SDBSOS	O jovem moreno da loja levava dinheiro libanês na mala
66	SDBSOL	O jovem moreno da loja manuseava dinheiro libanês na mala

Long Double Branch (5+5+5=15 σ)

67	LDBSSS	O namorado megalômano da brasileira mimava meninas
68	LDBSLL	O namorado megalômano da brasileira memorizava uma melodia
69	LDBSSL	O namorado megalômano da brasileira gravava uma melodia
70	LDBSLS	O namorado megalômano da brasileira manuseava livrinhos
71	LDBOSS	A loira gravava uma melodia maravilhosa do marinheiro
72	LDBOLL	O namorado memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro
73	LDBOSL	A loira memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro
74	LDBOLS	O namorado gravava uma melodia maravilhosa do marinheiro
75	LDBSOS	O namorado megalômano da brasileira gravava uma melodia maravilhosa do marinheiro
76	LDBSOL	O namorado megalômano da brasileira memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro

B Fala Espontânea

B.1 Informante NMB

Português de Guiné-Bissau

Bissau (Guiné-Bissau)

Entrevistador: VGS (São Paulo, Brasil)

Participante

– **Falante:** NMB

– **Profissão:** Estudante

– **Local de Nascimento:** Bissau

– **Idade:** 27

Tópico: Estudos, aspectos culturais

Duração: 4 min 09 s

PARTICIPANTE: E... É... Conhecer de perto (qu)ais, hum, a cultura brasileira. Como já tinha i-, como já tinha sab-, [...] Eu já tinha ouvido. Já sei de... da escravidão, da mestiçagem de, de alguns países afri-africanos que constituíram o Brasil. E... [0:30] é por isso que eu tô aqui, fiz a inscrição e eu ve[nho] estudar também.

ENTREVISTADOR: E porque você escolheu esse curso, Humanidades?

PARTICIPANTE: Escolhi esse curso [ruído] porque a Humanidade é um, é um curso universal, né? É um curso que abrange toda a área, a Humanidade... E na minha terra é um curso novo ainda lá. Não tem muitos [1:00] sociólogos, antropólogos lá. É por isso que eu escolhi este curso, porque tem muita coisa pra fazer com esse curso no meu país. E[u] Vou dar muita... hum... vou dar, hum (risos) não sei (risos).

ENTREVISTADOR: Contribuir?

PARTICIPANTE: Aham. Vou, vou dar uma contribuição que vai ser valiosa para o meu país.

ENTREVISTADOR: Você foi pra outro país ou só pra cá mesmo? [1:30]

PARTICIPANTE: É. Já estive no... dois mil e doze, no, na Cabo Verde. Fiz quinze dia. É um intercâmbio de escoteiro. Sou escoteiro de G-Guiné-Bissau. Eu f-, eu fui lá com as crianças de... seis até dezoi-dezoito, vinte, vinte anos de idade. Fizemos quinze dias [inteiros] **[2:00]**

ENTREVISTADOR: E quanto você chegou aqui, faz quatro meses que cê tá aqui...

PARTICIPANTE: Sim, em ago-.

ENTREVISTADOR: Éh, qual que foi a diferença que cê viu lá, tem diferença daqui do Brasil?

PARTICIPANTE: É. Aqui tem muita diferença. Por exemplo, na... é (risos) [...] né? Às vezes alguém, aqui alguém vê a pessoa [...] principalmente nós africanos, afri-africano, alguém vê, fica assim, **[2:30]** olhando assim, olhando assim de um jeito meio desprezo, com desprezo. E também na escola. Nós não costumamos ir na escola com shorts. Essas, mais ou menos assim. E também na maneira de falar, de comportar com o professor. Aqui cheguei e vi muitas pessoas chamar o professor “você, não sei lá [...]” Essa coisa é muito, pra nós, **[3:00]** é muito pesado. No nosso país, a nossa escola não, não aceita a entrada com esses short. Temos o nosso uniforme. Antes alguém entrar na, nas sala, tem que pedir licença, na porta, com toda a educação, falar com o prof- “senhor professor, posso entrar?” Se ele disser sim, você entra. Se ele dizer não, você vai. É. Eu cheguei a-, cheguei aqui e vi aquele comportamento: **[3:30]** “Oh! Mas como é que ‘cês comporta assim?” Ah! Porque é um pou-, um pouco estranho, mas depois acostumei, porque cada, cada país tem a sua cultura. É bom respeitar, né? Nã-não significa que só no-, nós somos mais comportados de qu-, de que, de que, de que os brasileiros, não. Ma- eu reparei que cada povo tem a sua cultura. Não é, não é, não é bom desprezar a cultura, desvalorizar a cultura dos outros. É s(ó)-, é bom **[4:00]** aceitar d-do jeito que ele é. Acabei me acostumando, né? (risos)

ENTREVISTADOR: Entendi.

B.2 Informante FCS

Português de Guiné-Bissau

Bissau (Guiné-Bissau)

Entrevistador: VGS (São Paulo, Brasil)

Participante

– **Falante:** FCS

– **Profissão:** Estudante

– **Local de Nascimento:** Bissau

– **Idade:** 19

Tópico: Estudos, aspectos culturais, línguas faladas

Duração: 9 min 33 s

PARTICIPANTE: Bom, eu sou a FCS. Sou guineense. Tenho dezanove anos. E estou cá, a estudar administração pública. Bom, falando bem, bem, assim de mim, eu, lá na minha terra, Guiné-Bissau, desde o jardim estudei na, estudei numa escola privada, Escola Adventista Betel. Éh logo no, **[0:30]** quando terminei o meu Curso Médio, como não tinha oportunidade de sair pra estudar no estrangeiro, que eu sempre quis, mas só que eu não tinha essa oportunidade, porque meu pai não tinha essa condição, porque tenho três irmãos a estudarem no Marrocos. E daí que eu fui me matricular numa, numa universidade pública, que é a, a Lusófona, a de Guiné-, a Lusófona da Guiné-Bissau. Estava a estudar a, a economia, sim. E estudei **[1:00]** só uns seis meses. Só o primeiro semestre, sim. E logo, logo que apareceu essa oportunidade pra me escrever na bolsa da Unilab, eu me candidatei, fiz teste e apurei, né? Apurei no teste. De lá, o meu pai decidiu que eu viesse. Disse que faria tudo pra conseguir uma viagem pra mim, que eu viesse. Porque, como assi-, como eu, como eu disse, não tinha essa condição **[1:30]** de estudar no estrangeiro. Como apareceu essa oportunidade, meu pai logo se aproveitou. Ele pagou a viagem pra mim e eu vim cá, né? Vim cá com um objetivo também, porque desde sempre o meu, o meu pai fazia de tudo pra nos dar... Bom, o que era pra, pra nos fa-, pra um, pra satisfazer todas as nossa necessidades, né? E eu compreendi. Vim pra cá, tenho que estudar e dar o meu melhor. Vim aqui pra adquirir conhecimentos, **[2:00]** porque o meu país mesmo está a carecer de, posso dizer assim, está a carecer de administradores, lá na Guiné-Bissau. Porque, com a administração pública [, né?,] logo abrange, abrange todas as funções lá do país, todas as área do país. Porque todas as empresas precisam

dos administradores públicos, não é? E daí, como precisamos, lá na Guiné-Bissau, dos administradores públicos, precisamos de pessoas com capacidade, [2:30] de pessoas com habilidades técnicas, habilidades humanas, habilidades conceptuais e por aí fora. Eu estou aqui, vou estudar, vou dar o meu máximo possível no meu estudo. E também meu pais ou os, aliás, os meus pais, né?, estão lá a espera de mim. Éh eles esp-, eles esperam que eu realize o meu sonho que é de me, de eu me formar nessa área. Bom, que não era a minha área, ou que não era o meu curso de sonho. Era a economia mesmo. [3:00] Mas como apareceu essa oportunidade, eu vim cá estudar administração pública. Achei um bom curso, né? Desde a que eu sirva ao meu povo, a minha pátria também. Éh é assim, os meus pais esperam tudo de bom pra mim, os meus sucessos, que acho que não só vai ser, só, só não só vai, não [vai lhe dar] a mim, mas a todos nós, a todos que me esperam. E... e assim mesmo. Eu vou ter que formar, [3:30] adquirir conhecimentos aqui. E também da integridade entre, entre a minha nacionalidade, dos outros. Não só da nacio-, da, das nacionalidades da África, mas também aqui com os brasileiros. E espero, espero, espero adquirir conhecimentos éh com qual eu possa contribuir, éh contribuir no meu país na área de administração pública. [4:00]

ENTREVISTADOR: Então você, você convive mais com, com os africanos ou mais com os brasileiros?

PARTICIPANTE: Bom, pra dizer a verdade, convivo mais com os africanos, porque, com os brasileiros, eu convivo só aqui na escola. E não moro perto dos meus colegas. Outros estão em Antônio Diogo, em Fortaleza. Eu convivo mais com, com os guineenses. Mais com o guineense do que outra nacionalidades. E aqui na escola eu convivo com, com brasileiros, [4:30] angolanos e cabo-verdianos. Sou mais próximo desses aqui, porque somos da mesma turma, com alguns, sim. [...]

ENTREVISTADOR: Então vocês ficam mais, mais unidos, né? E da pra, da pra matar um pouco da saudade... você sente saudade do que lá na Guiné-Bissau? Você sente saudade da Guiné-Bissau?

PARTICIPANTE: És- [...] Pra dizer a verdade, sinto (risos). Sinto, sinto a saudade dos meus pais, éh a saudade dos meus colegas lá da faculdade onde eu estudava, do meus [5:00] professores, que eram tão amáveis mesmo (risos). E também sinto saudade do ambiente mesmo, sinto saudade da comida e muitas coisas, sim.

ENTREVISTADOR: É diferente, né?

PARTICIPANTE: É, bom, é diferente, mas é assim: sair pra estudar no estrangeiro, tu tens que ter já, já esta noção de que vais pro estrangeiro, vais ter... s-saudades nunca faltam. Mas também tens que saber adquirir, tens que saber, éh

como mesmo? Tens que saber integrar, sim. E eu não estou a ter problema [5:30] a integrar, não.

ENTREVISTADOR: Não? Não teve nenhuma dificuldade até agora, depois que chegou no Brasil?

PARTICIPANTE: Hum não, não. Não tenho, não.

ENTREVISTADOR: Nenhum caso, assim, que você posso contar, assim, de estranheza do país?

PARTICIPANTE: Hum bem. Que eu lembro, não. Nada me aconteceu. At- até, até agora, nada me aconteceu de estranho assim.

ENTREVISTADOR: Quanto tempo cê tá aqui?

PARTICIPANTE: Já há quatro, há quatro meses.

ENTREVISTADOR: Quatro meses. Pouco tempo.

PARTICIPANTE: Pouco tempo, sim. Cheguei no junho. Seis de junho. [6:00]

ENTREVISTADOR: Eu queria que você falasse um pouco – o trabalho é sobre língua, né, sobre o português – eu queria que você contasse um pouquinho da história de como, de todas as línguas, de como é que você aprendeu as línguas, né? Eu quero que você conta as línguas, desde quando você era pequena, a primeira língua que você aprendeu aprendeu até hoje.

PARTICIPANTE: Tá.

ENTREVISTADOR: A última língua que você tá aprendendo ou aprendeu.

PARTICIPANTE: Tá bom.

ENTREVISTADOR: Conta um pouquinho da história.

PARTICIPANTE: Bom, é assim (risos). Eu, até a-, até agora, aprendi só a língua que é a nossa língua [6:30] materna crioula e a língua portuguesa. As outras língua estrangeira, francesa e inglesa, só tenho, tenho pouco assim de noção, sim. Te- tenho a base, né? A base da(s), d-de- dessas línguas. Mas eu falo mais crioulo e português. Eu aprendi crioulo desde, éh desde pequena, porque os meus pais, mesmo lá em casa, falam crioulo comigo. Daí que eu aprendi a língua crioula. E português, aprendi na escola, desde Jardim. [7:00] Estive a falar inglês até, é, aliás, desculpa, a língua portuguesa, até o final do meu curso superior. É, superior, não, curso médio, sim, o liceu. Depois fui pra universidade, a mesma

língua que estive a aprender. Também tive uma cadeira, que é da língua francesa, que estive a aprender. Porque sempre foi a minha, a minha opção, as duas línguas estrangeira, a língua francesa é a minha língua de opção desde... Comecei a estudar a língua francesa desde quinta [7:30] classe, sim. Francesa e inglesa, quinta e sexta. Logo na sétima, davam-nos a oportunidade de cada qual terem, éh cada qual ter a sua, a sua opção, escolher a sua própria opção. Daí que eu me escolhi a língua francesa, porque eu achava mais fácil de falar, sim.

ENTREVISTADOR: E éh na sua casa só falava o crioulo mesmo? Seus pais falavam línguas étnicas?

PARTICIPANTE: Não, não falam línguas étnicas. Por isso eu não sei mesmo falar língua étnica. Eu sou manjaca [8:00] e sou papel, porque minha mãe é papel e manjaca e o meu pai é manjaco. Mas eu não sei falar. Éh bem que eu quis falar a língua, a minha língua étnica, mas não consigo mesmo falar. Porque os meus pais não falam comigo. E eu também não costumo tanto ir lá pra, pra terra dos meus pais, lá em Caió, Biombo. Nunca fui. Fui só uma vez em Caió, mas em Biombo nunca fui. [8:30]

PARTICIPANTE: [15:00] Não sei, tem aqui no Brasil, mas só que aqui em Redenção não tem escoteiros, sim. Eu, e- e- -era o, era o evento que eu mais participava. Só de escotismo. Mas a festa, ah, a discoteca, sair assim pra passear com os amigos, eu não era mesmo acostumada com isso. Por isso cheguei aqui... Bom, estive tão à, es-estive à vontade. Eu fico mais em casa do que sair. Nem ir pra Fortaleza, eu não costumo ir tanto assim pra Fortaleza. Há pessoas que vão sim pra Fortaleza e costumam já ir, s-sair [15:30] pra passear, sei lá, muitas coi[sas]. Dizer que aqui Redenção é muito pequeno e não tem tanta coisa aqui pra fazer... mas pra mim, tá tudo normal mesmo. É o que eu fazia lá em Guiné-Bissau. Aqui também tá, tá mesmo bom. Eu não tenho queixas pra cidade. Para mim, a cidade é boa, não sei pra, pra outras pessoas, mas pra mim é boa. Porque, e também é um cideu-, porque que eu dize que, porque que eu digo que é uma cidade boa? Porque pra nós que viemos cá pra estudar, [d]izemos [em um] [16:00] estado, numa, numa cidade, numa cidade calma como a, como a Redenção, não como a Fortaleza... Bom, não sei, mas os guineenses gostam, sabe, nós os guineenses, nós gostamos muito das festas, das saídas assim. E eu acho que a Redenção é muito boa mesmo para quem vem estudar aqui no Brasil ou aqui no Ceará.

ENTREVISTADOR: Obrigado.

PARTICIPANTE: De nada.

B.3 Informante LPC

Português de Guiné-Bissau

Bissau (Guiné-Bissau)

Entrevistador: VGS (São Paulo, Brasil)

Participante

– **Falante:** LPC

– **Profissão:** Estudante

– **Local de Nascimento:** Bissau

– **Idade:**

Tópico: Estudos, aspectos culturais, línguas faladas

Duração: 6 min e 55 s

PARTICIPANTE: Eu sou LPC. Sou guineense de Guiné-Bissau. E estou aqui no Brasil recentemente faz... Cheguei no mês de junho, né? Mês, no mês junho. Tô no segundo trimestre de Agronomia. Tô aqui em Unilab a fazer Agronomia. Tenho vin-vinte anos. Tô quase a fazer vinte e um. E... Bom [...] **[0:30]** O projeto Unilab c- conh- conheci depois de terminar o Ensino Médio. O meu amigo disse-me e eu candidatei-me e vim. E... e agora estou aqui. Tô a gostar, apesar de Redenção ser um pouco pequena. Não co-, é muito mais pequena de que a Bissau, de que a minha cidade, Bissau. E, mas tô a gostar. O povo é bem tranquilo. Só que também são um pouco mais fechados do que nós, claro. Do que nós africanos, guineenses. **[1:00]** Mais ou menos é isso.

ENTREVISTADOR: Ah é? Você pode falar alguma coisa, assim, alguma, um fato que aconteceu sobre isso? Deles se- deles serem fechados? (...)

PARTICIPANTE: Não.

ENTREVISTADOR: Aconteceu alguma coisa estranha?

PARTICIPANTE: Às vezes você cumprimenta, a pessoa não responde. É um fato que me acontece quase todo dia. E a gente agora já tá também acostumado a não, a não cumprimentar. Porque era um bocado estranho quando chegamos aqui cumprimen- não cumprimentar, passar na porta d'alguém sem cumprimentar, dizer bom dia. **[1:30]** E agora a gente já também já 'tamos a acostumar. Porque antes a gente uh sentia obrigação de

cumprimentar. Era um valor, posso dizer, [dentre do] cumprimentar. Mas agora, já que é assim, já sente normal também não cumprimentar. Porque mesmo eles não levam, tipo, os brasileiros[, brasileiros], o povo de Redenção não valorizam muito isso. É normal não cumprimentar, a gente também já não já cumprimenta. Porque, às vezes, você cumprimenta, a pessoa não responde.

ENTREVISTADOR: Você já passou alguma situação difícil? Quanto a isso, **[2:00]** quanto essa diferença de cultura?

PARTICIPANTE: Não, não. Isso também né muito relevante. [...] Bem simples.

ENTREVISTADOR: Você se adaptou bem então aqui no Brasil?

PARTICIPANTE: Eu tô me adaptando ainda.

ENTREVISTADOR: Faz pouco tempo que você tá aqui?

PARTICIPANTE: É. Cheguei no mês de junho. Junho. Final de junho. Não! Início de julho. Cheguei no dia treze. Treze. No dia treze de julho. **[2:30]**

ENTREVISTADOR: Você estranhou éh o clima também?

PARTICIPANTE: Clima em Bissau é temperado quente, mas aqui, opa! É super quente. É que, é, é, é, é que, às vezes, só pode andar [de] interior de blusa assim, ó. De outro tipo, out(ro)-, posso dizer, outro tipo de roupa não dá.

ENTREVISTADOR: Então fala um

PARTICIPANTE: Camisa social, não se usa aqui (risos). É muito quente.

ENTREVISTADOR: Então fala um pouquinho (...) Bissau (...) **[3:00]** Na Guiné-Bissau, também (...) tem muita variedade cultural, tem muitas etnias, muitas línguas. E eu queria saber de você quais as línguas que você fala. Desde a primeira língua que você aprendeu, até a última. Cê conta um pouquinho disso daí, das línguas.

PARTICIPANTE: Um pou-. Eu sei algumas palavras da minha etnia, que eu sou da etnia mancanha. Eu não sei falar. É vergonhoso **[3:30]** isso, mas não sei falar. Eu falo mais crioulo, que é a nossa, posso dizer, a nossa primeira língua, a nossa l- éh a língua que nos une em Bissau. Porque pouca gente também fala português. Porque sabemos n- a Guiné é mui- é um índice muito elevados de analfabetos. Então, fala-se mais crioulo. A língua qu- que une todas as etnias. Então, uma pessoa pode, pode falar mancanha e falar crioulo, vai se compreender, vão se compreender. Vão compreender as pessoa-. T-t-tem várias etnias. **[4:00]** Você pode ser de etnia tipo balanta, eu sou mancanha. Então, vamos

utilizar o crioulo para comunicarmos. A língua da, da união dos guineenses é crioulo. É esse que eu falo muitíssimo bem. É minha língua de [...] (risos).

ENTREVISTADOR: E... E o português? Como é que cê aprendeu a falar português?

PARTICIPANTE: Eu aprendi a falar português só na escola. A gente falava poucas vezes em casa, poucas mesmo. A gente falava mais a cá na escola.

ENTREVISTADOR: E onde que se fala português na Guiné-Bissau, [4:30] além da escola?

PARTICIPANTE: Hum. Além da escola? Escola superior, universidades. Também poucas vezes [tamb-] n-, po(sso) dizer, nas entrevistas. Só uma coisas formais. Só, só nos momentos formais. Mesm- mesmo no parlamento guineense, discute-se os relatórios, os, como posso dizer, os projetos, tudo em crioulo. Nó os guineenses [5:00] amam crioulo (risos).

ENTREVISTADOR: Então o português é mais na parte formal, na parte escrita?

PARTICIPANTE: É.

ENTREVISTADOR. É... na parte de rádio tem

PARTICIPANTE: Parte de?

ENTREVISTADOR: Rádio. Rádio e televisão.

PARTICIPANTE: Sim. Fa- te- tem. Notícias são passadas em português. E é coiso. Éh português e crioulo. Como na televisão, como nas rádios também. Porque Guiné tem só tem só tem uma televisão nacional e tem várias rádios... emissoras. Então, [5:30] ali fala-se crioulo e português. Às vezes também até na rádio nacional passa-se notícias em línguas étnicas. Pr'aqueles que ainda... porque tem, nos interiores mesmo do país, tem muitos que ainda não sabem falar crioulo. Ai passa-se [...] notícia [...].

ENTREVISTADOR: Então você nasceu e cresceu na capital.

PARTICIPANTE: É. Nasci e cresci lá.

ENTREVISTADOR: [...]

PARTICIPANTE: Não. Eu-eu viajo muito. Tipo, viajei muito, posso dizer assim, para interior. Conheci várias regiões. [Todos os territórios] quase. [6:00] Mas nunca vivi lá. Nunca passei três semanas fora de Bissau.

ENTREVISTADOR: E outros países, cê já morou?

PARTICIPANTE: Eu fui pra Dakar e fiz duas horas em Mauritânia (risos). Já é muita coisa (risos). Só.

ENTREVISTADOR: Cê fez aquele trajeto eh... Mauritânia eh

PARTICIPANTE: Não. Eu fui passar as férias em Dakar.

ENTREVISTADOR: Ah [...]

PARTICIPANTE: Hum. Eu tava de férias em Dakar. Depois fi(z)-, fui visitar minha tia, que tava mesmo **[6:30]** ah, posso dizer, na fronteira da-, de Senegal e Mauritânia. Então, fo-, já que vendia-se, em Mauritânia, mu-, mu-, posso dizer, muitas roupas diferentes, panos também diferentes, mas bem típicos. E el-, e ela vendia também. Fo-, ia comprar. Então, eu acompanhei-a. Fomos fazer compras. Mas foi fêche conhecer os árabes (risos).

C Formulários



Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa



Laboratório de Fonética
Centro de Linguística

Perfil do Informante

Nome¹:

Sexo (pinte o quadrado adequado a preto: seleccionar o quadrado -> ferramentas de desenho -> preenchimento de forma):

F M

Idade:

Naturalidade:

Habilitações literárias/Formação académica:

Ocupação profissional:

Língua(s) materna(s):

Onde viveu nos últimos 10 anos:

Algum tipo de alteração auditiva, discursiva ou de escrita/leitura:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

¹ A identidade do informante nunca será revelada; qualquer referência ao indivíduo será feita através de um código específico, garantindo sempre o anonimato.



Universidade de Lisboa
FACULDADE DE LETRAS
Laboratório de Fonética (CLUL)

Alameda da Universidade
1600-214 Lisboa
Portugal



Departament de Traducció i
Ciències del llenguatge
Universitat Pompeu Fabra

Campus de la Comunicació-Poblenou
C/ Roc Boronat, 138
08018 Barcelona, Espanha

Consentimento informado

..... (nome próprios e apelidos),
maior de idade, com documento de identificação nº,
e com domicílio em,
nascido/a a do ano
RECONHECE:

Ter sido informado/a de que, em cumprimento da Lei de Protecção de Dados Pessoais (Lei n.º 67/98 de 26 de Outubro), que transpõe para a Ordem Jurídica Portuguesa a Directiva 95/46/CE, do Parlamento Europeu e do seu Conselho, de 24 de Outubro de 1995, os seus dados pessoais registados em audio e/ou vídeo pela equipa de investigadores da Universidade de Lisboa, ou por colaboradores desta equipa, devidamente identificados, se destinam ao arquivo de Projectos de Investigação desta universidade. Estes dados apenas serão utilizados com a única finalidade de realizar investigação no âmbito da Linguística.

Autorizar a Universidade de Lisboa, através da equipa de investigação liderada pela Prof. Sónia Frota, Directora do Laboratório de Fonética (CLUL/FLUL), bem como a Universidade Pompeu Fabra (Barcelona, Espanha), através do *Grup d'Estudis de Prosòdia* (coordenado pela Prof. Pilar Prieto), universidade parceira da Universidade de Lisboa no âmbito dos projectos de investigação em prosódia, a reproduzir e publicar por qualquer meio as gravações em que participo, com as finalidades únicas de investigação e ensino, e sem qualquer fim lucrativo. Os dados resultantes dos estudos de prosódia poderão ser tornados públicos no âmbito dos sítios de internet do Atlas Interactivo da

Prosódia do Português e do Atlas Interactivo da Entoação das Línguas Românicas, projectos sem fins lucrativos destinados à investigação, ensino e aprendizagem no âmbito da língua portuguesa e das línguas românicas.

Autorizar a cedências dos dados tornados públicos pela Universidade de Lisboa e pela Universidade Pompeu Fabra a outras instituições de investigação, com a finalidade única de realização de projectos de investigação em ciências da linguagem e sempre que estas instituições não realizem actividades com fins lucrativos que envolvam estes dados.

Ter sido informado/a de que posso exercer os direitos de acesso, rectificação, cancelamento ou contestação mediante uma comunicação escrita, acompanhada de fotocópia de documento de identificação, dirigida a Laboratório de Fonética (CLUL/FLUL), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa.

Para os efeitos acima descritos, assino esta autorização.

_____ de _____ de 20 _____ .

(Assinatura)